



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O PAPEL DA SENSIBILIDADE E DAS LINGUAGENS POÉTICAS NOS PROCESSOS
FORMATIVOS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA CIRANDA MULTICOR

Rosana Gonçalves da Silva

Brasília, dezembro de 2008.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O PAPEL DA SENSIBILIDADE E DAS LINGUAGENS POÉTICAS NOS PROCESSOS
FORMATIVOS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA CIRANDA MULTICOR

Rosana Gonçalves da Silva

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade de Brasília como parte dos
requisitos para obtenção do Título de Mestre.

Brasília, dezembro de 2008.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O papel da sensibilidade e das linguagens poéticas nos processos formativos em
educação ambiental: uma Ciranda Multicolor

Rosana Gonçalves da Silva

Orientadora
Profa. Dra. Vera Lessa Catalão

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Izabel Zaneti - CDS- UnB

Prof^a. Dr^a Dulcinéia Schunck - FAU - UnB

Prof. Dr. Estevão Monti Ribeiro - CDS- UnB

Brasília, dezembro de 2008.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O papel da sensibilidade e das linguagens poéticas nos processos formativos em
educação ambiental: uma Ciranda Multicolor

Rosana Gonçalves da Silva

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Educação
e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca examinadora.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Vera Lessa Catalão.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a Izabel Zaneti - CDS- UnB

Prof^a. Dr^a Dulcinéia Schunck - FAU – UnB

Prof. Dr. Estevão Monti Ribeiro - CDS- UnB

Brasília, dezembro de 2008.



À minha amada filha Rennais, a expressão viva de minha *poiese*. Amor e gratidão pela expressão amorosa para comigo em cada instante.

Aos ventos do futuro - todas as crianças ...



Agradeço a Deus pela oportunidade de superar os meus limites e de encontrar em minha poética um roteiro de vida para servir ao próximo e por acolher em suas mãos as minhas orações, reconfortando-me e fortalecendo a minha Fé.

Agradeço aos meus protetores espirituais pelas inspirações constantes e por envolver-me em suas vibrações harmoniosas.

Aos meus pais, Luzia e Paulo, agradeço a oportunidade de renascer, ofertando-me uma educação rica em exemplos onde eu pude saborear a vida intensamente ao brincar com fogo, terra, água e respirar uma infância plena, ao lado das minhas irmãs.

Agradeço aos meus familiares por representarem uma rede de sustento uns para os outros, em qualquer situação.

Agradeço à minha orientadora Vera Catalão por Ver-água sob todas as formas. Ela ensinou-me uma outra maneira de compreender o amor e a expressá-lo poeticamente. Sua dedicação, compreensão amorosa das minhas necessidades, ao acolher meus limites foi lapidando a “pedra bruta” e transformando-a em uma singular expressão do cristal;

Agradeço aos meus amigos. Graças a Deus eles são tantos que nem ousou nomeá-los para não cometer injustiças! Mas quem verdadeiramente se reconhece aqui sabe que sou muito grata! Amigos se fazem e nós nos fizemos.

Um agradecimento especial às equipes da Escola da Natureza nos períodos de 2000, 2004 e 2007 pois elas acompanharam minha trajetória e viram a Ciranda Multicor nascer.

Amor e gratidão à Dona Alzira e à Dona Anacé, pelas palavras de ânimo regadas ao sabor do café.

Aos artistas, um profundo reconhecimento do papel transformador de cada um na sociedade. A expressão singular de TT Catalão, Rômulo Andrade, Dulce Schunck, Gabriel Romeo, José Rosa e Bené Fonteles trouxeram sensibilidade e sentido a este trabalho.

Agradeço o apoio e atenção que recebi de Valéria Cabral e Lana Guimarães para incorporar o trabalho de Athos Bulcão nesta trajetória. Carinhosamente eu agradeço pelo cuidado e doação de seus conhecimentos.

À Secretaria de Educação do Distrito Federal eu agradeço o benefício da licença para estudo. Agradeço aos colegas professores da EAPE e à estimada amiga Ludmila Maria Lima e Costa Araújo que durante o afastamento me orientaram com dedicação.

Pela lapidação do texto, ajustes técnicos e formatação da dissertação agradeço à Valéria Viana Labrea, com amor e gratidão pela amizade cultivada na Ecologia Humana.

Agradeço ao meu grande amigo Armando Diniz pela sugestão do nome Ciranda Multicor para a minha oficina de arte que agora torna-se pesquisa em Educação Ambiental.



Figura: pelas mãos

Foto: Zélia Souza

Reverência

Ao Pesquisador Coletivo Ciranda Multicor

Zélia Aparecida de Souza, Andréia Alves Barbosa Dias, Rosemary Santos do Carmo Louzada, Vilma campos da Silva, Aristóteles Rodrigues de Araújo, Marilândia Castro Silva e Joema Semerene Costa.

Na terna doação das mãos,
uma partilha solidária.
No caminho e no caminhar,
a possibilidade dos encontros.
No vir a ser multicor,
o conhecimento de que saber e fazer
É ser.

RESUMO

O “Papel da Sensibilidade e da Linguagem Poética nos Processos Formativos em Educação Ambiental: uma Ciranda Multicor” é um trabalho de pesquisa que visa a produção de conhecimento no educador ambiental a partir de metodologias baseadas na arte e outras dimensões simbólicas capazes de articular diferentes níveis de percepção da realidade. Propomos a abordagem eco-formativa que conduz o educador à construção de novas possibilidades nas questões sociais e ambientais, estando os diversos métodos dos campos de conhecimento organizados por meio da Pesquisa-ação existencial usada na formação de educadores ambientais. Tal organização é entendida como sistemas abertos à reflexão e propostas de ações educativas que poderiam se tornar locais transdisciplinares com respeito aos movimentos transversais necessários à Educação Ambiental. Esta pesquisa foi realizada junto a um grupo de nove educadores em uma série de oficinas e encontros, cuja principal estratégia é a criação de pontes de interconexão entre a objetividade e subjetividade, a relação dos indivíduos com uma inter-subjetividade comprometida com o ambiente natural e o construído pelo homem, favorecendo a expansão da percepção humana relacionada com o universo sensível e suas maneiras de ser em e pertencer ao mundo, promovendo interações entre a ecologia, a educação e a cultura. Por outro lado, propomos a abordagem recursiva como um dos princípios orientadores mais importantes para a integração dos saberes que explora novas possibilidades em uma experiência que se apóia nos eixos da sensibilidade, a linguagem poética e os processos simbólicos, sinalizando novos caminhos para a auto-co-formação em Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental, pesquisa-ação existencial, ecologia, educação e cultura.

ABSTRACT

The Role of Sensibility and Poetical Language in Environmental Education Formative Processes: a Multicolor Rolling-dance is a research work which aims at producing knowledge over the environmental educator starting from methodologies based upon art and other symbolic dimensions able of articulating different perception levels of reality. It is proposed the eco-formative approach that leads the educator to building new action possibilities on social and environmental issues, being the diverse knowledge field methods organized by means of the existential-active research used in the environmental educators' formation. Such organic arrangement is understood as systems open to reflection and educational action proposals that could become trans-disciplinary locations with respect to a transversal moves necessary for Environmental Education. This research was conducted with a group of nine educators in a series of workshops and meetings, which main strategy is to create interconnection bridges between objectivity and subjectivity, the relation of the individuals with an inter-subjectivity engaged with the natural and man built environment, favoring human perception expansion concerning the sensitive universe and their ways to be in and belong to the world, promoting interactions between ecology, education and culture. In addition, we propose the recursive approach as one of the main guiding principles for knowledge integration that explore new possibilities in an experience held up on the sensibility, poetic language and symbolizing processes axis, signaling new paths for self-co-formation in Environmental Education.

Key Words: Environmental Education, existential-active research, ecology, education and culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O coletivo	13
Figura 2: Florescer	63
Figura 3: O grupo	77
Figura 4: Bené Fonteles	82
Figura 5: TT Catalão	90
Figura 6: Marco Zero	93
Figura 7: Interlocuções	99
Figura 8: O poeta do encontro	99
Figura 9: Rômulo Andrade	105
Figura 10: Mostra da produção	107
Figura 11: Partilha da expressão criativa	111
Figura 12: Partilha de poemas	113
Figura 13: Trilha	116
Figura 14: Painel Aristóteles	121
Figura 15: Painel Joema	121
Figura 16: Painel Andréia	121
Figura 17: Painel Marilândia	121
Figura 18: Painel Zélia	121
Figura 19: Gabriel Romeo	122
Figura 20: Mostra	128
Figura 21: Experimentos	132
Figura 22: Conhecendo a Pinhole	133
Figura 23: Formação da imagem	135
Figura 24: A prática	136
Figura 25: A revelação	136
Figura 26: Apreciação	137
Figura 27: Negativo –Andréia Positivo: Andréia	141
Figura 28: Negativo – Vilma Positivo – Vilma	141
Figura 29: Negativo –Aristóteles Positivo – Aristóteles	141
Figura 30: Negativo – Rosana Positivo – Rosana	141
Figura 31 : Preparo dos minerais	143
Figura 32: Pintura Mineral	145
Figura 33: Andréia pintando	146
Figura 34: Rose pintando	147
Figura 35: Vilma pintando	148

Figura 36: Aristóteles pintando	149
Figura 37: Joema pintando	150
Figura 38: Marilândia pintando	150
Figuras 39: Imagens da terra - Mostra Coletiva	154 -157
Figura 40: Floração	158
Figura 41: Ipê Roxo	162
Figura 42: Caderno Multicor. Andréia	167
Figura 43: Ipê Amarelo	178
Figura 44: Ipê Branco	186
Figura 45: Des-encontro - Zélia	188
Figura 46: Shiva Nataraja	191
Figura 47: Roda viva - Aristóteles	192
Figura 48: Integração – Andréia	195
Figura 49: A ciranda – Joema	196
Figura 50: Ipê Rosa	199
Figura 51: tríptico mensagem da água	202
Figuras 52: Mala Ciranda Multicor fechada/aberta	206
Figura 53 ^a e 53b: Eco-sacola	206-207
Figura 54: Conversa entre nós	208
Figura 55: Costura	210
Figura 56: O compromisso	214
Figura 57: A Janela	221
Figura 59: A escolha das cores	226
Figuras 59: o pesquisador coletivo tecendo	227
Figura 60: tecido Vilma	233
Figura 61: tecido Andréia	234
Figura 62: tecido Aristóteles	234
Figura 63: tecido Joema	234
Figura 64: Tecido Marilândia	235
Figura 65: a tecer Zélia	235
Figura 66: Caminho, trilha, estrada – Aristóteles	238

LISTA DE SIGLAS

- CIEA-DF – Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental do Distrito Federal
- CREIA - Centro de Referência em Educação Integral e Ambiental
- EA - Educação Ambiental
- GTEEA-DF – Grupo de Trabalho para o Enraizamento da Educação Ambiental no Distrito Federal
- ONG – Organização Não Governamental
- PAMA- Programa Parâmetros em Ação – Meio Ambiente na Escola
- ProNEA – Programa Nacional de Educação Ambiental
- SEDF - Secretaria de Educação do Distrito Federal

SUMÁRIO

pArte I	13
A Formação da Roda	13
INTRODUÇÃO	13
INSPIRAÇÃO E IMPLICAÇÃO: AS NASCENTES DA PESQUISA	13
Entre fibras e fios tecer o próprio destino	15
Educação: entre razão e sensibilidade	17
Expiração	19
1. TEMA E METODOLOGIA	22
1.1 Apresentação do Tema	22
1.1.1 Um percurso coletivo	22
1.1.2 Um percurso singular de co-criação	25
1.1.3 Os desdobramentos do tema	28
1.1.4 Sobre questões e objetivos	34
1.1.5 As Fontes	35
1.1.6 Plano de capítulos	37
1.2 METODOLOGIA	38
1.2.1 A Trajetória como Método	38
1.2.2 A arte da Pesquisa-ação existencial e suas alianças	41
1.2.3 Estratégias Metodológicas – Elementos da pesquisa-ação	42
1.2.4 A formação	46
1.2.5 Registros do Processo Formativo	47
1.2.6 Análise da experiência a partir dos registros de formação	49
pArte II	52
2. MATIZES EM DIÁLOGO	52
2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOLOGIA HUMANA	57
2.2 ARTE E EDUCAÇÃO	71
2.2.1 Inspiração e sentido	75
2.2.2 Brasília – A Poética de Uma Cidade	88
2.2.3 Poética do Cerrado	104
2.2.4 Athos de uma trilha poética	114
2.2.5 Mudando as lente	121
2.2.6 fotografia: visões de visões do mundo	132
2.2.7 Terra: Linguagens e sentidos	141
pArte III	159
3. A CIRANDA SE VÊ: ANÁLISE DE PROCESSO FORMATIVO	159
3.1 REGISTROS COLETIVOS	163
3.1.1 Diário Coletivo como diário comentado	163
3.1.2 Portfólio como diário elaborado	179
3.2 ESPAÇOS DE CONVIVIALIDADE E EXPRESSÕES CRIATIVAS	187
3.2.1 Expressões simbólicas dos participantes	188
3.2.2 Roda de conversa	200
3.2.2.1 Roda de iniciação	203
3.2.2.2 Da conversa à costura: entre nós	206
3.2.2.3 Roda de conversa na Oficina Ciranda Multicor	219
4. O GIRO RECURSIVO	237
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	241

pArte I - A Formação da Roda

INTRODUÇÃO

INSPIRAÇÃO E IMPLICAÇÃO: AS NASCENTES DA PESQUISA



O coletivo é um sem nome próprio
 Construído de singularidades,
 Ousadia e persistência.
 Colcha de retalhos, fornada de biscoito, cantorias,
 Montar a tenda e fazer a feira.
 Aventuras d'alma de todo mundo.

Rosana Gonçalves da Silva

Figura 1: O coletivo

Foto: Zélia Souza

Eu disse para Dulce Schunck, certa vez, quando conversávamos sobre o sentido da inspiração: “Sabe aquele momento exato em que estamos alinhados com as estrelas, nossos pés tocando o chão e nossa cabeça se enche de música, repercute o brilho distante e próximo, indivisível auréola de luz?”

Escrever sobre o microcosmo que somos significa retornar às relações vivenciadas, quer seja em família, quer seja no processo de escolarização, leitura de mundo e leitura acadêmica. É esboçar memórias com textura, cor, sons, cheiro e sabor que o ato de aprender configura: um rico diálogo entre unidade e diversidade.

Para mim, a vida inicia com uma limitação existencial, onde além da cegueira paradigmática havia também a cegueira física, o que me leva a identificar no mito grego das Moiras algumas explicações do modo como percebo o mundo.

As Moiras¹ ou *Moîrai* têm os três aspectos da mulher que tece: Cloto, a que tece o fio, a fiandeira; Láquesis, a que escolhe, mede o fio e sorteia; e finalmente, Átropo, a que fixa a trama e torna irrevogável o que foi fiado. Elas são figuras míticas do destino que

¹As Moiras são divindades, que fixam aos mortais os lotes de bem e de mal que lhes foram conferidos, quando Zeus fez a Grande partilha, depois de ter destronado seu pai, Cronos. Ao fazer a Grande partilha com seus irmãos e através dos diversos casamentos Zeus deu a cada deus, herói ou mortal, sua Moira.

cuidam dos seres humanos aqui na Terra. Para mim elas significam habitar meu lugar no mundo, assumir minhas potências, fazer escolhas, compreendendo que somos seres complexos e portadores de contradições, pois viver é acima de tudo existir.

Quando eu cheguei a este mundo era quase cega, portadora de um grave problema de visão e com dificuldades de desenvolvimento, dependendo de alguém para diversas realizações. Logo cedo aprendi a confiar e a me colocar no lugar do outro. As coisas se faziam visíveis pelos olhos de quem me cuidava, uma vida que vai adquirir sentido com e no coletivo. É, por algum tempo tive que ver por meio de outros olhos, pois os meus viam tudo em dobro e embaçado. O que não foi de todo ruim, porque minha mente se fertilizava e desta limitação criava um mundo cheio de possibilidades. Minhas mãos tinham fundamental importância porque aprendi a me relacionar com os objetos e a conhecê-los tocando-os. O tato me conectava com o ambiente, avisava os perigos e formava as imagens. Aguçando o tato e outros sentidos desenvolvia a visão.

Enfim, começo a usar óculos. As lentes corretivas revolucionaram minha vida, podia ter minhas próprias percepções, fazer escolhas e adentrar no mundo real com os olhos de primeira vez. Mesmo continuando dependente das formas de simbologia que haviam fertilizado o meu imaginário, ver e entrever com meus próprios olhos significou um processo de autorização ao longo da minha *poiésis* e vida.

Dentre as brincadeiras de infância, ser professora na “escolinha da jabuticabeira” era a minha preferida. Na escolinha fazíamos o revezamento entre as crianças para assumir o lugar do professor. Como cada duas ou três estavam em séries diferentes, tudo era bem combinado para não repetir conteúdos. Todos aprendiam uns com os outros ludicamente os assuntos abordados na escola.

Sem sabermos, criamos e experimentamos uma “metodologia” fantástica que muitos estudiosos perseguem e tentam realizar. Não víamos barreira de uma série para outra. Havia até planejamento. Utilizávamos os brinquedos, materiais orgânicos e alimentos que ganhávamos para o lanche e que vinham da horta da minha avó materna. Na hora do lanche compartilhávamos as poucas frutas e verduras. Compreendíamos a matemática sendo solidários, um exercício dentro do outro. Tínhamos no dia a dia a oportunidade de conviver com liberdade com água, o fogo, a terra e o ar. Observar e brincar com uma diversidade de animais. Ouvir belas histórias sobre a região, quase todos os dias, contadas pelo meu avô materno.

Entre fibras e fios tecer o próprio destino

Cresci num belo quintal, na antiga Vila de Santa Luzia “a protetora dos olhos”, hoje é a cidade de Luziânia. Quando criança abrir as portas da casa significava aventurar-se pela diversidade natural combinada à diversidade cultural. No quintal dos meus avós maternos natureza e cultura nunca se dividiram, eram conservadas as espécies nativas no mesmo campo do cultivo das hortas, uma mandala de cores e cheiros que brotava da terra, repleta de histórias que se espalhavam no ar.

Nos varais secavam nobres tecidos, em sua maioria com estampas de Cachemira, que minha tia Ita, a costureira, preferia chamar de biscoito. E o céu para mim nunca foi só azul ou nublado, nem colorido pelas interações com a atmosfera, ele era mais do que isso. Era as multicores daqueles tecidos brincantes que dançavam ao sabor do vento, para depois serem transformados em ricas vestes e quem sabe ir aos bailes e folguedos.

Entre a junção dos fios e o traçado das fibras, ao dar forma e conteúdo à construção do destino, o ato da tecer a própria vida. Esta simbolização rege minha formação, é nela que fio (confio), como diriam meus antepassados, os mitos de toda minha existência. Lembro-me das reuniões entre as mulheres da família, para juntar os retalhos e fazer colchas, as conversas eram sobre o casamento, os filhos e uma sorte de limitações. Em torno do café, eu observava aquelas mulheres goianas e seus destinos humanos. Presença forte das Moiras! São elas quem distribuem aquilo que a cada um coube por sorte ou destino individual, e cada ser possui sua parte de vida, de felicidade, de desventura, um lote de opulência e de valor partilhado.

No mito há uma dupla filiação² que representa uma oposição e miticamente indica que toda afirmação implica numa negação. O poder sobre o destino atribuído às Moiras, era chamado pelos gregos de *Fatalidade*³, significando lote ou lotes, não era concebido

²Na Teogonia de Hesíodo as Moiras têm uma dupla linhagem. A primeira diz que elas são filhas de Zeus e Thêmis, geradas da união do masculino com o feminino pela ação de Eros. Este par também gerou as Horas, suas irmãs. Na segunda linhagem elas são filhas da Noite, geradas sem pai, através da mãe que se divide para lhes dar origem. Elas representam todas as coerções e imposições que alguém pode padecer e sentir, e são as controladoras do destino, da vida e da morte de todos os seres; como são filhas da Noite e do Caos, “são potências de cisão, de desagregação, da violência e da morte”.

³Na visão grega ela significa uma partilha ou lote: sua coerção sobre os entes se deu como impossibilidade de cada ente (divino ou humano) ultrapassar a esfera que lhe é própria sem que com isso transgredisse a esfera que constituía os privilégios de outro deus. Ao transgredir ou ultrapassar na ação, a esfera de um deus, herói ou mortal que tenha recebido de Zeus, o ser comete *hybris*, que é um ato que fere a lei divina, os valores maiores, entrando na esfera de Zeus ou de outro deus cujo âmbito está definido. Quem comete *hybris* é punido, não pelos deuses, mas por sua própria Moira, seu destino. Não existe culpa quando alguém comete *hybris*, mas sim conscientização do ser que errou e que tenta mudar suas atitudes e ação, ou seja, seu destino. Este poder da *Fatalidade* só diminuiu quando Zeus, o deus que centra em si a Totalidade Cósmica do espírito e, portanto é o espírito ordenador que detém a grande percepção e o poder

como uma transcendência, algo que vinha dos deuses, mas como imanência, como uma condição constitutiva do próprio ser em que ela se exprime.

Meus ancestrais, avós maternos e paternos eram a expressão dos mitos que trago comigo. Eles representam minhas primeiras lições de cuidado e pertença, de ligação profunda com nossas raízes brasileiras. Modelar o barro e torná-lo forma expressiva do cotidiano. Comemorar o dia de São João com direito de montar a festa, fazendo todos os adornos para o Santo. Meus avôs vieram de vários cantos do Brasil, das raças e fibras mestiças, para este canto Cerrado do mundo. Pelas minhas veias correm vivas as suas memórias e guardo todo o legado da fé, da criatividade, da resiliência e da esperança como alguns dos meus lotes.

Meus pais, em sua missão de me amar, educar e prover me ofertam a ordem, o ritmo e a medida. Com eles compreendo os princípios do feminino e masculino. E na convivência com minhas quatro irmãs aprendo com suas expressões individuais os princípios de oposição e complementaridade. Significa dizer que dentro das personificações de potências, o vir-a-ser mobiliza os pares de opostos que coexistem em nossas vidas. Nessas relações, mais uma vez as Moiras. Princípio individualizante, guardando nossos limites e possibilidades, força imanente que nos permite ultrapassá-los.

Ser já não me contenta, o imperativo da maturidade agora é existir com o outro 'Eu', minha filha Rennais Paula Gonçalves. Com a maternidade me encontro em um novo ciclo de transformações. A maternidade trouxe mudanças significativas à minha vida. O mito do herói que se revela mais profundamente na mãe, que tem o corpo transformado para abrigar a filha. Incertezas sobre o futuro. Ah, maternidade! Ser frágil, tal qual nascente que acorda lentamente e segue 'ser' no mundo que se move, sonha e pensa o universo de possibilidades.

sobre o imprevisível, e seu filho Apolo, o deus da luz e da mantéia (poder de adivinhar o futuro e fazer previsões), trouxeram dos céus a revelação do eterno e incorruptível espírito humano, que como *daimon*, o dom divino, o espírito alado que detém o poder benéfico, é uma força que modela o ser humano a partir do seu interior e não aceita atribuições de fora, nos elevando e nos oferecendo a possibilidade do conhecimento noético (do grego *Nóos*, significa percepção e pode ser traduzida por espírito). Este tipo de conhecimento ordenador da natureza, mais sutil que qualquer outra forma de conhecer e que vai do sensível ao inteligível, do mortal para o imortal, é um *daimon*, um dom divino do qual todos os seres humanos participam. (apud GORRESIO, 2005: 105, 109)

Educação: entre razão e sensibilidade

Como a grande maioria dos brasileiros não tive acesso a um ensino de qualidade. Contudo, sempre fui curiosa e insaciável. Com muito esforço fui superando os limites que as carências encontradas na escola me impuseram. Deste modo, ativei as possibilidades da minha subjetividade. Os caminhos que eu percorri, meus desejos e sonhos configuram a minha constituição de sujeito que encontra na Educação uma das formas de habitar seu lugar no mundo e ter compromisso com a vida.

Minha vivência escolar foi um pouco opressora. Minhas necessidades especiais não eram respeitadas. O grupo escolar adotava a mais tradicional das metodologias, uma disciplina rígida, o uso da palmatória e outras punições. O que me deixava apagada, tímida e medrosa. Não tinha coragem de fazer perguntas e de expor minhas idéias. Só me restava decorar, uma vez que não havia mais espaço para compreensão. Mesmo assim, eu amava a escola e a minha vontade de aprender era maior que qualquer castigo. As limitações abriram um espaço enorme para a criatividade movimentada na “Escolinha da Jabuticabeira”. Assim, à medida que reinventava meu mundo, desenvolvia minha inteligência e criatividade.

No ginásio as coisas não mudaram muito. Foram anos marcados pelo regime militar, dentro e fora dos muros escolares. Meus professores eram pessoas que haviam cursado apenas os cursos técnicos ali oferecidos. A maioria tinha como metodologia a leitura do livro adotado. Na 6ª série, o último capítulo do livro era sobre Ecologia, cujo autor era Carlos Barros. Lembro-me que aquele assunto chamou minha atenção, mas a professora disse que aquilo era bobagem para nossa formação.

Nos quatro anos do ginásio, continuei muito tímida. Só me revelava nas atividades artísticas e até este momento não tive uma aula sequer de redação. A escrita era algo misterioso para mim.

Fora da escola, tinha um laboratório de ciências com meu primo. Montamos até um cinema com caixa de papelão e lanterna. Ensinava as outras crianças a desenhar, contava histórias e fazia teatrinho para elas. Desde muito pequena sonhava em ser professora e fazer tudo isso para os meus alunos. Percebia que por meio dessas atividades, independente da idade, qualquer criança aprendia. Outro aprendizado se deu quando fui babá ainda criança, que cuidava de outras crianças. Mas, eu já tinha um dom maternal e o saber cuidar, vinha nem sei de onde. Hoje, é claro, percebo as tessituras da experiência, entre os pontos da paciência e da observação.

Entrei para o tão sonhado curso normal e neste mesmo período me integro a um grupo teatral. Essa experiência foi realmente libertadora. Troquei anos de possível

rebeldia por uma atitude transformadora. Os textos dramatizados versavam sobre o preconceito racial, patrimônio da cidade, os espaços verdes e o rico universo infantil. Viajei com o grupo algumas vezes. Viajando pelo meu infinito, me descobrindo talentosa e ousada.

Durante o magistério vivenciei o fim da ditadura militar e outras mudanças. No interior da escola as relações entre estudantes e professores ficaram mais democráticas. A abertura para a contratação de novos professores, com formações diversificadas, fecundou o curso do magistério. O clima para mim também era outro, de maior liberdade, segurança íntima e autonomia. Começo a escrever poemas e contos e a me interessar mais por política, filosofia, literatura e atualidades.

Durante minha formação escolar o ensino da arte refletia o modelo tradicional da cópia, a exigência técnica em detrimento da criatividade. A arte só era oferecida porque havia a obrigatoriedade curricular. Diversas vezes tentei, em vão, dialogar a respeito do processo pobre a que éramos submetidos. Obtinha como resposta que a Educação Artística era uma perda de tempo e em nada colaborava com a formação dos alunos. Já estávamos em 1986, porém, as mudanças ocorridas no sistema de ensino brasileiro ainda demoravam a chegar a nossas escolas.

Minha vivência profissional começa bem cedo, ainda cursava o magistério e tinha 16 anos, quando assumi uma turma de educação infantil. Planejava as aulas com muita música, arte, brincadeiras da cultura local, psicomotricidade e histórias, freqüentemente contadas ao ar livre. Saindo do lugar comum da educação feita entre quatro paredes.

Ao concluir o magistério, fui aprovada no concurso público da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. E deixo a escola particular. Desde então, tenho me dedicado ao ensino público.

Ingressei no curso de Licenciatura em Artes Plásticas em um período de muitas mudanças no país. Politicamente, vivenciamos um retorno à democracia. No meio universitário, convivi com pessoas críticas e antenadas, observando os vários aspectos da vida humana pela primeira vez. Foi o início das leituras que me descortinaram um novo mundo. O contato com a vida e a obra de uma gama enorme de artistas e filósofos contribuiu para o exercício de relativização do conhecimento.

Paralelo à faculdade, continuava como professora na escola pública. Aprofundei os estudos sobre o desenvolvimento da capacidade criadora, sobre percepção, educação estética, criatividade e sensibilidade, voltadas para a educação integral do ser. Começo a trabalhar mais com projetos e com as temáticas ambientais. Vejo nessa prática que

saberes e fazeres se integram numa perspectiva interdisciplinar e transversal, campos epistemológicos pelos quais constituí minha práxis educativa.

Expiração

Como educadora venho fazendo o movimento de devolver ao mundo os saberes construídos, compartilhando minhas experiências, configurando a respiração que não é apenas inspiração é também expiração.

A breve história que acabo de narrar trata de situar alguns dos caminhos que percorri até me tornar educadora, e para compreender o meu interesse pelo tema que move meus esforços nessa pesquisa, que tem como grande metáfora o ato de respirar.

Foi em um seminário de arte educação que pela primeira vez ouvi falar na Escola da Natureza. Fiquei encantada com a proposta metodológica ali desenvolvida. Naquele dia me determinei a fazer parte dessa escola. Me inscrevi no processo de remoção da SEDF e no ano seguinte passo a integrar a equipe de professores. Tive a oportunidade de colaborar com a reestruturação do Projeto Político Pedagógico e criar a oficina Ciranda Multicor, destinada ao atendimento das crianças das escolas públicas. Essa experiência inaugura uma nova fase na minha vida. E sempre ativam lembranças cheias de emoção e afeto...

Falar da Escola da Natureza é algo sempre muito inspirador. Creio que seja pelo fato dela ter me proporcionado um aprendizado semelhante ao aprendizado da própria vida. Com a sua criação, em 1996, inaugura-se também um processo educativo que ultrapassa as barreiras impostas pelas disciplinas escolares ao incorporar experiências tiradas do cotidiano, quais sejam: fazer uma caminhada pelo parque, sentindo o ar a envolver todo o corpo; cultivar um jardim de flores, cheiros e temperos; o exercício da observação da fauna e da flora na realização de trilhas; cuidar dos ninhos existentes e construir outros ninhos, sementeiras e bebedouros para os passarinhos, cooperando assim com a música da natureza. Adotando uma prática que une educação, cultura e meio ambiente. (SILVA, 2005: 01)

Sem dúvida, foi o marco da minha trajetória como educadora ambiental, complementando o meu processo de transformação, diante de uma nova consciência ambiental. A integração entre o saber e o fazer, mobilizando diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional, permitiu que eu incorporasse em minha prática meus mitos fundadores. Minha profunda relação com a terra, o Cerrado, a cultura goiana, a costura, o bordado, o crochê, e outros feitos passam a ser elementos educativos contemplados nas oficinas que eu desenvolvo.

Identifico-me com a educação ambiental feita na Escola da Natureza. Meu envolvimento e interação são tamanhos que despertam o interesse por investigar minha própria prática. Assim, recebo a oportunidade de ser formadora do Programa Parâmetros em Ação – Meio Ambiente na Escola (PAMA), cuja proposta era o debate e a reflexão acerca das relações da escola na perspectiva da transformação sócio-ambiental. A metodologia baseava-se na mobilização do conhecimento dos professores, trabalhos coletivos, interações, debates, leituras e situações-problema. Com o intuito de mediar uma formação mais integral para os educadores, incluí atividades artísticas, lúdicas e a dimensão da corporeidade, tão ausentes na proposta original do PAMA.

Assim, surgiu um elevado grau de interesse pelas atividades, remetendo o grupo a momentos intensos. Também, suscitou mudanças de atitudes, tendo como desdobramento um engajamento crescente nas atividades próprias da Escola da Natureza. Reflexos de criatividade, inovação e integração foram se consolidando. A formação continuada foi sugerida como indicador qualitativo de planejamento e garantia de permanente discussão e ressignificação dos trabalhos desenvolvidos.

O PAMA na Escola da Natureza foi um momento ímpar na construção pessoal e coletiva dos educadores participantes. Significou um momento de reflexão, percepção e desabrochar de uma equipe com desejos, querências e sonhos para concretizar. Desejos de saber e de fazer. Desejos de flor-e-ser num mundo melhor. Para mim, o fortalecimento de que por meio das linguagens artísticas é possível articular desejos com ações concretas. A possibilidade de ser formadora dos meus companheiros de trabalho, sendo também quem mais se transforma, põe luz sobre meu desejo de realizar uma pesquisa de mestrado, unindo arte e educação ambiental. Essa experiência mobilizou o grupo a construir uma proposta mais crítica que apontava caminhos para uma cooperação articulada, redes solidárias e formação de educadores.

A poesia é o fio de ouro com o qual dou realce às minhas ações educativas, marca o encontro com Vera Catalão. A água que vai irrigar e nutrir o meu imaginário, pois dentre as muitas oportunidades de formação em educação ambiental, encontrei um roteiro seguro no curso “Água como Matriz Ecopedagógica”, que tinha como referência metodológica a pesquisa-ação de Barbier(2002). Segundo Vera Catalão, *essa modalidade de pesquisar busca integrar as diversas dimensões humanas. Não negligencia a dimensão imaginária e simbólica do real, muito pelo contrário considera o imaginário como expressão fundadora do humano* (2006: 24).

Aos poucos fui percebendo que minha vivência como educadora ambiental era polissêmica e multirreferencial. Mesmo com uma bagagem considerável questionava a

minha práxis e qual era realmente o papel da arte em todo o processo. Quando, navegando num mar de incertezas sobre o que deveria fazer, um convite chega pelas vias da arte. Uma proposta para participar na pesquisa de campo da tese de doutorado de Dulce Schunck, na qual foi possível aprofundar experiências na prática pedagógica, destacadamente na relação entre arte Educação Ambiental. Agora sim, meu desejo foi tomando mais corpo. A referência veio compor o tom que faltava, e com essa experiência uma 'certeza', minhas idéias e práticas tinham sentido.

Atualmente tenho me dedicado a formação de educadores ambientais, investindo na experimentação de metodologias, reflexão e registro das experiências, alinhando as poéticas artísticas, educação ambiental, meio ambiente e cultura. Uma costura necessária à Educação.

Hoje vivemos num mundo cheio de tecnologia, onde a informação atravessa os continentes em fração de segundos. Em algumas formas de fazer ciência, ainda impera a visão de que o conhecimento acumulado nas noites seculares da história da humanidade analisados nos laboratórios, com 'certeza' pode explicar a realidade. Fora deste modelo, tudo não passa de 'crendices populares'. A expulsão da realidade interna do sujeito na produção do conhecimento, levou-nos a fechar os olhos para as outras possibilidades, as outras visões. O desafio que me coloco nesta pesquisa é o de trilhar na contramão do modelo de uma única visão. Deste modo, eu trago o mito para introduzir a minha pesquisa. Trago não só porque me identifico com ele. Mas, porque sendo o mito uma das formas mais antigas de explicar os fenômenos, também, é uma visão que nos ajuda perceber as dimensões humanas na produção de conhecimento.

Este mito fala da união da realidade interior ou espiritual com a exterior que dá sentido a nossa vida, unindo nosso *daimon* à nossa *moira*. Dentro do nosso destino e da nossa historicidade, vislumbrar o masculino e o feminino, a natureza e a cultura, a ciência e a arte, a sensibilidade e a razão, entre outros pares complementares que coexistem e nos habitam.

1 TEMA E METODOLOGIA

1.1 Apresentação do Tema

As idéias aqui apresentadas nasceram a partir da realização de oficinas de arte com educandos e professores da rede pública de ensino do Distrito Federal, com outras instituições governamentais e ONGs. Tem sido desde o início um processo inclusivo. Os primeiros participantes foram as crianças. Pensando a infância como universo habitado pelo imaginário, nasceu a Oficina de Arte “Ciranda Multicolor”, de forma integrada com a proposta pedagógica da Escola da Natureza – Centro de Referência em Educação Ambiental da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Fundada em 1996, com o objetivo de envolver e mobilizar a comunidade escolar da Rede Pública de Ensino, por meio de atividades continuadas de Educação Ambiental. Dentre seus objetivos, pode-se destacar: tornar mais concreto, diverso e vivo o conhecimento curricular por meio da retro-alimentação de sistemas abertos, como são os educativos; propor uma prática voltada para a construção e participação do saber e do fazer, dentro de uma perspectiva multi, inter e transdisciplinar.

1.1.1 Um percurso coletivo

Criada com o objetivo de oferecer educação ambiental para alunos da rede pública de ensino, a Escola da Natureza atuou, em passado recente, com foco na realização de oficinas. Com o passar do tempo, o processo pedagógico foi reavaliado pelos educadores ambientais da instituição. A intenção era perceber a identidade, a vocação da Escola e alçar vôo para além das atividades até então desenvolvidas.

A avaliação, que num primeiro momento era interna, culminou numa reflexão mais ampla sobre o “estado da arte” da educação ambiental no DF. Como resultado, a equipe reformulou seu projeto pedagógico, abriu portas, janelas, estreitou laços. Refez texto e contexto de seu ambiente pedagógico.

Assim, no contexto institucional, tornou-se unidade de capacitação de docentes em educação ambiental, além de atuar na consultoria de projetos desenvolvidos no âmbito da rede pública de ensino. De outro lado, a Escola da Natureza assumiu-se como fio de uma teia que começava a ser urdida. Significa dizer que a escola percebeu a importância

dos princípios e procedimentos necessários à construção coletiva - fundamental ao contexto socioambiental e educacional.

Estava clara a urgência de se somar esforços para romper a inércia das ações pontuais e fragmentadas. Era preciso potencializar o coletivo de educadores ambientais e estabelecer os diálogos necessários para a construção de políticas públicas locais; em especial a Política de Educação Ambiental do Distrito Federal.

Um passo importante neste processo, foi a participação no Grupo de Trabalho de Educação Ambiental - GTEEA-DF, cuja intenção era a constituição da Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental - CIEA-DF (ainda em fase de criação).

O grupo de trabalho era formado por instituições governamentais, sociedade civil organizada, ONGs ambientalistas e Coletivo Jovem. Baseado em princípios democráticos e inclusivos, buscava a coesão de propósitos e a soma de esforços e recursos para potencializar ações voltadas para o enraizamento da educação ambiental, em especial por meio das redes e coletivos de educadores. A articulação interinstitucional no processo de enraizamento da Educação Ambiental é um desafio. Por outro lado, assumir desafios implica correr riscos e respeitar diferenças; por isso o processo de cooperação é fundamental.

A criação das CIEAs é uma proposição da Diretoria de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, como estratégia para enraizamento da educação ambiental nas unidades da federação, seja em instâncias formais ou não-formais. Para isso, a parceria com a sociedade civil é fundamental. O princípio de co-responsabilidade e o sentido de acolhida foram norteadores deste caminho.

Como referencial, buscou-se a transversalidade proposta pelo ProNEA, ou seja, a internalização e difusão da dimensão ambiental nos projetos - governamentais e não-governamentais - de desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida. Outros objetivos tratam dos processos de formação continuada em educação ambiental - formal e não-formal - criando espaços de interação e atuação para vários setores da sociedade.

Como estratégia de mobilização foi concebido o Curso de Formação de Educadores Ambientais. Cujas intenções eram preparar pessoas para atuação crítica e comprometida com a EA e, ao mesmo tempo, construir um espaço de conectividade e troca de saberes e fazeres. O curso oferecia um diálogo face a face, proporcionado pelo convívio ao longo das atividades.

Este momento implicava em mudanças de mentalidade, ritmos e estruturas. Novas óticas, assentadas em sistemas ou tecidos tramados ponto a ponto. Para tecer relações é preciso tempo. Relacionar é, também, legitimar o outro, como nos ensinou Maturana

(2000). Aprender a conviver e conviver aprendendo, retroalimentando o desejo que ao longo do tempo foi tomando corpo.

Deste modo, no sentido de estar em congruência com a instituição mantenedora, a Escola da Natureza sentiu a necessidade de caminhar alguns passos adiante, percebe-se capaz de contribuir com a implantação e enraizamento da Educação Integral no DF⁴. A equipe se empenhou em compreender os diversos conceitos de educação integral, seguindo a trilha do educador Anísio Teixeira (primeiro plano educacional de Brasília, já idealizado entre 1957 e 1959).

Em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e com os Ministérios da Educação e Meio Ambiente, realizou, em fevereiro de 2008, com o seu corpo docente, um seminário intitulado **“Educação Integral e Educação Ambiental: contribuições da Escola da Natureza para a Educação Pública do Distrito Federal”**. Este momento é dedicado à escrita coletiva do texto: *Diagnóstico do Contexto da Educação Pública no DF*⁵. A segunda etapa do seminário, contou com a participação das diversas instituições⁶ comprometidas com a EA, e o objetivo foi apresentar um **Programa de Educação Integral pela Educação Ambiental: Escolas Parque nos Parques**.

Todo este exercício e a articulação interinstitucional na realização de trabalhos que visam o enraizamento da EA nos diversos segmentos do DF, exigem uma organização pedagógica proposta pelo anelamento das três linhas de atuação:

1 - REDE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (REA-DF) - “A TEIA DA VIDA”

A organização em rede é uma linha de ação comprometida com a superação a das ações isoladas em torno da Educação Ambiental no Distrito Federal; a necessidade de uma política interinstitucional que vise o enraizamento destas ações em parceria com as demais instâncias governamentais e não governamentais.

2 - COOPERAÇÃO ARTICULADA – “AÇÃO BEIJA-FLOR”

Processo continuado de mobilização, articulação e integração entre a Escola da Natureza, instituições governamentais, não governamentais e atores sociais comprometidos com a Educação Ambiental, com vistas a

⁴Com a criação da Secretaria de Estado Extraordinária para a Educação Integral do Distrito Federal, em caráter provisório e pelo Decreto Nº 28.503, de 04 de dezembro de 2007,

⁵Tal proposta integra o texto *Diagnóstico do Contexto da Educação Pública no Distrito Federal*, material disponível no site www.escoladanatureza.com.br.

⁶ Secretarias de Estado de Educação, Extraordinária para a Educação Integral, Cultura, Esporte e Lazer, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (IBRAM) do Distrito Federal (DF), Diretorias Regionais de Ensino, EAPE, Universidade de Brasília/Decanato de Extensão, Ministérios do Meio Ambiente e Educação, IBAMA DF, Fórum das ONG Ambientalistas do DF e Entorno.

contribuir, prioritariamente, com a implantação e enraizamento da Educação Integral nas escolas públicas do Distrito Federal. Por meio de implementação e o acompanhamento de projetos.

3- FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES AMBIENTAIS – “PRÁXIS ECOPEDAGÓGICA”

A formação de educadores ambientais apresenta-se, como oportunidade de reflexão, instrumentalização e mobilização dos atores sociais comprometidos, propondo uma educação emancipatória, que torne o ambiente escolar um fazer ecopedagógico. Esta linha de ação visa: oferecer cursos que contemplem os princípios e objetivos da Educação Ambiental, da sustentabilidade e da organização em redes, com oficinas ecopedagógicas que facilitem a inserção da transversalidade ambiental nas atividades curriculares. (Projeto Político Pedagógico – Equipe 2008)

A Escola da Natureza, que desde a sua criação vem trilhando caminhos que levam à efetivação da EA nas escolas e suas comunidades, buscou uma constante reinvenção da sua identidade e da sua história, conseqüentemente.

1.1.2 Um percurso singular de co-criação

Minha participação diante do repensar o papel da Escola da Natureza e sua importância no desenvolvimento de ações educativas ligadas às questões ambientais, efetivou-se em grande parte nas reflexões e reformulação das oficinas, tendo em vista a criação do Curso de Formação de Educadores Ambientais.

Em especial, dediquei-me a Oficina Ciranda Multicor, que tinha como objetivo desenvolver um processo sócio-educativo por meio da linguagem artística visual, uma tentativa de viabilizar a reflexão e gerar espaços de criatividade pessoal e coletiva. As vivências desenvolvidas conjugavam arte e meio ambiente, dentro de uma perspectiva ecopedagógica: da sala de aula tradicional ao ar livre, uma brincadeira dentro de outra, a recursividade no ato de aprender com o ambiente natural e construído.

Ao avaliar os objetivos e resultados da oficina constatei que a sua contribuição, muitas vezes, não passava de um momento de sensibilização que, embora seja importante, não é suficiente à complexidade da Educação Ambiental. Pois, a proposta se limitava ao atendimento às crianças. Porque os professores não entendiam a importância de um envolvimento mais concreto. Deste modo, ao retornarem para suas escolas os alunos e os seus professores, mesmo que encantados com as vivências, não as incorporavam no cotidiano escolar.

Essas reflexões possibilitaram a percepção sobre o papel do educador, sua implicação no processo, a emergência de sua participação e envolvimento. Então, uma

abertura se fez, ampliando as possibilidades da oficina, em uma versão para educadores. Significou dar grandes passos, movimentando vivências, a partir de uma diversidade de materiais de natureza orgânica e reaproveitáveis, cultivando um fazer artístico com sentido, capaz de remeter o educando/educador à sua essência criadora. A sensibilidade artística e apreciação estética, como uma estratégia mobilizadora para a re-construção da relação ser humano-natureza.

Para tanto, foram criados três momentos de trabalho⁷:

- Sensibilização – criar ambiente para a vivência proposta pela oficina. Este momento está voltado para um processo de concentração e percepção de três ambientes: o natural, o construído e o ambiente interior (de si mesmo). Trabalha consciência corporal, relacionando corpo, espaço e ambiente. Este momento envolve apreciação de elementos expressivos, de maneira a identificar ritmo, cores, texturas, formas e conteúdos presentes. Também a consciência da respiração, o movimento e os sentidos fazem parte da abertura aos processos vivenciais.
- Criação – Propõe potencializar a criatividade e a imaginação, fazendo uso de uma diversidade de materiais e a troca de conhecimentos, a partir de um tema gerador.
- Reflexão – Análise dos valores, dos princípios orientadores e dos saberes gerados pelo grupo. Aprofundar o diálogo, de modo a tecer junto uma ação comunicativa dentro da oficina.

A Ciranda Multicor vai aos poucos se movimentando, de uma forma circular, tentando responder à questão “como integrar a arte de modo efetivo nos processos pedagógicos da educação ambiental”? Entre tantos rodopios rumo à transformação, a oficina vira um módulo de formação, alcançando outro anel da espiral. Mas, para se manter, foi preciso conservar sua organização aberta e flexível que percebe a prática pedagógica como uma ação do Vivo em seu processo criativo de relação com o mundo.

Encontrei na teoria de Maturana e Varela (1984) fundamentos para a compreensão da organização do vivo, que observa, aprende, conhece, a partir de uma relação complexa com o meio. Estes autores propõem uma ruptura com a compreensão separatista ser/ambiente, inaugurando a circularidade ser e ambiente.

E, mesmo quando a oficina vira módulo de formação, sua realização continua interativa. Suas bases teóricas e metodológicas vão emergindo das experimentações e

⁷ Os referidos momentos são baseados no trabalho de Maria Osanete de Medeiros. Eles constam em sua dissertação de mestrado: *Tecendo a teia das relações na reconstrução do currículo: uma proposta metodológica*, 1995.

vivências com os grupos. Até neste aspecto particular de constituição de uma pesquisa, foram consideradas todas as interações possíveis. Nossa proposta *Poéticas e Educação Ambiental – Uma Ciranda Multicor* tem a intenção de contribuir com a formação do educador ambiental para que este, possa trazer novas possibilidades para a sua atuação nas questões socioambientais.

Ao considerar os desafios da contemporaneidade e seu enfrentamento no campo educativo, faz-se necessário investir em uma concepção orgânica de formação dos educadores mediante um tratamento metodológico, integrando os diversos campos dos saberes. Entendo essa organicidade como própria dos sistemas abertos à reflexão. E conseqüentemente emerge dessa organicidade a proposição de ações educativas, que podem fecundar espaços transdisciplinares, que abriguem um movimento transversal articulador da diversidade tão necessária à Educação Ambiental.

A inclusão de uma diversidade de olhares e a participação de várias mãos, configuram possibilidades de inovação. Assim, à semelhança da Ciranda, dança comunitária que sem preconceito quanto ao sexo, cor, idade, condição social ou econômica dos participantes reúne pessoas para dançar, começamos com uma roda pequena, que foi aumentando, à medida que as pessoas chegavam, abrindo o círculo e segurando nas mãos dos que já estavam dançando. A roda, ao atingir um tamanho que dificultava a sua movimentação, formou outras rodas, no interior da roda maior. O desafio para os educadores ambientais participantes da roda é pensar como estar inteiro na relação com o ambiente inteiro: *educar os sentimentos e a imaginação: despertar a inteligência e a sensibilidade adormecidas (...) E uma conversão ética: não dissociar o conhecimento de sua destinação humana* (Severino, 2002: 38).

E nessa direção tornou-se possível, por exemplo, desenvolver projetos de Educação Ambiental com algumas escolas e com a comunidade. Emergiu uma Educação Ambiental pautada por uma abordagem sistêmica, buscando uma relação fértil entre as disciplinas e a temática ambiental, por meio da transversalidade e da transdisciplinaridade. Foi possível, ainda, assegurar o espaço das expressões artísticas em todo o trabalho.

Neste processo percebemos que as mentalidades, ainda, estão impregnadas pelo paradigma instrumental de aquisição do conhecimento, cristalizadas por um sistema capitalista que soube impor seu domínio, submetendo o sujeito a determinadas certezas. Este fato nos coloca o desafio de refletir constantemente sobre o papel da subjetividade, para uma educação mais integral, uma vez que, ela envolve as capacidades sensoriais, afetivas, imaginativas e racionais dos sujeitos. Tal desafio implica a reforma do

pensamento para compreender a complexidade da vida e o princípio da incerteza que a constitui, como nos ensina Morin.

Interessa para esta pesquisa, pensar a contribuição da complexidade para uma Educação Ambiental, que evoque a interioridade humana, naquilo que a constitui: a intersubjetividade e a (expressão poética) criação artística como um dos meios e linguagem para expressão dessa interioridade. Compreende-se *a educação como uma prática por excelência de subjetividades e, nessa condição, agenciadora de uma inserção dos indivíduos numa narrativa espaço-temporal determinada* (CARVALHO, 1997: 272).

A consciência do sujeito que não se fecha sobre si mesma mas, ao abrir-se a si mesma, abre-se para o mundo, comunicando suas experiências individuais com base na reciprocidade. Nestas experiências do Sujeito com o Outro é que urdimos a trama da intersubjetividade que dá sentido ao mundo vivido, pois, é o campo das interações comunicativas por excelência. A intersubjetividade se opõe aos subjetivismos individualistas, porque colabora com a constituição do sentido pleno da experiência humana.

A estratégia central dessa proposta é a criação de pontes capazes de interligar a subjetividade e a objetividade, a partir da relação entre os sujeitos com o seu ambiente natural e construído, no sentido de favorecer uma expansão da percepção humana em relação ao universo sensível e suas maneiras de estar e pertencer ao mundo, suscitando interações mais harmônicas entre ecologia, educação e cultura. A expressão simbólica desempenha um papel de muita relevância na auto-co-formação em Educação Ambiental e pode vir a ser um poderoso instrumento na formação do educador ambiental, e na construção do *sujeito ecológico* (CARVALHO, 2004).

Para alcançar tal objetivo é preciso estabelecer uma dialógica entre o pensamento simbólico-reflexivo e a ação concreta de transformar o mundo. Estes diálogos são imprescindíveis para uma compreensão ampliada, construída a partir dos eixos cognitivos transdisciplinares.

1.1.3 Os desdobramentos do tema

Com o desenvolvimento e a evolução experimentada por diversas culturas, sobretudo, as do tipo ocidental, a ânsia do ser humano em tornar o universo inteligível inicia as visões dicotômicas do real em um mundo cada vez mais quantificável, que pode ser expresso mediante fórmulas. Eis a marca registrada da racionalidade instrumental. Seus princípios de ordem, medida, cálculo, redução e separação fizeram eco em diversas

áreas do conhecimento. Em *Um discurso sobre as ciências*, Sousa Santos nos apresenta uma leitura que situa as dramáticas características do paradigma moderno, do qual, ainda, todos somos *produtos*.

Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade. O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois, poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. (SOUSA SANTOS, 2004: 27-28)

Assim, na modernidade, o viver passou a ser mais mecanizado, distanciando o ser humano de algumas dimensões necessárias à construção de conhecimento, e priorizando apenas o cognitivo, em detrimento dos recursos sensíveis. A singularidade e tudo o que a constitui passa a não ser considerada, sendo alijada destes processos, aprofundando a visão fragmentada e fragmentante da vida. A forma como se conhece determina o modo de se viver. Estamos diante de uma crise de percepção, afetando a nossa visão; *vivemos mais que uma crise de conhecimento*, alerta Assmann. A cultura na qual vivemos abre e fecha *janelas* pelas quais vemos o mundo:

(...) Ela nos leva a vermos certos aspectos da realidade e a não vermos outros; mais ainda, leva-nos a não perceber que não vemos estes outros aspectos. Como não temos consciência de que não vemos um determinado aspecto ou parte da realidade, cremos que o que vemos é toda realidade ou toda verdade. (ASSMANN, 2000: 79).

Este autor, também, aponta que um impacto provocado pelas novas teorias científicas foi a percepção de que os sistemas, incluindo os sociais, não podem ser entendidos pelo modo clássico da divisão das partes. O que nos interessa, em especial, no contexto que pinçamos da ciência moderna, é dizer que ela é uma das muitas formas de explicação da realidade. E que existem outras maneiras de nos relacionarmos com o conhecimento, e compreender a realidade, a exemplo da arte, da poesia, dentre outras.

Entretanto, vivemos historicamente separados de nós mesmos e dos outros, por força das viseiras da racionalidade instrumental da modernidade, estabelecida e confirmada pela ciência e pelo capitalismo. O determinismo dos padrões universais de racionalidade tem contribuído na distinção de apenas dois níveis de realidade, provocando uma maneira dualista de perceber, implicando no modo como nos relacionamos com o mundo, e causando desdobramentos que afetam e fragilizam a educação do ser humano. Deste modo, fomos aprendendo a ver a realidade como algo

constituído por partes que se justapõem, cada uma exercendo uma função dentro do todo. Não aprendemos a ver as relações de interdependência, uma dificuldade que temos carregado vida a fora em diversos campos da experiência humana, sobretudo, em nossa forma de lidar com o conhecimento nas culturas ocidentais. Edgar Morin, analisando a relação entre cultura e conhecimento nos diz que:

se a cultura abrange um conhecimento coletivo, acumulado na memória social, se implica princípios, modelos, esquemas do conhecimento, se ela gera ideologia (filosofia), se a linguagem e o mito são elementos constituintes da cultura, então a cultura não contém somente uma dimensão cognitiva; ela é um instrumento cognitivo, cuja prática é de natureza cognitiva...uma cultura abre e fecha as possibilidades bioantropológicas do conhecimento. Ela abre e atualiza à medida que põe à disposição dos indivíduos o seu conhecimento acumulado, sua linguagem, seus paradigmas, sua lógica, seus esquemas, seus métodos de aprendizado, de pesquisa, de verificação e assim por diante; simultaneamente entretanto ela fecha e dificulta essas possibilidades através das suas normas, regras, proibições, tabus, seu etnocentrismo, sua auto-estilização, seu não conhecimento de que nada sabe. Também neste caso, aquilo que o conhecimento possibilita é ao mesmo tempo aquilo que o inibe (MORIN, 2000: 78-79).

Devemos considerar bem a nossa marca cultural. Ela está no centro das nossas buscas. Com esta pesquisa tentamos fazer um trabalho de integração, de compreensão, de comunhão de sentido, inserido no nosso cotidiano marcado pela cultura, especialmente em nossa relação com as questões ambientais.

A Educação Ambiental é considerada um precioso instrumento para a sensibilização e conscientização do sujeito sobre a problemática ambiental que afeta todo planeta, pois, traz em seu bojo discussões sobre a realidade vivida e pode desvelar a poética contida no cotidiano. É na vida cotidiana que as ações e interações adquirem sentido, pois a condição humana passa inevitavelmente por ela. O conhecimento da vida cotidiana é um campo cheio de possibilidades, ainda, pouco reconhecido. É dentro deste campo onde as tradições sempre estiveram presentes, que evidenciamos diferentes níveis de realidade. A Educação Ambiental trabalha com diversos tipos de conhecimento a partir de uma abordagem transdisciplinar. Deste modo, a transdisciplinaridade como um campo epistemológico vasto, leva em conta um diálogo entre as ciências, as artes e as tradições cultivadas no cotidiano. Além de instaurar um processo educativo orgânico que considera o simbólico, o sagrado, o mitológico e o imaginário, como fundamentos da formação humana.

Contudo, nossa maior dificuldade tem sido passar da teoria à prática. Como criar as condições para a compreensão das questões ambientais e dar sustentabilidade às

práticas educativas? Uma vez que fomos tão modelados por padrões de segurança impostos pelo positivismo. Por acreditar que a arte é capaz de tocar dimensões do humano que dificilmente são alcançadas por outras áreas do conhecimento, buscamos um processo de articulação entre as linguagens artísticas e educação ambiental como contribuição para a formação de educadores ambientais.

Entendemos que a Educação Ambiental tem como um dos seus eixos primordiais o estudo das relações dos seres com seu meio ambiente e busca, acima de tudo, a solidariedade, a ética com estética, a igualdade e o respeito à diferença, por meio de práticas interativas e dialógicas. Traz em primeiro plano, caminhos de organizações simbólicas e de sentido, com a função de pensar o real e de criar novas atitudes e comportamentos, diante do consumismo na nossa sociedade, e de estimular a mudança de valores individuais e coletivos. A subjetividade tem um papel irreduzível, e nessa perspectiva acrescenta nuances problematizadoras e dialógicas na formação em educação ambiental. Assim como a percepção do ser-pertencente a uma coletividade - como sujeito pensante, desejante e atuante em sua realidade. Os processos de subjetivação cooperam com a emergência e revitalização da noção de *autos* baseada em Morin e Ardoino e a noção de *autopoiesis* dos biólogos Maturana e Varela.

Precisamos, então, de olhares que tratem de modo complexo a subjetividade, não apenas em torno da subjetividade individual, bem como, da subjetividade social. Este último alcança maior sentido quando *a noção de consciência e de sujeito deixar de ser um racionalista da modernidade para fundir-se com a noção de dinâmicas do desejo, ativas por interfaces comunicativas* (ASSMANN, 2000: 162). Olhares mais que necessários, diríamos essenciais, para fundamentar as perspectivas que a pesquisa aponta no sentido de investir em uma formação orgânica dos educadores ambientais. Implicando *o elogio de uma subjetividade que quer se constituir livre do sistema social estabelecido, visto como normatizador e disciplinar, está em sintonia com a celebração do natural e do instintivo como reservas de liberdade e autenticidade* (CARVALHO, 1997: 274).

Para Mance (1994) em toda práxis existem dimensões estética e cognitiva articuladas a uma dimensão de ação prática. Segundo ele, é essencial que esta práxis promova um processo de subjetivação das pessoas, onde sejam resgatadas as sensibilidades mutiladas sob os códigos culturais opressivos - opressores. Em seu pensamento o resgate das sensibilidades necessita de processos intersubjetivos em que diversas facetas da subjetividade modeladas sob os códigos dominantes possam emergir de maneira criativa, autêntica, rompendo com padrões determinados pelo capitalismo.

A expressão subjetiva que se procura resgatar, a partir da singularidade dos sujeitos, é a que contribua para re-pensar de forma abrangente, a concepção de sociedades complexas e muito dos conceitos como o de qualidade de vida, de identidade social, cidadania, educação, formação, espaço educativo, dentre outros. O ponto de fuga que apresentamos, resulta na perspectiva de um olhar multirreferencial. Ressaltando-se que esta considera a sociedade atual em suas formas complexas, diversas e plurais, e a partir dessa consideração reconhece a necessidade da multiplicidade de linguagens. A multirreferencialidade *constitui o apelo deliberativo através da pluralidade de olhares e de linguagens, reconhecidos como necessários à compreensão dessa suposta complexidade* (ARDOINO, 1998: 41).

Para fundamentar a conexão mencionada acima, temos a Declaração transdisciplinar de Zurique que enfatiza a criação e a experiência artística como uma instância da integração transdisciplinar, capaz de engajar funções sensoriais, cognitivas, emocionais e lógicas. A transdisciplinaridade favorece novos tipos de conhecimento, e proporciona novas e necessárias percepções a respeito da relação entre o real e o imaginário (2000: 2).

Desde a década de 70 os artistas já estavam engajados na questão ambiental. O *Movimento Artistas Pela Natureza* - MAPN, lançado oficialmente em 1987, criado por Bené Fonteles desde a sua fundação tem implementado projetos de conscientização ecológica e educação ambiental por meio da arte. A proposta do movimento é uma nova dimensão para as ações ecológicas, ao inspirar práticas cooperativas, solidárias, responsáveis e inventivas para perpetuar e re-criar a Vida na Terra.

Um dos projetos de destaque do movimento foi o *Caminho das águas* em 1999 e 2000 que teve como objetivo realizar uma convivência entre educadores do Vale do São Francisco com artistas plásticos, contadores de história, educadores de outras regiões, escritores, ecologistas, antropólogos, fotógrafos e outros profissionais da saúde e meio ambiente.

Este encontro buscava a troca de experiência dos participantes através da execução de oficinas vivenciais para o público de professores de 1º grau, bem como para outros grupos atuantes em campanhas educativas já existentes no Vale do Rio São Francisco nas áreas de saúde, meio ambiente e cultura. Deste processo surgiram produtos culturais tais como: livros, vídeo, catálogos de fotografias e mural bordado pelas mulheres e crianças barranqueiras e diversos relatos da experiência. O projeto pedagógico proposto pelo *Caminho das águas* também revelou a importante contribuição

da arte no despertar da consciência ecológica das pessoas e de cada comunidade da nascente à foz do Velho Chico.

Por acreditar na potencialidade dos recursos da sensibilidade nos processos de educação ambiental, retomei aspectos já observados em trabalho que realizei junto à algumas instituições do DF. Tais aspectos baseiam-se na experimentação artística e no seu potencial para integrar as outras dimensões necessárias à formação do educador ambiental, considerando as orientações do ideal de sujeito ecológico (CARVALHO, 2004). É uma proposta que desafia o fato de sermos conformados na certeza, trazendo experiências investigativas por meio das poéticas que nos estimulam à incerteza. Como possibilidade de um trânsito da modernidade para a compreensão da necessidade de adentrar a pós-modernidade. Não se trata de contrastar estes dois modelos, mas, buscar o que há de dialógico entre eles.

Esta pesquisa também é fruto das interações tecidas, mediante participação na pesquisa de campo da tese de doutorado de Dulce Schunck, na qual foi possível aprofundar experiências na prática pedagógica, destacadamente na relação entre Arte e Educação Ambiental. Para investigar as questões propostas, bem como, construir o caminho para a capilarização da pesquisa em espaços educativos distintos, foi fundamental seguir a trilha aberta pela pesquisa de doutorado de Dulce Schunck, intitulada *Arte e Natureza: uma experiência de sensibilização por meio da Arte*.

Esta referência veio compor o tom que faltava, aprofundar a reflexão sobre os sentidos produzidos, em meio a dores e prazeres, tão naturais em qualquer processo educativo e, ainda, mediante a constante observação dos discursos dentro do movimento ambientalista, de que o verde é a cor a ser preservada, possibilitou-me a percepção dos múltiplos matizes coloridos da educação ambiental. O “vir a ser multicolor” significa ver o que há entre, através e além do verde. Também, as freqüentes discussões em torno de problemas ambientais trouxeram a possibilidade de aprender a problematizar e religar, em vez de somente problematizar e não solucionar. Compreendemos que as noções de religação e problematização são indissociáveis.

Situamos as linguagens artísticas como referência para problematizar a compreensão da complexidade no campo da pesquisa, pois, promove diálogos decodificadores que mobilizam a percepção e a análise dos aspectos reveladores da cegueira paradigmática que restringe a atuação do sujeito à racionalidade técnica, no intuito de problematizar novos olhares sobre as relações educativas. O que queremos é produzir sentido vivido, e não somente pensado, sobre os complexos processos

humanos, dialogando as questões que nos atravessam, implicadas na maneira que nos relacionamos e percebemos as questões ambientais.

1.1.4 Sobre questões e objetivos

*Que Deus nos proteja
De uma só visão e do sono de Newton!*
William Blake - 1966

Neste trabalho buscamos experimentar e refletir sobre algumas expressões criativas como contribuição fundamental para a prática do educador ambiental, por meio da pesquisa sobre questões essenciais, quais sejam:

- Qual a contribuição da linguagem poética na formação do sujeito ecológico no educador ambiental?
- Como podem a sensibilidade, a expressão criativa e os processos de simbolização dar sustentabilidade e enraizamento nos processos de educação ambiental?

A partir destas questões estamos empenhados em produzir conhecimento sobre a formação do educador ambiental, a partir de abordagens que têm como base a sensibilidade, as poéticas artísticas e processos simbólicos capazes de articular diferentes níveis de percepção sobre a realidade. Este é o nosso objetivo principal.

Temos como objetivos específicos: investigar o papel das linguagens poéticas: artes visuais, poesia, literatura, cultura popular; e dos processos simbólicos na formação integral do sujeito ecológico no educador ambiental; contribuir com inovações metodológicas no processo da educação ambiental a partir da construção de interações entre a arte, cultura e meio ambiente.

As poéticas significam as linguagens artísticas escolhidas para realizarmos a experiência e fazer emergir as qualidades subjetivas das nossas vivências. O que significa uma busca das linguagens que sejam *evocativas, metafóricas, figurativas, conotativas, poéticas* e por que não *divertidas* (DIAMOND e MULLEN, 2004: 77).

Experiências em linguagem visual nos permite aproximações: *o aspecto íntimo de revelações na primeira pessoa* e perspectivas de longo alcance: *o afastamento da reflexão na terceira pessoa* (op cit: 86). Porque entendemos que as imagens são mais provocativas do que as palavras, em alguns contextos de pesquisa. Em nosso caso particular, a linguagem visual nas formas de desenhos, pinturas, colagens e fotografia,

soma-se aos outros recursos sensíveis na pesquisa, como busca meditativa dos temas culturais e ecológicos.

Na literatura encontramos um campo aberto ao conhecimento das múltiplas dimensões humanas, como nos sinaliza Morin (2001) na medida em que ela considera os indivíduos inseridos em um meio, uma sociedade, uma história pessoal. Ela trata os seres enquanto sujeitos com suas paixões, seus sentimentos, seus amores. E, estas coisas podem nos endereçar ao singular, ao concreto dos indivíduos, que um dia foram apagadas.

Outro imperativo a ser considerado na pesquisa, é o potencial da poesia para fecundar nossa abordagem. Aprendemos com Severino que *a convivência com a poesia vivifica o intelecto, motiva a aventura intelectual, chama a pensar e a viver* (2002: 78). Ela torna inevitável o reconhecimento de que textos e contextos em construção intersubjetiva são desafios à linearidade e receitas. Pois, abriga os princípios da criação.

Enfim, as expressões trazidas pelos participantes, sejam em suas formas mais individualizadas ou as ditas cultura popular, construídas a partir dos referenciais regionais de cada um, compõem as poéticas que tomamos na experiência.

1.1.5 As Fontes

Por considerarmos a perspectiva de múltiplas dimensões na construção do conhecimento, as fontes que compõem as referências teóricas fluem das contribuições de alguns autores, que serão organizadas conforme as principais características da pesquisa.

Um afluente importante da pesquisa é o seu caráter filosófico, por mediar as reflexões do campo artístico com os outros campos presentes, compondo um percurso que nos traga *o reencantamento do humano*, segundo Nancy Mangabeira Unger.

A abordagem transdisciplinar, desenvolvida por Nicolescu, que valoriza o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade, do corpo e das emoções como capazes de produzir um emoção que reconhece a estética como um legítimo recurso cognitivo. Essa perspectiva metodológica endossa outras formas do saber e pode abrir um caminho em direção à educação integral do ser humano, e a construção de um conhecimento comprometido com o *religare* do sujeito com o seu ambiente e sua ontogênese.

A valorização da sensibilidade como conhecimento, que mobiliza seus recursos na relativização das nossas capacidades racionais, estando estas acompanhadas da

valorização das nossas experiências sensitivas, propostas por Assmann, Barbier e Maffesoli.

A noção de *autos* baseada em Morin e Ardoino e a noção de *autopoiesis* dos biólogos Maturana e Varela, que suscita o conceito de autos. São registros diferentes, mas pertencem a uma mesma matriz epistemológica.

A abordagem multirreferencial dos acontecimentos, das situações e das práticas individuais e coletivas, bem como, o processo de autorização – tornar-se seu próprio autor, segundo Jacques Ardoino.

Para tratar da importância da subjetividade neste processo conjugaremos os olhares de Felix Guattari e Fernando Rey, que revelam pontos interessantes sobre a subjetividade tanto em sua complexidade como em sua diversidade de formas.

A imaginação simbólica a partir dos elementos - Água, Terra, Fogo e Ar - de Gaston Bachelard, que propõe uma epistemologia de abertura dialógica entre razão e imaginação.

Escolhemos a abordagem sobre a arte como meio transversal apropriado para a Educação, desenvolvida por Dulce Schunck.

As contribuições sobre arte, percepção, educação estética, criatividade e sensibilidade, voltadas para a educação das autoras Ana Mae Barbosa e Fayga Ostrower. Os processos de simbolização, os grandes arquétipos e a importância do mito, na perspectiva Junguiana.

Contribuição sobre Práxis Pedagógicas em Educação Ambiental constitui outro afluente, no qual temos a transversalidade como uma abordagem metodológica que privilegia: a corporeidade, a arte, a discussão e reflexão dos temas propostos, realçando o papel da educação como nos orienta Vera Lessa Catalão.

As contribuições para a construção de projetos em Educação Ambiental, pensando a formação de um sujeito capaz de ler seu ambiente e interpretar as relações, os conflitos e os problemas presentes no seu contexto, propostas por Paulo Freire e retomadas Isabel Cristina de Moura Carvalho como contribuição para a formação do sujeito ecológico.

Estamos adotando a Pesquisa-ação Existencial fundamentada por René Barbier, como principal afluente metodológico. Esta abordagem está baseada na práxis comprometida com a espiral auto-reflexiva. Implica em uma tarefa conjunta de compreensão e decisões democráticas, na autonomia e interação dos sujeitos. Não se limita à ação pontual e visa a (re)construção do conhecimento na ação e transformação dos sujeitos de pesquisa.

Encontramos na Etnopesquisa proposta por Roberto Macedo uma contribuição importante para sistematização e análise dos dados.

O olhar de Carlos Rodrigues Brandão sobre a experiência da pesquisa, que propõe um estilo de pesquisa solidária, participante, compartilhada e vivida entre os sujeitos.

A Epistemologia Qualitativa de Fernando Rey, que nos faz interrogar os princípios, limites e possibilidades metodológicas para revitalização do campo epistemológico e como forma de superação do instrumentalismo científico.

1.1.6 Plano de capítulos

Muitas foram as possibilidades de apresentação da pesquisa, uma vez que tratamos o saber como processo de pesquisa e exercício das nossas potencialidades, e não apenas como recolhimento de informações. Assim, fiz alguns ensaios de como poderia traduzir o caminhar e o caminho.

A escolha que fiz baseia-se em fazer o referencial teórico dialogar melhor com os dados registrados. Também, em compor um percurso de pesquisa a partir dos objetivos e questões ao invés da tradicional seqüência das atividades desenvolvidas. Temos uma escrita que envolve os próprios talentos investigados. A dissertação está organizada em três partes distintas e interdependentes, configurando o todo da pesquisa.

Parte I

A formação da roda

Introdução

Inspiração e implicação: as nascentes de uma pesquisa

1 Tema e Metodologia

1.1 Apresentação do tema

1.2 Metodologia

Parte II

2 Os Matizes em diálogo

2.1 Educação Ambiental e Ecologia Humana

2.2 Arte e Educação

Parte III

3 A ciranda se vê: análise de um processo formativo

3.1 Registros coletivos

- 3.1.1 Diário Coletivo como diário comentado
- 3.1.2 Portfolio como diário elaborado

- 3.2 Espaços de convivialidade e expressões criativas
 - 3.2.1 Expressões simbólicas dos participantes
 - 3.2.2 Roda de conversa
- 4 O giro recursivo

1.2 METODOLOGIA

1.2.1 A Trajetória como Método

Essa pesquisa nasceu e se desenvolveu na Escola da Natureza, sua história se confunde com os processos de formação nela realizados. Tenho neste texto o desafio de apresentar o processo do Curso Educação Ambiental e Práxis Pedagógica, que teve a duração de 90hs e foi realizado no primeiro semestre de 2007. Esta formação foi concebida e planejada coletivamente pela equipe, da qual participaram: Ednéa Sanches (Artes Cênicas), Elza Cristina de Azevedo Ribeiro (Economia Doméstica – Ciências Físicas e Biológicas), Ludmila Maria Lima (História), Rosana Gonçalves da Silva (Artes Plásticas), Ronaldo de Moraes Antunes (História), Rômulo Andrade (Artes Plásticas) e Vanusa Cruz de Freitas (Biologia). Todos professores da escola e responsáveis pelas abordagens metodológicas, em especial a ecopedagogia.

A equipe se fez valer de toda a sua experiência, são anos de dedicação e vivência ecopedagógica. Mas, desenvolver coletivamente uma formação nos trouxe o exercício criativo das nossas potencialidades, favorecendo um ambiente de auto-co-formação. Antes do planejamento nos dedicávamos ao estudo e reflexão dos temas escolhidos. Havia sempre a leitura de poemas e outros textos poéticos, como via de abertura da nossa sensibilidade, e deste aspecto o Rômulo Andrade não abria mão. Também, reconhecíamos a necessidade de sermos os primeiros a nos encantar, pois, seriam dias e dias de escuta sensível, abertura e tolerância às idéias uns dos outros. Como o humano habita o humano, era comum surgirem as tensões e os conflitos de interesses e desejos. Nada que não fosse dissolvido com uma boa música ou um belo poema e um longo abraço.

Contudo, houve oportunidade nessa caminhada intersubjetiva para as singularidades. Assim, conseguíamos driblar as diferenças e acolher as contribuições, construindo não só a formação mas, sobretudo, um aprendizado individual e coletivo pautado em gestos de superação e solidariedade. Compartilhei com os meus companheiros de trabalho todas as minhas contribuições, a partir da formação que tinha criado para realizar no mestrado. Uma vez que estava tão implicada nessa nova caminhada, era impossível dividir minhas energias. Mais do que nunca estar inteira, para não perder o fio, o foco, a força!

Depois de muitas negociações entre nós, o projeto da formação recebeu o nome de Estação Arvorescer - uma *Ecopedagogia dos Cerrados* (Rômulo Andrade). A palavra estação, no momento que foi pronunciada por Rômulo, me fez chamar a atenção de todos sobre o trabalho de Dulce Schunck. Pois, das suas nove estações quase todos fomos viajantes. É natural o apelo nostálgico diante da palavra estação, creio que simbolicamente ela nos uniu, ainda mais, em nossos esforços.

Após a apreciação e aprovação do nome do curso, pelo grupo, demos continuidade ao trabalho mais sistemático. O objetivo que definimos foi o de contribuir com a formação do educador ambiental, favorecendo a construção de novas possibilidades educativas. Assim, respeitando os espaços formais e não-formais, nos quais a Educação Ambiental favorecesse a relação entre a escola, a comunidade, instituições e ONGs no trato com as questões sociais e ambientais, ampliando o debate em torno da transformação da ação pedagógica.

Para tanto, a metodologia adotada foi a Ecopedagogia, que tem por finalidade reeducar o olhar das pessoas, isto é, desenvolver a atitude de observar o cotidiano, estimulando a adoção de valores e hábitos saudáveis. Ela desenvolve a capacidade de encantamento, impulsionando o resgate da solidariedade, do lúdico e da relação entre diversos tipos de saberes e fazeres. Implica, ainda, numa mudança de mentalidade em relação à qualidade de vida e ao meio ambiente, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com nós mesmos, com os outros e com a natureza.

Foram desenvolvidas oficinas ecopedagógicas, considerando que estas buscam alargar o conhecimento pela proposição de um tema, que ao ser trabalhada pedagogicamente, intercambia com o conhecimento, os sentimentos e as experiências dos participantes, propiciando a ampliação, a síntese e o enraizamento do conhecimento proposto⁸. O grande desafio que nos moveu foi criar espaços nos quais a teoria e a

⁸ Adaptação do texto de documentos do Centro de Referência em Educação Integral e Ambiental – CREIA – Brasília

prática se integrassem. O que nos levou ao movimento da forma e da ação, incentivando iniciativas de criação, produção, registro e intervenção compartilhada em projetos ambientais. Identificando no cotidiano o uso de gestos, dos sons, das produções visuais e das palavras que expressam idéias, emoções, valores.

Neste movimento refletimos sobre o consumismo e produção dos resíduos sólidos a partir dos critérios da sustentabilidade. O estímulo à relação de respeito, compromisso e reciprocidade no ambiente de trabalho, reconhecendo nessa prática o desenvolvimento da solidariedade. Enfim, construir estratégias para troca de experiências com outros grupos organizados em torno dos temas tratados pelo curso. Os temas abordados foram amplamente discutidos, na tentativa de alcançarmos coerência com os debates nos lócus dos participantes, e foram assim definidos:

- Educação ambiental; conceitos, princípios e objetivos.
- Sociedade e consumo.
- Sociedade solidária.
- Diversidade cultural.
- Identidade cultural.
- Arte como testemunho de uma nova cultura e nova consciência.

Adotamos, ainda, como instrumento de avaliação o Portfolio. Cada participante era responsável pela elaboração e implementação de uma ação em seu ambiente de atuação.

Os roteiros da *Estação Arvorescer* foram pensados como se fossem jardins a nos convidar para um eterno florescer. Os primeiros encontros em todos os jardins iniciavam com algum texto ou frase, que levasse o participante a uma interação com o estado poético da oficina. Encontramos inspiração em Rubem Alves, realizando seu sonho de jardineiro...

(...) o ato de plantar uma árvore é um anúncio de esperança. Especialmente se for uma árvore de crescimento lento. E isso porque, sendo lento o seu crescimento, eu a plantarei sabendo que nem vou comer dos seus frutos e nem vou me assentar à sua sombra (...) Eu a plantarei pensando naqueles que comerão dos seus frutos e se assentarão à sua sombra. E isso bastará para me trazer felicidade! (...) O jardim é um agrado no corpo. Nele a natureza se revela amante (...) E como é bom! (...) Queria o jardim dos meus sonhos, aquele que existia dentro de mim como saudade. O que eu buscava não era a estética dos espaços de fora; era a poética dos espaços de dentro. Eu queria fazer ressuscitar o encanto de jardins passados, de felicidades perdidas, de alegrias já idas. (2003: 67)

Um suspiro diante dessa imagem, presente no imaginário do ser humano e necessário a sua re-criação do cotidiano. As oficinas foram planejadas considerando, também, o curso Água como Matriz Ecopedagógica, sua metodologia que privilegia: a corporeidade, a arte, a discussão e reflexão dos temas propostos. Quanto a forma das pautas, observamos a forte influência dos PCNs Meio Ambiente na Escola. Essas duas referências apontam para a transversalidade, sendo assim, cada formador realizou junto às suas turmas as mudanças necessárias.

1.2.2 A arte da Pesquisa-ação existencial e suas alianças

Foi na experiência coletiva vivida na Escola da Natureza que nasceu a minha opção pela Pesquisa-ação existencial. A trajetória formativa apresentada no trecho anterior, inspirou meu método de trabalho. Nas experiências de construção coletiva das ações da Escola haviam aspectos relevantes do pesquisador coletivo. Cada proposta tornava-se uma ação concreta após um percurso de muitas indagações e reflexões, que o grupo convergia em metodologias formativas em Educação Ambiental. Foi no processo intersubjetivo com os meus colegas de trabalho, na potencialização do grupo como *pesquisador coletivo*, que entendi esta noção.

Assim, a pesquisa-ação abre caminhos para abordagens metodológicas plurais, que favorecem o desenho de estratégias concretas de atuação em educação, que o próprio educador constrói. Propõe alianças que fortalecem o pensar junto e a leitura de mundo como prática da realidade, que implica em reconhecer nosso lugar no contexto coletivo.

A pesquisa-ação que, segundo René Barbier (2002), implica uma reflexão permanente sobre a ação, pertence por excelência à categoria da formação, a um processo de criação de formas simbólicas interiorizadas, estimulado pelo sentido do desenvolvimento do potencial humano. Ela oferece um quadro teórico, epistemológico e metodológico articulado e consistente, mostrando que é possível aprender e conhecer enquanto transformamos e transformar enquanto conhecemos, movimento dialógico que reúne forma e conteúdo, tendo como foco o processo.

No campo dos conhecimentos humanos, a Pesquisa-ação existencial como abordagem metodológica significa a revitalização do papel da sensibilidade na construção do conhecimento. Esta abordagem de pesquisa rompe com a dicotomia sujeito/objeto na investigação dos fenômenos. Quebra com a imparcialidade no percurso da pesquisa, pois, o observador no ato de observar já está intervindo.

Esta abordagem metodológica fertiliza-se na transversalidade, que sinaliza a autoria, a inventividade e a autonomia nos processos educativos, pois, privilegia a corporeidade, a arte, a discussão e reflexão dos temas propostos na perspectiva de uma educação integral.

Como formadora atuei em duas turmas de março a junho de 2007, com um grupo de 39 educadores. Esta experiência, que já foi descrita, passou a fazer parte da pesquisa, quando nos demos conta de que eu já estava realizando o trabalho de campo, por meio dela. Uma turma em especial, vinha comungando os objetivos e questões propostas pela Ciranda Multicolor. Esta turma autodenominou-se Turma “C”er. Ao final dos encontros, desde o primeiro dia da formação, era uma dificuldade a despedida. Sempre comentava com meus colegas de trabalho: “eles não vão embora”.

Com o passar do tempo, percebi a sinergia e sincronia que permeava as nossas relações. Fiz um pequeno exercício de análise dos dados, o que me permitiu perceber núcleos de sentidos e o surgimento de categorias como o símbolo, a intuição, os sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição), a emoção e outras complexidades humanas. Não tive dúvidas em convidá-los para a etapa seguinte que se constituiu na continuidade da formação e na configuração do Pesquisador Coletivo como estratégia metodológica na pesquisa-ação. A etapa seguinte foi um processo mais diretamente implicado na arte, que contou com a participação de artistas, educadores e ambientalistas.

1.2.3 Estratégias Metodológicas - Pesquisador Coletivo, a escuta sensível e a observação participante existencial

Uma das minhas ansiedades na pesquisa, sem dúvida, foi dar rosto aos companheiros de trabalho. Fiquei várias noites, tentando imaginar: quem atenderá ao convite? Qualquer que seja a causa, reunir as pessoas é uma ação que congrega no mínimo confiança e reciprocidade. Constituir o grupo de pesquisa para mim significou um momento de rara beleza, que só pode ser expresso mediante uma postura que se abriga no querer sincero do sujeito, que está aberto a uma atitude de partilha solidária.

Reconhecer-se pesquisador coletivo implica em autorizar-se. Uma participação efetiva que se torna possível na medida em que os participantes chamam para si o sentido praxiológico da pesquisa.

Para compor o pesquisador coletivo e formalizar o nosso compromisso enviei uma carta-convite e atenderam a este chamado os participantes aqui identificados e suas áreas de atuação: Zélia Aparecida de Souza (Química, Tecnóloga em Saneamento,

Educação ambiental no saneamento - Companhia de Saneamento Ambiental do DF), Andréia Alves Barbosa Dias (Pedagogia, Professora da SE/DF), Marilândia Castro Silva (Pedagogia, atua na Educação Inclusiva - Professora SE/DF), Rosemary S. C. Louzada (Designer ambiental, membro de ONG), Joema Semereme Costa (Biologia, atua como voluntária na causa do bem estar animal), Aristóteles Rodrigues de Araújo (Pedagogia, servidor público da PGR, atua na Seção de Gestão de Meio ambiente), Vilma Campos da Silva (Pedagogia, Professora SE/DF).

Para Barbier o pesquisador coletivo é um modo de organização do trabalho que busca assegurar a maior participação do grupo envolvido na construção coletiva do processo de pesquisa e na sua continuidade. Na Ciranda Multicor a contribuição singular de cada pesquisador coletivo fez com que o objeto fosse co-abordado. O nosso interesse pelas questões ambientais e pelos processos criativos conjugaram uma idéia força que nos reuniu.

Os sinais de que o grupo se esforçou para compreender o significado do pesquisador coletivo foi quase que imediato. Haja vista que os participantes assumiram-se como os *Cirandeiros* da pesquisa. Desde o primeiro dia em que voltamos a nos reunir e assumimos este compromisso a troca de mensagens, estimulando uns aos outros a prosseguir, foi constante. Em uma delas o colega expressou 'dê o melhor de si'. Foi com este espírito de doação, que a proposta inicial do curso recebeu as primeiras alterações e passou a ser uma prática entre os participantes. Textos selecionados a partir das questões de pesquisa eram compartilhados pelo grupo, como sugestão para a nossa auto-co-formação.

Uma atividade importante era tomar para si o registro no caderno coletivo, que era manifestada com bom ânimo, às vezes acompanhado de uma cara de surpresa por ter que partilhar sua observação e se colocar mais reflexivamente no processo.

A socialização de eventos vinha na forma de convite para uma convivência na qual o grupo pudesse construir elos mais fortes, e se apropriasse dos ambientes formadores, além dos habitualmente propostos na pesquisa.

Para sustentar as atividades, eu criei alguns produtos e todos os participantes se prontificaram em colaborar, adquirindo para si e divulgando para os amigos e familiares. Foi assim que realizamos uma saída de campo a um Sítio Arqueológico e uma pequena parte foi revertida para a realização da Oficina Pinhole.

O transporte solidário foi ativado diversas vezes, e era feito com naturalidade porque já era uma prática dos participantes. Eles já entraram no grupo com esta atitude bem internalizada.

O nosso companheiro Aristóteles criou um grupo para intensificar as trocas, como mais um espaço que pudesse se tornar um ambiente de criação poética, mesmo que virtual. Infelizmente não houve adesão, o espaço ficou subutilizado. Limitado a participação restrita de três colegas a iniciativa não prosperou.

Na maioria das tarefas o pesquisador se empenhava ao máximo, driblando as dificuldades cotidianas em atender o compromisso, uma demonstração de engajamento e assunção de responsabilidade. Eu entendo que limitações surgem em qualquer tipo de pesquisa, por isso, acolhi com respeito tanto as manifestações de cuidado com o trabalho coletivo quanto as dificuldades apresentadas individualmente. Os obstáculos encontrados pelo caminho nos revelaram oportunidade de crescimento.

Na interação dos interesses individuais com os interesses comuns, percebi o forte desejo no grupo de experimentar uma co-formação em EA, em que os participantes foram os sujeitos do processo e tiveram espaço para uma prática reflexiva.

Neste processo coletivo de pesquisa trabalhamos em espaços educativos diversificados por meio da estimulação do sensível, evocando a força integradora da sensibilidade na perspectiva das conjunções, que há muito foram separadas.

Mobilizar os pares complementares interno-externo, eu-outro, singular-coletivo, subjetivo-objetivo, sensibilidade-rigor, dentre outros a serem acordados pelo grupo-sujeito. Propomos um ambiente de aprendizagem orgânica, como processo orientador do movimento das relações entre fazer arte e fazer educação. Neste movimento, procurávamos fazer emergir as expressões integradas capazes de revelar as relações de complementaridade propostas, permitindo vislumbrar e ultrapassar os limites explicativos do paradigma cartesiano que ainda imperam na produção de conhecimento. Para esta travessia contamos com a emergência dos sentidos, enquanto sensibilidade, sentido e direção:

Com os sentidos recuperamos o significado, incorporamos a direção e evocamos os sentimentos nos pequenos gestos da vida cotidiana. A corporeidade como unidade perceptiva funciona como instrumento afinado de leitura do mundo que nos permite estar de forma congruente e inteira no ato existencial. O corpo guarda a memória da ação, é possível que a sustentabilidade do conhecimento dependa do registro corpóreo. Os sentidos despertos nos devolvem a vida cotidiana como uma aventura única possível de ser impregnada de sentido - valor e significado. Para transformar a cultura de consumo em cultura de cuidado o ser humano precisa voltar-se sobre si mesmo e afinar os sentidos. (CATALÃO, 2005:8)

A percepção dessas relações possibilita o que entendo como recursividade no sentido dado por Morin: um exercício dentro de outro, ou seja, uma aprendizagem a ser

construída, pois requer tanto a trans-formação do olhar sobre o vivido quanto a assunção de uma postura que acolha a incompletude dos processos educativos.

Explorar a potencialidade da sensibilidade e das linguagens artísticas para a educação ambiental a partir da experiência coletiva é o eixo articulador dos objetivos e metodologias da pesquisa. Situamos a escuta sensível neste processo como o cultivo do espírito contemplativo para a audição compartilhada do que está para nascer. Em essência significa uma nova escuta poética, abrindo-se a um pensamento que seja criativo fertilizado por uma sensibilidade singular e multiforme. Esta metodologia busca reconhecer e valorizar o papel do reconhecimento do sujeito por se tratar de uma pesquisa-formação, articulando autoformação, heteroformação e ecoformação.

A convivência com o grupo e a conquista da confiança foram as chaves que me abriram as portas para a pesquisa. Como bem coloca Barbier *cada situação é singular e não-reprodutível* (2002:131). Deste modo fiquei atenta a todos os espaços que me favorecessem a observação e que permitissem acesso ao imaginário do grupo participante. A observação participante existencial é uma via de múltiplas possibilidades, pois, é dialógica e dialética simultaneamente. Estabelece um olhar que nos faz ver o interno, sendo mobilizado pelos eventos externos e ao mesmo tempo intervindo nestes eventos de forma única entre-tecida pela multiplicidade de formas. O que caracteriza o sujeito da ação como um ser implicado no processo co-construído e co-abordado.

Identifico-me com a observação participante existencial. Esta estratégia ajuda a localizar e a esclarecer a pessoa em relação à sua atuação. Este modo de participação na produção de conhecimento indica inovações de forma e de elaboração de roteiros narrativos do eu. Trata-se da elaboração de roteiros assumidamente autopoéticos, considerando os lugares em que o objeto do nosso estudo é co-formado e dentro dos quais circula.

Descobri que ao observar, lembrar e reordenar os pormenores das vivências de um passado próximo, poderia criar significados e que estes estivessem de acordo como leitura da minha condição presente. A consciência reflexiva permite entendimento de que os acontecimentos não tem significado em si mesmos, mas contextualizado nas experiências vividas. Voltar à experiência mostra que os registros ou acontecimentos, podem ser lidos a partir de diferentes perspectivas.

A observação participante existencial nos libertar de formas de controle e de interpretações do passado, que colamos a acontecimentos. É uma abertura à parceria, à colaboração e nos encaminha para uma atitude de reciprocidade na construção de novas vias interpretativas.

1.2.4 A Formação

Passarei agora ao curso *Poéticas e Educação Ambiental- Uma Ciranda Multicolor*, que foi realizado de agosto a outubro de 2007. É este processo de auto-co-formação que foi objeto da minha pesquisa compartilhada por um grupo de formadores.

E eles não foram embora. Esta é a sensação que guardo a respeito da relação que construímos ao longo de quase três meses. Foi realizado um curso de 40hs, a partir dos eixos: arte e educação, meio ambiente e a noção de cultura além da arte. Neste processo foram consideradas duas referências: a pesquisa de doutorado de Dulce Schunck, intitulada *Arte e Natureza: uma experiência de sensibilização por meio da Arte*; o trabalho de Educação Ambiental através da Arte, do Movimento Artistas pela Natureza, coordenado por Bené Fonteles.

O objetivo do curso foi trabalhar as dimensões cognitivas, estética e afetiva, como contribuição para a ampliação das percepções sobre as questões ambientais. Por essa razão, foram convidados alguns artistas, que se tornaram referências vivas do patrimônio cultural da cidade e que contribuem com a permanente reflexão sobre Brasília e o Cerrado, quais sejam: a expressão poética que constituem as obras literárias de Tetê Catalão, que tem como eixo de ligação a cidadania como marca da democratização dos espaços culturais, que nos leva a refletir sobre o sentido de pertencer a uma cidade, a uma cultura e a um grupo social.

A expressão plástica nas obras de Athos Bulcão, os caminhos percorridos pelo artista, reveladores de uma subjetividade concretizada nas diversas produções artísticas espalhadas pela cidade a nos encantar hoje e sempre, pois, a presença pulsante da sua arte interage com o imaginário do público. No conjunto da obra podemos encontrar uma fusão sincera e articulada de enunciados determinados e a necessidade íntima de estabelecer uma relação comunicativa. O resultado, representado sobretudo pelos painéis e murais é este: um construtivismo inovador, poético e genuíno.

Rômulo Andrade desenvolve uma *Ecopedagogia dos Cerrados* em seu trabalho como arte-educador, colhendo do cotidiano e retornando a ele sua singular contribuição. O artista propõe uma poética que reflete a natureza e a identidade multicultural do Brasil. Identifica-se com arte e a visão mito-poética dos ameríndios e aborígenes que remete ao mundo simbólico e o tempo primordial.

A pesquisa *Arte e Natureza: uma experiência de sensibilização por meio da Arte* de Dulce Schunck é tomada como importante estratégia deste processo de formação.

Perpassa e atravessa todas as questões propostas pela Ciranda Multicor. Pois, ela implica na interação da Arte e da Educação em um contexto de pesquisa

A presença inspiradora de Bené Fonteles, que nos chama a atenção *amar, a única coisa que é real é o amor. O resto é ilusão que a gente ta vivendo*. Transmutar e fazer seu trabalho inspirador com as pessoas, continuar e aprender ouvindo, ouvindo o outro para aprender.

Temos, ainda, um sentido de complementaridade com os olhares dos fotógrafos Gabriel Romeo e José Rosa. A abordagem sobre a mudança das lentes. Situar o sujeito que se constrói no campo, e que é um exercício diário de troca das lentes. E o designer nunca está pronto. A fotografia funciona como um portal para a construção do conhecimento, pois, seu processo é o do foco, do detalhe, da luz e da interação com o ambiente em suas relações micro e macro.

Durante o curso os encontros entre artistas e educadores foram vivenciais, mediados pela interlocução, interpretação e releitura das obras dos artistas citados, bem como, produções individuais e coletivas desenvolvidas em atividades de campo, em ambientes naturais e urbanos. A apresentação dos artistas será feita na segunda parte da dissertação, no capítulo que trata da aliança Poéticas Artísticas e Educação.

Realizamos 13 encontros, com aproximadamente 3h cada, representando simbolicamente nossa trans-formação. Alguns destes encontros foram oficinas. Em outros encontros realizamos trilhas ecológicas e urbanas. Tivemos ainda as palestras. As vivências proporcionaram uma imersão, ao mesmo tempo, que uma ressonância e uma re-elaboração de sentidos. Foram como ondas de uma energia que dissipam e permitem os atos da inter-ação, da criação e da produção.

O desejo é de que a formação do Educador Ambiental alcance a perspectiva de uma educação crítica e emancipadora, que considere a construção de saberes da cultura e do mundo vivido na prática social, a unicidade entre teoria e prática, perpassando todo o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como meio de produção de conhecimentos e intervenção na prática social, cooperando na constituição da autonomia como valor na ação coletiva.

1.2.5 Registros do Processo Formativo

Foram utilizados diversos processos metodológicos para o registro da formação, pois eles permitem recuperar a qualquer momento toda a produção de dados. É típico da pesquisa-ação esta pluralidade de registros.

Os equipamentos de gravação (gravador e filmadora) na pesquisa foram de fundamental importância. Eles captam detalhes que fogem ao nosso olhar e escapam à memória. Sua utilização facilitou a análise das conversas e torna a produção de dados independente das nossas perspectivas. O uso destes recursos favoreceu minha concentração na conversação e no registro de expressões não-verbais dos participantes.

Utilizei os instrumentos de gravação durante todo o percurso. Pois, na nossa pesquisa qualquer fala, gesto ou expressão simbólica constituem importantes aspectos a serem interpretados, que somados à fontes textuais possibilitam maior riqueza ao processo.

Os aparelhos foram introduzidos com a aprovação do pesquisador coletivo. Contudo, no último encontro um pesquisador manifestou que se sentia incomodado com as gravações. O que me surpreendeu muito, pois, observando as atividades do grupo nunca havia percebido nada.

No caso das fotografias, fomos além dos registros do trabalho. Elas foram utilizadas tanto como linguagem artística refinando o nosso olhar, quanto revelaram o mundo simbólico dos sujeitos de pesquisa e suas visões.

As Expressões simbólicas dos participantes, suas produções como desenhos, poesias, metáforas, relatos em prosa, seus mitos, a capacidade de romancear, seus sonhos e crenças, enfim a sua produção imaginária foi considerada relevante para avaliação do processo. Elas indicam como o pesquisador coletivo articula seu pensamento com sua capacidade de simbolizar e dar sentido ao seu conhecimento.

O Diário de itinerância foi pensado para esta pesquisa, mantendo a primeira fase que é o Diário-rascunho na sua forma original. Isto quer dizer a sua utilização para registrar as impressões, as percepções, os sentimentos, as reflexões sobre os temas abordados, sem as exigências formais quanto a escrita e ao que é escrito.

O Diário elaborado foi convertido para o formato de Portfolio, compondo um dos instrumentos de análise e avaliação de como a produção foi realizada ao longo do curso. O portfolio incorpora o processo educativo, pois articula narrativas visuais e intertextualidades.

A terceira fase do Diário de itinerância é o Diário comentado. Nesse caso, adotei o procedimento do Diário Coletivo. Considero que por meio dessa variação criativa da itinerância o Diário Coletivo, tornou-se um espaço educativo no qual registramos e compartilhamos visões e versões vividas em grupo. Estabeleceu entre nós o diálogo do aprender a saber-fazer a pesquisa coletivamente. Tornou-se um caminho metodológico de partilha do nosso universo simbólico, um cenário de reciprocidades.

Tivemos ainda a Roda de conversa, um procedimento didático que foi utilizado para falarmos e refletirmos sobre os temas surgidos. No início dos encontros ela serviu para reatar o fio condutor do trabalho. Quando ela acontecia no final, servia como avaliação coletiva, interativa e integrada num processo que o pesquisador coletivo refletia junto, compartilhava. Este procedimento possibilita uma percepção sistematizada de grupo e a co-construção da experiência.

Foi aplicado um questionário aberto no final da primeira formação. Porque este tipo de questionário proporciona respostas com maior profundidade e dá ao sujeito uma maior liberdade de resposta. A elaboração do questionário foi discutida com a minha orientadora. O conjunto de questões foi organizado e articulado com os objetivos da pesquisa. Foi realizado um pré-teste com os colegas da Escola da Natureza.

A Observação Participante Existencial marca a minha implicação no processo e delinea a minha participação nas atividades. Para meus registros utilizei um caderno de notas e o gravador de bolso, que passaram a me acompanhar diariamente. Os encontros com o pesquisador coletivo aconteceram em locais distintos: na Escola da Natureza, em trilhas do Cerrado, nas ruas de Brasília, espaços culturais da cidade e até na Faculdade de Educação-UnB. Que foram todos qualificados como espaços formativos em nossa pesquisa. Uma vez que, estes espaços são repletos de formas educativas, seja na estética que os permeiam pela sua potencialidade de provocar descobertas e leituras plurais, carregadas de cor, forma, cheiro e conteúdo. Seja nas características particulares de cada um, provocando interações e conexões, individuais e em grupo, culminando ora em linguagens artísticas, ora em palavra filosófica e científica.

Outro espaço interessante para observação aconteceu de modo inusitado, quando eu ganhava carona, as pessoas falavam coisas muito significativas. Eu registrava essas falas e observava que às vezes neste momento o colega ficava mais à vontade para falar. Observei que trocar e-mails contribuiu bastante, assim, abri uma pasta no computador para arquivar as mensagens. Percebia que o pesquisador coletivo utilizava-se dessa ferramenta para desabafar e colocar opiniões que não conseguiam expor diante do grupo.

1.2.6 Análise da experiência a partir dos registros de formação

A pesquisa-ação gera muitos dados, pois busca captar as várias percepções de um processo coletivo com significativas expressões da subjetividade. Existe, portanto, uma grande gama de material, para as muitas possibilidades de interpretação. Durante a

formação, na nossa interlocução com artistas da cidade, nas oficinas de expressão criativa, e mais a produção de portfólio e relatório coletivo, houve a necessidade de combinar o rigor e a flexibilidade do trabalho de análise. A realização de um sistema de avaliação em espiral sinalizou o surgimento do entrelaçamento dos dados.

No sentido de filtrar os dados mais significativos utilizei como critério principal a observância atenta dos objetivos e das noções principais da pesquisa. Ao identificar as falas significativas, que favorecessem a interação de sentidos na análise e interpretação, passei a seleção. Ao mesmo tempo, refleti sobre a experiência como um todo e passei a imaginar cada parte estando presente ou não na experiência. Este processo me possibilitou filtrar de forma contextualizada as falas significativas e chegar a essência da experiência.

Este entrelaçamento dos significados foi sistematizado exatamente como foi proposto pelo pesquisador coletivo nos registros. Foram selecionadas a partir do que os sujeitos consideraram importante. Neste momento, pluralidade, densidade, detalhamento e contextualização são os recursos que dão a medida da confiabilidade da pesquisa.

Macedo (2006) nos chama a atenção sobre o quanto é exigente a atividade da interpretação em termos intelectuais, inventivos e criativos por parte do pesquisador. Diante dessa capacidade, ele aponta a necessidade de ousar, de estar aberto criticamente a todas as referências de saberes, construindo uma disponibilidade para articulá-los conforme os objetivos propostos.

Ao fazer o exercício de análise do processo formativo tentei fazer dialogar os diversos meios, as diferentes abordagens e fontes, visando compreender o fenômeno, utilizando uma abordagem multirreferencial como propõe Ardoino (1992). A formação compreendeu 13 encontros. Contudo, duas vivências não foram analisadas, porque não contou com a participação das pessoas, em um número mínimo que representasse a metade do grupo.

Este processo me possibilitou criar as categorias *a posteriori*, buscando coerência com os objetivos e questões da pesquisa. Assim, as respostas para a primeira questão emergiram mais no capítulo *Arte e Educação*, ainda que as respostas para a segunda questão, tenham também surgido. As categorias encontradas me levaram a identificar que cada abordagem metodológica constituiu um processo formativo. Me fez refletir como cada abordagem realizada funciona na Educação Ambiental. Os dados mostraram que as metodologias podem ser melhor exploradas. Então, me vi explorando novas possibilidades metodológicas, uma experiência formativa a partir da sensibilidade e da arte, que por sua vez indica caminhos para formação em Educação Ambiental.

Algumas possibilidades quanto à organização do trabalho foram reveladas, considerando a riqueza do processo formativo. Escolhi, dentre elas, analisar e interpretar os processos formativos, que constituíram os capítulos da dissertação na parte da análise dos dados. Portanto, foi no capítulo *A Ciranda se vê*, que encontrei mais respostas para a segunda questão da pesquisa. Assim, construí dois momentos distintos. No primeiro momento analisei o material apresentado nos registros coletivizados. No segundo momento analisei os espaços de convivialidade e as expressões criativas. Estes momentos já foram apresentados no Plano de Capítulos.

Observei que havia muita semelhança entre os registros do processo formativo e as falas durante os encontros, que foram degravados. A seleção dos dados foi feita a partir das gravações, quando foi necessário busquei complementos nos registros. Percebi que algumas repercussões aconteceram dias depois das vivências, ficando mais maturadas.

Surgiu um elemento surpresa no momento da análise, que foi a imaginação material proposta por Gaston Bachelard (1989). Eu interpretei a materialidade simbólica elementar como uma categoria ao identificar na fala dos artistas, em suas expressões e ações a presença dos quatro elementos. Ela surgiu sem que houvesse uma intencionalidade nem discussão pelo pesquisador coletivo. Eu me autorizei a categorizar, pois foi muito evidente nas falas do grupo e de cada artista a identificação com um elemento.

Integrados estes processos compuseram os processos de pesquisa e formação, isto se deve a interdependência surgida entre os núcleos de sentido. A partir do que foi tecido junto fiz as inferências pertinentes, articulando as expressões significativas do pesquisador coletivo com a fundamentação teórica, transformando-as em expressões próprias das categorias que sustentam a minha busca.

pArte II

O Ser é o que exige de nós criação para que dele tenhamos experiência.

Merleau-Ponty

*...Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções, entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer se não o correr da luta
Nada a fazer se não esquecer o medo
Abrir o peito à força numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim...*

Milton Nascimento

2 MATIZES EM DIÁLOGO

Desejo apresentar nesta parte um percurso de leituras que aponta caminhos necessários a retomada dos recursos da sensibilidade, como proposta para a construção do conhecimento significativo. Compreendo esse movimento como uma busca para a compreensão da sensibilidade como elo, ponte e laço nos processos intersubjetivos, pelo poder de compreensão e convergência que a anima e a compõe, sendo portanto complementar ao pensamento racional.

Desde a era mais remota, o ser humano se dedica a conhecer e compreender o ser das coisas e a lógica do funcionamento do universo e, até certo período, ontologia não se separava de epistemologia. O mundo simbólico e mitológico atuava diretamente no modo como as pessoas concebiam suas relações. O ser cosmológico que se compreendia integrado fascinava-se com as forças do Universo, percebia-se como um ser dele originado. Espiritualidade, arte e ciência constituíam a unidade de sentidos para o viver.

A idéia de que o ser humano pertence ao Cosmos atravessa os séculos e as sociedades mais remotas, os antigos clãs, alcançando os distintos percursos e momentos da grande civilização do Ocidente. Esta *idéia de que o ser humano está inserido dentro de um Cosmos, dentro de um todo, dentro de um universo onde existem níveis de*

existência superiores a ele (UNGER, 1991: 54), indicando-lhe sua transcendência. Ao perceber que há algo que ultrapassa a sua existencialidade ontológica o ser humano torna-se transcendente, portanto, *pensa sua liberdade em relação a sua capacidade de se adaptar às grandes leis da Natureza* (op cit 54).

Com o passar do tempo essas relações se modificaram. Uma ruptura se fez no sentido de expulsar o ser humano da sua ancestralidade cósmica, gerando uma progressiva dicotomia ser humano-natureza. Assim, a divisão dos níveis de realidade em apenas dois, tem contribuído para uma percepção limitada do que somos, do que podemos ser e do que fazemos. O que implicou na total ocultação do nosso mundo interno, fazendo com que a subjetividade fosse revelada no mundo externo como expressão dividida e antagônica, incapaz de perceber o real.

Trazer a subjetividade para os processos de produção do conhecimento é uma possibilidade de restituir ao ser humano o seu lugar no ambiente. O ser-sujeito que observa-objeto constitui e é constituído por esta relação.

O desenvolvimento da subjetividade, no entanto não responde a uma simples preferência teórica, mas sim à tentativa de reconceituar o fenômeno psíquico em uma ontologia própria, específica do tipo de organização e processos que o caracterizam. Essa tentativa não pode ser teoricamente acometida sem uma mudança epistemológica e metodológica que apóie a produção desse conhecimento, orientado para uma realidade de caráter sistêmico, dialética e dialógica. (REY, 2003: 73)

Entendo que o caráter ontológico onde a subjetividade deve estar inscrita, é semelhante ao que Guattari (1992) destaca no nível individual como singularização. A subjetividade como processo constituído, encontra na singularização um indivíduo que se converte em sujeito de criação e ruptura. Rompe, portanto, com a epistemologia e com a metodologia orientadas para a padronização.

Existe uma escolha ética em favor da riqueza do possível, uma ética e uma política do virtual que descorporifica, desterritorializa a contingência, a causalidade linear, o peso dos estados e das significações que nos assediam. Uma escolha da processualidade, da irreversibilidade e da re-singularização. (GUATTARI, 1992: 42)

Essa compreensão de subjetividade difere muito da modelização dos sujeitos nos tempos modernos baseada nas relações de individualismo e competitividade, conduzindo-nos a uma devoração da natureza, por meio do consumismo e de outras mazelas. O mundo passou a ser dessacralizado, tornando-se *passível de cálculo e manipulação pelo sujeito humano, visto finalmente na modernidade como centro ontológico do Universo* (UNGER, 1991: 55).

A percepção humana, que foi muito afetada pelo modo clássico da divisão das partes, vive mergulhada num poço de incertezas entre o erro e a ilusão. Ora juntando, ora justapondo, sempre fazendo as escolhas pelo processo de oposição das partes, centrado no que é ruim ou bom. Um mundo de certezas! Um mundo reducionista, que se construiu sobre areia movediça. Isso levou a demarcar territórios e conceitos fixos entre os seres humanos, gerando tipologias, hierarquias e dicotomias produtoras de desigualdades entre indivíduos e até entre nações.

A nossa capacidade de fazer relações entre os mínimos detalhes da vida, em especial na educação, em seus modos formais e não formais foi diretamente afetada. Diante de tal realidade, entendemos que a emergência aqui-já é restabelecer os fios da grande trama educativa. E, que esta se derrame sobre a caminhada cotidiana dos sujeitos de modo a fazer repercussões e sentido de sentidos, re-constituindo a nossa percepção.

Não diremos mais que a percepção é uma ciência iniciante, mas, inversamente, que a ciência clássica é uma percepção que esquece suas origens e se acredita acabada. O primeiro ato filosófico seria então retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo, já que é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo, restituir à coisa sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica, reencontrar os fenômenos, a camada de experiência viva através da qual primeiramente o outro e as coisas nos são dados, o sistema “Eu-Outro-as-coisas” no estado nascente, despertar a percepção e desfazer a astúcia pela qual ela se deixa esquecer enquanto fato e enquanto percepção, em benefício do objeto que nos entrega e da tradição racional que funda. (Merleau-Ponty, 1999: 89, 90)

Deste modo, para restituir as qualidades da percepção humana na vida cotidiana, precisamos começar pelas novas teorias de sistema que mostraram que as propriedades essenciais de um organismo ou um sistema vivo são propriedades do todo, isto é, nenhuma das partes possui e nem é resultado da soma das propriedades das partes. É a partir das interações e das relações entre as partes que surgem estas propriedades essenciais, que não são o todo, mas retroagem no e com o todo.

Essa dinâmica recursiva *todo-partes* nos permite compreender a *autopoieses* (MATURANA; VARELA, 1984). *Autopoieses* trata da autocriação, autoregeneração dos sistemas vivos numa constante articulação com o seu meio, incluindo a espécie humana.

Como seres autopoieticos somos levados, pela nossa natureza-cultura humana, a tentar compreender a nossa própria espécie. Esta tentativa nos trouxe a noção de que a humanidade não é uma idéia abstrata nem um objeto, uma coisa que se pode manipular.

Ela é uma articulação de múltiplas dimensões e movimentos, assim, como a água que faz e re-faz caminhos, engendrando a existência do ser humano no planeta Terra.

Compreendendo em cada uma das nossas múltiplas dimensões (biológica, física, psicológica, histórica, social e cultural) um fio a tecer a nossa complexa identidade humana. O ser humano é unidade múltipla, *unitas multiplex*, Morin nos atualiza:

O homem é racional (*sapiens*), louco (*demens*), produtor, técnico, construtor, ansioso, extático, instável, erótico, destruidor, consciente, inconsciente, mágico, religioso, neurótico; goza, canta, dança, imagina, fantasia. Todos esses traços cruzam-se, dispersam-se, recompõem-se conforme os indivíduos, as sociedades, os momentos, aumentando a inacreditável diversidade humana, *unitas multiplex* (2003: 63, 64).

Pensar em sensibilidade é pensar em processos perenes de abertura. Em formas de diálogo nas quais a nossa interioridade acolhe, processa, aceita ou rejeita as influências externas. Abre canais que possibilitam a entrega. É um *sentipensar* permanente, tomando de empréstimo a expressão de Maria Cândida Moraes (2004). Uma trilha em especial e que nos leva às diversas formas de convivialidade, é de que somos naturalmente sensíveis. A ignorância desta dimensão é fruto de uma visão objetivadora do mundo. Enquanto ter consciência da sensibilidade é a possibilidade de reconstruir nossos campos de sentido. Dentre eles, o *reencantamento* do mundo:

O reencantamento do mundo significa redescobriremos aquilo que nos constitui, reencantar o mundo é poder ter novamente uma visão de realidade que não se reduza à reificação. É uma das riquezas da nossa língua que a palavra *real*, que designa a realidade, designe também a majestade, o majestoso. Se pensarmos o real nessa dimensão de majestoso, a palavra *realidade* nos fala também de um tempo: realidade, tempo majestoso. Pôr-se à escuta daquilo que a palavra "real" revela nos dá condições para fazermos outra experiência do Ser, da Natureza e de nós mesmos, redescobrimo a compreensão do Universo como hierarquia de forças e intencionalidades que tem seus próprios reinos, suas realidades que se manifestam também na natureza aqui no planeta Terra (UNGER, 1991: 56,57).

Este *reencantamento* do mundo nos ajuda a compreender as formas de representação e interpretação do vivido como campos de sentido onde interagem o imaginário, a cognição, a corporeidade, a estética, a ética, entre outros, fortalecendo o saber ser e o saber conviver. Este *reencantar* desabrocha a sensibilidade como um circuito aberto, que nos permite o espaço das relações, interações e retroações. Como coordenação de coordenações das multi-dimensões humanas.

Conceber a flexibilidade que há entre os níveis de realidades é o exercício de se compreender o espaço da sensibilidade, também, como um espaço de antagonismo onde

coexistem muitas vozes e desejos diferentes. Este é um trabalho complexo de descoberta e construção, que clama por um novo olhar e nos abre uma mais ampla escuta do mundo, capaz de perceber que em cada parte está presente o singular e o universal, ou seja, o uno e que este se manifesta pela multiplicidade de expressões.

Encontros-interações são essenciais no trato com qualquer tipo de re-ligação e defendemos esta postura, ardentemente no sentido de criar condições nos espaços educativos para que interações aconteçam. Se queremos ver algum dia as reformas que desejamos, devemos considerar:

O número e a riqueza das interações aumentam quando passamos para o nível das interações, não já unicamente entre partículas, mas também entre sistemas organizados, átomos, moléculas e, sobretudo, seres vivos e sociedades; quanto mais cresce a diversidade e a complexidade dos fenômenos em interação, mais cresce a diversidade e a complexidade dos efeitos e das transformações saídas destas interações (MORIN, 1997: 54,55).

Como efeito disto tratamos aqui os recursos do sensível no âmbito das interações, como algo que pode conduzir o gesto amoroso e profundamente ético que busca resgatar o potencial de sermos complexos, unos e múltiplos simultaneamente. Uma condição proposta por Assmann é a *valorização da sensibilidade como conhecimento*. Equivale dizer, mobilizar a sensibilidade e seus recursos na relativização das nossas capacidades racionais, estando estas acompanhadas da valorização das nossas experiências sensitivas.

(...) do nosso contato visual ou físico com as pessoas, que são sempre realidades mais complexas e portadoras de mistérios que transcendem a nossa capacidade racional. Também é preciso valorizar a sensibilidade no sentido da 'sensibilidade humana', a capacidade de sentir empatia e a compaixão, de se deixar tocar pelas vidas, sofrimentos e alegrias, esperanças e desejos das outras pessoas. (ASSMANN, 2000: 98)

Nossa proposta aponta a sensibilidade como sendo uma expressão da subjetividade e esta nos desafia a nos reconhecer como espécie de pertença. A educação deve assumir cada vez mais esse desafio, a emergência do pertencimento. Para Vera Catalão, *o sentido de pertencimento é o alicerce e a raiz dos processos de aprendizagem que buscam reatar o ser humano com a natureza, inclusive a sua própria. Pertencemos incontornavelmente a um mesmo planeta; ainda que diferentes, somos todos parentes* (2008 c: 16).

Láís Mourão compreende que o conceito de pertencimento subentende o enraizamento no *oikos* e no *socius*: "a construção da noção de pertencimento humano

exige um passo além, que permita inscrever a lógica da vida nas condições específicas do modo de organização humana (2005: 251).

Há um intenso diálogo entre Vera Catalão e Laís Mourão, do qual podemos depreender que pertencimento se nutre da sensibilidade que não se restringe à espécie mas, entrelaça-se com a coletividade dos viventes do Planeta Água. Esta compreensão gera um sentido de beleza numa relação que se dá pelo sensível, deste modo, uma razão sensível se constrói com a redescoberta do sentido original da estética: a sensibilidade (MAFESSOLI, 2005).

A sensibilidade não pode mais ser considerada mero sentimentalismo, vazio e inoperante porque ela participa da complexa condição humana. Do mesmo modo, a dimensão racional é compreendida e aceita como um complexo cognitivo do refinado aparelho cerebral.

A rede nervosa mergulha as suas raízes cada vez mais ramificadas, apertadas, profundas, no interior do organismo, suscitando exprimindo aquilo que a constitui a própria intimidade de um ser: a sua sensibilidade. A partir daí, a sensibilidade transforma os acontecimentos exteriores que afetam o ser em acontecimentos interiores. (MORIN, 1999: 203)

É assim que a sensibilidade humana também se forja nesse mesmo complexo cerebral, e se abre às interações *corpo-cosmos* nas situações que compõem o meio ambiente da vida cotidiana.

2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOLOGIA HUMANA

Considerar as múltiplas dimensões do sujeito como uma base integrada infere realizar uma Educação Ambiental que contemple a multidimensionalidade do ser humano. Esta educação encontramos na Ecologia Humana. *Invoca-se para a educação o desafio de formar novas gerações capazes de superar os limites e os impasses das gerações anteriores e do nosso padrão civilizatório gerador da crise ambiental contemporânea* (CATALÃO, 2008c :14). Segundo a mesma autora, a Ecologia Humana é um ponto de encontro das ciências humanas, uma convergência, uma área de confluência das ciências humanas e das ciências físicas e biológicas. A Ecologia Humana é um conceito de articulação que contempla a dimensão estética como a relação criativa e insurgente. Esta é uma das entradas para a nossa pesquisa.

A ecologia humana debruça-se sobre a trama de relações do ser humano com outros seres e seu ambiente, tecendo um novo olhar que

desenha no campo do imaginário um outro paradigma para religação dos saberes proposta por Edgar Morin. A ecologia humana percebe a realidade de forma mais holística. O mundo é visto de forma integrada e não como superposição de partes desconectadas, sem interação. A visão holística, complexa e dialógica constitui a base de sustentação da ecologia humana. A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade orientam a construção de conhecimentos. A Educação Ambiental que trabalha na perspectiva da ecologia humana explora as potencialidades dos aprendizes exercitando, além da racionalidade, a sensibilidade, o imaginário, o pensamento intuitivo e o sentimento de si e do mundo. (CATALÃO, 2008 c: 22,23)

Esta Educação Ambiental pressupõe uma ação concreta de transformação do mundo, de envolvimento, que as coisas se transformem com a participação dos diversos atores em seus múltiplos ambientes formadores. Uma Educação Ambiental com uma multiplicidade de abordagens.

Portanto, temos que refletir sobre a racionalidade ambiental que marca o processo civilizatório da modernidade. Henrique Leff, discutindo racionalidade ambiental, diz que este processo *fundou-se em princípios da racionalidade econômica e instrumental que moldaram as diversas esferas do corpo social: os padrões tecnológicos, as práticas de produção, a organização burocrática e os aparelhos ideológicos do Estado* (2007:133). Temos o questionamento que advém da problemática ecológica *sobre os custos socioambientais derivados da racionalidade produtiva fundada no cálculo econômico, na eficácia dos sistemas de controle e previsão, na uniformização dos comportamentos sociais e na eficiência de seus meios tecnológicos* (2007: 133). O autor vai dizer que a questão ambiental aponta para a necessidade de uma reformulação no Estado e que passa pela necessidade de se introduzir normas ecológicas ao processo econômico.

O autor fala também, que é através de um confronto de diferentes valores e potenciais *arraigados em esferas institucionais e em paradigmas de conhecimento, através de processos de legitimação com que defrontam diferentes classes, grupos e atores sociais* (2007: 134). É neste espaço onde se dão as contradições entre a racionalidade ecológica e a racionalidade capitalista. Para Leff:

(...) a racionalidade ambiental se constrói desconstruindo a racionalidade capitalista dominante em todas as ordens da vida social. Neste sentido, não só é necessário analisar as contradições e oposições entre ambas as racionalidades, mas também as estratégias para construir uma nova economia com bases de equidade e sustentabilidade; de uma nova ordem global capaz de integrar as economias autogestionárias das comunidades e permitir que construam suas próprias formas de desenvolvimento a partir de uma gestão participativa e democrática de seus recursos ambientais. (2007: 144)

Para além desta racionalidade, é necessária a construção de uma razão sensível que desemboca na sensibilidade, como nos orienta Mafessoli:

É essa sensibilidade que pode permitir compreender o que vem a ser uma racionalidade aberta. Ao contrário do racionalismo estreito e algo estático, ela apela para uma espécie de entusiasmo, no sentido mais forte do termo, que põe em ação uma força instintiva da qual se pode ressaltar o caráter demoníaco (...) Assim, se exprime a sinergia da razão e do sensível. O afeto, o emocional, o afetual, coisas que são da ordem da paixão, não estão mais separados em domínio à parte, bem confinados na esfera da vida privada; não são mais unicamente explicáveis a partir de categorias psicológicas, mas vão tornar-se alavancas metodológicas que podem servir à reflexão epistemológica, e são plenamente operatórias para explicar os múltiplos fenômenos sociais, que, sem isso permaneceriam incompreensíveis (2005: 53)

Significa dizer que na aparente fragilidade da razão sensível encontramos as potencialidades para ajudar a superar a racionalidade construída ao longo da modernidade. Uma dimensão crítica da Educação Ambiental pode ser construída, de modo, *a compreender que a racionalidade aberta integra como parte o seu contrário, e que dessa conjunção que nasce toda percepção global* (MAFESSOLI, 2005: 54).

A título de rigor e cientificidade temos percebido que uma Educação Ambiental crítica, que não se interioriza, não é o bastante para o repensar de uma educação efetivamente ambiental. Percebemos que a questão crítica está muito voltada para uma visão externa dos contextos sócio-ambientais, onde estamos inseridos que é fundamental para contextualizar a leitura, mas não é suficiente.

Eu compreendo esta vertente crítica que se baseia na revelação do conhecimento de uma realidade complexa, permeada por uma prática que seja capaz de aplicá-la e na constante re-interrogação do sistema capitalista. Que proponha a visão dialética da natureza-cultura, para superar a dicotomia entre seres humanos em sociedade e a natureza, produtora de desigualdades e degradação. Como bem coloca Mauro Guimarães: *faz-se necessário vivenciarmos a nossa relação com o meio de forma integral. Na complementaridade das dimensões racional e emocional do ser, e integrada às relações dinâmicas interdependentes* (2000: 72).

Não se trata de uma prática de uma Educação Ambiental ingênua. Quando propomos um processo que considere a vertente crítica aliada aos recursos do sensível, onde interajam a existencialidade interna e externa. A vida cotidiana é o ponto de encontro do sujeito e seu mundo. É aqui o ponto concreto, não é nada abstrato, onde se produz o senso comum, que se não dá conta de perceber criticamente todas as implicações, mas enraíza-se na vida vivida.

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos (...) trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força, dos santos, dos conjuros... O respeito, então, ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural (FREIRE, 1992: 85, 86).

É a Pedagogia da Esperança, que se fortalece sobre a leitura de mundo. Em especial apresenta a tarefa do sujeito com os *seus saberes de experiência feitos* (FREIRE, 1992: 85).

Sousa Santos diz que o senso comum inclina-se a um conhecimento mistificado e mistificador, contudo, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico.

O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas. O senso comum é indisciplinar e imetódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; reproduz-se espontaneamente ao suceder cotidiano da vida. O senso comum aceita o que existe tal como existe; privilegia a ação que não produza rupturas significativas no real. Por último, o senso comum é retórico e metafórico; não ensina, persuade. (SOUSA SANTOS, 2004: 89, 90)

O encontro do sujeito com o mundo implica na interiorização que produz conhecimento, como resultado da tensão dialética entre os dois pólos. o mundo externo e o mundo interno do sujeito em uma recursividade constante. Considera-se como visão “ingênua” em oposição à crítica, a permanência em somente um pólo da relação que gera uma subjetividade desenraizada do seu contexto. A crítica engloba vários aspectos, mas não dá conta, por si mesma, da realidade. É necessário dimensionar também o mundo da experiência cotidiana, que pode passar por “ingênua” mas que se nutre de uma proximidade reflexiva do mundo vivido. A visão crítica que traz o socioambiental desencarnado e desencantado, não dá conta da realidade. O papel da subjetividade, sem as tradicionais partições eu/mundo, é que dá suporte para as interpretações/relações corporificadas.

Ao trabalhar a sensibilidade estamos acrescentando uma qualidade que não estava presente. Como é que fazemos esta ligação do mundo interno com o mundo externo? É o caminho dos símbolos e dos sentidos da poética da vida. Este caminho é sinalizado pelas artes. É a linguagem poética que vai fazer este percurso e superar uma visão

maniqueísta, que separa educação crítica de ecologia humana. Entendo ser necessário o contato sensível com a natureza para encontrar *o ser inteiro para o inteiro ambiente*. Nesse sentido, a ecologia humana integra a sensibilidade à razão crítica.

Quando falamos em ambiente inteiro, estamos falando em todas as dimensões do ser. Para superar a visão separatista, fragmentada e muitas vezes maniqueístas de Educação Ambiental crítica com abordagem predominantemente sócio-ambiental, predominantemente biológica, sem que o humano seja introduzido com suas contradições. E não há nada de pura ingenuidade nesta abordagem. *Entretanto, é na potencialidade da educação que queremos ancorar nossos pensamentos, abrindo-se as janelas para um horizonte mais próximo, buscando uma utopia que teremos a coragem de realizar* (SATO, 2003: 256).

Não queremos entrar e adotar a idéia de correntes/vertentes em EA. Queremos refletir sobre a idéia de correntes. Temos visto um surgimento assustador de vertentes em Educação Ambiental. Será que ao fazermos isto, mesmo a título de distinguir uma proposta da outra, não estaremos no fundo, promovendo uma fragmentação desnecessária? Será que esta vereda não guarda surpresas desagradáveis, como um mascaramento do positivismo, sob o disfarce da autonomia na escolha praxiológica?

Para mim são questões que encontram nelas mesmas a resposta. Morin chama a atenção para a *ecologia dos atos* (2002) quando o sentido de uma ação pode ser o revés da intenção original do sujeito. Quando nos propomos a ser críticos devemos criticar os processos positivistas, capitalistas e voltar para nossa própria ação, para fazer a autocrítica. De outro modo, possivelmente em vez de enraizamentos estaremos propondo partições-estagnações, mantendo os padrões da modernidade.

Reconhecemos que a Educação Ambiental tem potencialidade de transformar concretamente as relações na medida em que contribua para autonomia dos sujeitos e dos grupos. Neste estudo priorizo as questões da sensibilidade. Vou trabalhar quais são as formas de internalizar esses processos de permitir uma atividade criativa autônoma, que nos possibilite incorporar conceito de *autorização* (ARDOINO, 1998). A sensibilidade como camadas mais profundas, onde isso pode ser acessado. O sujeito responsável deve ser acordado, sair de dentro do sujeito alienado que não percebe-se pertencente.

(...) somos irremediavelmente livres, somos responsáveis (...) pela comunidade em que vivemos, pela sociedade, e por esta biosfera que mantém o elo da vida como sua própria essência de manutenção. Assim, não haveríamos que manter elos fechados mas apenas algumas tendências que poderiam ser úteis para gerar um grande debate na EA (SATO, 2003: 259)

Assumimos como relação epistemo-praxiológica a formação do *ser inteiro para o inteiro ambiente* como essência do projeto Parque Escola, proposto pela Escola da Natureza (2008), como ambiente de Educação Integral para a rede pública de ensino do Distrito Federal.

O ser inteiro pode ser compreendido pela integração das multidimensões humanas; respeitado na sua *unitas-multiplex* (MORIN, 1997); um ser mais autônomo-dependente; observador-observado; intérprete-interpretado. Um ser que existe na e pela dialogia *natureza-cultura*.

O inteiro ambiente sinaliza o corpo como sede dessas interações. Este ambiente primeiro nos diz que o sujeito tem que estar encarnado no seu corpo. Seu corpo é o seu ponto de encontro. *O cérebro existe num corpo, o corpo existe no mundo e o organismo age, move-se, caça, reproduz-se, sonha, pensa. É dessa atividade permanente que emergem o sentido do seu mundo e as coisas* (VARELA, 1998: 109). O ambiente inteiro é o sujeito acoplado a seu corpo, vivendo a sua relação inteira natureza-cultura.

O conceito de enação proposto por Varela: a mente está corporificada; o cérebro faz parte do corpo; o corpo faz parte do mundo e nele vive sua história, seguindo o fluxo da sua existência. Nesta teoria, que aborda a ação do sujeito pensada como participante de uma rede complexa constituída em níveis múltiplos de sub-redes, interconectadas, que supera a dicotomia indivíduo interno – meio externo. O que propõe uma ruptura com as abordagens cognitivas anteriormente desenvolvidas. Pelas palavras de Laura Campos, podemos compreender que:

Temos tanto uma dimensão social e cultural, quanto uma dimensão natural e animal. Entender como estas dimensões interagem e regem nossas ações, é o grande desafio para qualquer pesquisador que se propõe a pensar questões atuais relativas ao corpo. Pois, desenvolver uma escuta do corpo é permitir que esta parte ancestral de nosso cérebro, responsável por muitas das nossas respostas fisiológicas recupere sua capacidade inata de auto-regulação do nosso sistema, o que pode ocorrer de forma reflexivamente incorporada. (2008: 35)

Este pensamento pode ser aprofundado com Maturana e Varela (1984) ao dizerem que para o sujeito estar inteiro, presente, corpo e mente, tudo deve articulado na sua estrutura corpórea. Assim, o sujeito tem outro tipo de qualidade de relação. A relação que Varela chama de mente incorporada.

Os autores também abordam que, como seres sociais, nós existimos na linguagem. De posse de uma linguagem é possível imaginar, inventar, classificar, descrever, relacionar, refletir. E na integração mente-corpo a criatividade surge como uma

criatividade autêntica e necessária para a construção de abordagens metodológicas em Educação Ambiental, baseadas nos recursos da sensibilidade e das linguagens artísticas.

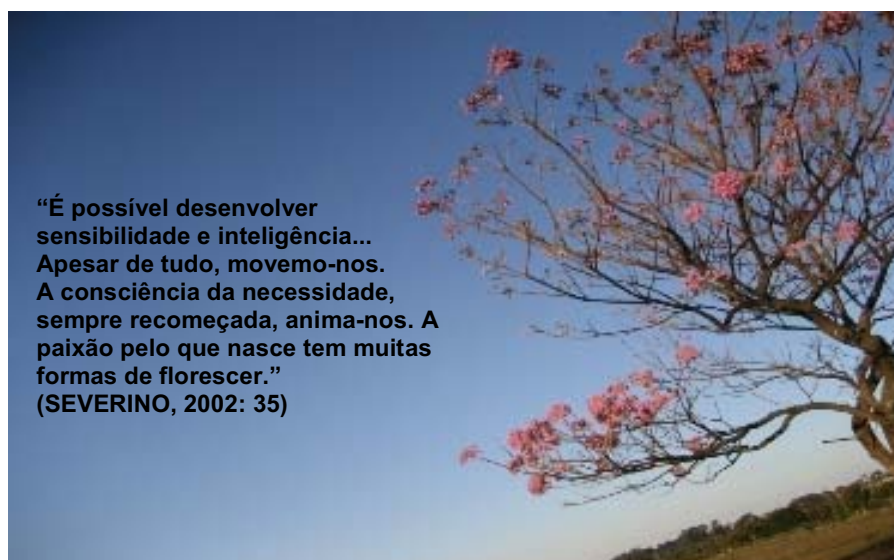


Figura 2: Floresecer

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Que missões existem para uma EA numa perspectiva desta, ainda que tenha a forma da gestão ambiental, de formas participativas, a própria gestão como espaço educativo. Gestão no sentido mais amplo, porque não é só no sentido de uma gerência em comunidade, mas como podemos nos organizarmos politicamente, pode ser numa sala de aula, entre pequenos grupos, na repartição pública, entre outros micro-espços sociais. Estes ambientes também indicam que podemos resolver com o coletivo os impasses e promover a gestão participativa. Esta gestão participativa não pode ser-estar dissociada de um pensamento filosófico originário:

(...) um pensamento que parte da coisa presente: a água, a terra, o fogo, o ar, o nascer e desabrochar das coisas: o rio no qual entramos e não entramos. O forno que é também um lar para os deuses, porque tudo está cheio dos deuses (Heráclito). As estrelas estão presas como pregos na abóboda celeste (Anaximandro). O mundo é um fogo eternamente vivo (Heráclito). Um mesmo pneuma governa e sustenta o nosso corpo e o universo inteiro (Anaxímenes).é um tipo de reflexão que se apóia diretamente no real, no concreto, nos fenômenos. Que lê os sinais do momento presente. Viver no mundo tal qual ele é, e não viver suspenso do mundo. Os primeiros filósofos se apóiam continuamente na coisa dada: a realidade é ela mesma oracular (“Natureza ama esconder-se”, Heráclito, Fr. 123) (in UNGER, 1991: 32).

Para a nossa proposta este é o território e a fronteira de um mundo que se constrói, interpreta e percebe as coisas primeiras: o cotidiano. É neste escopo que se apresenta a Ecopedagogia como uma potente abordagem metodológica em Educação Ambiental. Dentro das escolas e até quando ela está no ambiente não formal, as oficinas vivenciais e ecopedagógicas são como o entrelaçar de uma multiplicidade de fios. É na possibilidade da composição da trama, que *toda tessitura é evocação de Um e do múltiplo, de identidade e de diferença. Aos tecelões perplexos de um pensar do presente, o trabalho da trama, a alegria da criação e no desafio de sua interminável renovação* (UNGER, 1991: 33).

Estes tecelões da perplexidade aclamados por Nancy Mangabeira Unger, podem ser compreendidos como o sujeito ecológico (CARVALHO, 2004). Estes tipos de sujeitos nascem no e pelo amor à trama, onde aquele que tece é também tecido na rede de um real em constante mutação (UNGER, 1991) de si e de seu ambiente formador, e é capaz de se oferecer como modelo de ser/estar no mundo em transformação (CARVALHO, 2004).

A nossa reflexão sobre o sujeito ecológico baseia-se na visão interpretativa/vivida no mundo em transformação, que todos nós temos o dever de preparar para o concreto re-nascimento-em-nós deste ideal de sujeito. A unidade múltipla se revela, *o Universo se revela, e é o que a ciência contemporânea volta a descobrir, como uma tessitura de fios da qual nós fazemos parte, uma grande dança cósmica da qual também somos gestos* (UNGER, 1991: 56).

Em nossa abordagem, queremos construir o aflorar da sensibilidade, situando-a no sentido do sentido: um vislumbre de significação, uma indicação de direção (PINEAU, 2000: 33). Nossa proposta é a sensibilidade transdisciplinar, que ao ser incorporada aos processos de construção do conhecimento, faz emergir novos valores e gerar novas capacidades. Pela sensibilidade, ativamos a capacidade de conhecer melhor nossas fortalezas, também nossas fragilidades, preservando nossa singularidade, rompendo com o individualismo. Imbuir com amor os nossos pensamentos e ações, transitando pela capacidade de compreender as relações de dominação e de contribuir para a sua transformação em relações baseadas na reciprocidade e no compartilhamento.

Estas capacidades mobilizadas pela sensibilidade poderiam e deveriam ser introduzidas em todas as áreas de conhecimento, como propõe a transversalidade de René Barbier⁹.

⁹ Tradução do original feita pelo Professor Rogério Códova (UnB-Faculdade de Educação).

É aquilo que eu denomino como “*transversalidade*” da “existencialidade interna” do sujeito. Transversalidade como “banho de sentido” no qual o conjunto das seqüências existenciais do sujeito se acham postas em ordem e demarcadas numa coerência que o sujeito reconhece como lhe pertencendo, essa transversalidade implica em uma abertura a um máximo de referência que possam vir “jogar” (jouer) e estruturar a vida do sujeito. (BARBIER, 1997a:157, 158)

Pois elas atravessam não só o conhecimento, mas, habitam a própria vida, configurando-se com uma sensibilidade transdisciplinar, que media a nossa concepção de mundo. Porém, para que ela se manifeste, é necessário não limitar a natureza humana unicamente à sua realidade física. Nessa abordagem, Morin confirma a existência de uma realidade além do físico. Ele propõe os anelamentos entre as realidades, o que reforça as interações-encontros: físico<>biológico<>antropossocial. Uma realidade levando a outra de forma interdependente porque somos ao mesmo tempo: uma realidade psicofísica; uma realidade biológica; uma realidade antropossocial. Assim, *nós sentimos a cada instante, ao comer, caminhar, amar, pensar, que tudo que fazemos é simultaneamente biológico, psicológico e social* (MORIN, 1997: 24).

Embora os benefícios da ciência clássica sejam de grande valor, não podemos nos esquecer o quanto ela fechou os olhos para muitas coisas. Ela rejeitou uma vocação do ser humano que é o sentido de uma espiritualidade, que o faz necessitar entrar em contato com o mistério, com o que nos religa. Mas, durante séculos vivemos o endeusamento da razão e de uma tecnologia megalomaniaca que constituem as estruturas repressivas em prol das quais é sacrificada a espiritualidade, em nosso século. A expressão espiritual ficou confinada ao caráter religioso no divórcio entre a ciência e a religião.

Este processo faz parte integrante da gigantesca transformação do mundo assumida pelas sociedades industriais – transformação que se tornou possível pela dessacralização do Cosmos, a partir do pensamento científico e, sobretudo, das descobertas sensacionais da física e da química. Mais tarde, teremos ocasião de indagar se essa secularização da Natureza é realmente definitiva, se não há nenhuma possibilidade, para o homem não-religioso, de reencontrar a dimensão sagrada da existência no Mundo. (ELIADE, 1995: 49)

Os princípios ao mesmo tempo milenares e nascentes das religiões, fazem ponte com o que diz a complexidade e a transdisciplinaridade, pois, nos lembram que devemos considerar todos os níveis de realidade. Nossa mente acostumada a separar, nos torna esquecidos, *muitas vezes, da intolerância religiosa, do dogmatismo obscurantista, das ortodoxias odientas* (SEVERINO, 2002: 135). Há muita semelhança nas escrituras

sagradas de judeus, cristãos, islâmicos e nas outras correntes. Contraditoriamente, as interpretações e os radicalismos, em nome dessa lei divina leva o ser humano a combates sangrentos, porque crêem que são separados por acessarem sua religiosidade de forma diferente. Reconhecer e aceitar a diferença é o princípio basilar de uma cultura de paz.

Como estamos entrevedo a partir de um outro paradigma, o que considera a organização, que reúne organicamente as coisas da *física ao homo* em uma certa *diversidade de ações, transformações e produções* (MORIN, 1997: 145, 151). Portanto, a idéia de organização é fundamental para a compreensão da dimensão ontológica em suas bases físicas, biológicas e sócio-culturais. Entender o ser humano em suas multidimensões exige as lentes da complexidade. Tudo o que a antiga física concebia como elemento simples (átomo, molécula, vida) é organização. A ciência clássica havia desconsiderado a idéia de organização, focando somente a ordem, hoje já considera as interações. O átomo textura do universo físico – gás, sólidos, moléculas, seres vivos, não é mais uma unidade indivisível, mas um sistema complexo (MORIN, 1997: 92).

A exigida reforma do pensamento vai gerar um pensamento do contexto ao complexo. Vai gerar um pensamento que liga e enfrenta a incerteza. O pensamento que une substituirá a causalidade linear e unidirecional por uma causalidade em círculo e multirreferencial; corrigirá a rigidez da lógica clássica pelo diálogo capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagonistas, e completará o conhecimento da integração das partes em um todo, pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes (MORIN, 2006: 92, 93)

Somos um sistema complexo, o corpo e a psique formam uma unidade psicofísica. Mesmo assim esta unidade ainda não representa o todo do ser humano. Temos necessidade de algo maior que do que nós mesmos, que revigore a nossa noção de sentido. Sem o transcendente e o transpessoal, adoecemos e nos esvaziamos da esperança. Entre o saber e o conhecer na alma humana, há o ser, assim, retomando a dimensão do sagrado na realidade.

Nicolescu (2001) fala sobre a penetração do olhar transdisciplinar que está ao mesmo tempo entre, através e além da religião. Este autor entende que a realidade engloba três facetas o sujeito, o objeto e o sagrado, e não pode ser reduzida a apenas uma delas. Este pensamento muda a nossa percepção do que seja conhecer, revela uma transnatureza do ser humano. Podemos avançar do nosso entendimento de natureza material e espiritual para transcendência interior e exterior.

A dimensão do imaginário, que cria a partir do nada, que inventa, instaura. É uma dimensão fundamental nessa proposta de discutir as formas dialógicas do conhecimento.

O imaginário radical, conforme Castoriadis (1999) está na base de toda criação autêntica, que produz rupturas e inaugura significações.

E sua conexão com a idéia de invenção ou, melhor e propriamente falando, de criação (...) a idéia de que essa imaginação vem antes da distinção entre o “real” e o “imaginário”, ou “fictício”. Dizendo de forma brutal: é porque há imaginação radical e imaginário instituinte que há para nós “realidade”, e esta realidade (...) Ele é radical porque cria *ex nihilo* (e não *in nihilo*, nem *cum nihilo*) (CASTORIADIS,1999:242).

Este imaginário radical que reflete a essência da imaginação primeira, que não é somente reflexo do mundo real, mas ajuda a percebê-lo para re-criá-lo na intimidade do ser, em muito se parece com a imaginação de Gaston Bachelard.

Bachelard propõe em sua epistemologia, que o dinamismo e a abertura são característicos tanto na imaginação quanto na razão. A razão recomeça incessantemente e a imaginação inaugura, instaura, está muito próxima à noção de imaginação radical de Castoriadis.

A imaginação como a função do imaginário, encontra na filosofia de Bachelard duas faces: *uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; ou mais brevemente, a imaginação formal e a imaginação material* (1989: 01).

Vou me dedicar à implicação da imaginação material na pesquisa. É esta que instiga a pensar o papel da imaginação nos processos formativos. Pois no reino da imaginação, Bachelard nos endereça a uma lei dos quatro elementos, que classifica as diversas imaginações materiais conforme elas se associem ao fogo, ao ar, à água ou à terra. Os elementos são operadores de imagens, um movimento da imaginação que experimentamos em nós mesmos, e *não é simples metáfora. Dize-me qual é teu infinito, e saberei o sentido de teu universo; é o infinito do mar ou do céu, é o infinito da terra ou este da fogueira?* (1938: 12).

O nosso querido filósofo articulou a imaginação criadora à dimensão dos sonhos, dos símbolos, dos arquétipos e das metáforas, considerando os mitos e as cosmologias. Seu trabalho sobre os elementos imaginários: *tem leis idealísticas tão seguras quanto as leis experimentais* (BACHELARD, 1938: 14).

As leis da valorização se codificam, nas obras de Bachelard, sobre os elementos:

- a. *Ser e valor* – “A valorização decide o ser”. Só conta para a imaginação o que ela valoriza, bem ou mal.
- b. *Super potência do objeto valorizado* – É uma lei fundamental do imaginário material: “(...) a substância valorizada pode agir...sobre uma enorme massa de outras substâncias”.

- c. *Proliferação dos valores em torno de um objeto privilegiado* – “(...) É da essência dos valores, proliferar”.
- d. *Caráter transitivo dos valores* – Exemplo: tudo o que toca um objeto preciosos se torna precioso.
- e. *Cosmicidade do objeto valorizado* – O caráter cósmico de uma imagem primeira, que é uma imagem particularmente valorizada, é um dos grandes princípios da física imaginária. A imagem que é o centro para o sonhador também é o centro do mundo: “(...) Todos os grandes valores substanciais, todos os movimentos humanos valorizados ascendem sem dificuldade ao nível cósmico.
- f. *Papel primordial da contradição* – é a dialética da imaginação material, com ambivalências. O valor se liga indissolúvelmente ao antivalor; toda imagem valorizada se submete ao jogo dialético dos contrários. É o jogo do sim e do não na obra dos alquimistas que submetem os corpos à dissolução mais total possível, a fim de preparar a vinda da substância perfeita, a pedra filosofal. A matéria “morre” para “renascer”. É a contradição enquanto categoria principal que é ressaltada. (FELÍCIO, 1994: 87,88).

Os elementos – Água, Terra, Fogo e Ar – conjugam a síntese de sua poética e epistemologia. Assim, a imaginação trabalha como condição da possibilidade do conhecimento. Contudo, para Bachelard a noção de imagem-reflexo do real é negada, no sentido de propor a imaginação como construtora, diferente do que ocorre com relação à percepção.

Em *O novo espírito científico*, Bachelard (1978) busca inaugurar a descontinuidade em ter o pré-científico e o científico. Na sua epistemologia a abertura é noção fundamental, em oposição ao imobilismo abstrato, à dureza racional. Para ele são as diferenças entre a ciência e a poética, que as torna complementares.

Interpreto que muitas noções em Bachelard se aproximam das noções construídas no conhecimento do tipo transdisciplinar. Categorias como abertura, dinamismo, descontinuidade, a valorização das diversas formas e linguagens necessárias à produção do conhecimento. É a imaginação material expressa na pesquisa Poética e Educação Ambiental, uma preciosa lente na relativização do saber e do conhecer.

Entramos no fundamento da liberdade, como o espaço do ilimitado, já que a transdisciplinaridade repudia todo e qualquer reducionismo. Considerando os três traços que a caracterizam o rigor, a abertura e a tolerância, creio que sobre os dois últimos já abordei quando tratei de relações e diálogo. Importa-nos agora tratar um pouco sobre o rigor, pois este fundamenta a argumentação *baseada no conhecimento vivo, ao mesmo tempo interior e exterior, da transdisciplinaridade* (NICOLESCU, 2001: 128). Longe de ser o rigor que embrutece a inteligência mas, o rigor que a faz brilhar pois acende a chama da sensibilidade.

Sem a sensibilidade o rigor se esvazia, também esta se torna insignificante e disforme sem o rigor. Temos uma dobra que rompe com a habitual dicotomia que os separa.

Este é um desafio, que exige dar visibilidade aos operadores transversais. Compreendo esta noção como o atravessamento dos níveis de realidade. Os operadores transversais nos fazem compreender melhor as ligações entre os níveis de realidade, que existem nas interações física-bio-antropossocial. Ainda que invisíveis estão lá, esperando que nossa percepção os alcance, *desde sempre* (CASTORIADIS, 1999).

Uma materialização dos operadores transversais mais conhecida é a proposta de Joël de Rosnay, que toma o ecossistema como a relação de permanente interdependência. De uma forma metafórica, o autor vai mostrar essa interdependência, a partir de quatro elementos fundamentais: o ar, a vida, a terra e a água. O autor vai mostrar a interdependência entre os elementos, os processos de transformação, as relações produtores/consumidores de energia. Ele entrevê que nessa relação autonomia-dependência existente no meio físico-biológico, pode ser compreendida no sistema social-econômico-ambiental (in MORIN, 2001). Para o autor essa interação levada aos educandos, por meio de questões sobre a vida, pode ser um método fecundo para a religação dos saberes.

Existem relações, mecanismos e circuitos que também são abertos ao meio ambiente, uma vez que, quando não há reciclagem, os dejetos se acumulam. O dejetos ou lixo, sendo reciclado transforma-se em recurso, minimizando os impactos ao *ecocapital* necessário à vida (in MORIN, 2001: 498). O exemplo trazido aqui é para refletirmos sobre a pertinência da recombinação dos saberes nos processos formativos das pessoas, das possibilidades educativas para a ação.

Como as poéticas artísticas poderiam contribuir com a proposta dos operadores transversais? Em que níveis de realidade elas operam? Tomaremos a palavra contexto, para iniciarmos uma in-certa proposição. *Considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida e não atrofiada* (MORIN, 2001: 16).

Estamos diante *não apenas de ações pertinentes à estética artística*, mas diante também de uma cadeia de elementos físicos, biológicos, sociais, políticos, mitológicos, simbólicos e até cósmicos. *É a contextualização a partir destes elementos que, inevitavelmente, ajudará a fomentar a postura sensível e crítica do sujeito em processo educativo. A contextualização agirá como elemento potencializador da percepção e*

instigará diálogos como uma das essências geradoras da contribuição artística, expressa nas interações ecológicas naturais e construídas (ANDRADE, 2006: 23).

Essas interações possuem uma interface com as estruturas social, política, econômica no nível de realidade antropossocial; que por sua vez, estão enraizadas nas relações ecossistêmicas, no nível biológico.

A arte não é uma expressão humana desarticulada de tudo isso. Ela tem seu fundamento na multidimensionalidade humana. Nasce com o nascimento do ser humano no planeta, é uma simbiose fecunda de histórias que atravessam os dias e as noites seculares em constante ato criativo. Uma idéia de *poiésis* que deve enraizar-se nas idéias de *gênese e generatividade*; criador e criação (...) *conserva e continua a idéia de circulação e movimento; de transformação e autocriação* (MORIN, 1997: 152, 153).

Observar as micro-relações, dentro do sistema escolhido para operar transversalmente, trabalhando com princípios de integração e recursividade, admitindo o caos e a ordem. A constante re-interrogação dos currículos e a busca da dissolução da sua lógica de partição disciplinar são emergências da nossa era. São imperativos para as reformas que queremos ver no pensamento e na educação.

A compreensão de como as coisas no mundo funcionam, deve ser articulada a uma ampliação da percepção, que nos ajude a reconhecer que pertencemos a campos de sentido, a comunidades criadoras de sentidos, que precisam superar o cerco das misérias - sociais, políticas, econômicas, culturais e também cognitivas e afetivas” (SEVERINO, 2002: 39). Incluindo, é claro a Educação, que deve ser fecundada com uma nova escuta poética, abrindo-se a um pensamento criativo que seja fertilizado por uma sensibilidade una e multiforme. Eis a nossa esperança...

2.2 ARTE E EDUCAÇÃO

O ato de observar uma paisagem, um Ipê florido, o céu, um regato, as texturas impressas nos troncos seculares que de tanta interação com o ar, a chuva, o sol se modificaram. E, a atitude poética permeia. Uma leitura que atravessa fronteiras imaginárias, que pode nos transportar para outro lugar e nos permitir compreender realidades distintas da nossa. Ouvir um acorde tão melodioso, que apenas escorrega pelo ouvido, para ser apreciado com a nostalgia de uma lembrança ou simplesmente acolhido pelo coração. Dançar o ritmo compassado pelo tempo, manifesto no espaço, se embriagar de amor, viver! A máscara do carnaval, a batida de uma zabumba, os fetiches teatrais, fantasias... São meras expressões criativas ou possibilidades formadoras de modo que o sujeito possa estabelecer relações subjetivas e conhecer o mundo objetivo, pergunto?

Rosana Gonçalves da Silva

A necessidade de ordenar, compreender e expressar a compreensão da experiência vivida levou o homem a transformar a natureza em cultura. Na cultura pode-se perceber que a concretização desta trajetória revela a interação do ser humano com o mundo que o cerca.

Neste percurso sempre esteve presente a força vital da arte expressa pelas suas múltiplas linguagens. O processo cultural da humanidade e seus aspectos evolutivos passam pela aliança das contribuições e do papel da arte para o desenvolvimento das potencialidades do ser humano. No contexto da sociedade a arte atua de maneira muito próxima à forma com que atua na vida de um indivíduo. Este poder de expressão singular do indivíduo revela o potencial de universalidade, como experiência compartilhada em qualquer cultura, em todos os tempos.

A arte nos conecta com nossas dimensões internas e externas, articulando-as simultaneamente, e potencializa as nossas capacidades relacionais em um processo de *criação e re-criação* constante e aberto. Pelo fato da arte se diferenciar das outras áreas e atividades humanas, ela tornou-se indispensável à vida do ser humano. Está em intensa e constante mudança e evolução. Por um lado, é fantástico este caráter de metamorfose, de atualização no tempo e no espaço. Por outro lado, nos revela a nossa própria limitação em lidar com a arte em sua totalidade, no campo teórico da nossa pesquisa.

Portanto, esta investigação não passará pelo trabalho de pesquisa em criação artística, desenvolvido por artistas profissionais, que intentam a obtenção como produto final a obra de arte. Interessa-me pesquisar sobre a expressão poética, como a poética

do ser criativo, que é capaz de fazer um engenho, um invento, a partir do que já existe, nunca do nada. Isto resulta na capacidade de instituir outra coisa, de re-elaborar suas idéias e a experiência do sensível.

É importante dizer que neste caminhar queremos evidenciar a expressão criativa que está presente na arte, por meio das suas poéticas. Nem todos os indivíduos são artistas, na acepção literal da palavra. Mas todo indivíduo é capaz de criar e dar vazão à sua criatividade no dia a dia, entendendo a arte como expressão que pode ser vivida na vida cotidiana. Esta, em particular, é a que nos interessa porque é a expressão que nos leva a uma *estética compartilhada* onde o sujeito se autoriza a mostrar sua singularidade.

Fiz uma escolha de atividades co-formativas, que envolvessem a expressão artística, a dinâmica corporal e a experiência estética, como bases de uma experiência integrada e significativa. Esta escolha foi permeada pelos princípios da arte-educação, que indica associar o ver com o fazer que reúne em sua abordagem metodológica várias possibilidades das linguagens artísticas e busca reintegrar os campos do conhecimento e rearticular o sentir e o saber, a emoção tanto quanto a razão, a intuição e a tradição.

A arte-educação propõe uma superação dos limites do trabalho educativo baseado apenas no intelecto, na memória, no raciocínio lógico linear. Ela conjuga todos estes aspectos, visando uma formação mais consistente e ampla do sujeito. Sobre o tema arte-educação, Ana Mãe Barbosa explicita o potencial da arte como área de conhecimento, e nos diz que:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2005: 18)

O conceito de arte que trabalhamos é mais abrangente do que o conceito de arte que está impregnado no fazer do artista profissional, que se dedica a um aperfeiçoamento de uma linguagem. Não estamos excluindo isto, mas, estamos alargando a nossa concepção de arte, ampliando essa noção. Uma vez que é preciso compreender que os valores, estruturas e comportamentos no mundo da arte estão efervescendo, passando por uma desconstrução do seu elitismo profissional.

Uma abertura para uma nova arte concentrada na criatividade intersubjetiva e social. O que *contradiz o mito do gênio isolado, privado, subjetivo, atrás das portas de um estúdio, separado dos outros e do mundo* (GABLIK, 2005: 602).

Encontrar e propor alternativas que superem a arte como produto comercializável, atendendo ao imperativo capitalista do sucesso, como auto-afirmação competitiva e a

maximização do lucro. Estas são atitudes que nos conduzem a uma visão de mundo unilateral, perversa e subjugadora que põe em risco o ecossistema planetário e manipula os sujeitos na sua relação, espiritualmente vazia, do produtor com o produto (GABLIK, 2005).

Os estudos feitos por Gablik (2005) a partir de trabalhos de alguns artistas, na discussão situada em seu livro, esclarece:

(...) já existe uma guinada particular na localização da criatividade, do indivíduo autônomo, auto-contido, para um novo tipo de estrutura dialógica que freqüentemente não é produto do indivíduo único, mas sim o resultado de um processo colaborativo e interdependente. Na medida em que os artistas saem de sua antiga estrutura e reconsideram o que significa ser um artista, eles estão reconstruindo o relacionamento entre indivíduo e comunidade, entre o trabalho de arte e o público. O ato de olhar a arte em termos de propósito social, em vez de estilo visual e de estabelecer uma maior prioridade na abertura para o que é o Outro, causam o colapso de muitas de nossas mais prezadas crenças: a visão de vendas rápidas, galerias bem freqüentadas e uma platéia de admiradores (2005: 603).

Nesta pesquisa procuramos integrar arte, cultura e meio ambiente, de forma criativa e contextualizada, lúdica e sensibilizadora. Por meio da aliança arte e educação, entendemos que é possível despertar um pensamento e uma postura ecológica, aguçando a criatividade e as percepções dos sujeitos de pesquisa.

Em educação interessa muito mais impulsionar esta criatividade entre o sujeito e suas camadas mais profundas de expressão. Quando evocamos a educação nesta construção, pensamos num sentido de trabalhar as suas complexidades a partir dos significados dos termos em latim: *educare* e *educere*, que dialogicamente tanto nutre o sujeito em sua trajetória singular, quanto o conduz para fora do seu pequeno mundo (BARBIER, apud Catalão, 2008c:16). Ela funda uma matriz educativa sustentada pelos sentimentos de zelo, amorosidade, gratuidade, respeito, integração, os quais são expressos em ação significados pelo cuidado, proteção, preservação, conservação. Articulados podem constituir uma força no indivíduo e um poder no coletivo (CREIA).

As populações tradicionais, na sua primeira forma de convívio coletivo tinham uma relação de pertencimento com a natureza, onde o indivíduo tinha na relação ecológica todo fundamento de vida comunitária. Na contemporaneidade, para recompor este vínculo original, concebe-se o sujeito ecológico ideal.

É do ser humano contemporâneo, que foi separado da natureza, que estamos falando. Porque se o sujeito vive a imersão em uma relação onde não tem distanciamento entre ele e natureza, ele já está natureza. O sujeito contemporâneo tem

que fazer o caminho de volta. Este retorno é como uma descoberta, a tomada de consciência que o sujeito passa a ter sobre si mesmo e sobre o seu meio e a partir dessa consciência ele passa a ser *orientado ecologicamente*.

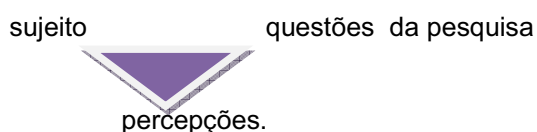
A Educação Ambiental na perspectiva da Educação Integral, trata da importância de um processo para criar novos laços relacionais. No caso desta pesquisa esta abordagem visa criar esses laços com as pessoas da arte. O foco desse momento foi refletir com o grupo a primeira questão da pesquisa. Provocar uma reflexão do pesquisador coletivo sobre a contribuição da linguagem poética na formação do sujeito ecológico no educador ambiental, pois compreendo que a experiência estética pode ser vivida por todo ser humano. O ato de observar um ipê em flor, um regato, as texturas impressas nos troncos seculares provoca a escuta poética da vida. Para Rudolf Steiner “o ser humano na sua profundidade, não termina na ponta dos dedos nem no limite da pele, mas se derrama pelo mundo” (1923:02).

Nossa estratégia foi a da vivência e interlocução com educadores, artistas e ambientalistas que atuam no Cerrado e em Brasília. Convidamos um grupo de artistas da cidade para trazer a sua contribuição, sua experiência de vida e seu fazer artístico, para que o grupo possa a partir desse insumo, dessa emulação refletir sobre a primeira questão da pesquisa.

Nossa fonte inspiradora vem da história desses artistas e suas obras. Como cada um construiu seu engajamento nas questões ambientais e culturais. A partir dessa abordagem experimentamos algumas linguagens artísticas e suas poéticas. E a partir deles foram construídas as nossas estratégias investigativas. Cada encontro foi esboçado com o objetivo de trabalhar as dimensões cognitiva, estética e afetiva, ampliando as percepções das questões ambientais. Os artistas convidados a estabelecer uma interlocução com a nossa proposta são referências vivas do patrimônio cultural de Brasília e contribuem com a permanente reflexão sobre a Capital e o Cerrado.

Estes elementos articulados atravessam a trajetória do pesquisador coletivo e ativam potencialidades educativas. Ciente de que não temos o controle das interações que surgem e se movimentam acolhemos as *emergências* na medida em que elas se apresentavam e modificavam o fazer.

A idéia é trabalhar a *recursividade* proposta pela pesquisa, buscando um entrelaçamento:



Para favorecer esta abordagem diversificamos os ambientes formadores. Escolhemos espaços diferentes favorecendo o momento da interlocução entre os artistas e o grupo. Realizamos oficinas na Escola da Natureza e no campus da UnB; trabalhamos com trilha urbana nas ruas da cidade; tivemos palestras na Fundação Athos Bulcão e no Espaço Cultural da 508 Sul e as rodas de conversa aconteceram em parques ecológicos.

Passamos, a seguir, a descrever e analisar o encontro do pesquisador coletivo com os artistas e os sentidos que dali emergem.

2.2.1 Inspiração e sentido

O MAPN é o caminho e o caminhar, com a profunda expressão poética dos ARTIVISTAS:

Rômulo Andrade, TT Catalão, Rubem Valentim, Iberê Camargo, Athos Bulcão, Tomie Ohtake, Amílcar de Castro, Siron Franco, Amélia Toledo, Mario Cravo Neto, Ligia Pape, Cildo Meireles, Wesley Duke Lee, Frei Luiz Cappio, Adriano Martins, Irmão Conceição Menezes, Orlando Araújo, Gilberto Gil, Egberto Gismonti, Lucélia Santos, Xangai, Tetê Espindola, Luli, Lucina, Marlene Almeida, José Rufino, Mila Petrillo, Ney Matogrosso, Elba Ramalho, Alcione,

Salve!

Em uma manhã de agosto na alta estação dos Ipês, nos reunimos com Bené Fonteles para ouvirmos sobre o Movimento Artistas pela Natureza – MAPN e trocamos experiências. O local do encontro foi a Escola da Natureza, ambiente formador que contou com a participação do artista em sua criação. Ele nos disse que tem *uma história com essa casa*.

A atividade desenvolvida foi uma roda de conversa, permeada por música, contação de história e mostra de produtos criados pelo artista e seus companheiros artistas, em suas formas visual e sonora. O encontro oportunizou uma grande troca de experiências regada com boa música. É basicamente uma interação que se propõe a mostrar a trajetória de como o artista se constituiu um sujeito ecológico na e pela sua práxis em Educação Ambiental.

Quem é Bené Fonteles? Senão a presença inspiradora, que nos chama a atenção: *amar, a única coisa que é real é o amor. O resto é ilusão que a gente ta vivendo*. Transmutar e fazer seu trabalho inspirador com as pessoas, continuar a aprender ouvindo, ouvindo o outro para aprender.

José Benedito Fonteles é coordenador, desde 1987, do Movimento Artistas pela Natureza-MAPN. Um Artista completo que se expressa em uma pluralidade de poéticas;

artes visuais, composições, poeta, programador visual e produtor cultural. Investigador contínuo de possibilidades expressivas.

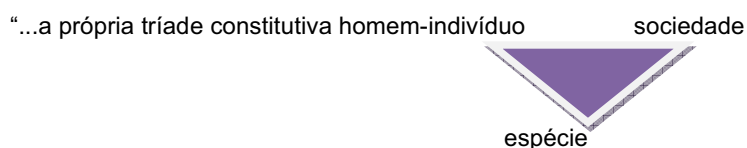
Em sua obra mistura o artesanal com a tecnologia, de vídeos e slides a elementos da natureza. O artista concebe forma e movimento a partir de qualquer elemento. Pedras, penas, madeira, terra e areia, água em suas mãos é arte! Ele encontra plasticidade em tudo. Tornou-se o grande articulador de uma arte mestiça, espiritual e ecológica. Para ele não há distinção entre criador e criatura.

O encontro do artista com o pesquisador coletivo se inicia por nossas raízes indígenas, atravessa o Candomblé e a Umbanda, passa por outras crenças e mestres, para nos aproximar do nosso sagrado interior. Bené Fonteles inicia o tema como uma imersão nas águas e sua presença em diversas culturas e mitos, alcançando um emocional como abertura necessária. Porque para falar sobre arte e educação ambiental, em sua visão, é necessário trazer a cultura brasileira e rememorar essa história antiga que é o Brasil.

Ele conta como ninguém, que o grande mito da cultura brasileira é a Cobra Grande. Deste mito da Cobra Grande, vão nascer todos os seres. E, que os índios já sabiam, que a origem de tudo vinha do mar, vinha da água! *Essa coisa que os cientistas falam!* Este mito vai nos remeter aos mitos das sereias, de outras culturas, lá na Europa, nas regiões do atlântico. São histórias que atravessam os grandes oceanos, mas, têm o poder de nos unir como espécie. Ele vai nos levar a uma cosmologia tipicamente brasileira, que é a da mistura.

Outra grande contribuição para a nossa cultura vem da África, que irá trazer uma mitologia fantástica sobre a questão da água em Iemanjá, Iansã e Oxum. Iemanjá é a rainha das águas salgadas. Oxum das águas doces, das cachoeiras e Iansã das chuvas, do vento. A mitologia do Candomblé nos traz uma compreensão da *questão ecológica*, no sentido de integração e cuidado. Nos cultos africanos não se entra na água do mar, sem pedir licença. Tem que haver respeito com a mata, com o rio. Esta é uma grande lição ecológica.

Em sua narrativa Bené Fonteles deixa claro que ser humano e natureza não se separam. *Essa questão que a ciência colocou a natureza lá e homem aqui. Como se fosse o micro e o macro, totalmente incomunicável.* Para o artista, a comunicação é uma categoria onde podemos encontrar uma ligação entre o sujeito e o espaço. Podemos entender a comunicação mediando um campo de interações físico-antropossociológicas. Na contemporaneidade, essa ligação foi cortada, separando sujeito/objeto, limitando a possibilidade de comunicação:



está totalmente dissociada...O homem fragmenta-se:aqui uma mão-no-instrumento, ali uma-língua-que-fala, algures um sexo salpicando um pouco de cérebro. A idéia de homem é facilmente eliminável por ser miserável; o homem das ciências humanas é um espectro suprafísico e suprabiológico. Como o homem o mundo está dividido entre as ciências, fragmentado entre as disciplinas, pulverizado em informações” (MORIN, 1997:17).

Nessa *des-ligação* podemos visualizar a dificuldade do ser humano de sentir-se parte da natureza integrada com a cultura. Somos únicos porque somos múltiplos. O desconhecimento desta capacidade imanente do ser humano, facilitou a separação entre o sujeito que observa e a coisa observada.

Bené nos convida para uma audição compartilhada da música *O ponto de Oxum*, composição de Luli e Lucina. A audição compartilhada foi a forma de iniciar uma aproximação comunicativa com o grupo. Fortalece a apreciação estética, como elemento fruidor de vital importância no processo formativo que se endereça à leitura e auto-consciência, de si e do mundo. Porque reflete o potencial articulador e comunicativo entre a obra e o apreciador. Ouvir como ato de abertura e integração ao que é ouvido, restaura um pouco deste elo perdido. E pode re-vitalizar a categoria da comunicação nos processos formativos.



Figura 3: O grupo

Foto: Aristóteles Araújo

Em nossa interlocução significa abertura e recepção qualitativa da escuta ao outro. Bené suspira e diz: *bem, agora o que eu queria é saber de vocês. Vamos conversar?*

Como resposta ao artista, os participantes tomam a palavra, para através da linguagem, darem sentido ao seu estar no mundo, a partir do seu lugar e da sua sensibilidade. O pesquisador coletivo, ao se assumir enquanto sujeito que participa e por isso transforma e se implica no processo de *auto-co-formação*. Iniciamos as apresentações com Zélia:

Eu trabalho na CAESB e tive o privilégio de fazer o curso aqui, com Rosana na práxis. Começar ver a água de outra forma. Eu cheguei na CASB para trabalhar a água mas, sinceramente uma coisa muito utilitária, a água como recurso. Não a água inteira. E quando vim fazer o curso tive a oportunidade de conhecer as outras coisas e aprofundar um pouco mais na água. Não só como recurso. Não sei ainda como eu vou trabalhar com isso daqui pra frente. Uma vez que, a gente trabalha com a educação e se volta para uso racional, como utilizar a água. Estou tendo uma oportunidade, porque vim aqui para trocar, para aprender, me modificar e modificar meu trabalho. Realmente meu caminhar não vai ser mais o mesmo.

Muito tímida, Vilma coloca:

Sou professora da SEDF. Eu conheci Rosana também no curso. E o interessante que neste contato estou me tornando mais sensível, tive a oportunidade de ver outras coisas que eu não via em outros cursos. Nos quais você sempre vê a água como recurso. Quando ela falou sobre as águas virtuais, por exemplo.

Marilândia também é professora da SEDF:

Trabalho com inclusão, na área de educação especial. Então é um trabalho que é muito importante, é um trabalho muito especial e é muito difícil também. No curso eu tive oportunidade de estar em contato com a questão do meio ambiente e em contato com essa área interior. E veio contribuir muito na questão de mudanças interiores, é isso.

A percepção de mudanças internas que surge nas falas eu vejo como uma ponte importante que se constrói na interlocução entre o grupo e o convidado. O perceber-se sujeito capaz de mudanças internas na atuação ambiental é reconhecido pelos participantes como uma dimensão promovida na formação.

A mudança interna como categoria é atualizada no grupo, mediante o contato com o artista. Significa potencializar a identificação com poder de transformação de si mesmo. A mudança interna está sintonizada com a tomada de consciência e com a atitude ética, necessárias ao ideal de um *sujeito ecológico* (CARVALHO, 2004).

Outras categorias vão aparecer e são complementares, porque estabelecem pontes com uma atuação que dialoga com o mundo externo do sujeito, inclusive vai começar a

surgir algumas noções de identidade e indícios de interpretação que a formação possibilita por meio das poéticas artísticas. Para Joema:

Sou bióloga. Sempre tive uma visão biológica das coisas, e sempre tive atração pela arte, em cada coisa. Só estava esquecido, dentro de mim. E com este curso estou resgatando a questão do sutil, do artístico, e trazer isso para a EA. É a questão da transformação interna. Ter responsabilidade de atuar no mundo de uma forma diferente. Eu acho que é o que mais me tocou, desde o início do curso. E agora é a transformação mesmo. Se a gente não mudar por dentro, a nossa palavra não tem força, a nossa ação não tem significado. A gente tem que dar o exemplo, não adianta só falar.

Andréia toma a palavra, e é sempre a pessoa mais falante do grupo. Ela fala muito empolgada, algo trazido por Bené estimulou sua energia ainda mais...

Sou professora da rede pública também. Eu sempre tive muito interesse pelas questões da natureza. A arte sempre teve muito presente na minha vida e a Educação Ambiental também (...) E pra mim a felicidade maior foi descobrir que o que eu fazia intuitivamente já era parte do que a educação ambiental vem trazendo. Agora estou buscando saber acreditar em mim mesma. Eu tenho um interesse muito grande pelas questões que envolvem a cidadania. O ser cidadão dentro da gente. A responsabilidade que a gente tem com o meio que a gente interage, todas as coisas em volta de você. O projeto que estamos desenvolvendo este ano, fala sobre a ecologia humana. Chama-se "Cuidar do meio ambiente é também cuidar da gente", cuidar de si- do outro-da sala -da escola. O curso me ajuda demais, porque as experiências que tivemos aqui, eu fui levando para a escola e foi permitindo o espaço para o diálogo, de tocar essa questão da sensibilidade, do olhar. É uma coisa de vivência. Eu também conheço a Umbanda, faço parte dela e este respeito com o ambiente, com o ser natural, essa ligação com o que é divino, porque a gente anda muito desligado do divino. Para mim estar aqui é um ganho assim, fantástico.

Bené Fonteles, retomando o assunto sobre as religiões nos lembra que a maioria delas não tem nada a ver com espiritualidade. Porque uma coisa é religião e outra coisa é espiritualidade. Espiritualidade é ética. A grande intervenção, que percebo é a abordagem da ética como espiritualidade.

Nossa visão ocidental sobre a noção de espiritualidade está restrita à crença em Deus, que se manifesta, normalmente, nas religiões que escolhemos seguir. Podemos meditar com Boff *o ser humano pode cultivar o espaço do Divino, abrir-se ao diálogo com Deus (...) surge então a espiritualidade que dá origem às religiões* (1999:151).

Conceber espiritualidade apenas como culto religioso é desconhecer sua profunda significação. É claro que uma das faces do ser espiritualizado sempre será a dimensão divina se expressando. Mas, em suas qualidades expressivas temos significados mais

complexos. É a expressão do *ethos* como o conjunto de valores, princípios e inspirações que devem estar enraizados nas nossas atitudes perante a vida e nosso destino como espécie.

Boff nos faz lembrar que os sábios de todos os tempos pregaram que sem o cultivo da dimensão espiritual, nos descobriremos infelizes e doentes como *um errante sedento em busca de uma fonte que não encontra em lugar nenhum*, a não ser na acolhida em nosso interior. Cuidar do espaço espiritual significa o cuidado com o nosso destino, *que gera esperança para além da nossa morte* (1999:151), que implica uma ética do cuidado.

Serenamente, Rose entra na conversa:

Estou num processo de recomeçar a viver, e neste processo eu voltei para Brasília e aqui comecei a estudar. Quando estava no início do meu curso uma amiga me convidou para fazer o curso da Escola da Natureza e só aqui eu vim me dar conta da profundidade da questão. Até então não tinha uma compreensão maior. Neste período tenho trabalhado com ONGs, fui coordenadora de um grupo de cri-yoga. Este grupo tem um projeto de educação, não só ambiental mas, de assistência a crianças carentes, especialmente e primeiramente das mães que assim, atenderia as crianças, portanto, o futuro. Acabei com isso, falando das águas internas e mexeu profundamente com meus rios internos, não sei, a compaixão pelos animais, por uma coisa que vem com muita profundidade, e enfim as transformações acabam mexendo neste sentido profundíssimo e depois delas, eu passei a não comer mais os meus amigos animais. Aí este processo todo vai mudando a gente. Na Escola da Natureza me sinto parecida com as pessoas. As águas da vida têm me burilado! Como na água vai rolando a pedra, vai burilando.

A espiritualidade como compreensão deste cuidado com o seu inteiro ambiente, que Rose enuncia uma atitude ética para além dos interesses imediatos da sociedade. Ações engendradas no campo social articulam-se com *um campo social específico, o campo ambiental*. Desta maneira se dá com a construção de outras éticas, e *neste sentido o campo social é o universo onde as formulações éticas encontram legitimidade* (CARVALHO, 2001: 60). Espiritualidade e ética são sinônimos na visão de Bené Fonteles e parecem repercutir nas observações do pesquisador coletivo, como marcas da alma do sujeito ecológico que precisa habitar o educador ambiental.

Em seguida Aristóteles vai retomar a questão da identidade, como algo importante na formação do educador ambiental:

Sou pedagogo, e diferente das outras pessoas eu ainda não estou trabalhando diretamente com educação. Eu vim parar aqui, porque já tenho um percurso de aproximação com a Educação Ambiental. É a área que mais me toca, que mais me chama atenção. Penso que o fato de não estar trabalhando diretamente cria em mim uma grande frustração,

que quebra a minha identidade. Porque faz parte da minha identidade essa vocação para trabalhar com a educação e eu não estou exercendo e sinto um buraco, uma lacuna a ser preenchida. Aqui tive oportunidade de estabelecer contato com outras pessoas que de repente tem essa mesma identidade de trabalhar com educação e estão buscando encontrar ou se conectar com sua própria identidade, com sua finalidade neste mundo. Eu partilho com todo mundo deste mesmo ideal, dessa identidade, de encontrar meu espaço de trabalho, de definição à minha própria vida em relação a tudo isso, que estamos discutindo e trabalhando.

Surge novamente a identidade como uma categoria de valor formativo implícito. Eu entendo que temos muitas noções construídas sobre identidade. Nas quais temos o reflexo e a combinação que somos essas muitas faces: profissional, pessoal, gênero, estrato social, religião, etnia. A pluralidade de perspectivas identitárias do sujeito pode ser considerada um ambiente formador, porque atua sobre ele a experiência comunicativa nascedouro da intersubjetividade. Queremos para a produção do nosso conhecimento a identidade que deve ser construída na ação, com os sujeitos da ação e com a busca de sentidos.

Atenado com esta proposição, Bené Fonteles retoma a palavra e faz atravessamentos por meio de figuras de linguagem: *o que a água nos ensina é a flexibilidade, ela se adapta a todos os lugares que você coloca. Você joga água no terreno ela se acomoda. Ela nos ensina a transparência de caráter.*

Assim como um espelho d'água reflete o céu, a consciência humana reflete a ação criadora do homem no mundo (...) As transformações são fecundadas dentro dos indivíduos, dos pequenos grupos com grande poder de disseminação. Nascem e enraízam-se nos gestos cotidianos. (CATALÃO, 2003: 1, 2)

Para este artista a água é um grande exemplo da questão filosófica do comportamento humano. A força da palavra em Bené Fonteles leva-nos a perceber a imaginação material do elemento água, a partir da obra de Gaston Bachelard. Como um tipo particular de imaginação, *que a água é também um tipo de destino (...) um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser. O ser humano tem o destino da água que corre* (1989: 06,07).

Um conhecimento possível pela prática de vida, tornando-se conhecimento atuante que flui pelas forças da alma, que adquire forma e se manifesta materialmente. Quando sonhamos submetemo-nos à vida renovadora de um elemento. *Por muitos caminhos, a contemplação e a experiência da água conduzem-nos a um ideal* (BACHELARD, 1989: 153).



Figura 4: Benê Fonteles Foto: Rosana Gonçalves da Silva

A função da água no sonho aparece em muitos mitos, como a possibilidade da travessia, de alcançar uma consciência mais profunda do que somos e podemos vir a ser. Em toda a trajetória deste artista a água concretiza os sentidos dessa circulação, que alimenta e aflui possibilidades educativas.

Uma pedagogia da Água é um convite para uma aproximação multirreferencial deste elemento: água como bem ecológico, água como bem econômico, água como bem comum, água como matéria carregada de simbolismo. Uma pedagogia da água é, sobretudo, enfatizar a sua imensa capacidade de estimular condutas, lançar pontes sobre a memória adormecida e latente dos estados primordiais que nos originaram. Pensar a água é, também, ouvi-la, senti-la em todos os seus estados (inclusive no estado de bem-aventurança de uma dádiva da vida), experimentá-la em diversas dimensões do sentido: tato, contato, som, luz, fluxos, ruídos, corpo, na dança, em dramatizações e nas artes plásticas e práticas. (CATALÃO, 2008a: 4)

Essa é uma das formas de plasmar o elemento artístico, no meu entender. Entrevendo com Steiner *o sentido artístico se amalgama com a essência do ser humano*, depois de atravessar este sentido podemos acessar *nossos conceitos e idéias abstratas* (1923:07). Nosso convidado acredita que o artista é só um canal, representando só 50% e os outros 50% é o público, que *está comungando a nossa arte. Então, é neste 50% que nós somos o instrumento que não tem nome, uns chamam de Deus, outros chamam de divino. Então eu compreendi muito com este ser, que ele diz de ser água.*

A metáfora da água trazida e traduzida por Bené enuncia, junto as suas crenças, um sujeito que se constrói na sua trajetória particular, no seu tempo e na sua história, deste modo o sujeito se autoriza a ser o intérprete diante de um mundo-texto. Onde se destacam os sentidos produzidos por meio da linguagem, condição e possibilidade do agir no mundo, *de certa compreensão/interpretação, de algo que faz sentido num universo habitado por inúmeras chaves de sentido* (CARVALHO, 2001: 53).

O diálogo com Bené Fonteles favorece a nossa compreensão de sujeito ecológico (CARVALHO, 2004), pois, é a marca evidente de seu enraizamento ativo e ético. O sujeito que pode ser definido como um *modelo ético* e, acrescento, estético de agir no mundo como possibilidade de transformá-lo. Ajuda-nos a pensar em respostas para as perguntas: como é que a subjetividade criativa pode ser um meio de se aproximar de um sujeito ecológico? De formar um educador orientado ecologicamente, a partir deste ideal de um sujeito ecológico? Repetimos estas questões para não perdermos de vista onde queremos chegar. O não controle da situação nos parece um meio de permitir esta possibilidade: *a nossa dúvida duvida de si mesma* (MORIN, 1997: 19).

Na seqüência da conversa, alguns toques ecológicos relacionados à produção artística na promoção da Educação Ambiental. O material foi produzido com um formato econômico, do tipo dois de gráfica. É o aproveitamento do papel total. A idéia é que no mínimo de espaço, o máximo de informação e o lúdico presente. Foi como artista gráfico que Bené Fonteles começou a ver as formas econômicas de utilização e a forma de aproveitamento máximo dos materiais. Ele acrescenta que os livros, CDs, cartazes e folders, podem ser *inspiração* para o nosso trabalho.

Até o momento ouvimos algumas histórias sobre a trajetória de Bené Fonteles, como ele foi se constituindo um sujeito ecológico muito implicado no Movimento Artistas pela Natureza- MAPN, que surge em 1976 pra 1977, na Bahia. Mas, só veio ter esse nome em 1986, 10 anos depois. Nesse período, Bené Fonteles era assessor cultural do Instituto Goethe em Salvador – ICBA. Ele propôs ao Instituto fazer um trabalho da situação urbana na cidade de Salvador. Que foi o primeiro trabalho de ecologia humana e urbana no Brasil.

A primeira ação foi reunir os artistas. Pelo MAPN, Bené Fonteles inaugura ações que fazem a articulação entre o trabalho dos artistas e a questão ambiental. O revelar da força do singular e o encontro com a expressão coletiva transformada em ação. O artista é o coordenador do Movimento: *eu trabalhei muito com essa turma por aí, quer dizer as pessoas dizem é artista. Não, é ativista! Criamos o termo artistas, que é o artista com ativista.*

O MAPN é o embrião de muitas ações criativas de consciência, como uma grande utopia alimenta uma diversidade de atividades sócio-político-culturais-ecológicas. Pois, na categoria de articulação da área ambiental com a área artística para a pesquisa encontramos uma referencia sólida no MAPN.

Outra face do MAPN é o sonho vivido como uma experiência de grandeza. Que pode ser o revelar de coisas, que são sempre mais que coisas. O sonho é uma dimensão do espírito, que se transforma em indicações de mensagens a serem decodificadas. É preciso renovar as utopias e o sonho pode ser esse despertar.

A presença cativante de Bené Fonteles deixou o grupo encantado. Sua fala atravessou vários aspectos envolvidos no saber-fazer EA. A nossa colega Andréia suspira profundamente, e emocionada coloca:

É um movimento grande com muitas histórias. Aí a gente olha pra nossa Ciranda Multicolor, que a gente está construindo. A gente pode fazer o quê? Interessante é que não tem um limite. Cada iniciativa, que cada um de nós de levar adiante, já é uma mudança. Acho que a Ciranda vem trazendo este olhar do que é pequeno, mas, que também tem a função. Nós somos uma ciranda pequena que está construindo pensamentos importantes e assim, o que cada um consegue mudar em si já é significativo. Que a gente vai atingindo outras pessoas. Eu fiquei feliz ao ler o seu texto e percebi como a gente sem saber está integrado nisso tudo. Você fala de consciência ecológica. O que é essa natureza? Mexe com a nossa visão de estar muito distante dela. O meio ambiente! Vamos visitar o meio ambiente? Como se o meio ambiente não tivesse dentro das pessoas.

Na resposta do convidado encontramos uma visão complexa sobre o que Andréia trouxe, que tem apoiado as atividades do nosso grupo. Assim, Bené Fonteles traz o sentido de inspiração:

É a cidadania exercida com sensibilidade sócio-cultural-política-espiritual que irá transformar a realidade sombria que nós mesmos criamos. O MAPN, parte do princípio da unidade na diversidade, sem nunca separar o que é humano do que é natureza, o que é arte do que é vida, e o que é humano do que é divino. O primeiro passo para esta unidade na diversidade, é usar a inteligência sensível em processos criativos para viver.

Bené acredita que a saída está em *interconectar as pessoas* e que este talvez seja um desafio: se ligar com pessoas que estão fazendo um trabalho social e colocar a questão ecológica, propor *um casamento maravilhoso*.

Ao retomar a questão da água e sua importância ecológica, Bené pondera que deve-se preservar os mananciais da cidade. Convidou-nos para ouvir a música *Onda azul*, de sua autoria em parceria com Gilberto Gil.

Após a partilha ele quis saber: *dentro da questão da educação do sensível, para chegar na EA. Dentro da nossa experiência com o MAPN. Como eu poderia colaborar com vocês?*

Zélia imediatamente colocou a importância de revitalizar a *Casa da Água, uma parceria Escola da Natureza e CAESB*. Uma questão que precisa ser retomada é da importância de um trabalho formador sobre o entendimento da questão ambiental na Casa da Água. Para Zélia a busca deste caminho é a de atualizar as potencialidades entre indivíduos e entre instituições e *refazer os caminhos*. Para Bené a saída é a Casa da Água iniciar um processo de formação de educador, pois a partir dele alcança-se um universo maior de beneficiários.

O pesquisador coletivo após o encontro com o artista realizou um momento de reflexão e avaliação. Aristóteles ficou fortemente impressionado com a coerência de conduta e idéias, com o nível de articulação das poéticas:

Acho que nunca havia pensado na relação tão estreita que existe entre arte e meio ambiente e desconhecia o trabalho dos artistas. Principalmente, estabelecendo um diálogo com o povo, que sempre está distante dessas discussões. No entanto, uma coisa me chamou a atenção parece que Bené Fonteles separa a dimensão social da ambiental. Quando ele fala que já encerrou sua fase de militância ambiental e agora sua preocupação é com a Arte Solidária. Ele parece distinguir as duas coisas, sendo que para mim as duas questões estão conectadas. Pois, a idéia de cidadania ambiental envolve a idéia de justiça social e oportunidade de uma qualidade de vida das comunidades e pessoas excluídas. Ao meu ver, Bené continua a ser um militante das causas sócio-ambientais.

A filtragem de Andréia foi:

Ser educador ambiental é constituir-se um sujeito ecológico, partindo das suas ações diárias. Agir com integridade, ligando discurso ao gesto. A linguagem artística pode contribuir tornando o educador ambiental sensível às possibilidades de interação e intervenção com o seu meio. Usar a arte como eixo integrador é ver em tudo novas possibilidades.

O mais importante para Joema é que:

Senti na realidade uma partilha de espiritualidade. A maioria das pessoas trabalha EA de uma maneira muito utilitarista, como reciclagem e se esquece da educação interna, da ecologia espiritual.

Zélia buscou complementar nossas reflexões na relação *ser ecológico* <> *ser cultural*. Nesta relação a dimensão poética contribui com:

Muitas tem sido minhas reflexões sobre minha estada aqui, sobre a estrada que escolhi, sobre a vida, trabalho, filhos, amigos (...) Vivo um momento único de descoberta de significados, as coisas parecem as mesmas, mas, eu me sinto mudada. Meu olhar é outro. Em mim grita o desejo de compartilhamento e de comprometimento. O desejo forte, intenso, quase real de que possa fazer uma EA diferente, inovadora, inclusiva, no meu ambiente de trabalho. Meu geocentro translouquece! Eu que sempre naveguei nas águas mansas da certeza, no reduto das planilhas Me vejo assim, cercada de desejo, querendo poetizar.

Vilma acrescenta um tom filosófico, que a mediação proporcionou:

Antes de Bené Fonteles chegar, eu estava divagando em pensamentos vãos. Infinitos questionamentos na tentativa de descobrir: quem sou? Por que estou aqui? Para onde vou? O que eu quero da vida? E, não é que me encantei com Bené Fonteles, trazendo para nós a arte de ser sensível e humilde, de ser capaz de retirar as dificuldades do seu caminho e caminhar. Porque criou o belo sem medo de errar. Porque percebeu e acreditou na simplicidade da natureza e no ciclo natural da vida soube esperar, meditar, agir, florescer, acreditando nos sonhos, percorrendo caminhos ora tortuosos, tornando-se viajante pela vida e pelos Biomas Brasileiros, pela arte de saber viver e conviver.

A ressonância em Marilândia veio como atitude de mudança:

Não sei dizer se este foi um encontro ou re-encontro, mas, trouxe uma vibração, uma energia espiritual impossível de não sentir. Trouxe paz, serenidade, harmonia, esperança, fraternidade, tantos sentimentos bons, principalmente uma vontade de ser um ser humano melhor. Este encontro foi uma das mais importantes contribuições para meu espírito, que busca crescimento. Não consegui expressar em linguagem escrita, mas, percebi mudanças em ações com o outro.

Rose escolhe uma imagem poética:

Trocadilho com Bené Fonteles
Sobe e desce, desce e sobe no pé do moleque: caboclo, índio, guerreiro. Hoje presente na Ciranda Multicor, alimentando o fio da vida na teia da lida. Rede que tece e cresce no caminho das águas, as veias que descem rumo ao encontro, lançando seus frutos e flores, sementes que beberam nas entranhas e agora regalam-se oferendas.

As reflexões do grupo refletem o atravessamento das categorias surgidas no encontro, ainda que as colocações estejam mergulhadas na emoção. Os enunciados refletem que a dimensão poética é capaz de fazer repercutir internamente as noções

mais próximas do ideal do sujeito ecológico na auto-co-formação e no educador ambiental. Também, nas falas dos participantes encontramos a compreensão de que o trabalho educativo em EA:

(...) necessita de uma racionalidade sensível, do sentimento de pertença, da sensibilidade estética e de uma espiritualidade enraizada na trama da vida para internalizar idéias e sustentar ações pela sustentabilidade socioambiental em toda sua pluralidade de sentidos. (CATALÃO, 2002: 27)

O pesquisador coletivo pôde refletir com Bené Fonteles, ainda, como a existência do MAPN tem sido um movimento, que explicitamente traz a colaboração dos artistas para pensar a questão ambiental, de promover articulação com várias instituições culturais solidárias, que privilegiava a luta pela qualidade de vida, principalmente dos recursos hídricos.

A presença do artista favoreceu a compreensão da arte como mediadora de práticas em EA, segundo a lógica da transversalidade como *banho de sentido*¹⁰ e da subjetivação (BARBIER, 1997b). Assim, a percepção da dimensão sócio-ambiental, pode ser mobilizada pelos recursos do sensível, onde os processos de simbolização potencializam a subjetivação, como conseqüência, a autorização do sujeito que se percebe intérprete de sua práxis.

Todo simbolismo que emerge do elemento água, veio como fonte em Bené Fonteles e inundou o nosso espírito, que também é hidrante. Bebemos neste encontro o seu valor mais fundamental, que é o de nutrição. Neste mundo, os conceitos se esclerosam, ainda que se demorem, mas *a imaginação material permanece como uma força atualmente atuante*. Nutre o corpo e a alma, pois só ela reaviva *certas formas mitológicas*, transformando-as (BACHELARD, 1989: 140).

O diálogo com Bené Fonteles nos ajudou a compreender uma pedagogia vivencial que traz uma epifania do sujeito ecológico, na medida em que o grupo atualizou a compreensão da espiritualidade na coerência entre discurso e prática, e no compromisso com a mudança.

¹⁰ René Barbier. O educador como passeur de sentido. Tradução: David André Ringoir. Comunicação ao Congresso Internacional "Quelle Université pour demain? Vers une évolution transdisciplinaire de l'Université" Locarno, Suisse, 30 abril- 2 maio 1997b.

2.2.2 Brasília – A Poética de Uma Cidade

Existir é resistir

*Em Brasília,
Há um tempo em que
A vida desaparece,
Mas não cessa.
Apenas aguarda
E se fortalece
Sem pressa.
Até um dia
De novo, cresce.
E assim tudo recomeça.
Lição de grama da cidade
Resiste, arde à seca
Mas reage.
Nas primeiras chuvas
Brota em terra nua.
Mostra que a vida é
Contínua e
Sempre contínua.
TT Catalão*

Estávamos em setembro e já podíamos sentir o anúncio da primavera. E, depois de um longo período sem chuvas, quase quatro meses, nós a esperávamos confiantes. Foi neste clima que comparecemos ao encontro marcado com TT Catalão. O ambiente escolhido foi o Teatro de Bolso do Espaço Cultural da 508 Sul. Local que traz lembranças especiais ao nosso convidado, por ser o símbolo da convivência com a cultura alternativa na cidade, espaço da diversidade e democracia poética.

Foi o momento dedicado para que TT Catalão tratasse mais do seu percurso, sempre entrelaçado à sua relação afetiva-crítica com Brasília. O tema da palestra se desenvolveu a partir da atuação do convidado em várias questões, atravessando a relação natureza-cultura.

Uma semana antes, entreguei aos colegas o filme *A Invenção de Brasília*; mostrei material do convidado; fiz uma ligeira apresentação, estimulando uma autoformação sobre o tema. Tudo isso para que eles pudessem cultivar pontes de interlocução com as noções a serem internalizadas, relacionando-as com a suas atividades diárias e com a nossa pesquisa.

E, dentro dessa perspectiva, o grupo participante teria a oportunidade de reagir conforme a palestra fosse desenvolvida, com perguntas, inquietações, discordâncias e colocações complementares à fala do palestrante. Atitudes que devemos cultivar. Que exige **poiésis**, por que não? Em cada ação humana, por 'menor' que seja, existe a combinação de vários elementos internos que são mobilizados para que uma ação

ocorra. E com o seu refinamento, crítica (ética) e estética se imbricam. A literatura e a oratória são também formas de arte, são poderosos meios para se fazer irradiar o pensamento em nosso mundo.

Foi a primeira atividade desenvolvida em ambiente desconhecido para o grupo. A primeira impressão que tive dos participantes no local foi de estranheza. Creio que seja pelo fato de que a maioria das pessoas sempre espera que trabalhos em Educação Ambiental aconteçam ao ar livre.

A participação de TT Catalão em nosso trabalho vem do fato de que no poeta, o ideal, o símbolo, manifestam-se em mais alto grau. Da mesma forma ocorre com o orador que consegue conciliar o profano e o sagrado, consagrando o seu potencial à defesa e à divulgação de idéias generosas que possam ser compartilhadas em sociedade. Com TT Catalão entrevemos que o verso não suporta a mediocridade! Em sua obra literária, vamos encontrar um estilo rápido, curto, ao mesmo tempo sutil e fluido.

Este estilo marca o reflexo de uma mente incansável, sempre provocativa, que atua feito *combustível*. Pronto para incendiar com idéias as estruturas que se demoram na inércia. TT Catalão possui *a arte de atizar o lume* (BACHELARD, 1938: 23). No mesmo instante é delicadeza, sutileza e poesia na arte de sentipensar. *Nas mais variadas circunstâncias o apelo da fogueira continua a ser um tema poético fundamental* (BACHELARD, 1938: 43).

TT Catalão trabalha com políticas públicas culturais. Na palestra refletiu muito sobre a questão da cultura como formação. É uma compreensão de cultura que se aproxima de como é *a natureza: ela vive pela respiração, pelos fluxos, pelos sopros, pelas fecundações e mestiçagens* (QUÉAU in MORIN, 2001: 460).

O elemento que relacionamos a TT Catalão é o fogo, expresso pela sua paixão ardente pelos processos culturais. A sua materialidade simbólica, geratriz de sua imaginação só pode ser a do fogo. Das três espécies de fogo: o natural, o não natural e o contra a natureza. Podemos encontrar em TT Catalão a potencialização do fogo natural:

(...) é o fogo masculino, o principal agente, mas para obter é preciso que o Artista faça uso de todos os cuidados e de todos os seus estudos, pois ele é de tal forma dormente nos metais e tal altamente concentrado nestes, que sem um trabalho exaustivo não se consegue fazê-lo entrar em ação. (BACHELARD, 1938: 95)

Percebemos isso na fala do nosso convidado, que é uma mescla das suas múltiplas faces, que deram rosto e identidade ao seu ativismo cultural. Ele inicia a palestra pela

paixão que nutre pela cultura e considera em sua fala a dinâmica cultural como uma mistura entre o diálogo, a tradição e a técnica.

Compreende-se assim que a um elemento material como o fogo se possa associar um tipo de devaneio que comanda as crenças, paixões, o ideal, a filosofia de toda uma vida. Há um sentido em falar na estética do fogo (...) Uma poética e uma filosofia do fogo condensam todos estes ensinamentos. Ambas constituem este prodigioso ensinamento ambivalente que respalda as convicções do coração pelas instruções da realidade e que, vice-versa, faz compreender a vida do universo pela vida do nosso coração. (BACHELARD, 1989: 5)

Deste modo, Brasília é uma das maiores inspirações para a literatura de TT Catalão. Nela repousa sua incessante busca pelo espaço cultural democrático e as expressões singulares. Temos uma cidade cidadã. O cerrado faz o eixo de ligação, tem-se a Brasília ambiental. Muitas faces de uma Brasília, cidade de todos os brasileiros:



Figura 5: TT Catalão

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Em relação à cultura, a primeira questão muito pertinente em relação a Brasília é que Brasília é um produto cultural em si.

Isso, se a gente não fizer tanta conceituação sobre o que é cultura. Porque antigamente se achava que cultura era arte, que erudição era cultura. Hoje ainda bem que as políticas públicas estão considerando a cultura num sentido muito mais

antropológico, num sentido de processo. Quer dizer que você não tem mais a cultura formal como esta que tem nas universidades, nos diplomas ou na erudição, que é aquele acúmulo de dados. Aí você começa a reconhecer cultura num velhinho analfabeto que tem um depositário imenso de histórias de sua região, seu jeito de falar, a cultura na comida, um temperinho especial - aquela pessoa é extremamente sofisticada inclusive.

Então Brasília é cultura. Se a gente for definir ou adotar um conceito, cultura é tudo que não é natureza. Qualquer intervenção sobre a natureza é um ato cultural, no sentido de um cultivo, de uma conceituação de uma técnica ou de uma idéia.

Brasília como criação, nesta linha de ocupação do Centro Oeste (...) Vem também o sonho de Dom Bosco (...) Aí, JK tinha o plano de metas, que era estratégico para o

governo. Dizem também que a cidade está em cima de cristais que favorecem a espiritualidade das pessoas. Mas, também pode ter o fato de ter este bando de políticos, aí junta com os banqueiros, o que dá muita corrupção; tem isso tudo aqui, porque é a vida. E a vida é contraditória, não é simples, ela é complexa; ela é cheia de nuances e o intelecto é para isto, para ficar puxando e interpretando, e a arte mais ainda.

Uma série de noções interessantes depreende-se da fala do convidado e elas ajudam a compreensão das nossas questões. Uma delas é pensar a cultura não mais como desenvolvimento, aflorar de civilidade e civilização, mas considerá-la enquanto política pública como diversidade cultural, que abrange a cultura popular.

A encruzilhada cultural que TT Catalão nos apresentou percebe as contradições como um arranjo da história, levando em conta a singularidade da sua época e colocando em evidência as inter-relações. A contradição, que é um forte elemento presente na vida vivida, é uma categoria que podemos depreender na fala de nosso convidado. Compreender esta categoria nos processos físico-bio-social é uma importante tomada de consciência para a auto-co- formação em Ecologia Humana em sua dimensão crítica e política. Ao mesmo tempo, as respostas poderão ser vislumbres de complementaridade. Pois, a contradição não existe isoladamente, ela participa de um processo maior que é o dialógico.

Brasília uma cidade poética onde o simbólico convive com o diabólico, da natureza humana. Enigma? Mistério! Uma cidade de palácios e de poder, a Brasília monumental.

Cheguei em Brasília em 1972, para fazer uns quatro concertos aqui, em conhecer Brasília, ver Yocanan e depois ir embora. Mas acabei ficando, porque fiquei encantado. Eu me lembro que minha primeira imagem de Brasília era Yocanan, da Cidade Eclética. Lá no Rio, todo mundo falava em Yocanan, o místico. A imagem estereotipada que chegava era da cidade que os místicos estavam fundando para o novo milênio. Esta coisa me interessava (...) E, por eu ser anarquista o espírito interessava muito. Acabou que eu nunca fui lá.

Então no plano de metas de JK, como estadista viu que o jeito era interiorizar o país, ir para o sertão. Aí começaram as contradições com o famoso modelo desenvolvimentista, que é o modelo que está em colapso hoje. Essa é a contradição da ocupação da natureza sem escala, sem

critério. Brasília já começa com um ponto nervoso de contradição. Teve a Missão Cruls. A leitura da Missão Cruls é fundamental para descobrir. Teve o botânico que veio junto, que escreveu um texto belíssimo falando das águas, que levantou todas as questões ambientais, falando da precipitação, do clima; enfim, é um bom documento da natureza ... Aí vem a idéia do plano de Lúcio Costa. Niemayer entra para fazer os monumentos. É uma arquitetura realmente inovadora (...) É muito diferente, é um impacto. Bom, aí vem a história da cruz, do projeto. Enfim, era uma espécie de imaginário que estava provocando, era uma idéia em cima de uma intenção que delimitou um quadrilátero. E a cidade sempre ficou assim, na contradição. A coisa de Lúcio Costa é a cruz, mas ele se recusa a dizer, porque para ele é a borboleta, rica em

significado, que vem de uma lagarta que rastejava e que teve a mutação. Lúcio Costa acha que é a borboleta, que não é o avião. Ele é muito sensível, tem uma elegância, uma raridade que o país perdeu e perde a cada dia. Uma espécie de *finesse*, uma linha de raciocínio gentil, educada, acabou! Está realmente em extinção no país. Uma inteligência gregária de trazer gente, compartilhando coisas. Até o prêmio que ele ganhou ele compartilhou com Niemayer. A foto de Fontenelle que demonstra o rasgo dos dois tratores – o “Exu Monumental”, que eu chamo porque é uma encruzilhada, um

“X”. Então o “Exu Monumental” que Fontenelle fotografou, o encruzamento, que é a rodoviária - e é interessante que é a primeira foto de Brasília, que está fazendo cinquenta anos agora esta foto é emblemática, ele pega a encruzilhada, ele pega o “X”; Brasília vai se sempre um “X”, um enigma (...) Fontenelle sacou bem – a gente chama a foto de Marco Zero. E a beleza do Marco Zero para mim, é que ela é a foto fundadora, não é cruz, nem a borboleta, nem o avião, é o enigma, é o “X”. Essa cidade vai ser este enigma para o resto da vida!

O artista ao contar a sua história na história de Brasília, revela o *indivíduo-universal-multidimensional*. Percebe-se que as idéias de Lúcio Costa inspiraram muito TT Catalão, pela capacidade de agregar as pessoas em torno de algo comum. O céu foi o seu primeiro impacto:

Digam o que quiserem, Brasília é um milagre. Quando lá fui pela primeira vez, aquilo tudo deserto a perder de vista. Havia apenas uma trilha vermelha e reta descendo do alto do cruzeiro até o Alvorada, que começava a aflorar das fundações, perdido na distância. Apenas o Cerrado, o céu imenso, e uma idéia saída da minha cabeça. O céu continua, mas a idéia brotou do chão como por encanto e a cidade agora se espria e adensa. E pensar que tudo aquilo, apesar da maquinaria empregada, foi feito com as mãos - infra-estrutura, gramados, vias, viadutos, edificações, tudo a mão. Mãos brancas, mãos pretas, mãos pardas; mãos dessa massa sofrida – mas não ressentida – que é o baldrame desta nação (Lúcio Costa, Manchete, 1974 apud COSTA, 2001)

TT Catalão mostra-se realmente encantado por Lúcio Costa, com o seu jeito ímpar de fazer as coisas. Que faz de um simples papel de pão suporte para as suas idéias. Lúcio Costa considera:

Não me parece justo considerar Brasília “filha do pensamento mais do que do sentimento”. A simples leitura da Memória Descritiva do Plano Piloto prova que o coração esteve sempre presente na sua concepção. Discordo dessa pecha de “racionalismo à outrance” que também se atribui às teses do Le Corbusier, como se toda a sua problemática obsedante e, portanto, simplificadora, não girasse em torno do homem, do homem integral: dar ao homem – a todos os homens – condições materiais igualitárias devidas e de tempo disponível para permitir-lhes, individualmente, desenvolvimento multiforme segundo a índole, vocação e capacidade de cada um. Na época, prevalecia a crença de que a nova arquitetura e as transformações sociais faziam parte de um mesmo processo geral de renovação ética do mundo. Com o correr do tempo, porém,

tudo mudou: o capitalismo mostrando-se por demais dinâmico e sempre insatisfeito – inclusive nas artes - o socialismo revelando-se estático demais, até que os Beatles acabaram com os tabus do modelo ideal do jovem americano e do puro jovem soviético que então predominavam. A partir daí tudo se confundiu e os valores estabelecidos se perderam em troca de novos valores mais objetivos e indagadores – “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades; muda-se o ser, muda-se a confiança; todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas realidades”. (Resposta à revista Summa, 1982 apud COSTA, 2001)

Estas falas de Lúcio Costa apontam confluências com o pensamento de TT Catalão. Há entre eles o poder do imaginário instituinte, a criação de algo que introduz o novo, constitui o inédito, a gênese ontológica, a posição de novos sistemas de significados e significantes.



Figura 6: Marco Zero. Foto de Mário Fontenelle com Composição de TT Catalão

Nosso convidado trouxe a foto de Fontenelle, como mostra da primeira defloração do Cerrado de Brasília. Na imagem, o olhar fotógrafo pegou um ângulo que é muito interessante, o “X” feito pelos dois tratores. Este foi o primeiro impacto na natureza daqui. Com a construção o impacto da beleza, a imponência das formas forjadas no aço e no concreto. Que podiam ser os substitutos da natureza, porque o monumento bastaria à

estética da cidade, reiterando o enigma, mantendo a contradição: *Brasília é uma cidade nervosa, que ferve em um grande caldeirão cultural.*

O “X” que é o ponto do “Exu Monumental” que é a rodoviária. Para ele a rodoviária é o ponto convergente das contradições porque é o caminho obrigatório de muitas pessoas, de segmentos distintos e destinos desconhecidos. É a cidade mesmo viva, não é a cidade sociológica, interpretativa, e até mesmo poética, é a cidade do cotidiano. Por isso que é profético o “Exu Monumental” de Fontenelle. Isso para o palestrante é um sinal, porque é mítico. É o sinal de que o imaginário existe.

A cara do místico é que o imaginário existe. Você pode até chamar de misticismo, de coincidência, mas existe um imaginário. Então tem uma força, que é fora da nossa. Achar que eu estou aqui à toa, que vocês estão juntos por acaso, isso não existe. Existe uma força que une as pessoas, e outra força que desune também, que é o outro lado. Então quando a gente decidiu fazer o Marco Zero, essa exposição, eu saí de casa e quando olho para cima, impressionante! Sabe este rasgo que o avião deixa? Não é que estava certinho no céu um “X” – vai ser o pôster da exposição. O título será: O Céu Piloto no Chão. Aí eu olho para o céu, e eu estava com máquina, geralmente eu não saio com máquina, mas eu ia viajar e

ia levar a máquina mesmo. Aí eu entrando no carro, eu olho para o céu e está lá: puff! Estava lá exatamente, exatamente não, estava lá em outra posição, mas o ângulo está correto. Está em posição diferente. Aí eu fotografei e depois peguei as duas fotos, e escrevi isso: O Céu Piloto no Chão, que vai ser o cartaz do Marco Zero, para mostrar que o que está em cima é o que está em baixo, que é o negócio dos alquimistas, e o “Exu Monumental”, que é a ligação do céu com a terra e a terra com o céu, que é o Cristo, né? Se os caras vão para o misticismo (...) O que é o Cristo? Vem encarnado, é crucificado e martirizado, mas estava tentando fazer o quê? A ligação do céu com a terra.

O imaginário fundador das coisas, fonte cristalina das idéias é importante dimensão tratada em nossa pesquisa. Compreendemos o imaginário como criação autêntica, originado no sujeito que é por natureza um sem-fundo. O imaginário como fundante do pensamento, como propõe Castoriadis (1999) na sua definição de *imaginário radical*. É a faculdade originária na criação e que constitui o inédito.

Para o autor o imaginário radical vem antes mesmo da sensibilidade, da intuição, do mundo simbólico, mítico e místico, percebido e raciocinado. Tamanho é o seu poder de invenção e criação. A partir dessa noção, a capacidade estritamente humana de criar, de produzir, de fazer ser o que não é nem nunca foi, instaura o novo.

TT Catalão toma a imagem do Exu, dizendo que:

(...) é o homem que liga a terra ao céu. Não é Satã, que em grego quer dizer dispersão. Diabo é diabolus, dois, divisão. Exu é o eixo, o que faz a ligação. Diabo é nossa atitude cotidiana que não permite a unidade, a harmonia.

A dimensão do “dia-bólico”, que encerra o sentido da disjunção, da fragmentação, de dispersão, divisão, o que não deixa agregar, astuto para não deixar as coisas

juntarem. Noção discutida por Boff (1998) como a luta contra o encontro, portanto, contra o caráter pluriverso das relações entre os seres humanos e suas múltiplas dimensões.

TT Catalão aborda muito bem o diabólico que origina-se do grego *dia-bállein*, significando literalmente *lançar coisas para longe, de forma desagregada e sem direção; jogar fora de qualquer jeito (...). É tudo que desconcerta, desune, separa e opõe* (BOFF, 1998: 12). E esta força que nos divide é a mesma força que assume um papel relevante na sociedade contemporânea por reiterar o individualismo, a competitividade, as diferenças como imperativos às relações entre-humanos e as relações ser humano-natureza/cultura. Tudo que não é natureza é cultura. Nós somos uma e outra, em nossa sagrada totalidade.

O significado do Exu que TT Catalão traz remete ao termo "sim-bólico", também semelhante ao discutido por Leonardo Boff, no grego clássico, originado de *simbállein* ou *simbállesttrai*, que literalmente significa: lançar (bállein) junto (syn). Em outras palavras, o simbólico quer dizer "lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas (...)" e do ponto de vista da complexidade, *significa re-unir as realidades, congregá-las a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe* (1998: 11).

Compreender essas noções é de fundamental importância para as abordagens em Educação Ambiental. Porque a sua ignorância significa ignorar vias de acesso a uma visão ampliada, que possa não só conviver com os produtos da linearidade, mas, tentar superá-los. O simbólico é uma categoria, é uma criação cultural.

Brasília capital da beleza e do caos. O espaço entre o céu e a terra os sentidos da resistência. A cidade política: ocupação como relação, o respirar das expressões.

Depois a crise, o fechamento do congresso, a ditadura - um período imenso de ditadura (...) A cidade começou a criar sua famosa identidade com a ocupação do espaço público. O Concerto Cabeça foi uma ocupação das quadras, começou assim, a cidade começa a se recusar a seguir a agenda dos governos. Teve o Pacotão, que desfilava na contramão, essas coisas assim românticas, pode ser até besteira. A primeira frase do Pacotão, que foi minha, dizia: anestesia ampla geral e irrestrita. Era o viés do carnaval, só que desestabilizador, que dizia "você não tem controle sobre mim". Já era um ato político. Eu me lembro, que eu falava para os meus amigos de fora daqui, que aqui um concerto na quadra tem um peso político imenso. Aqui um Pacotão tinha um impacto de merecer um texto de Lúcio Costa: como um bloco, desfilando na

contramão numa cidade que é certinha? As desestabilizações aqui começaram com a desobediência civil na ocupação dos espaços públicos. Era um ato político tocar violão em baixo do bloco, uma transgressão. Nós fomos detidos. O cara que interrogava era da Rosacruz e eu tinha o meu lado místico também. Aí ele me falou uma frase: "Aqui, esta cidade, é uma cidade para se produzir e trabalhar"... "Essa cidade está para funcionar e a gente não admite nenhum tipo de aglomeração de gente". Então eu falei que tudo o que eu fizesse a partir daquele dia seria para que as pessoas se encontrassem em Brasília. Que era isso que eu iria fazer o resto da minha vida aqui. Por incrível que pareça, quando o sistema era fique calado, vestido, comportado, seja bonitinho e tal. Era a história do cabelo. Por que tinham tanta raiva dos cabeludos

hippies? Porque o cabelo era a única expressão no homem que dizia: "to fora, não to na de vocês". E dava raiva. Quando o país está fascista, tudo que é diferente dá raiva, incomoda.

TT Catalão descreve a luta pela ocupação dos espaços públicos, as formas de conviver, a força instituinte que significou muito em termos da resistência<>existência diante da força instituída.

A manifestação mais contrastante disso foi tomar o próprio corpo como o último suporte de expressão. Em especial o cabelo era a base de expressão identitária com carga estética provocativa, a expressão do *estou vivo, não me rendo à sua vontade, não à manipulação*. A condição do sujeito que torna possível a sua individualidade como espaço existencial e auto-referencial, ou seja, a sua própria subjetividade. Esta autorização do sujeito que vai gerar a *raiva estética*, essa indomável fúria e pretexto diabólico usado para a repressão.

Estes movimentos têm a sua origem num movimento maior, que é a contracultura, considerada a cultura minoritária que rejeita e questiona valores e práticas da cultura dominante da qual faz parte. Ela significou os focos de resistência e nascente do movimento ecológico no qual as expressões mais sensíveis como o sonho, o desejo, e a ousadia eram elementos destacados.

Podemos encontrar neste ideário de mudança o imaginário social instituinte entendido como um poder de autocriação e resistência.

A idéia de que existiriam “sedes” de criação em todo coletivo, mais exatamente, de que todo coletivo humano seria essa sede, que estaria mergulhada em um campo de criação englobando, incluindo os contatos e interações entre campos particulares, mas não redutíveis a eles. (CASTORIADIS, 1999: 278)

Sobre a sua atuação, TT Catalão sente que *a função aqui como pessoa é só jogar gasolina no fogo e deixar que as pessoas mesmo que se incendeiem. Eu não vou resolver nada! Só continuar inventando*. TT Catalão como cidadão se vê mergulhado nas emergências políticas de sua época, que apesar de viver as repressões e os traumas deixados por ela as converte em uma energia transformadora constitutiva das suas ações. Isto demonstra a evidência da presença da categoria do imaginário instituinte no indivíduo, refletindo sua marca na sociedade.

Como TT Catalão nos re-introduziu ao tema da construção, voltamos também a ver uma outra grande contradição na história. Porque JK reúne um grupo muito criativo, muito poético, que carrega a mesma carga simbólica que emerge da fala de TT Catalão. A cidade sonhada, a cidade desenhada, o cruzamento dos eixos e o arquétipo da cruz.

Como é que a cidade é nova e tem a raiz lá no passado?

Neste espaço de cidade ideal (sua base religiosa e simbolismo cósmico) (...) As cidades modernas, quando são estabelecidas *ex nihilo*, retêm algo das antigas concepções sobre o lugar do homem no cosmo (...) mas, Brasília futurística está plena de símbolos expressivos de um desejo comum e profundo de ordenar e estabelecer um elo entre o espaço terrestre e a abóboda celeste. (YI-FU TUAN, 1980: 196)

As questões envolvem a construção da cidade como uma intenção que é tensão o tempo todo. É uma cidade que não vai se resolver pois para ser a capital ela traz para si a sede do governo e traz junto a dificuldade de um sistema que trabalha com instituições seculares. O Congresso Nacional, o poder executivo e os outros poderes vieram juntos, sem trazer a mínima novidade para Brasília. O sonho é extraordinário, mas na hora de preencher o *sistema nervoso da cidade* (TT Catalão), ele mantém as tensões e intenções, ele já vem com os seus vícios.

Brasília traz a reflexão sobre as contradições que abriga. O “*Exu Monumental*” mostra exatamente estas categorias entre o céu e a terra. Ora, Brasília é palco de acirradas discussões na Câmara, no Congresso Nacional, de questões sobre as possibilidades dos ganhos materiais das políticas, dessa coisa densa da disputa de poder da matéria. Ora, Brasília é céu, abre as possibilidades de uma cidade utópica, uma cidade que pode instalar os ventos do futuro.

O plano de Costa para Brasília é uma simples cruz. Lembra, de um lado, a tradição dos primeiros colonizadores portugueses que levantaram uma cruz para selar a sua posse da descoberta de um novo país: Cristo, o *kosmokrator* venceu o caos. Por outro lado, lembra a antiga e sagrada tradição de dividir a terra por duas linhas que se cruzam apontando para as direções cardeais.
(YI-FU TUAN, 1980: 196)

O “*Exu Monumental*”, na perspectiva de TT Catalão, retoma o imaginário instituinte da cidade. Para o artista, Brasília responde ao sonho de instituinte criativo de uma cidade, de espaço de convivência, das ligações entre Asa Sul e Asa Norte, onde o sujeito sai e está lá o Cerrado. São as expressões culturais da cidade, que são um contraponto a esse poder instituído, às instituições carcomidas que Brasília também abriga.

Mal sabiam os construtores, vida e obra não se dividem. *Belo programa, o da incerteza!* (MAFFESOLI, 2005: 16) Com o passar dos anos foi inevitável passar por ele. Assistiremos o borbulhar da caldeira cultural, desse *sistema nervoso* que a cidade segundo TT Catalão ainda ensaia construir. A invasão das chitas coloridas e das manifestações populares, o povo que está nas periferias vem e ocupa silenciosamente. Em Brasília, nós estamos cercados de catiras, o boi do Seu Teodoro, o Cacuriá, as Folias de Reis, o Cateretê, os violeiros, Jongo, Congada, Seu Estrelo e Fuá de Terreiro.

Como negar a influência das expressões populares, que está na Torre de TV, nas diversas feiras e festas tradicionais? O conhecimento do Cerrado, os nutrientes e remédios usados há séculos com sabedoria e prudência, espalhadas nas Regiões Administrativas.

O imaginário social instituinte que surpreendeu até Lúcio Costa, quando ele retornou anos depois e teve uma visão de Brasília, da plataforma da rodoviária e ficou tomado de encantamento, vendo a multidão saindo da Esplanada dos Ministérios e indo para a rodoviária:

Eu cai em cheio na realidade, e uma das realidades que me surpreenderam foi a rodoviária, à noitinha. Eu sempre repeti: essa Plataforma Rodoviária era o traço de união da metrópole, da capital, com as cidades-satélites improvisadas da periferia. É um ponto forçado, em que toda essa população que mora fora entra em contato com a cidade. Então eu senti este movimento, essa vida intensa dos verdadeiros brasilienses, essa massa que vive nos arredores e converge para a Rodoviária. Ali é a casa deles, é o lugar onde se sentem à vontade. Eles protelam até a volta, e ficam ali, bebericando. Eu fiquei surpreendido com boa disposição daquelas caras saudáveis. E o “centro de compras”, então fica funcionando até meia noite (...)

Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para este centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram estes brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. É o Brasil...e eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído. (Entrevista in-loco ao Jornal do Brasil, 1984 apud COSTA, 2001)

Da mesma forma no imaginário de TT Catalão, o espaço público é para o uso do povo que é quem legitima estes espaços. Com o desenrolar da palestra, já com muitas informações, começou uma boa interação entre o grupo e o convidado. Uma pequena composição em que as vozes se alternavam e se co-respondiam.



Figura 7: Interlocuções Foto: Zélia Souza

O pesquisador coletivo dialogou com o palestrante sobre reformas estéticas em Brasília, a criação de espaços culturais nas Cidades Satélites, como possibilidade de acesso e minimização da violência juvenil, sobre patrimônio e tombamento.

O convidado abordou a área dos equipamentos culturais que é dramática para as Regiões Administrativas, pois reflete uma dificuldade estrutural e política. E toma como exemplo o Espaço Cultural da 508 Sul, da época em que ele montou o trabalho com os grafiteiros. Foi o começo de muita coisa:

Trazer gente e os grupos começaram a se organizar. Muitos viraram artistas plásticos. Com a gibiteca formou-se uma geração de quadrinistas de Brasília. Em suma, com informação. Só isso, sabe? Dando técnica e chance de se encontrar.



Figura 8: O poeta do encontro Foto: Zélia Souza

Este é tom de TT Catalão. Sua abordagem sobre cultura como formação é composta de um tripé: *formação, equipamentos e informação* entendidos como um

conjunto com características afins. É uma abordagem metodológica consistente ligada a uma dimensão maior que contemple a formulação e implementação *políticas públicas culturais*. Para TT Catalão, todo trabalho financiado pelo Estado deve ter desdobramentos formativos com a comunidade onde se insere.

Esta é a preocupação dele enquanto gestor cultural. É uma das suas faces, que nos aproxima das suas outras faces, da expressão poética que constitui a sua obra literária. Sua trajetória como homem das letras tem como eixo de ligação a cidadania como marca da democratização dos espaços culturais, que nos leva a refletir sobre o sentido de pertencer a uma cidade, a uma cultura e a um grupo social.

TT Catalão marca forte presença no cenário cultural do Distrito Federal caracterizado pela ampla abrangência no campo intelectual e produtivo. O artista é também jornalista, poeta, letrista e ativista cultural e participa ativamente da vida cultural local, atuando inclusive na implementação de políticas públicas.

Para Maffesoli *coisas que, em graus diversos, atravessam as histórias individuais e coletivas, coisas, portanto, que constituem a “via crucis” do ato de conhecimento* (2005: 13). É um saber *dionisíaco* que este autor diz que não se dá pelo reconhecimento ou legitimação dos conceitos mas pelo sujeito ter a capacidade *de perceber o fervilhar existencial cujas conseqüências ainda nem foram totalmente avaliadas*. Nesta emergência todos estamos implicados.

Quando já não se tem quaisquer garantias, ideológicas, religiosas, institucionais, políticas, talvez seja preciso saber apostar na sabedoria relativista. Esta “sabe”, por um saber incorporado, que nada é absoluto, que não há verdade geral, mas que todas as verdades parciais podem entrar em relação umas com as outras (MAFFESOLI, 2005:11).

O espaço do sujeito, a mediação do seu ambiente formador que envolve sempre a sua relação com o seu meio natureza-cultura, não foi de imediato percebido pelo pesquisador coletivo e foi preciso um tempo para que as categorias explicitadas na palestra repercutissem.

Nos processos da educação ambiental ainda temos que caminhar muito no sentido das pessoas perceberem a cidade como ecossistema urbano. Na minha experiência como formadora, dentro dos diversos grupos que trabalhei, sempre encontro com essa grande dificuldade: as pessoas não consideram a cidade como um ecossistema dos ambientes urbanos. Na hora de pensar seu meio ambiente natural e construído é a natureza que é a matriz simbólica, não é a cidade. Portanto, não há a percepção da relação natureza-cultura. Nas reflexões sobre o meio ambiente urbano impera uma visão

de que o progresso é sinônimo de tudo que é construído pelo ser humano. Assim, as pessoas sempre associam meio ambiente à natureza. Neste contexto, a criação de Brasília não é vista como criação, nem como ecossistema urbano.

Acontece que a criação é a base de Brasília. Quando TT Catalão apresenta as relações entre a dimensão natural e a dimensão cultural, ele traz o construído na invenção de uma cidade que é um ecossistema de ambiente urbano. A cidade é *uma rede permanente de espaços, encontros, de experiências* e de situações educativas plurais. Onde interagem níveis de *conhecimento que cerca a cidade e os seus processos culturais, sociais* (SANTOS, 2005: 237) e ambientais.

Para a compreensão de uma Ecologia Humana crítica, baseada na dimensão sócio-ambiental que nos indica TT Catalão, a cidade é o lugar da experiência, o lugar do habitar e de pertencer a uma comunidade. Para a nossa proposta, essa reflexão nos ajuda a aprofundar o significado da questão: *a EA é um retorno ao passado ou uma senha para o futuro? Ela é uma senha para a transformação* (CATALÃO, 1993).

Vilma percebeu uma carga de ousadia e paixão, atravessada nas ações do nosso convidado:

Percebo que o sistema além de alienante e injusto, nos faz reféns, impossibilitados de ir além. Mas, sinceramente espero que essa sensação de refém seja só de passagem. E, que logo mais eu também, assim como TT Catalão, possa visualizar possibilidades de mudanças. mesmo porque a esperança é parte fundamental na formação do sujeito ecológico.

Mesmo insistindo em dizer que a palestra não refletiu ligação com nossas questões, Joema faz uma avaliação do encontro, levantando as dimensões e relações intimamente ligadas às nossas buscas.

TT Catalão é um humanista! Percebi que ele quer conciliar a cidade, sua infra-estrutura com o uso das pessoas. Percebi o amor que ele nutre pela formação dos indivíduos - com o encontro do ser humano com outros da espécie humana; com o encontro do ser simbólico, com as crenças e espiritualidade. Sim, TT Catalão nutre o respeito pela liberdade e democracia. Também no meu ponto de vista existe uma contradição, o contraste concreto x verde. Penso que introduziram muitas espécies exóticas, não valorizaram o Cerrado. TT Catalão comentou o impacto brutal da construção de Brasília na natureza. Mas, como Brasília é uma miscelânea de gente de todas as regiões, acho que a flora reflete também essa miscigenação.

É possível compreender por meio da apresentação de TT Catalão a presença dos paradoxos, seu apelo à contradição, até para quem se fecha mais na relação com o natural.

A relativização do saber na produção do conhecimento é de fundamental importância para a ampliação da nossa percepção nas questões ambientais e sócio-culturais na direção de resgatar a dialogia que é própria da vida comum. Discuto o paradoxo que observo na fala de Joema porque *todo conhecimento é autoconhecimento*:

Uma nova gnose está em gestação (...) A ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real. Os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São partes integrantes dessa mesma explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, a astrologia, da religião, da arte ou da poesia. (SOUSA SANTOS, 2004: 83)

O mundo está em gestação, como o ser humano que caminha sobre ele. Não negamos o apelo ao racional, mas, entendemos que é na dobra com a emoção, o afeto, o imaginário, com as outras dimensões que ele se complementa e se fortalece. Este é um encaminhamento que encontramos na reflexão de Aristóteles:

TT Catalão é um formador de opinião, um promotor da arte e da cultura. Uma pessoa de senso crítico, que nos proporcionou um painel histórico, mitológico, político e cultural, muito esclarecedor. Nos levando a refletir sobre a nossa identidade. Em sua discussão, também, para o conflito cultura e meio ambiente. Entre imaginário e realidade. Entre controle social e liberdade. Entre manipulação política e participação. A história de Brasília, seu mito fundador e o destino do país estão entrelaçados. E, para compreender nosso papel nessa sociedade complexa é preciso ter mais clareza sobre isso. Qual o nosso papel no destino cultural da nossa cidade? Como podemos participar ativamente deste processo?

A aproximação construída por TT Catalão com o grupo é um grandioso aprendizado porque este artista nos apresentou dimensões inexploradas da relação entre natureza e cultural, inserindo o espaço construído como natureza também. Essa compreensão deve ser levada aos espaços educativos da EA. O encadeamento das suas idéias, sintonizado com as situações levantadas, reflete um diálogo com outros campos do saber, dentre eles o saber-fazer educação ambiental. A noção de autorização fica muito evidente no trato que ele dá a respeito de uma formação do ser humano a partir dos ambientes culturais formadores.

As nuances de interiorização despertadas em Zélia foram:

*Por vezes o caminho se revela
Fascinante, vivo, exuberante.*

Palavras soltas
 No universo das consciências.
 Por vezes o turbilhão,
 O nó, a encruzilhada
 Amotinada no peito.
 A cidade se funde
 Nas perspectivas de vida
 Ir ou vir
 Não é apenas mais um caminho
 Mas, o caminho da escolha.
 A dádiva da aprendizagem
 De ir escolhendo.
 Escolhi um curso que é práxis.
 Escolhi uma pesquisa que é multicolor.
 Escolhi a corporeidade.
 A mente manifesta no fazer.
 Por vezes a encruzilhada
 Dos eixos.
 Por vezes a amplitude
 Da estrada.
 Neste repertório de idéias
 As chances do (re)encontrar.
 Tira do anonimato
 Valores, opiniões, sensibilidade.
 Revela uma Zélia
 Que quer ficar
 Cercada do desejo meio
 Caminho do ambiente inteiro.

Essa partilha demonstra um fecundo ensejo à reflexão porque as coisas e as pessoas são o que são: *procedem e organizam-se de acordo com uma disposição que lhes é própria. Assim, em vez de desejar pegá-las no conceito, talvez valha mais a pena acompanhar a energia interna que está em ação em tal propensão* (MAFFESOLI, 2005: 18,19).

Se a nossa busca é por caminhos que nos leve a uma religação dos saberes, eu defendo que o contato com a história, com a literatura, a política ativa e a sabedoria popular sustentam esta busca. E o artista convidado partilhou de modo a não se prender à ranhura conceitual, ao contrário, revelou fendas, contornos, sutilmente acariciou nossas disposições internas. *O homem sonhador diante da fogueira é, pelo menos contrário, o homem das profundezas, o homem de um devir* (BACHELARD, 1938: 101).

As contradições e o imaginário refletem um ser do fogo. Pois este elemento é o único que pode aceitar duas valorações opostas. Ele possui a dualidade profunda que está em nós e fora de nós, invisível e brilhante. Habita o espírito do poeta e do intelectual.

O Cerrado ao ser incendiado por um raio, produzindo calor poderia nos aquecer ou nos afastar. Mas, a questão que persiste é: como conservar este fogo produzido pela

natureza? Depois de apagado, quem conseguiria reacendê-lo? *Só a invenção do fogo, pedra angular de todo o edifício da cultura, como tão bem exprime a fábula de Prometeu (...)* (SCHLEGEL, 1846: 307,308 apud BACHELARD, 1938: 49). Por meio da fricção rápida e prolongada de dois pedaços de madeira seca, pela primeira vez o ser humano fez fogo, iluminou-se com a própria experiência.

A fala de TT Catalão traz para o grupo a questão sócio-ambiental de uma Ecologia Humana crítica, que se enraíza nas questões do ambiente urbano. Esta visão crítica do mundo pode constituir uma práxis, onde o exercício da ação criativa pode ser um elemento constituinte da destruição-renovação de conceitos para uma EA transformadora.

2.2.3 Poética do Cerrado

Cada pessoa tem uma percepção das coisas que é construída pela sua trajetória e essa percepção lhe dá a *espessura do mundo* (MERLEAU-PONTY, 1999). Minhas vivências *Cerratensis* se deram neste sentido e esta poesia é fruto dos olhares que eu aprendi a ter do Cerrado...

Encontros com a Mata

*Com os olhos fechados, guardamos na mente as riquezas do Cerrado.
É uma pena que a poucos interessa e muitos o têm desmatado.*

São pelo menos 30 milhões de anos de história e se não fizermos algo, será apenas mais uma imagem na nossa memória.

Só para ter uma idéia do que vamos perder, algumas belezas vou descrever:

Aqui no Planalto Central o Cerrado é vegetação típica.

Nos campos limpos nascem gramíneas e flores e nenhuma árvore para o pássaro repousar

Mas, tem sempre vivas para os nossos olhos encantar

Tem também veredas com seus buritis e palmeiras

E no campo sujo, de solo 'dito' mais pobre, canelas de ema nascem, crescem, sem qualquer problema.

As árvores maiores quase sempre retorcidas, nascem nos solos profundos do sentido estrito.

Já em outras áreas, de mata seca os solos são mais ricos com presença de calcário.

Nasce o cedro, o jatobá, a aroeira e o

jequitibá.

Podemos ver, nos morros e serras, os campos rupestres onde crescem as árvores anãs e belas bromélias.

As matas ciliares, com seu cheiro e frescor protegem os cursos d'água e tantos animais que vivem neste e em outros locais do Cerrado.

Fica aqui um apelo que devemos protegê-lo

Isso é urgente e envolve toda a gente.

Fiz assim, tortinho para a leitura provocar atenção e retornos. Para anunciar a companhia de Rômulo Andrade em nossa pesquisa. A época dos Ipês chegara ao fim, a primavera baixara no Cerrado com suas cores e nada de chuva! Bem de manhã tive a

notícia da ausência de alguns colegas de trabalho. É sempre angustiante lidar com isto, porque estamos diante de uma oportunidade única de reunir tantos artistas e conviver em ambientes formadores com uma mediação privilegiada.

Nos encontramos no Parque Olhos D'água à espera de nosso convidado, Rômulo Andrade e seu belo trabalho, a *Poética do Cerrado*.

O encontro foi organizado como uma roda de conversa porque nosso convidado prefere fazer uma abordagem do seu verso articulada às possibilidades dos participantes. O tema que ele nos trouxe nasceu do seu pluriverso pessoal<> artista<>educador. Rômulo Andrade é um artista bastante conhecido em Brasília. Ele propõe uma poética que reflete a natureza e a identidade multicultural do Brasil. Identifica-se com arte e a visão *mito-poética* dos ameríndios e aborígenes que remete ao mundo simbólico e o tempo primordial. Para ele o Brasil é uma grande riqueza, um país de grande biodiversidade e os biomas agregam características muito expressivas. A fauna e flora do Cerrado são os elementos presentes em sua pintura.

Rômulo Andrade veio falar de uma história que vem desenvolvendo desde os anos 70, de um carioca que chegou em Brasília com 20 anos e tudo era uma novidade. Um sujeito apaixonado pela vida e se emociona de ver as coisas onde a natureza ainda tem o encanto e o aspecto de integridade. Sua trilha atravessou a Floresta da Tijuca, que é Mata Atlântica, chegando no Cerrado. Um poeta andarilho:



Figura 9: Rômulo Andrade Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Cheguei aqui com um grupo de ambientalistas. Pessoas que tinham preocupação com a poluição na Baía de Guanabara. Eu participei de alguns jornais alternativos da época que se dedicavam a essas questões. O Jornal Ordem do Universo, que reunia jornalistas de primeiro time que tinham um enfoque ambiental sobre a questão da saúde, do cuidado com o corpo, agroecologia. Um pessoal bem ligado em práticas saudáveis de vida. A gente tratava dessas questões no jornal em 73/74. Meu primeiro momento em Brasília. Eu illustrei, fiz algumas coisas pro o jornal. E aí comecei a olhar para essa região de

maneira diferenciada, ilustrando as coisas do Cerrado, a amplitude deste o céu cor de abóbora que a gente tem aqui.

Na sua experiência como educador Rômulo percebia a enorme carência dos professores, das escolas na educação convencional em relação às linguagens artísticas. Para o artista ficava sempre a pergunta: *por que a gente não vem contemplando este aspecto das linguagens mais sensíveis, das linguagens expressivas?* Passou a buscar resposta no próprio trabalho. A proposta da *Poética do Cerrado* tornou-se a possibilidade de um trabalho de arte educação e meio ambiente.

Uma proposta que vem reunindo uma pluralidade de expressões artísticas. Poéticas que se configuraram em diferentes circunstâncias, dentro da afirmação da poesia e da expressão criativa como fator de desenvolvimento das pessoas.

E o Cerrado sempre o meu ponto de reflexão. Porque o Cerrado nos ensina muitas coisas, ele nos dá uma lição de ética. Poética do Cerrado a palavra ética aí dentro. O Cerrado nos ensina a não desperdiçar. É uma vegetação adaptada a um clima hostil. A escassez de água em boa parte do ano. De solo mais ácido, mais pobre em termos de nutrientes. O Cerrado é mais discreto também. E por isso tem muitas pessoas que não valorizam. Porque tem uma visão de natureza exuberante de floresta. E o Cerrado é mais discreto. Para você ver a beleza tem que entrar. Não dá para ver da pista, da estrada. Tem que entrar dentro para ver as flores, perceber as épocas da vegetação. Agora por exemplo, na seca as árvores estão anunciando a chuva. O visco e o verde de algumas folhas estão mostrando que a chuva está próxima. Essa estratégia de buscar a água muito profundamente. Há quem use essa imagem e diz que o Cerrado é uma floresta de cabeça para baixo, porque as raízes vão a profundidades maiores que a própria copa para buscar os lençóis, os recursos de água no subsolo. Então é uma estratégia de sobrevivência interessantíssima.

O seu trabalho se configura como o de um artista das paisagens, que busca documentar os aspectos do Cerrado, reunir uma coleção de autores, procurando na literatura brasileira, de escritores, dos poetas, dos músicos que cantaram o Cerrado na sua obra. Neste percurso investigativo Rômulo organiza uma pequena antologia onde acontece a junção das suas percepções e idéias, tecendo com as idéias de outros autores a sua estratégia educativa.

Podemos perceber um movimento transversal legitimado por uma diversidade de linguagens, atravessando o espaço da intersubjetividade caracteriza o reconhecimento do outro como a necessidade de completar para ser inteiro. Rômulo Andrade nos traz esta noção de um processo educativo construído pela sua vivência. A criação de elos, a escuta sensível, o compartilhar e a legitimação do outro são possibilidades estratégicas aonde a pessoa vem como ela é: inteira.

A percepção das situações plurais é afetada e articulada a noção de educação integral que favoreça a experiência dos sujeitos. O artista costura muito bem ambiente<>estética<>conhecimento em um entrelaçamento de áreas de conhecimento em uma possibilidade transdisciplinar. A *Ecopedagogia dos Cerrados* proposta de Rômulo Andrade a partir do cotidiano e retornando a ele sua singular contribuição são saberes interdependentes que os recursos da sensibilidade revelam. É o desenho de como as linguagens artísticas podem interagir com as mais distintas áreas de conhecimento, como canal de comunicação e expressão e como abordagem transversal.

Uma arte que seja o testemunho de uma nova cultura, desta nova consciência emergente. Porque convivendo com as musas aprendemos a nos conhecer melhor, a abominar a grosseria, o utilitarismo e o menosprezo pelo outro. Temos convicção de que a música, a poesia e artes em geral são o melhor remédio. Instrumentos de construção de uma sociedade mais harmoniosa, fraterna e solidária para com todas as manifestações de vida.

Nosso convidado se identifica profundamente com o *reencantamento do mundo* (Unger, 1991) como principal via de acesso a uma educação integral do ser humano. Uma redescoberta do ser humano em sua dimensão ecológica, ou seja, como parte integrante do mundo natural e, num plano mais amplo, do próprio cosmos. O que vai fecundar o *reencantamento* como categoria fundamental nos processos de formação em EA.



Figura 10: Mostra da produção

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Rômulo Andrade compartilhou seu trabalho artístico e o seu engajamento nas questões ambientais com o pesquisador coletivo por meio de uma montagem em forma de álbum-documentação. É a memória da narrativa visual do seu percurso composta de ilustrações para livros, mapas ambientais, cartazes, folders, convites. Um rico material

para campanhas educativas. Para o nosso grupo é uma ciranda de possibilidades ecopedagógicas.

Um dos elementos mais presentes em sua abordagem é o buritizal. O artista se espelha na maioria dos escritores da região de Minas Gerais e Goiás, para tomar a imagem dos buritizais como um berço de vida que reúne a fauna e é importante para as nascentes. Como uma aventura de grande beleza o *buriti sempre sinaliza os lugares onde tem água, córregos, nascentes, lagoas e veredas*. Escutar o buritizal é ouvir o cochicho da água, segredando caminhos ecopedagógicos como elemento configurador de paisagens e matriz para uma abordagem educativa.

Nos poemas nós vemos a sabedoria popular, observando e falando da vida aqui na região. É uma compreensão dos ciclos pela observação atenta dos fenômenos. A poesia tem uma ação poderosa na mediação dos acontecimentos na vida do ser humano. A poesia para Morin reside em sua própria fonte:

Ela se perde nas profundezas humanas tanto quanto nas profundezas da pré-história, onde surgiu a linguagem, nas profundezas dessa embalagem estranha que é o cérebro e o espírito humano (...) O estado poético pode ser produzido pela dança, pelo canto, pelo culto, pelas cerimônias e, evidentemente, pelo poema.(2008: 35, 36)

O encantamento traduzido em palavras é uma das manifestações da poesia. A expressão poética internalizada e derramada no cotidiano traduz-se como a expressão criativa enraizada no sujeito e é uma dimensão ampliada da poesia. A poética é uma categoria importante para o pesquisador coletivo, pois é a capacidade de inventar articulada com a observação do ambiente.

Um habilidade educativa ainda pouco usada é a capacidade de observar. A observação é o espaço mais comum entre os sujeitos e o cotidiano, pois ela favorece a experiência imediata. Na ecopedagogia a observação, participa do significado de *caminhar com sentido* de Gutiérrez (1996). Assim, *com os sentidos recuperamos o significado, incorporamos a direção e evocamos os sentimentos nos pequenos gestos da vida cotidiana* (CATALÃO, 2008c: 20). A observação da Natureza e do ambiente construído:

(...) como estratégia de aproximação e enraizamento consciente visa uma relação mais profunda com o meio natural, o acesso à subjetividade de seus processos. Por esta via, a lógica do vivente sustenta a meta-lógica da cultura que pode articular harmonicamente o modo de ser natureza e o modo de ser cultura.(CATALÃO e RODRIGUES, 2008b: 10)

O pesquisador coletivo compreendeu que o trabalho com a Poética do Cerrado traz o sentido de preparar melhor *uma geração mais sensível e responsável para com os ciclos da vida, isso começa na sala de aula*. E, retornando o sentido para que da sala de aula se alcance os outros espaços educativos e que estes retornem à sala de aula como uma *mandala* recursiva de saberes integrados.

No final dos anos 80, Rômulo começa uma idéia de trabalhar com recicláveis e papel artesanal. Mostra trabalhos feitos com as crianças do Paranoá:

O pigmento mineral que eu recolhi nos arredores da cidade. Nessa época eu imaginava um menino da periferia que gostasse de desenhar, mas, não que tivesse acesso ao material de arte das papelarias. Que não era para ser tão caro, uma aquarela custa caro, e menino pobre não tem acesso. Fica sempre uma coisa distante. Eu vivi isso na minha infância. Eu desenhava em papel mais barato que sobrava. Então, lembrando a minha própria história, que fui procurar o que a gente pode encontrar para que o menino possa se expressar. Independente do mercado de produtos de arte. Fui buscar materiais alternativos. uma série de possibilidades que eu pesquisei e uma delas é o material tirado da natureza mesmo.

Seu trabalho em sala de aula é a expressão deste momento. Por meio das linguagens artísticas Rômulo Andrade procura despertar a cidadania poética em seus educandos. Um resultado significativo é a ilustração do convite para uma exposição em 1996, com papel reciclado feito por crianças no Paranoá. O artista reforça que é preciso compreender a não desprezar nada observado.

Depois de uma queimada algumas folhas pegam uma tonalidade amarela cor de açafraão. Por onde você passa está tudo cinza e essas folhas amarelo vibrante viraram trabalho artístico em diferentes exposições. A folha do bate –caixa é uma escultura, quando desidrata fica uma obra em si. São aspectos interessantes valorizados na arte contemporânea. A pessoa quer se expressar e quer comunicar suas idéias, ela não precisa necessariamente saber pintar, saber desenhar. Há muitas possibilidades. A pessoa pode recolher conchas, pedras reunir no seu trabalho e fazer coisas legais com essas possibilidades.

Sobre a compreensão do que seja a arte contemporânea, aprecio o fundamento trazido por Dulce Schunck, relacionado às linguagens artísticas onde a poética artística pode perpassar as formas e idéias do ser humano no mundo contemporâneo como uma possibilidade de abrir-se ao cotidiano em uma arte que interroga e atribui novos significados ao se apropriar das suas linguagens. Uma arte de leituras plurais.

(...) mostra-se capaz de fazer a ponte para um diálogo interconectivo, por tocar o espírito, o coração, a memória, o imaginário, a razão,

reassociando-os num novo religare – o religare ecológico. A arte é impulso lúdico que busca essências, recupera dimensões cingidas do ser e amplia sentidos. Permite-nos caminhar nos territórios do belo, do sagrado, do mágico e do simbólico (SCHUNCK, 2006: 69).

Para trazer um olhar do observador atento, o nosso convidado compartilha uma delicada lembrança de quando foi morar afastado da cidade e pôde observar a incrível variedade de mariposas, de insetos e da fauna. Essa é uma tradução de um viver poeticamente e o reencantamento com a vida.

Especialmente na época da chuva, deixando a luz acesa, de manhã é incrível a variedade de insetos voadores que aparecem, besouros, mariposas, cada uma mais linda. Acho as mariposas lindinhas, algumas parecem ter roupa de inverno, algumas são de uma elegância, umas cores mais discretas. Diferentes das borboletas que se vestem para aparecer, as mariposas são de tons brandos, beges, bem delicadas, diferentes. Um convite de exposição em 1990, já aparece o olhar para as mariposas tão lindas e expressivas. Depois eu fiz uma série de mariposas, aproveitando as formas, essa coisa das asas. As mariposas estão sempre em torno de focos de luz, a mariposinha!

Podemos depreender dessa fala *uma metafórica síntese visual de alta qualidade estética* (BARJA, 2007), que está presente em toda a obra de Rômulo Andrade. Está presente na sua compreensão da noção de arte pública. No sentido de que as pessoas possam conviver com obras que não precisam ficar dentro de casa, restritas a uma elite. As obras podem ficar em áreas abertas ao alcance das pessoas.

O acesso é um atributo ético da democracia, que em nossa sociedade contemporânea consumista parece não ter direito a vigorar. É uma compreensão estética referenciada no universo feminino que tudo quer compartilhar a partir da existencialidade interna. O encontro com o universo masculino que pode remover-se dos museus, das estruturas fixas, para espaços de convivência mais ampla. São os reflexos do sujeito ético-estético em seu ideal ecológico.

Ao contrário de se ter uma idéia estabelecida do que a arte deva ser, pode-se simplesmente abordar as coisas de forma criativa. Então promovemos uma abertura artística a um número infinito de possibilidades, a arte pode estar em casas, pratos, parques – “projetos” para residências e rodovias. Os artistas podem influir na sobrevivência, transformando a Terra em algo simultaneamente nutriente e lindo (...) De certa forma o processo todo consistiu em desaprender tudo o que me havia sido ensinado na escola sobre arte (...) comecei por observar e traduzir a natureza de uma forma bem direcionada em projetos e plantas. Com efeito, achei a natureza muito mais excitante do que qualquer coisa que eu pudesse inventar (...) tudo que faço é tomado como empréstimo (...) penso que a chave está em tornar as coisas funcionais, acessíveis a

todos. A arte deve intermediar o indivíduo com todo o resto (JOHANSON, 1992: 1, 12).

É uma visão e uma energia criativa que ocupa os espaços e colabora com uma proposição educativa, ao mesmo tempo é também uma arte que engaja as pessoas, mobilizando mecanismos de relações mais funcionais, estéticas com o mundo social e natural. O papel das poéticas artísticas que queremos se efetive na produção de conhecimento para a Educação Ambiental passa por esta construção de pontes entre a relação complexa do natural-cultural. É de um valor formativo multidimensional como categoria que emergiu da *Ecopedagogia dos Cerrados* para o pesquisador coletivo.

Nesta perspectiva, Rômulo traz conteúdos da arte e da poesia em um encontro realizado com muito vento, onde as coisas queriam voar o tempo todo. Parecia até que fazia cócegas dentro da gente, provocando sorrisos no grupo. Uma metáfora do elemento ar presente dispersando a flor-botão com as sementes de uma outra maneira de conhecer o mundo: a sensibilidade, que aliada à razão oxigena o intelecto.



Figura 11: Partilha da expressão criativa Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Nessa atmosfera Rômulo considerou que bastava de narrativas pessoais. E decidiu recitar os poemas selecionados para o encontro. O pesquisador coletivo identificou-se com o seu estilo apurado de dizer as coisas com leveza. A cada poema recitado, eu observava a interação entre o artista e os colegas pesquisadores no trato com a carga poética. A cena sugeria a tendência das linguagens artísticas numa linha pós-moderna, de traçar uma imagem e produzir um sentimento conectado com o presente.

Afloraram as emoções e os diferentes domínios de ações possíveis nas pessoas e animais, e as distintas disposições corporais que os constituem ou realizam (MATURANA, 1999: 22). A disposição corporal mudava a cada poema declamado. Zélia

pediu os poemas para recitar em um evento que ela ia participar. Andréia sinalizou o potencial educativo para se trabalhar as questões ambientais em sala de aula. Joema se abriu em contemplação e Marilândia, parecia silenciar as águas internas e com os olhos brilhantes, emudeceu! Eu me responsabilizei pelo envio da antologia feita por Rômulo.

Voltamos a falar de muitas questões problemáticas, contudo, tecendo relações entre a poesia e a contemporaneidade. Estamos tratando a Educação como algo maior do que a educação formal de escola, algo que pode problematizar situações cotidianas e que aponte que temos escolha, podemos entrar neste lamaçal ou nadar em uma água que vai te trazer momentos de respirar, de recomeçar. É um pensamento em espiral, o sujeito tem um planejamento das suas ações e vive essas ações. O sujeito volta para o lugar do planejamento e retroage sobre esta ação, avaliando-a.

Então, ouvimos: *vamos parar para ouvir o buritizal...* Uma escuta sensível do mundo, do outro, de todos os seres. Esta escuta colabora com a nossa percepção das questões ambientais e nos auxilia na elaboração de abordagens educativas, por que é uma estratégia metodológica por excelência.

Este foi o aspecto mais observado pelo pesquisador coletivo. Para Zélia falar do Cerrado, mesmo que seja algo tão surrado:

A sua ética é estratégia de sobrevivência, de buscar água profunda. Nossa formação é orgânica. É a conquista de si mesmo. O interior mais intenso que movimenta nossa escuta sensível.

Sua observação enuncia que houve uma conexão entre a abordagem de Rômulo Andrade e nossa co-formação.

A Poética do Cerrado despertou em Joema:

O reencantar do mundo nasceu do aspecto de integridade da natureza. É um movimento de arte-educação-meio ambiente. O pensamento em espiral não para em si mesmo e passa adiante. Acho que para a escuta poética ser completa é preciso parar e encontrar a si mesmo, isso é vital para a autopoiese e para conseguir a escuta sensível do outro. Para mim a arte só tem sentido se toca o coração. Quando tocamos este mundo mágico dentro de nós e permitimos que ele se expresse fora de nós, a arte assume seu sentido da transformadora do mundo.

Nas entrelinhas a sensibilidade surge vigorosa pela escuta do pensar junto. O pensar poético é um pensar por emoções. Deste modo, a sensibilidade participa da relação da inteligência lógica com o pensamento e a linguagem simbólica. Uma reeducação que significa reencantamento da razão, outra necessidade vital de nossos dias, estes dias de razão desencantada (SEVERINO, 2002: 117).

A linguagem poética despertou em Andréia que:

Educar o olhar para o sensível é enxergar com todo o corpo. A percepção do olhar é ampliada pelo foco dos outros sentidos. Eu quero agradecer por este encontro fora do tempo, da gente parar no meio da semana e refletir, olhar para tudo isso e ver que vale a pena continuar vivendo.

Nessa fala há uma tessitura de sentidos onde expressa-se que os recursos da sensibilidade resgatam o *gosto e o sentido de nos reconhecermos em nossas palavras e nossos pensamentos, nos diálogos sem término em que criamos e recriamos nossa existência, essa aventura em que o aprender é tão necessário como o respirar* (SEVERINO, 2002: 117).

Muitos elementos surgiram nas falas do pesquisador coletivo como o fogo para o Cerrado, a água e suas lições, o ar oxigenando as idéias e a terra, trazendo firmeza para o enraizamento das noções. Considero que a madeira seja o elemento que traduza a força de Rômulo Andrade, pois a madeira na filosofia chinesa é o elemento que reúne e faz a síntese.

A materialidade simbólica da madeira traz o poder de comunhão e integração dos elementos para pensar uma educação que possa envolver emoção e prazer por meio das formas das coisas, dos sons, do colorido, na maneira que percebemos a nós mesmos e nosso ambiente inteiro. Podemos compreender *ouvir o buritizal*, ouvir como ato de percepção, de educar e de reencantar. Vamos encontrar este apelo de beleza como cultivo educativo num método que tem a Natureza como musa inspiradora.



Figura 12: Partilha de poemas

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Na atuação de Rômulo Andrade encontramos mais um sentido para a imaginação humana:

Só o enxerto pode dar realmente à imaginação material a exuberância das formas. É o enxerto que pode transmitir à imaginação formal a riqueza e a densidade das matérias. Obriga a planta selvagem a florescer e dá matéria à flor. Fora de qualquer metáfora, é necessária a união de uma atividade sonhadora e de uma atividade ideativa para produzir uma imagem poética. A arte é natureza enxertada. (BACHELARD, 1989: 11)

Se é como poeta que devemos caminhar sobre a Terra, parafraseando Hölderlin, podemos ser o poema realizado. Ser criador e criação. A *poiésis* no cotidiano como fonte liberada da comunhão da nossa capacidade de simbolizar e raciocinar.

Com Rômulo percebemos a ecopedagogia que emerge da ressignificação das pequenas coisas da vida cotidiana como propõe Gutiérrez (1999). Escutar os ventos, pisar na terra, ver o broto da árvore em sua explosão, as primeiras chuvas, os *paephalantus* salpicando o Cerrado de pontinhos brancos, a festa das mariposas no lume. *O pequeno desempenha um papel de substância diante do grande; o pequeno é a estrutura íntima do grande* (BACHELARD, 1989: 117).

Ecopedagogia pela trilha da sensibilidade estética. Rômulo Andrade traz essa ecopedagogia a partir das trilhas do Cerrado e *está ligada, portanto a uma projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje* (GADOTTI, 2000: 94).

Essa é uma filosofia que sugere conexão, portanto, enraíza-se na imaginação simbólica do elemento madeira. Conforme a medicina chinesa, em torno deste elemento, *estabelece-se um sistema de relações que conecta partes do organismo humano ao que existe a sua volta. A madeira tem sua plenitude na primavera e se manifesta no vento, que, por sua vez, move as folhas das árvores* (BELOTTI, 2007: 01). Em Bachelard é a imaginação da árvore aérea que mostra um ser terrestre se fixa *à terra pela força coletiva das próprias raízes, do tecido frágil e sensível das folhas vai buscar no ar e na luz apoio como condição de seu crescimento* (2001b, 209).

As pessoas que simbolicamente incorporam o elemento madeira são a revelação da árvore frondosa, lançam-se aos ventos e os seus galhos possuem um interesse em várias coisas e sua personalidade generosa está segura pelas raízes. Novas formas de vida surgem no planeta, quando a semente se abre em direção ao céu. Tudo que está em ressonância com o elemento madeira ativa-se na primavera.

Rômulo Andrade é um pintor, mas bebe o tempo todo na poesia. Entre os nossos convidados é o que mais trabalha essa dimensão poética atuante como enxerto, agregadora de fazeres e saberes educativos. Com outro ânimo terminamos o nosso encontro, aninhados na poesia do terno abraço. É Rômulo, quem diz a última frase: *dia 23, entrou a primavera, a força das chuvas chegando!*

2.2.4 Athos de uma trilha poética

Dos encontros realizados na Ciranda Multicor este foi o que me possibilitou acionar uma rede maior de colaboradores. Uma rede de colaboração é preciosa nos processos formativos em educação ambiental e esta forma de organização permite o aprendizado compartilhado com o grupo de pesquisador coletivo. A presença do artista Athos Bulcão foi possível a partir da interlocução dos seus grandes amigos.

O encontro começa a ser esboçado em uma conversa com Valéria Cabral, diretora da Fundação Athos Bulcão. Eu apresentei a ela o roteiro do curso que pretendia realizar. Ela, muito generosa, abriu-me as portas da Fundação e passou o contato de Lana Guimarães e esta me recebeu de uma forma super aberta e calorosa. Ela é uma das autoras do almanaque *Na trilha dos azulejos: um passeio por Brasília pelas obras de Athos Bulcão* que ela disponibilizou espontaneamente como colaboração em nossa pesquisa. Um material educativo que ajudou-me a pensar o roteiro, considerando o curto tempo que teríamos para seguir a trilha urbana como ato formativo.

O formato do encontro foi organizado como uma pequena trilha urbana com o grupo da pesquisa cujo trajeto foi do Teatro Nacional (quatro obras em materiais distintos: azulejo, madeira, concreto e mármore) à Fundação Athos Bulcão, onde tivemos uma palestra com Valéria Cabral.



Figura 13: Trilha

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

O ponto marcado para o início da atividade foi a lateral do Teatro, voltada para a plataforma Rodoviária e para a Esplanada dos Ministérios. As pessoas foram chegando e iam tirando fotos dos monumentos e movimentos. A observação das ruas, frases, carros, motores e combustão, perplexidades, o ambiente construído, cidadania, biodiversidade urbana, permeadas por sensibilização poética suscitada pelo contato com a arte, criação da imagem à palavra.

Estes foram os elementos constitutivos da nossa trilha. Era uma manhã ensolarada de setembro que nos inspirou a falar sobre instante e instantâneo. No espaço intersubjetivo podemos dialogar sem restrições conceituais. Comentei sobre o aspecto da rapidez cultivado na modernidade com suas máquinas e produção de massa, a automatização. O sentimento de que estamos imersos numa cultura moderna, onde as relações são efêmeras e descartáveis. O que vale é o aqui-já: o instantâneo.

Aristóteles intervém, falando que *no Budismo há uma outra interpretação disso, que é o instante*. Joema logo indica outra percepção, alertando para a distinção. Para ela: *uma coisa é o passageiro, o descartável. Outra coisa é a reverência, o viver em profundidade o momento*. A instantaneidade se contrapondo ao instante da filosofia Budista, que traz o valor da singularidade no momento. Eu fiquei com meu monólogo interior, esperando que o nosso encontro fosse a revelação desta última interpretação.

Mesmo não esgotando o assunto, selecionamos elementos importantes para o nosso saber ambiental. O pesquisador coletivo no centro nervoso da cidade, *mergulhado na polissemia e na aventura de produzir sentidos, dentro dos seu horizonte histórico* (CARVALHO, 2004: 83).

Passamos às nossas práticas corporais de alongamentos e respiração incorporados à observação do ambiente. Exercitamos o olhar com o uso da janela feita em papel. Foram movimentos realizados com recuo, aproximação e distanciamento. Bem parecido com o ato fotográfico. Para a formação de imagens mentais individualmente, depois em duplas para a captura das linhas, cores e contornos.

A primeira noção sobre a obra de Athos Bulcão é a sua capacidade de integração entre a arte e a arquitetura. É impossível imaginar Brasília sem nenhuma cor, sem movimento, sem Athos Bulcão. Disse-nos Valéria Cabral:

Quando Athos veio para Brasília, ele dizia que teve muita sorte. Oportunidade que talvez ninguém tenha tido. Foi uma oportunidade única ser chamado por Niemeyer, para construir uma cidade. Athos Bulcão viu uma cidade para integrar com a arte dele. E arte pública, desenhada, concebida por um dos maiores arquitetos do mundo, então ele ficou fascinado pela cidade, pela imensidão, pelo azul...

A palestrante nos contou sobre a infância do artista em Teresópolis, sobre sua saúde muito frágil e a perda da mãe ainda muito pequeno. Ele era um filho temporão. Ficou aos cuidados das irmãs que o introduziram nas artes. Athos Bulcão viveu numa época muito rica de imagens. Era uma época no Rio de Janeiro que ele ia muito com as irmãs à ópera, aos salões de arte do Rio, aos bailes de carnaval. No atelier ele tem uma série de carnaval.

A vida inteira ele desenhou. Oscar Niemeyer o viu desenhando na casa de Burle Max. Disse 'que bonito, vamos pintar azulejos?'. Quando ele voltou da Pampulha, em Belo Horizonte, ele disse 'fui lá pintar azulejo com Portinari, não vi nada de interessante'. Seu aprendizado foi assim 'aprendo fazendo'. O trabalho de Athos não é decorativo. Ele trabalha junto dos arquitetos, interagindo. Ele sempre diz 'se você tem uma coisa para fazer, você vai senta, pensa e faz'. Ele acredita em disciplina no fazer. Ele aprendeu com Portinari essa coisa de programar, se vai pintar um quadro, ele resolve que precisa ter preto, azul, verde, amarelo, amarelo mais queimado, laranja. Então separa as cores e tal. Ai ele diz que 'pode ser que de repente deslize o pincel, porque a cabeça deu um voou' e que transforme aquilo não noutra coisa, mas, na variação daquilo que ele tinha pensado. Mas, as cores que ele escolheu estão sempre presentes naquele trabalho, que não muda muito quando ele decide. A não ser nestes momentos em que haja uma pequena interferência.

A preferência do artista é a intervenção em obras públicas, porque são grandes espaços e porque todas as pessoas podem aproveitar. Athos Bulcão é considerado um artista plural. Ele consegue trabalhar com uma diversidade de materiais e sua sensibilidade é tão impressionante, que *as obras dele alcançam milhões de contingências*, segundo Valéria Cabral.

Ele pinta em tela e desenha. Faz as máscaras, que ele se inspirou no Museu de Antropologia, o Museu do Homem em Paris. Ele queria fazer uma exposição e chamar de Bulcaos. Os As foto-montagens são uma coisa impressionante. Um espírito muito crítico e uma forma de juntar coisas do jornal, que ele lia e recortava e fazia outra coisa. Ele diz que 'artista às vezes tem apoteose mental, podia cair um raio na cabeça pra ver se ficava normal'. Os bichos e as máscaras tem nomes maravilhosos. Athos é lúdico em qualquer circunstância.

O pesquisador coletivo compreendeu que o forte do artista é a capacidade de integração. Athos Bulcão não é só do fazer, ele inventa peças para deixar o local mais acolhedor. A invenção dos móveis do Hospital Sarah introduz a noção de cuidado, onde uma cadeira não é só uma cadeira é também um brinquedo, com um colorido encantador. É perceptível que a preocupação não é só com o utilitário, mas com a

leveza, a beleza e com o conforto que colabore com a saúde das pessoas. O artista se preocupava com a pluralidade da arte no seu sentido mais integrador, chegando até as pessoas.

Em outro espaço, o Palácio do Itamarati, a treliça feita pelo artista para este ambiente foi criada a partir de madeiras intercaladas por ferro, pintadas com tinta automotiva preta com “vermelho Athos Bulcão”, meio fechado, meio terra, meio Brasília uma terra molhada. A obra só tem isso, dá para ver todo o resto do Itamarati. É uma idéia que tem várias formas de ver o outro lado é uma coisa que interage, integra, que alcança o imaginário e a filosofia do lugar.

Sua obra mais conhecida é a integração do azulejo na arquitetura. O azulejo foi a retomada do movimento modernista no Brasil. No começo seu trabalho era azul e branco, depois ele se apaixonou pela cor.

Ele diz 'não pode fechar o círculo porque interrompe o movimento, fecha o movimento. Não pode muito branco. Não deixe muito branco em linha, nem em diagonal, nem de jeito nenhum, porque faz um buraco'. Os painéis dele são de quatro em quatro. São três peças coloridas e um branco. Ele tem essa coisa do geométrico, do lúdico, do colorido, do movimento. Eu acho é o que faz essa cidade ser tão animada, tão boa de viver.

O nosso grupo compreendeu que este movimento é um movimento de recursividade que está presente na natureza com as cores e como o artista dispõe as formas. Os círculos que não se fecham trazem a sensação de expansão. O artista também vai brincando com o movimento dialógico presente na natureza que se abre e se fecha em constante transformação. O sentido que emergiu da expressão criativa em Athos Bulcão é o de transformação da energia vital em emergência cultural. Ele transforma elementos naturais em expressões culturais por meio de uma arte genuinamente lúdica, elegante e feita com consciência. Da sua energia vital emergiu a sua expressão poética.

Essa expressão poética se configura em categoria importante para a pesquisa, porque mostra como a experiência do sensível no cotidiano colabora com a busca de respostas para os processos de formação das pessoas.

Para Marilândia a maior impressão disso é fachada do Teatro Nacional:

Algo que se olharmos a cada passagem de tempo estará diferente, pois o tempo passa e todos nós mudamos com ele. Até mesmo algo que parece estar parado. Essa relação faz parte da grande trilha da vida. O que mais me marcou foi simplesmente a vontade (concretizada) de levar a sensibilidade (que é poesia-visual) para as pessoas.

A relação com a arte democrática, foi o significado mais presente nas observações do grupo. Para Aristóteles.

Ao trabalhar os azulejos dos edifícios, era como se ele estivesse dando a eles uma nova pele, uma nova face ou personalidade. Fiquei pensando em quanto estamos rodeados de arte e significados, que poucas vezes percebemos (...) Enquanto não se reconhecer a arte do dia a dia, que é tão importante elemento constituinte do nosso ambiente.

Uma conexão que ele fez entre a atividade e a experiência na formação, trazendo para si uma reflexão da arte como:

O caminho mais perfeito de se chegar a possibilidade de um conhecimento aberto da realidade. Como a gente não tem oportunidade de estar o tempo todo refletindo isso, então ficamos meio fechados e distanciados. A gente se percebe distante, mas ao mesmo tempo mergulhado nisso, porque a arte está em todo lugar. Mas enquanto produtor e admirador, nem sempre a gente consegue entender onde as coisas se encaixam no ambiente onde a gente vive. Nas nossas relações. Para mim tem sido uma aprendizagem refazer reflexões, juntar as coisas para ter mais clareza sobre isso. Eu ainda não tenho todas as respostas, talvez tenha lançado mais dúvidas até. Vejo a necessidade de aprofundar mais nisso, de ser mais cuidadoso com essa dimensão, com a linguagem artística, de dar mais espaço para isso.

Sobre a linguagem artística, fazendo eco no sujeito Dulce Schunck diz que houve uma ampliação dos limites da arte: *quando abriu as portas da subjetividade humana e, no diálogo com a psicologia, tornou-se instrumento de autoconhecimento, reflexão e crítica social, recuperando a sensibilidade do sujeito com o seu meio* (2006: 311).

Foi um exercício de cidadania conhecer a arte pública, disse Andréia:

A arte deixa de ser privilégio de alguns e passa a ser ponto de discussão coletiva, popularizada nos remete ao olhar artístico do homem sobre a natureza. A disciplina: sentar e fazer, o modo prático de ver a vida leva a criação lúdica e complexa. As lições geométricas permitem integrações com o movimento de Brasília, caráter simbólico e reflexivo. Tudo tende a se encaixar, pelo fato de concentrar poder e decisão.

Podemos depreender dessa fala o caráter dialógico entre a intimidade e a exterioridade, implícitos na relação do cidadão com a cidade. Tanto numa esfera individual como na coletiva somos atravessados por essa relação, há um poder instituído, mas na sua contramão há o poder instituinte. Como poderes de vias antagônicas e de vias complementares, as decisões de um sempre afetará a existência do outro.

A reflexão de Joema foi um encontro consigo mesma:

Sempre me orgulhei do patrimônio verde de Brasília! Da arquitetura e urbanismo, realçava mais os problemas (trânsito, inchaço populacional). Nunca tive o hábito de olhar o patrimônio cultural. Fazendo uma reflexão, sempre achei bonita a maioria dos monumentos, mas nunca dei valor a eles. Sinto que neste encontro meus olhos se abriram, para enxergar uma beleza que sempre esteve ali, mas eu não via. A falta de observar! Eu enxergava e não via (...) Acho que o Athos trouxe mais formas, mais cores para a minha vida.

Ao tratar dessa interioridade, podemos destacar o que Laura Zuniga traz:

Assim, o que é público possui uma relação direta com a interioridade, por preservação de valores (...) Ela consiste muito simplesmente em revestir os espaços públicos de *afeto*, em olhar de novo aquilo mesmo que esquecemos de ver com cuidado redobrado, *desautomatizando* a nossa experiência urbana cotidiana. É, por exemplo, o sentimento de identificação com algo que pode ser uma vista da cidade. (2004: 02, 03)

A expressão plástica nas obras de Athos Bulcão e os caminhos percorridos pelo artista são reveladores de uma subjetividade concretizada nas diversas produções artísticas espalhadas pela cidade. A presença pulsante da sua arte interage com o imaginário do público, chegando a interioridade individual e isto contribui com a *função subjetiva das cidades* (GUATTARI, 1992).

A expressão criativa de Athos Bulcão é tão plural, que parece-me difícil a tarefa de captar a imaginação simbólica. Creio que o desafio seja inventar porque se para ele inspiração pode *entrar pela janela, pela porta, vir de pára-quedas* e ou *emergir do subterrâneo*, então, penso que é a materialização da alquimia entre os distintos movimentos presentes na natureza e a transformação destes em cultura.

Entra em cena o elemento lúdico que Athos Bulcão tão bem explora. Na forma externa do Teatro Nacional, por exemplo, os blocos flutuam e brincam com o imaginário das pessoas. Não se trata de um ver e um sentir, puramente. Trata-se de desafiar as pessoas a compreenderem que a função estética de uma cidade pode ampliar a noção de pertencer a este ambiente urbano.

No conjunto inovador, poético e genuíno da obra de Athos Bulcão encontramos um pacto sincero e articulado com a cidade. Este encontro nos ajudou a refletir sobre uma re-sensibilização da nossa relação com o espaço urbano. Ao fazermos as ligações da experiência permeada pela poética abrimos um olhar diferenciado, novo no modo de estar neste ambiente e assim encontramos alguns elementos que são importantes para a *auto-co-formação* em Educação Ambiental.

Nossa trilha nos levou a compreensão do trabalho artístico de Athos Bulcão, como a interação entre a pessoa e o ambiente urbano mediada pela beleza. A perspectiva de aprender a cidade relaciona-se à idéia de meio urbano como espaço educativo, pois a cidade é por excelência uma escola de vida. Em 31 de agosto de 2008, depois de ter trilhado o azul do horizonte de Brasília, finalmente encontra-se com o infinito azul dos céus. Amor e gratidão pela sua arte incorporada na cidade.

Expressão criativa do pesquisador coletivo



Figura 14: Painel Aristóteles
Foto: Rosana Gonçalves da Silva



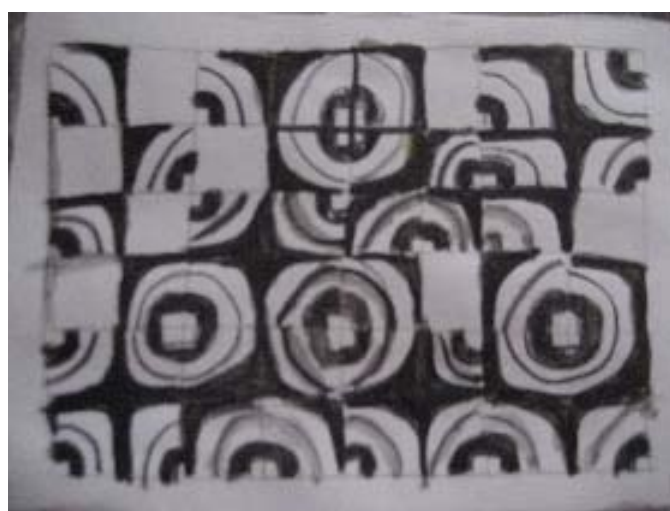
Figura 15: Painel Joema
Foto: Rosana Gonçalves da Silva



Figura 16: Painel Andréia
Foto: Rosana Gonçalves da Silva



Figura 17: Painel Marilândia
Foto: Rosana Gonçalves da Silva



2.2.5 Mudando as lentes

A realizao do encontro *Mudando as lentes* foi uma experincia inusitada para o grupo porque a realizamos no Parque da Cidade, embaixo de uma rvore. Estava uma linda manhã de sol e um vento fresquinho com seu cochicho anunciava o dia de São Francisco de Assis. Foi com a proteo do Santo que nos oferta um modelo exemplar de relao com os seres vivos que consagramos mais uma atividade da Ciranda Multicor.

A atividade foi uma roda de conversa com mostra da produo fotográfica do artista Gabriel Romeo que concretizou a primeira etapa sobre a necessidade da mudana de lentes em EA, tomando a linguagem da fotografia como meio. Compreendemos que a fotografia funciona como um portal para a construo do conhecimento, pois seu processo é o do foco, do detalhe, da luz e da interao com o ambiente em suas relao es micro e macro e traz a metáfora da revelao.

Nessa perspectiva abordamos a noo de sujeito ecológico proposta por Isabel Carvalho (2001), como um tipo ideal de sujeito, que pode nos inspirar na proposta da nossa auto-co-formao, *como parte da constituio de um campo de relao es sociais – materiais, institucionais e simbólicas – em torno da preocupao ambiental* (CARVALHO, 2005: 51). A formao do sujeito ecológico emerge de uma mudana de lentes e este ideal trata de uma relao entre o sujeito e o seu meio, orientada ecologicamente, seja o espao da natureza e/ou espao criado pela cultura.

Compreendemos que o sujeito ecológico inscreve-se no campo ambiental e ecológico e *nos processos sócio-históricos nos quais se produzem modos de ser e de compreender* (CARVALHO, 2005: 51).

Será o próprio convidado, que fará a sua apresentao:



Figura 19: Gabriel Romeo Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Antes quero dizer que há uma identificação muito forte com os mitos de origem e a formação do sujeito ecológico na minha vida pessoal, em minha relação com o ambiente. Quando comecei a trabalhar com a fotografia foi o começo disso, e de tudo que envolveu minha formação a partir deste conhecimento.

Vou começar pela experiência antes da fotografia. Eu comecei a fotografar com 20 anos. Quando era criança, até a adolescência, eu era muito influenciável pelos amigos. Eu cheguei a ter estilingue e arma de brinquedo, para brincar de polícia e ladrão. Eu moro no Guará, minha casa fica perto de uma mata e saíamos para matar passarinho. Pelo puro divertimento, pela inocência da brincadeira de infância. Comecei a crescer um pouco mais, a ter mais consciência e me envolver com algumas questões artísticas. Livros que eu li de alguns artistas, que começaram a me despertar para a ecologia, e as questões do meio ambiente. Comecei a perceber o meio ambiente, ter noção da preservação. Vindo de um contexto onde eu cheguei a tacar pedra em passarinho.

No breve contato que tive com uma tia, que era artista plástica, quando visitava a minha avó. Eu via os quadros dela e dos alunos. A temática era natureza morta e paisagens. Foi aí que comecei a ter contato e interesse pela arte. Minha tia faleceu e estavam organizando as coisas dela, dando destino. Tinha uma caixa de brinquedos muito estragados e havia uma máquina fotográfica quebrada, que eu peguei, e no momento que eu peguei aquela máquina fotográfica, eu senti como se fosse uma força muito grande. Pensei será que funciona. Eu comecei a manusear e achei interessante. Levei para o concerto e ela ficou novinha, funcionando perfeitamente.

Gabriel nos contou que seu processo foi totalmente autodidata. Ele escolheu conhecer o equipamento, manusear o equipamento em si sem a possibilidade da foto. Descobriu a possibilidade de distância focal e reconhece que é *uma coisa bem didática*. O mesmo processo ele usou para a questão da abertura do equipamento, da lente, fez as observações com a máquina vazia, colocando-a contra a luz, testando as aberturas e os

disparos. Este primeiro momento de um processo autodidata, não tinha nada a ver com o meio ambiente ainda. Continua o artista:

A partir dessas experiências com o equipamento que eu peguei na caixa de brinquedos, até então era um brinquedo eu não sabia que seria uma coisa, como uma tatuagem que carregaria para o resto da vida. Fui fazer trilhas, caminhadas e descobrir a Chapada dos Veadeiros. Acampava sozinho. Eu tenho isso de dar uma fugida da cidade e ficar no mato, num barraco com água e frutas. E a máquina do lado. Era a possibilidade de fazer registros da natureza, começou por aí. E fazendo a leitura do sujeito antes de conhecer a fotografia e o sujeito depois de conhecê-la, tem uma mudança muito grande. A fotografia auxiliou nisso, seria uma mudança que iria acontecer. Aquele sujeito que jogava pedra em passarinho, sei lá começou a ter mais consciência, cresceu. Agora está preservando, um processo que a fotografia auxiliou. A medida que fui aprendendo, crescendo neste processo me tornei um ambientalista. Essa consciência veio dessa sensibilidade de aguçar o olhar para a questão da fotografia e da natureza. Houve uma transformação na construção do sujeito ambiental que sou hoje.

O pequeno histórico do convidado indica alguns pontos importantes para tratar com o pesquisador coletivo sobre a influência de uma linguagem artística na mudança de atitude em relação a si mesmo e ao ambiente. Eu conhecia Gabriel e já sabia dos seus processos. Trazê-lo para dialogar com o grupo foi um ato intencional porque observo que além das questões técnicas a fotografia inicia um processo filosófico no sujeito, pois lidar com as distâncias e as aproximações, com o foco e a leitura dos objetos, aguça o olhar físico e o olhar poético.

Esta questão filosófica sobre o que está sendo fotografado às vezes intriga: *na natureza o formato de um tronco, quando eu fazia um close fechado, as pessoas não sabiam se era um tronco mesmo ou se era uma ranhura na terra. Então, eu consegui pegar coisas abstratas com os elementos da natureza.* O estado filosófico começa com uma expectativa, depois vem o resultado e a surpresa que pode ser uma emergência onde não há o controle nem do sujeito e nem do objeto.

Na perspectiva do nosso trabalho sobre a formação do sujeito ecológico e como essa orientação participa da formação do educador ambiental pode-se fazer uma relação na medida em que o primeiro contato com as questões ambientais, de maneira geral, é o cultivo de atitudes ecológicas. À medida que passamos a mobilizar *as idéias e sensibilidades ecológicas na prática educativa*, como educadores estamos *sendo portadores dos ideais de sujeito ecológico* (CARVALHO, 2004: 69).

Discutir questões ambientais em um grupo que se propõe a investigar junto como se dá um processo de auto-co-formação faz-se necessário acessar nossos mitos e estes não são acessados pela mera troca de informação, eles subentendem uma vivência em

experiências concretas de identificação e subjetivação de indivíduos e coletividades (CARVALHO, 2004: 69).

O encontro com Gabriel e a sua poética significou adentrar o seu portal de acesso na EA e a conversa chega à relação entre o processo analógico/surpresa e o processo digital/instantâneo. O pesquisador coletivo começou a interlocução a partir de Joema, que fez a interferência:

Quando perde muita foto, acaba prejudicando o meio ambiente. Porque perde muita foto, quando está aprendendo. Uma coisa dessa questão ambiental, que tem me preocupado é tudo! Desde o papel, que não quero comprar e revelar. São as minhas escolhas. À medida que a gente toma consciência das coisas elas começam a incomodar, dentro da gente 24hs.

Andréia sugere:

Mas pode dar outra função para essas fotos, que não ficaram com a qualidade técnica ideal. Uma foto que está embaçada, tremida, pode fazer um trabalho artístico com ela. Fazer um mosaico, transformar em outra coisa. Eu tirava fotos e era frustrante, quando revelava e ficava embaçada. Eu comecei a perceber outros elementos dentro dela e usar as fotos tremidas para construir outras imagens. É uma forma de você minimizar. As escolhas em diminuir o consumo, uma vez que, a demanda da nossa vida diária cria necessidades. Pois, temos menos tempo e a praticidade que as comidas da caixa trazem, vai satisfazer este ritmo acelerado. Só que estamos percebendo que o ritmo acelerado não é bom. Entra num movimento interno e vai modificando este fluxo. O aumento de trabalho com o orgânico, com a discussão da EA, o movimento ambiental está cada vez mais divulgado. Com isso vai criando uma nova demanda. Assim, a gente cuida mais do ambiente. A gente começa a mudar.

Para Zélia o nosso maior impacto é com:

Então, vejam o nosso privilégio, com tudo que acontece no mundo neste exato momento, este grupo está aqui na relva, conversando sobre nossas questões mais individuais e coletivas. Aqui é um grupo que já avançou, que não se incomoda, que foi mudando o olhar. Já faz escolhas ecológicas. Estamos num grupo realmente mais avançado, que trocou lentes várias vezes e percebe a realidade como ela se apresenta e vamos construindo modos de viver como a gente acredita. Em algum momento vai gerar danos, porque não há a possibilidade de viver sem gerar nenhum dano. Boa parte do lixo que a gente consome é comida, que a gente joga fora é matéria orgânica.

Joema defende sua visão, exclamando:

É embalagem!

Explica Aristóteles:

Não, é matéria orgânica mesmo! As embalagens já têm um processo de reciclagem, mas, o orgânico que provoca o chorume, nem tudo vira adubo.

A discussão encaminhou a reflexão sobre a questão de ser ecologicamente correto, considerando que em algumas situações é inevitável gerar algum impacto. Todos demonstraram a preocupação de consumir menos produto químico, mas admitiram que alguma revelação acaba sendo inevitável.

Gabriel trouxe para o pesquisador coletivo reflexões de como ter uma relação com o mundo por uma mediação de lentes propondo lentes diferentes para cada situação. O sujeito numa determinada situação usa uma lente e em outro contexto vai usar outra lente. *A imprecisão da visão, tomada em sentido figurado, pode ser metáfora da condição humana de nunca ver tudo, da inexistência da completa objetividade* (CARVALHO, 2004: 34).

Por meio do seu processo de captura da imagem, o nosso convidado nos lembra que vai funcionar como uma troca de lentes. Uma lente que vai nos ajudar no processo de sensibilidade de olhar para mundo, de olhar para o outro e de aproximarmos-nos do ambiente, pode nos ajudar a *renovar nossa visão do mundo, trocar as lentes para ver as mesmas paisagens com olhos diferentes*, que significa “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios (CARVALHO, 2004: 34).

A reflexão dessa simbologia de mudanças das lentes na formação do educador ambiental traz o sentido da relativização do conhecimento no saber-fazer dos sujeitos. Joema ficou preocupada com a questão dos químicos na revelação passou a entender as colocações do artista de um modo diferente: *então eu vejo na postura dele “eu vou minimizar o meu impacto”!* Isso aconteceu depois de um longo diálogo entre o grupo e o convidado, que respondeu:

Exatamente, quando Joema perguntou sobre o impacto do processo analógico trouxe uma polêmica. Isso é ótimo! Porque a polêmica vai trazer no diálogo alguma mudança. Às vezes a pessoa não consegue ver alguma coisa e numa situação dessas ela acaba revendo os conceitos. Eu concordo que toda ação é impactante, é difícil. Mas, o que temos que fazer é tomar a consciência de tornar menos impactante. A partir da fotografia, momento em que eu começo a pensar no ideal de sujeito ecológico, eu conheci a Permacultura. É outra tatuagem que eu trago. Eu não consigo me sustentar com a minha arte. Então, quando me perguntam minha profissão eu digo que sou fotógrafo e permacultor. Eu não trabalho diretamente para ganhar dinheiro, trabalho com isso diariamente pra construção do meu conhecimento. Para a construção daquilo que eu acredito. Na Permacultura aprendi que lixo é um recurso

fora do lugar. Para mim a manipulação da fotografia digital nunca vai acabar com o processo que deu origem a fotografia, assim como a fotografia não teve a pretensão de acabar com a pintura. A manipulação das imagens não vai ter este poder de acabar com a fotografia, a arte, as coisas vão se mesclando, interagindo. A fotografia me trouxe a visão ecológica, mas a Permacultura veio se somar a isso. Porque o nosso design nunca está pronto e o ser humano é uma constante construção. Eu sou fotógrafo da natureza há 10 anos e permacultor há 5 anos e me pego fazendo coisas que questiono 'poxa, mas ainda faço isso'?

A Permacultura, na opinião deste artista, instaura uma mudança de paradigma. É a existência humana passando pela Terra de forma sustentável. *A ética da Permacultura é o sustentável nas tarefas de arte, no cotidiano, onde o estético entra para tornar o ser humano sustentável diante de Gaia.*

Essa expressão de Gabriel traz a percepção do pesquisador coletivo de que viver como reféns do sistema capitalista é uma realidade alarmante e o caminho de reversão só pode ser a transformação das atitudes no ato das escolhas, mudar as lentes, tomar consciência da nossa relação com o meio.

Tentar caminhos de não se tornar escravo deste sistema que é muito cruel, que é massificador e questionar os seus conceitos *já estabilizados em muitos campos da experiência humana, criando, dessa maneira, espaços para novos aprendizados e para a renovação de alguns dos nossos pressupostos de vida* (CARVALHO, 2004: 34). Buscar caminhos para re-inventar práticas e re-significar olhares,

A invenção é uma poética que está presente nas múltiplas faces do ser humano e vai desde um pequeno agricultor, passando pelo educador, atravessando o sujeito comum no seu cotidiano até o grande inventor de tecnologias de ponta. A invenção é uma capacidade criadora e re-inventar é uma capacidade criativa.

Surgiu uma reflexão com Aristóteles:

Lembrei-me do registro de imagens, a busca que a ciência vem fazendo. Hoje, já se consegue fotografar os microorganismos, por exemplo muito pequeninhos. A gente sabe que eles podem causar doenças e tudo. Mas, já conseguimos até ver a cara deles. A ciência com o uso do microscópio vê as células, as próprias moléculas. Então, é uma coisa mágica! Uma das imagens, que mais me toca é a imagem da Terra, fotografada pela NASA. São imagens que mexeram profundamente com a nossa concepção de realidade. Em nível micro e macro. Hoje eles já conseguem por meio de sondas, que vão ao Sistema Solar fotografar outros planetas, outras estrelas, planetas fora do nosso sistema solar, nascimentos de constelações, explosões de estrelas. A gente vê como que o ser humano é pequenininho diante de tudo isso. Qual o nosso espaço? Qual a nossa dimensão de vida, de olhar sobre si próprio diante de um universo tão grande? Tanto para cima quanto para baixo. Para fora ou para dentro. Eu me lembrei disso que é importante para nossa discussão.

Esta reflexão nos levou para a discussão dos níveis de realidade. É entre microcosmo e o macrocosmo que o ser humano caminha, mas a dicotomia sujeito/objeto impera, como se houvesse apenas essas duas categorias no universo. Nos contentamos com uma realidade reduzida a apenas dois níveis, enquanto outras realidades se apresentam entre microcosmo e o macrocosmo em uma diversidade de níveis de realidade.

Andréia considera que *todas as formas de pensamento em torno das imagens, estamos sempre circulando com o mesmo objetivo, que é o registro, registro da vivência, da construção do conhecimento na experiência humana*. Saber ler uma imagem torna-se cada vez mais necessário para compreendermos diferentes contextos, *suas mais profundas revelações* (ESTRELLA, 2006: 120).

Em nosso grupo de pesquisa cada pesquisador interpreta a sua realidade, dialogando num processo que ultrapassa a visão individual. Ter a consciência do infinitamente grande e do infinitamente pequeno como conhecimento construído, sobretudo, o que há entre eles é fundamental para a nossa proposta sobre as abordagens metodológicas que têm como base a dimensão sensível e os processos de simbolização.

Gabriel mostrou para o grupo imagens captadas em várias situações.

Vou mostrar umas ampliações para todos verem ao mesmo tempo, depois vou mostrar umas menores para cada um ver no seu tempo. Eu gosto muito de procurar na natureza algumas situações abstratas, de modo que as pessoas olham e perguntam isso é água ou é tronco, é pedra ou é musgo. Busco o abstrato nos padrões da natureza, com o formato que o vento trouxe para a natureza ou a forma como uma planta cresceu. Padrões que a natureza traz e nós não percebemos. A fotografia tem este poder de revelar o que está oculto. Na micro vida da natureza, na micro vida da biodiversidade tem muita coisa que passa batida pelo olhar. A Permacultura tem como princípio perceber estes elementos que passam batido pelo olhar. É uma forma de ser responsável pela existência, pelo lixo e o sentido de cuidar das pessoas, do outro, é uma filosofia que não trata o meio ambiente na terceira pessoa, o outro fora. Na primeira pessoa eu-ambiente, eu-inteiro. O outro sou eu e eu sou o outro.



Figura 20: Mostra

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Este momento causou um encantamento profundo nos participantes porque a idéia de captar detalhes para aguçar o olhar funciona e, observando as imagens o grupo ficava na dúvida, fizeram tentativas de adivinhar, ficavam trabalhando com semelhanças. E, quando descobriam que era uma rachadura, ou orvalho, detalhe de uma flor, o colorido do céu, as expressões de admiração do grupo se misturavam no ar. Gabriel nos disse este é um momento de brincar de *fazer poesia com a fotografia: a grafia da luz*.

O que mais despertou minha atenção foram as fotos menores, elas são do tamanho dos *cards*, que as crianças adoram colecionar. Gabriel falou que é *como levar o seu portfólio no bolso*. Essa atividade gerou uma vontade no grupo de compartilhar as suas fotos e contar as suas histórias, para discutir mais profundamente os seus mitos de origem e o portal de acesso na EA, várias sugestões foram apresentadas e planejamos mais um encontro. Foi uma *resposta surpresa* que interpreto como ressonância do encontro e revelação de caminhos para a categoria da subjetivação no sentido da *re-singularização* (GUATTARI, 1992).

Vilma diz que aprendeu com Paulo Freire a ser mais sensível e um modo de encarar a vida com mais cuidado e respeito pelos seres. Ela entrelaçou sua percepção do encontro com este aprendizado e reconheceu um forte laço entre a vivência com o ser no mundo da pedagogia Freireana.

Estou me construindo enquanto ser humano ecológico devagarzinho. Vejo que demora um bocado para a gente renascer, depois de tantas experiências malucas, submissão, medos imposições, sedimentações de valores considerados corretos e etc. Será preciso um martelo para acabar com estes padrões sociais tão bem inseridos em nós? Estou descobrindo nessa caminhada, que podemos fazer da nossa vida um processo de constante melhora. Mas, não é tão simples, é necessária muita força de vontade, reflexão e, sobretudo, ação. Não é fácil, mas é possível e necessário. Estou aprendendo e vivenciando com

experiências de vida, com as oportunidades (Ciranda Multicolor) e com alguns pensadores e sonhadores. Entre eles, Paulo Freire que nos diz “como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo”.

A noção do sujeito-intérprete fez eco em nossa colega, atualizando sua capacidade perceptiva e conectiva. Refletiu-se também no olhar de Andréia:

A proposta de mudança de paradigma, tornando a passagem do humano sustentável em relação à Gaia, um ser responsável pela própria existência ao cuidar do outro. O meio ambiente deixa de ser a terceira pessoa e passa a ser primeira pessoa “eu-meio ambiente”

A imagem da observação esculpe na palavra significados profundos e aparece na fala de Joema, que:

A tentativa de minimizar a pegada ecológica! Afinal estamos falando da formação do sujeito ecológico, aquele que é ambientalmente coerente.

Para Aristóteles essa é uma discussão que envolve a subjetividade:

O trabalho com a fotografia me chama particularmente a atenção, por que tenho tirado muitas fotos com a intenção de me aperfeiçoar. Eu sinto que este hábito tem mudado a forma como eu vejo as coisas. Ainda não consegui definir o tema, mas sei que o ambiental e o humano se entrecruzam e ao abordar um deles acabarei abordando o outro. A discussão qual forma é melhor é um pouco sem sentido, por que está aí o fator da subjetividade.

A troca de lentes teve um significado de muitas conexões em Zélia:

*Ao trocar as lentes o corpo sente tonturas. Tem seu geocentro abalado, sente-se pisando em nuvens. Sinto-me assim. Ainda não estou muito à vontade. A escolha é minha. É uma escolha muito recente dado os anos de prática e formação “Cartesiana”. Meus olhos estão ofuscantes e o corpo cambaleante, porém minha mente está nítida. Parece que encontrei o foco do meu ser e fazer educação ambiental. E, encontrei isso da maneira, que mais aprecio: num grupo. **Neste grupo de pesquisadores e pelas vias do conhecimento.** É o conhecimento que me mobiliza. **Esta ligação CIÊNCIA-ARTE-ESPIRITUALIDADE me trouxe até aqui, me desafiou a trocar as lentes, a sair o meu cômodo lugar de especialista, para mergulhar nas incertezas do novo.** Quero ser aquele que desperta a vontade no outro por conhecer, vejo isso agora. Fundamentada começo a trocar a lente do meu ser educacional, começo a experimentar novas abordagens, busco novos sentidos. Nessa troca de lentes experimento uma lente nova: passei um ano sentindo o Cerrado, me encantando com Brasília. Descobrimo Brasília nos olhos de seus amantes. Incrível apaziguei a ânsia de fugir daqui. Vivi aqui dez anos, sem estar aqui. Minha mente e sentidos estava lá, onde parti. Ver*

Brasília assim, sem o filtro da não aceitação me faz mais leve. Me faz sentir que agora estou aqui e sou daqui.

Qualquer palavra aqui seria mera redundância, mas quero enfatizar a epifania do sujeito ecológico como uma importante categoria discutida em grupo. Mas esta fala revela muitas unidades de significados dentre eles a subjetivação e conhecimento significativo, normalmente mobilizados pela pesquisa-ação existencial. Para além destes emerge a noção de *Topofilia* que engloba as atitudes e os valores envolvidos nas relações como o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, desenvolvida por Yi-fu Tuan (1980), e revela-se no enunciado pela expressão de sentimento associado a Brasília e ao Cerrado.

Já estávamos no final e o artista nos convidou para uma meditação, como ferramenta de re-conexão com o tempo natural. A abordagem foi baseada no Sincronário Maia. Gabriel lembrou-nos que o dia três de outubro é criação do tempo gregoriano presente em nossa cultura. Este mesmo dia no Sincronário Maia é o dia Vento Harmônico que significa potencializar uma comunicação.

As palavras fortes como transformar, mudar, micro e macro, coisas entre o céu e a terra, configuram a materialidade simbólica do ar. O ser pertencente ao elemento ar realiza o vôo onírico que simboliza a queda e a ascensão. A queda pode ser compreendida como a descida ao inferno das nossas paixões e leva a degradação ambiental e outras mazelas. A ascensão é a subida e a energia vital. Cuja interpretação necessita ser múltipla, pois é pessoal, estetizante, racional e objetiva.

A vida ascensional será então uma realidade íntima. Uma verticalidade real se apresentará no próprio âmago dos fenômenos psíquicos. Essa verticalidade não é uma vã metáfora; é um princípio de ordem, uma lei de filiação, uma escala ao longo do qual experimentamos os graus de uma sensibilidade especial. Finalmente, a vida da alma, todas as emoções finais e contidas, todas as esperanças, todos os temores, todas as forças morais que envolvem um porvir têm uma *diferencial vertical* em toda acepção matemática do termo. Bergson diz em *La pensée et Le mouvant* (p. 37) que a idéia de diferencial leibniziana, ou antes, a idéia de fluxo newtoniana, foi sugerida por uma intuição filosófica de mudança e do movimento. (BACHELARD, 2001b: 10)

Assim, como o elemento ar significa um devir e uma existência potencial, também, é um princípio de continuidade e movimento que nos auxilia na compreensão da noção de sujeito ecológico enquanto *um vir a ser* que deve ser introduzido nos espaços formativos da EA. Semelhante aos outros elementos, o ar é um sistema de virtualidades, como uma experiência imaginária *a priori*, que dá uma unidade à diversidade de imagens. É um tipo de imaginação que *projeta o ser inteiro* (BACHELARD, 2001b).

Por meio dessa atividade de delicada simplicidade os nossos sentidos e toda nossa corporalidade, atuando e compreendendo a expressão criativa de Gabriel Romeo nos levou a criação da categoria epifania do sujeito ecológico onde *toda imanência se junta uma transcendência* (BACHELARD, 2001b, 06).

Os significados mais recorrentes nas falas sugerem a subjetivação (GUATTARI, 1992) como uma categoria fundamental para a compreensão da re-singularização dos sujeitos em oposição à subjetivação capitalística produtora de desigualdades.

O conhecimento significativo que é apreendido do *movimento dialético e dialógico* entre o fazer e o pensar promovem a coerência interna e o sentido da *práxis* emerge nas falas do pesquisador coletivo e nessa atividade é dito intencionalmente (FREIRE, 1997: 51).

A imaginação simbólica do elemento ar nos faz associar os valores de elevação: *a altura, a luz, a paz (...) a dinâmica de ascensão* (BACHELARD, 2001b) que revela os ideais ecologicamente orientados no educador ambiental. Emergem daí valores, sentidos subjetivos que a expressão poética pode transversalizar. Uma compreensão coletiva da mediação de saberes e fazeres da linguagem poética tem este papel de desembocar na subjetivação, como processo que se enraíza no subsolo da subjetividade.

Depois, fomos fotografar, é claro!



Figura 21: Experimentos

Foto: Gabriel Romeo

2.2.6 A fotografia: visões de visões do mundo

Latas

Essas latas têm que perder, por primeiro, todos os ranços (e artifícios) da indústria que as produziu. Segundamente, elas têm que adoecer na

terra. Adoecer de ferrugem e casca. Finalmente, só depois de trinta e quatro anos elas merecerão de ser chão. Este desmanche em natureza é doloroso e necessário se elas quiserem fazer parte da sociedade dos vermes. Depois deste desmanche em natureza, as latas podem até namorar as borboletas. Isso é muito comum. Diferentes de nós, as latas com o tempo rejuvenescem, se jogadas na terra. Chegam quase até de serem pousadas de caracóis. Elas sabem, as latas, que precisam chegar ao estágio de uma parede suja. Só assim serão procuradas pelos caracóis. Sabem muito bem, essas latas, que precisam da intimidade com o lado obscuro das moscas. Ainda que elas precisam de pensar em ter raízes para que possam obter estames e pistilos. A fim de que um dia elas possam se oferecer às abelhas. Elas precisam de ser um ensaio de árvore a fim de comungar a natureza. O destino das latas também pode ser pedra. Elas hão de ser cobertas de limo e musgo. As latas precisam ganhar o prêmio de dar flores. Elas têm que participar dos passarinhos. Eu sempre desejei que as minhas latas tivessem aptidão para passarinhos. Como rios têm. Como as árvores têm. Elas ficam muito orgulhosas quando passam do estágio de chutadas nas ruas para o estágio de poesia. Acho este orgulho das latas muito justificável e até louvável.

Manoel de Barros

O pesquisador coletivo estava sob forte impressão dos resquícios da reflexão sobre a mudança das lentes. A nossa jornada agora é continuar a reflexão a partir do contato com a fotografia, permeando nossas trocas com o mundo na prática.

A oficina Pinhole aconteceu no terreno da Universidade de Brasília, em torno da Faculdade de Educação, onde há varandas e árvores, bambus e arte, comungando o mesmo espaço do saber acadêmico. Começamos por nos banhar na poesia de Manoel de Barros. Leitura acolhida com encantamento pelo pesquisador coletivo. Fiz uma pequena introdução das latas no contexto da oficina e como elas fariam a mediação do conhecimento a respeito do papel do educador ambiental.

O convidado para realizar a oficina foi o fotógrafo José Rosa atuante em projetos sociais com o **PROJETO FOTOLATA**:

É um projeto consolidado e já foi desenvolvido em parceria com diversas Instituições nos Estados de São Paulo, Goiás e Distrito Federal. O Projeto é desenvolvido com o apoio de uma câmera fotográfica gigante (trailer) sobre rodas e diversas câmeras construídas com latas e caixas de vários tamanhos e formas, entre outros recursos. As oficinas são compostas de aulas teóricas e práticas, com captação de imagens com câmeras artesanais, revelação e exposição dos trabalhos. Destinado principalmente à área social e cultural, consiste de oficinas de fotografia artesanal realizadas em Comunidades, Cooperativas, Escolas, Feiras, ONGs, entre outros.

José Rosa atua há 25 anos como fotógrafo profissional e tem um vasto conhecimento em fotojornalismo, documentários para órgãos públicos e empresas privadas, publicidade e eventos. Foi por meio do projeto Fotolata que eu o conheci e

particpei de um curso, pois tinha um desejo enorme de incorporar a oficina da pinhole nos cursos de formação. Considerei que a fotografia artesanal me ajudou a refletir sobre a minha prática como formadora de educadores ambientais e revelou-me as possibilidades de uma linguagem comum e acessível a qualquer sujeito.

A importância de trazer este fazer para a nossa auto-co-formação é conhecer sua linguagem comunicativa e compreender noções que se relacionam com nossas questões de pesquisa. A aplicação que nos interessa investigar é a da fotografia como um meio expressivo e potencialização reflexiva.

Na linguagem artística, a fotografia é um trabalho que possui vida própria e é carregada de significados e possibilidades interpretativas. Quando fotografamos, além da captura das imagens, estamos registrando a nossa opinião sobre as coisas e desenvolvemos uma abordagem singular que define e expressa a nossa visão de mundo.



Figura 22: Conhecendo a Pinhole Foto: Rosana Gonçalves da Silva

José Rosa assumiu o trabalho e apresentou para o pesquisador coletivo a câmera fotográfica artesanal Pinhole. Pin-Hole é o nome inglês que pode ser traduzido como furo (buraco) de agulha: *hole* furo, *pin* alfinete, agulha. O artista fez uma abordagem completa de como montar a câmera em uma lata de leite em pó reaproveitável. Mas, também podemos usar uma caixa de sapatos ou um semelhante, desde que seja um material com tampa e possa ser bem fechado. Pois o interior da lata deve estar vedado para a entrada da luz. Uma pinhole é uma câmera fotográfica que não possui lentes, o pequeno furo funciona como lente e diafragma fixo no lugar de uma objetiva. Também conhecida como câmera estenopeica. A existência de um pequeno furo, estenopo do grego *stenopo* e que em português permite designar este tipo de fotografia por *Fotografia Estenopeica* (WIKPEDIA, 2008: 01).

O ser humano desde sempre se voltou para as imagens. Desde as cavernas há as inscrições rupestres tentando codificar a vida, codificar o mundo. Hoje mais do que nunca, todas as áreas do conhecimento necessitam da fotografia.

A fotografia enquanto linguagem de comunicação visual, e nessa linguagem de comunicação visual a pinhole seria como o bê-á-bá. Como toda linguagem, nós necessitamos de uma gramática. Assim, como na fotografia temos nossas variáveis a serem conjugadas, são nossos elementos. Que eu vou lançar mão pra construir o discurso imagético. Eu vou fazer uma fotografia, vou recortar da realidade, do meu mundo aquilo que eu quero contar, que quero registrar, que quero guardar.

Para o artista, a pinhole é mais do que o começo de um aprendizado de uma linguagem é uma técnica praticada no mundo inteiro, *com status de arte. Quase uma linguagem distinta dessa linguagem de comunicação.*

José Rosa levou uma câmera analógica, para mostrar a diferença entre a máquina e a pinhole. A máquina tem alguns recursos óticos e mecânicos acrescidos, ela tem uma lente que é por onde a luz vai passar e formar uma imagem. Na parte posterior da câmera tem um controle de avanço e retrocesso de elementos óticos, que vai fazer o foco. A imagem produzida em uma pinhole apresenta uma profundidade de campo infinita, tem um foco em todos os planos da cena. Basicamente, a diferença entre a fotografia pinhole para uma convencional está em sua ótica.

José Rosa fez todas as explicações básicas de como funciona o processo da câmera artesanal. Para reforçar a nossa compreensão e para a desconstrução do mito da câmera tecnologicamente sofisticada ele nos levou para dentro do seu *trailer*. Neste espaço tivemos uma vivência da câmera escura, estando dentro dela. Ele fez a abordagem física sobre a refração da luz na formação da imagem, depois, o artista fez a abordagem química necessária para a revelação.

Assim, passamos pelo primeiro momento da oficina que foi a abordagem dos fundamentos óticos e químicos da produção da imagem fotográfica. Nessa oficina, percebi que o pesquisador coletivo estava mais solto e curioso. Qualquer movimento do artista e eles comentavam. As descobertas foram intensas, tudo ali era novidade. Era o que eu conseguia ouvir dos cochichos. Sentipensei naquele instante que as borboletas do estômago de cada um estavam em polvorosa.



Figura 23: A formação da imagem

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Vejo uma dupla presença do elemento luz na linguagem fotográfica. Ele está presente, primeiro porque sem o fenômeno luz não há fotografia e como imaginação simbólica a luz significa *captar o valor sintético da imagem*. A luz *prepara e dispõe à vida o corpo que tem capacidade disso pela disposição da sua matéria* (BACHELARD, 2001a :231).

Chegou o momento da prática, tão esperado. José Rosa nos entregou as latas que já estavam preparadas e nos orientou para a ação fotográfica. Muitas observações sobre a experiência emergiram e Andréia percebe que *são várias ações interligadas*. Para Aristóteles a evidência do fator experimental como um saber incorporado ao fazer. Os colegas fizeram pequenos comentários sobre ângulo, iluminação e tempo. Passamos para o momento da revelação.



Figura 24: A prática

Fotos: Gabriel Romeo

O momento da revelação do negativo foi surpreendente para todos nós. Palavras como *incrível, magia, encantamento, alegria, emoção*. Gestos como pequenos pulos, mãos no rosto, abraços e apertos de mãos foram os enunciados visíveis da experiência.

A revelação como metáfora para a nossa pesquisa. Uma vez que um dos seus sentidos é conhecimento súbito e espontâneo, oportuno e até inspiração como que

divina, lampejo, iluminação. Na linguagem fotográfica a revelação é o conjunto das operações que têm por objetivo transformar uma imagem fotográfica latente em imagem visível estável. Para tanto, é preciso que a imagem tenha o foco. O foco é nitidez. O pesquisador coletivo aprofundou os comentários de que as informações são interessantes para as questões da nossa pesquisa, porque o educador ambiental necessita colocar o foco nas suas ações e trabalhar com a nitidez.



Figura 25: A revelação

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

O sujeito que coloca o foco destaca melhor um elemento da fotografia sobre os demais. Ao selecionar um elemento como ponto de maior nitidez, dentro do quadro, indica que a escolha depende do autor, mas a força da mensagem se deve ao foco. É ele que vai ressaltar um certo objeto em detrimento dos outros constantes no enquadramento.

Uma leve falta de foco dos elementos que compõem a imagem pode servir para a suavização dos traços. Se acontecer o contrário, quando há total nitidez dos elementos que compõem a imagem, esta demonstra cenas que vão desde a paisagem bucólica, a delicadeza ou brutalidade da realidade.

O grande momento dessa oficina foi a imagem ali se revelando e a metáfora se construindo na experiência. Com a pinhole o grupo percebeu a amplidão que tem uma intenção, uma diretriz, uma matriz, uma multirreferencialidade, que o educador ambiental necessita retornar ao seu trabalho *ajustar o foco*. Foram algumas reflexões do grupo no momento entre o olhar re-encantado e a mente sentipensando.

O enquadramento em nosso fazer significa o recorte. Com o foco temos um leque maior de possibilidades, porque podemos trabalhar com a relação entre fechar e abrir,

conforme cada situação podemos redimensionar os planos. Para Rose, o foco na fotografia é direcionado:

(...) ou fecha a visão do distante e abre a visão para o que está próximo, ou fecha para a visibilidade dos contornos do que está próximo e abre a visão do que está distante. Então, você define o que quer ver. Você pode direcionar o foco ou não. E, aqui com a pinhole, o que eu achei interessante dentro da visão da Educação Ambiental foi isso, a visão global, a visão total, a possibilidade multirreferencial, plural.

Aristóteles acrescenta:

Em relação ao foco, porque na fotografia você sempre vai pegar uma parcela. Outra coisa, que é interessante José Rosa falou, essa parte de imprevisibilidade, a gente não sabe qual o resultado.



Figura 26: Apreciação

Foto: Gabriel Romeo

Isto significa que as emergências estarão presentes e as incertezas permearão nossa prática em nosso processo de auto-co- formação em EA. Para Andréia *da mesma forma que o educador ambiental não tem como intervir em tudo ao mesmo tempo ele trabalha as partes de fato.*

Esta reflexão nos remete aos vários planos existentes na linguagem fotográfica. Há um grande *plano geral* onde o ambiente é o elemento primordial e o sujeito é um elemento dominado pela situação geográfica. Neste plano é o ambiente que se sobrepõe ao elemento humano, deixando uma pequena parcela deste espaço para o sujeito que também o dimensiona. Seu valor descritivo está na importância da localização geográfica do sujeito e o seu valor dramático está no envolvimento ou esmagamento do sujeito pelo

ambiente. Pode enfatizar a dominação do ambiente sobre o homem ou simbolicamente a solidão que a relação de dominação implica.

O *plano geral* é um enquadramento onde o ambiente divide o espaço com o sujeito e existe uma integração entre eles. Este plano indica o tipo de relação existente entre o sujeito e o ambiente e localiza o espaço da ação.

O enquadramento em que o sujeito preenche o quadro é chamado de *plano médio* e ele descreve a ação e o sujeito. O primeiro plano dá destaque ao sujeito, registrando sua fisionomia, sua emoção e isola o sujeito do ambiente. Há o plano de detalhe que amplia minuciosamente o elemento, causando grande impacto pela criação de formas quase abstratas.

Na riqueza da linguagem fotográfica o pesquisador coletivo encontrou em seus distintos planos uma possibilidade de relativizar a nossa interpretação da relação todo/partes. Em nossa análise essa relação é fundamental na produção de conhecimento nos processos de auto-co-formação em EA.

Discutir o lugar do sujeito e sua relação com o meio é uma articulação em diversos planos no tempo e no espaço.

As fotografias são possibilidades de perpetuar uma fração do mundo no tempo e no espaço, construindo o que chamamos de memória sócio-histórico-cultural da humanidade (...) Os componentes da linguagem fotográfica nos remetem ao que podemos chamar processamento e "impacto social" da imagem fotográfica; escolher um determinado ângulo nos possibilita uma interpretação. No ato solitário de produzir uma fotografia valorizamos o objeto, o grupo ou figura individual, provocando sensações e reflexões; trabalha-se o corte e o enquadramento junto à perspectiva, com liberdade para desfocar a forma, focando e congelando o movimento, escolhendo o ângulo, contrastando as cores ou compondo; na sua ausência, cria-se outro balanço. Podemos gerar a idéia de tato texturizando, obter um ambiente dramático, de sonho, medo, fantasia, sedução e sombra, brincando com a luz (...) A aberração também faz parte dessa construção, podendo nos levar ao que chamamos de abstrato e surreal na fotografia (...) Uma fotografia se faz não somente de técnica, mas de todo o aparelhamento cultural e subjetivo do emissor; dessa forma, realiza-se também a leitura do seu discurso.(CON VIEIRA, 2008: 02, 03)

O próximo momento foi o de transformar o negativo em positivo. O negativo, que é uma imagem com valores de claro e escuro em invertida, ou seja, em que os claros e escuros são o contrário dos do objeto fotografado. Para reverter no positivo, usamos uma caixa reveladora, que tem uma lâmpada comum por dentro e um botão por fora. Na parte superior da caixa tem uma tampa, cobrindo uma placa de vidro. É nessa placa que colocamos o negativo e o outro papel fotográfico limpo. Fecha a caixa e dá um *click*, apertando o botão.

O grupo não desgrudava os olhos da caixa, a cada positivo revelado, revelavam-se as expressões tradutoras da beleza da experiência: *é mágica*. Nos autorizamos a ser curiosos e a emocionar a nossa criança interior, que é a nossa infância eterna porque simboliza a primeira abertura para o mundo, o verdadeiro arquétipo.

O reconhecimento do papel de mais uma linguagem artística foi bem explicitado nas percepções do pesquisador coletivo. Essa experiência com a fotografia artesanal significou para nossa formação, segundo Vilma:

*Fotografando magia voltamos no tempo de ser criança, que gosta de surpresas e desafios. Tiramos fotos através da lata. Veja só, quem diria numa época em que a tecnologia avança ponto de bala, tem robô tocando violino, imagina? Pois, é voltamos no tempo ou na magia, **que é trabalhar o ser para ser mais sensível, ser inteiro**. Desta forma voltamos a ter expectativas, esperanças de que a foto dê certo. Aprendemos a voltar a ter paciência, saber esperar, acreditar que a próxima foto será melhor. Ver as cores, sentir as formas, perceber o que está a nossa volta. Queremos aquela imagem, que está no olhar, transferida para o papel em nossas mãos.*

Andréia interpreta:

*Pensando nas questões da pesquisa, percebi de forma empírica, **que a arte contribui com a formação do sujeito ecológico na medida em que desperta o sensível, dentro de nós**. Permitindo que percebamos a complexidade das nossas relações, que estabelecemos com os diversos elementos do ambiente.*

Sobre a singularidade da vivência Aristóteles expressa que:

Ao fazer o processo artesanal da Pinhole em que cada fase é feita separadamente e que envolve um certo tempo em seu preparo, a consciência desperta focada no processo (...) Acho que é fundamental ao trabalho do educador ambiental, que envolve descondicional o olhar e os movimentos automatizados, ao proporcionar atividades vivenciais que promovam um maior envolvimento e reflexão.

Considero na análise dessas últimas falas o que a fotografia pode trazer como contribuição:

(...) para dentro da ciência uma discussão de grande importância no tocante a relação entre o pesquisador e o objeto pesquisado. O ato de produzir uma imagem fotográfica não é meramente automático; em primeira instância, é iniciado por aquele que irá realizá-lo – o fotógrafo/pesquisador – é através do seu olhar que entra em conexão o conteúdo que deseja captar, fazer registrar através da máquina, para então ser revelado. A revelação da imagem é que vai tornar visual aquele conteúdo capturado pelo autor da foto. Isso significa que a

fotografia não é um simples produto de registro em imagem, mas reconhecemos nela uma escolha, uma decisão, uma motivação, um objeto e uma sensibilidade (ESTRELLA, 2006: 120).

A oficina nos levou a refletir sobre a percepção de que podemos ter autonomia no processo. Este trabalho artesanal pode agregar valores e se tornar uma atividade sustentável. Ele possibilita um envolvimento corporal profundo, implicando os sentidos nas múltiplas interações com o ambiente, como uma presença que é a própria experiência. Propõe um reaproveitamento inteligente do material metálico. Pelo viés econômico pode-se reintroduzir parte do elemento químico pela reciclagem. O produto fotográfico, alcançando qualidade pode ser transformado em objetos estéticos com valores agregados. A produção de conhecimento na formação do educador ambiental é um processo que pode ser mediado pela linguagem da emoção. Estas foram algumas das reflexões construídas pelo grupo.

A revelação para a compreensão da formação do sujeito ecológico no educador ambiental, fez emergir a epifania do sujeito ecológico, como categoria. Pela abertura aos diversos modos de ler a presença do ser humano no mundo; de perceber sua relação com a natureza-cultura que possui uma multiplicidade de ângulos, e pode ser resignificada em cada atitude positiva-negativa.

Sem sombra não há luz e somos compostos por estes dois fenômenos psíquicos. Eles participam de cada movimento nosso. A aceitação da sombra determina a mudança de atitudes do sujeito e traz o possível encontro com a luz que significa o alargamento da consciência (SILVEIRA, 1997).

Estamos na fonte dessa luz imaginária, dessa luz nascida em nós mesmos, na meditação do nosso ser, quando ele se liberta de suas misérias (BACHELARD, 2001b: 119). Essa luz não é a chama iluminadora do fogo, nem do ar, *mas simplesmente do céu*. Podemos inventá-la e re-inventá-la recursivamente em nosso cotidiano até que ela conserve e modere todas as coisas. Uma influência astral das poéticas artísticas como um poder de invenção divino-humano.

A poíese do encontro



Figura 27: Negativo – Andréia



Positivo - Andréia



Figura 28: Negativo – Vilma



Positivo – Vilma



Figura 29: Negativo – Aristóteles



Positivo – Aristóteles



Figura 30: Negativo – Rosana



Positivo – Rosana

2.2.7 Terra: linguagens e sentidos

O pesquisador coletivo já se preparava para os encontros finais da pesquisa. Deixamos marcado o dia 10 de outubro de 2007, para realizarmos o encontro com Dulce Schunck. Foi intencional essa data com o dia 10 do mês 10. Este número é o Arcano Maior Roda da Fortuna, com seus significados: destino, mudança, ascensão, êxito. A roda significa a eternidade e sua energia é guiada pelo princípio da mudança, pois nada é permanente na vida.

Coincidência ou não, quando eu participei com Dulce Schunck em seu trabalho de doutorado, foi exatamente um dos arcanos que caiu para mim numa das oficinas. Chamou-me a atenção para perceber que nossos caminhos têm se cruzado desde a realização da sua pesquisa *Arte e Natureza: uma experiência de sensibilização por meio da Arte*.

Esta pesquisa de Dulce Schunck é tomada como importante estratégia do processo de pesquisa-formação e perpassa e atravessa as questões propostas pela Ciranda Multicor pois ela implica na interação da Arte e da Educação em um contexto de pesquisa e constitui uma nova roda da espiral, a partir da metáfora dos Minerais.

Neste dia, o grande desejo era que o nosso encontro fosse algo de coração aberto e pulso de encantamento. Enquanto aguardávamos, Joema e Marilândia comentaram que sentiam falta do trabalho de corpo. Não foi a primeira vez que isso ocorreu pois gradualmente diminuímos as atividades corporais em função dos constantes atrasos dos participantes. Ao mesmo tempo é interessante notar que o trabalho de corpo ganhou seu espaço dentro do grupo, de modo a considerarem que algo está faltando entre nós.

Neste instante chega a nossa convidada, com sua bagagem de terra:

No solo estes minerais/pigmentos surgem com abundância de matizes em quase todo o Cerrado Brasileiro, em diferentes granulaturas e cores, desde os brancos variados, passando pelos rosas, amarelos e terracotas, até chegar aos cinzas e pretos, arenosos, argilosos, misturados com mica em espécies mais raras, em forma de pedras macias ou torrões provenientes de grandes extensões de terras coloridas dispostas livremente na natureza.

A essência da minha obra não remete apenas à epidérmica superfície mineral, mas convida o olhar a contemplação de seus significados ocultos. Minhas pinturas são templos, templos sagrados, reconstruídos com o propósito de revelar a sacralidade e fertilidade da terra, valor essencial formador de nossa própria humanidade.

Dulce Schunck é semente desperta nas Serras Gaúchas e, como a dispersão da flor- botão, veio para o Cerrado. Veio atender ao chamado da terra já no estado de árvore com fruto para realizar um trabalho que começa com o garimpo de matérias minerais.

Chegar a terra e ao seu mais íntimo recôndito como um ponto de conexão com o nosso sagrado interior.



Figura 31 : Preparo dos minerais

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Seu trabalho artístico tem como foco de pesquisa o preparo artesanal e a utilização de pigmentos minerais do Planalto Central como material pictórico. Ela tem participado ativamente de exposições de arte em Brasília. É professora da Universidade de Brasília, atuando principalmente nas disciplinas de desenho e plástica, onde ensina a relação que ocorre entre o desenho e os aspectos plástico-estéticos do projeto arquitetônico e urbanístico.

Na arquitetura conheceu a harmonia das linhas e a ciência do desenho e sua imersão nas cores emerge não somente da sua arcada arquitetural, mas, no encontro com a sua profunda existencialidade interna pois é no próprio espírito do ser que os tons existem em estado latente.

Conhecer Dulce Schunck e compartilhar do seu universo significa revolver camadas de camadas da constituição do nosso corpo de terra. De compreender que a subjetividade onde o eu de porosidade e possibilidades jamais será a unidade fixada em modelos. É a elucidação de um processo antigo, com o resgate da abordagem metodológica Heurística (MOUSTAKAS), que já estava por aí, mas ela trouxe em sua tese como método. A sua tese de doutoramento é um *portal*, como bem observou Laís Mourão na sessão de defesa em 2006. Um portal que a pessoa vai entrando-lendo e vai se encantando com cada Estação. É o que eu vejo e ouço de quem andou lendo o

trabalho, mesmo que não tenha participado. As pessoas se reconhecem ali, porque é um trabalho tão orgânico que você lê e sente a força da arte mediando o processo em EA.

A atividade desenvolvida com o pesquisador coletivo por Dulce Schunck foi a Oficina 1 – *Raízes Minerais* realizada no curso criado para a sua pesquisa de doutorado *Arte e Natureza: uma experiência de sensibilização por meio da Arte*. Combinamos com a artista que ela teria total liberdade de propor ao pesquisador coletivo uma vivência, que favorecesse a relação entre arte e EA.

A primeira etapa da oficina é a apresentação dos pigmentos aos participantes.

O dia que eu descobri a terra para pintar foi um sábado à tarde lá na Octogonal. Eu olhei da janela e vi um monte de terra vermelha, jogado lá no chão. Naquele momento eu vi o potencial da terra. Abriu um espaço, dentro de mim e eu pinto há catorze anos sem parar. Eu trouxe essa terra da estrada na Chapada dos Veadeiros. A terra é mais limpa do que a gente pega aqui na cidade. Nestes lugares a cor da terra é mais intensa. Essa foi a tônica do meu trabalho. Sempre trabalho com material que não tem adubo. A terra preta ideal é a que tem no fundo do rio. Aquela laminha preta é boa para pintar. A maioria do meu material é da região. Outros vêm de Minas. Tem areia de Pirenópolis misturada com mica. Nas pedreiras onde a água corre são as cores mais vermelhas e perto das pedras é bem branquinha. Isso dá um efeito muito bonito na pintura, porque quase todos minerais estão nas tintas industrializadas, são materiais levados ao laboratório e são transformados em pigmentos industrializados misturados com aglutinante. Eu os uso in natura mesmo.

A artista entregou seu portfolio ao grupo e falou sobre as técnicas que ela desenvolveu com o uso do pigmento natural. Dentre elas: aguadas com terra, mosaico, mandalas, incrustação de penas e sementes, carvão mineral.

Meu trabalho é minucioso. É um trabalho de joalheria! Estou sempre querendo imitar a natureza. Buscando na natureza a minha inspiração e a minha temática visual mesmo. A minha tendência é cada vez mais as formas da natureza, menos linhas geométricas. Como minha temática está em cima dos minerais, eu tento buscar a essência deles. Essa coisa mais ambiental vai saindo por si própria.

A intenção da artista era *mostrar para abrir o leque de possibilidades*. Assim, fomos para a etapa seguinte onde a artista realizou a oficina de arte a partir de pigmentos minerais que foram preparados pelos participantes para pintura em papel. Basta misturar os pigmentos com a água para obter uma diversidade de cores e estímulos. Dulce Schunck nos orienta que essas tintas não demandam sofisticação para a sua *aplicação e permitem uma grande variedade de técnicas de aplicação artística, desde suaves*

aguadas de terra até massas consistentes, com as quais é possível criar texturas (2006: 44).



Figura 32: Pintura Mineral

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

A oficina foi realizada em uma sala reservada na Escola da Natureza. Sentamos em torno de uma mesa que acomodou o grupo de modo confortável e com distanciamento suficiente para que ninguém se esbarrasse durante o processo. Este é um toque importante, porque é preciso que nenhum agente externo interfira no processo.

Ela fez exercícios de respiração e relaxamento com a música *Earth – Vanraj Bhatia* (Living Media India, 1995 – Himn to the Earth-15 minutos). Suas orientações foram: *fechar os olhos, respiração lenta e profunda (inspirar, reter, expirar, reter, repetidamente), movimentando a cabeça e os ombros, relaxando a mente e os músculos superiores.*

Segundo Dulce os estímulos permitem aos participantes um processo de *interiorização* e a *ativação da memória*, por meio da visualização para a *personificação imaginativa*. São alguns elementos da abordagem metodológica Heurística (CLARK MOUSTAKAS, 1990) e para este processo ela fez a leitura de um texto, onde cada palavra era articulada com vivacidade. O texto pertence à oficina original do seu doutoramento, e aqui será transcrito fielmente da sua tese.

Se desejarmos traçar um mapa completo da memória humana, é necessário que nos reportemos primeiramente à formação biológica da humanidade, passando pelas etapas de formação mineral, vegetal e animal da própria vida. Tais etapas, embora pareçam muito remotas na memória do tempo linear, não o são. Os nove meses de gestação refazem essa trajetória, rememorando o embrião humano de sua origem e evolução.

A memória de ser pedra – ossos- está no ser, a memória de ser planta – seiva/sangue está no ser humano, a memória de ser animal – emocional

– está no ser humano, a memória de ser espécie entre outras espécies está no ser humano. Por mais que tenhamos nos desconectado psicologicamente da natureza, a natureza persiste e persistirá em nós incondicionalmente.

Imagine agora que você está em uma daquelas cavernas paleolíticas. Observe o que está ao seu redor e conecte-se com o seu coração. Acenda o fogo brando que nele existe e conecte-se com o coração da Terra, por meio de raízes ou fios.

Da terra você se dirige ao coração do Sol e do Sol você vai se interligando aos outros corpos celestes, formando uma imensa teia de fios e campos magnéticos inter-relacionados.

Deixe seu corpo dançar ao som da música. Sinta-se como parte dessa grande rede de relações. Entre em contato novamente com o seu coração, com o fogo brando.

Aos poucos, a Terra chama de você volta, você a vê de longe, uma majestosa bola azul fluando no Cosmos, você sente os fios de ligação trazendo-o de volta, você é um microcosmos inerente, faz parte deste mundo, uma só natureza, microcosmo e macrocosmo. Pausa. (2006: 47,48).

Após a visualização fiquei na sala alguns minutos para tirar fotos. Dulce pediu que eu me retirasse da sala e não acompanhei o momento da pintura. Só retornei no momento dedicado para que cada participante compartilhasse a experiência. Andréa partilha que:

Veio tanta imagem e não sei se saiu bem o que eu queria colocar. Pensei na liberdade que a gente tem em contato com o ar e o tanto que isso transforma. A sensação que eu tive foi de integração de fato. Eu estou num impulso de criação muito grande, tenho produzido muito em casa. Pra mim foi muito importante este momento de integração (...) porque a gente se desligou de todas as nossas naturezas, adoecendo de todas as maneiras. E, eu tenho uma gratidão muito grande de estar aqui nessa oportunidade. (...) A gente se permite tão pouco ser o que de fato é. Colocar o que a gente tem para as pessoas e para o mundo, que em um momento destes em que a gente pode se desligar de tudo que tem lá fora, voltar pra dentro de si e ao mesmo tempo se integrar. É mesmo uma coisa muito rara e faz toda a diferença. Quem sou eu realmente neste mundo todo? Que pedacinho do mundo todo é este que está dentro de mim. E, assim eu me descubro cada vez mais como retratado no primeiro desenho é um despertar, é uma coisa de expandir, esta que é a palavra certa, né?



Figura 33: Andréia pintando Foto: Rosana Gonçalves da Silva

O trabalho de Dulce Schunck pertence à imaginação simbólica do elemento terra. Em Andréia a possibilidade de mistura com o ar, com a água, produzindo massas é a reflexão da vontade e da força, que materializam a integração e contempla a imagem emergindo antes da percepção e uma pulsão inconsciente extravasando na vida consciente.

Portanto, as imagens imaginadas são antes a *sublimação dos arquétipos do que reprodução da realidade. E como a sublimação é o dinamismo mais normal do psiquismo, poderemos mostrar que as imagens saem do próprio fundo humano* (BACHELARD, 2001a: 03). Como Andréia nos relembra, a desligação adoece a mente que adoece o corpo. Essa mediação da linguagem artística na co-formação, neste aspecto favorece a cura inclusive.

Rose segue a apresentação, dizendo que tentou fazer algo mais parecido com a realidade.

Aqui eu representei o caminho dourado, o caminho do meio, do equilíbrio. Eu venho da terra que é isso daqui. Então, eu estou no meio de duas possibilidades, de dois caminhos, e estes dois caminhos eu tenho alcançado através da transformação que é o encontro de hoje, representado por essa cor. Eu penso ou acho que entre essas duas possibilidades existe uma que se parece, que tem a ver mais comigo, que sou eu, é bem subjetivo não sei. É pra se mudar, pra se chegar a um equilíbrio tem que haver isso. A minha brincadeira foi muito mais forte na visualização. Eu me projetei pra dentro da terra, me vi como semente. Sentei no sol da Terra buscando o céu. Uma semente neste movimento de vida de crescimento e que busca raízes de alimentação, de crescimento, de firmeza. Eu senti este movimento da Terra extremamente bondosa, paciente, calorosa, silenciosa, mas o movimento constante e às vezes pavoroso. Mas eu me sentia assim, em profunda conexão comigo, como um bebê na barriga da mãe. Tentei retratar isso. Como eu e todas as outras sementes que estão perto de mim, crescendo comigo e buscando, ao mesmo tempo isso tem um raio de alcance. O físico é um espaço pequeno mas se expande. Eu tentei demonstrar isso aqui, que é um constante crescer. Um movimento tanto interno quanto externo de dentro pra fora.



Figura 34: Rose pintando Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Nossa colega traz imagens da matéria terrestre, *temo-las sob os olhos, sentimo-las nas mãos, e despertam alegrias musculares* (BACHELARD,2001a: 01). A terra é uma forma manifesta concretamente, tão real! Como pode dar asas à imaginação? Como diz Baudelaire: *Quanto mais a matéria é, em aparência, positiva e sólida, mais sutil e laborioso é o trabalho da imaginação* (op cit 02).

Vilma interpreta o momento como uma oportunidade de se colocar para fora:



Figura 35: Vilma pintando Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Então, o primeiro momento que foi a entrada no planeta Terra. Veio a nossa discussão toda em torno da educação ambiental, da preservação do planeta Terra. Ai eu pensei no planeta Terra nossa mãe. Levei mais a fundo, na minha questão como mãe, como eu tenho passado hoje como mãe. Eu tenho passado por muitos conflitos com uma das minhas filhas, querendo mudar em algumas coisas. Me melhorar como mãe. E a nossa mãe Terra também deve sofrer. Os humanos! Como nós estamos nos afastando da nossa mãe Terra. Que nós realmente somos natureza, diz respeito a união do ser humano com a Terra, com a natureza. E a vontade também de estar em harmonia com as minhas filhas, cada vez mais entrar nessa harmonia com as minhas filhas. É isso! Cada um tem uma interpretação. E trazendo isso pra nossa vida diária, sempre tem um vácuo. Você sempre tem alguma coisa pra aprender, pra acrescentar na sua vida, pra melhorar, e tem os espaços que podem ser preenchidos. Eu pensei na vida que é um círculo.

O arquétipo da mãe representa a doação máxima, é o simbolismo do sujeito que tudo suporta com heroísmo. Ao analisar as relações que a colega fez ocorreu que é o arquétipo de uma relação mais integral do sujeito com o seu meio. É um movimento que pode permear a noção de incompletude dos processos formativos, mas se abre ao desconhecido com toda sua amorosidade.

A circularidade e o movimento retornam na fala de Aristóteles:

Eu fiz isso aqui, com a intenção de criar o que tivesse movimento também. Que tivesse movimento em torno de algo, de alguns centros. Mas assim, a sensação, o meu desejo é de que pudesse dar essa sensação que está em movimento, de que está circulando. Eu acho que uma das duas coisas que me chamou mais atenção foi intenção nessa sensação de movimento. E ao mesmo tempo de contrastes. Essa coisa do escuro com vermelho. É isso, não tenho muito a falar. Talvez seja este o meu processo interno de tentar fluir.



Figura 36: Aristóteles pintando Foto: Rosana Gonçalves da Silva

O movimento-intenção simbolicamente é uma engrenagem de constituição interior. Este mesmo movimento é uma tradução objetiva do controle da emoção no sujeito. A evidência da necessidade dos centros, de algo para se apoiar é uma abertura sensível ao mesmo tempo uma disposição racional. O elemento terra presente media essa relação, porque tem o poder de concretizá-la.

Atenta à conversa Rose intervém:

Eu achei que quanto a ligação da educação ambiental e arte, faz uma profunda conexão. Como Vilma lembrou fica fácil de você mostrar para as pessoas.

O que deixou a nossa convidada muito animada, porque o elemento terra expande as possibilidades de expressar conteúdo e símbolos. Dulce Schunck afirmou *porque tudo que está aí expresso tem uma marca emocional, astral, espiritual, muito grande.*

A abundância simbólica no processo de Joema:



Figura 37: Joema pintando Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Primeiro eu comecei com o sol, a energia do sol, o calor do sol. Na verdade, me veio o elemento círculo e a partir dele, eu fui fazendo tudo em círculo, mas conectada com o sol. Que o sol faz essa conexão de voltar pra dentro da terra, voltar muito pro sol interno. Meu processo é mais meditativo. Depois eu fiz outro círculo, outra mandala e o Yng-Yang, que é o equilíbrio.

A visualização resgata as formas, os símbolos e as pulsões que já existem no sujeito. Emerge a categoria do simbólico existente nos sujeitos. Esta mesma repercussão interna ocorreu com Marilândia:



Figura 38: Marilândia pintando Foto: Rosana Gonçalves da Silva

O infinito, como se fosse um rio. Como se fosse a água (...) Cada um tem um infinito dentro de si, seja de possibilidades, de afeto. Porque nós estamos nessa formação pra fazer alguma diferença.

A imagem do rio é a forma perene na vida, seus meandros e suas várias camadas hídricas nos endereçam a sua propensão aos contornos e aos diferentes fluxos, sem deixar de ser contínuo. A colega, tomada deste recurso simbólico, faz atravessamentos

que potencializa o singular-sujeito no que ele pode realizar, dentro dos processos formativos que tendem à mudança, incorporando a relação do sujeito que observa e que é observado em uma cumplicidade que podemos ver também na relação da terra com a água: é a terra que bebe a água, levando-a para as profundezas ou a água que brota dessas profundezas (BACHELARD, 2001). É a imagem da dialética se aprofundando nas observações do pesquisador coletivo.

Podemos analisar as falas e perceber a carga simbólica presente sem desprezar os componentes reflexivos para as nossas questões, em gestos, intenções e no surgimento de metáforas aterramos nossas inquietações mais profundas. As reflexões mais recorrentes durante o encontro foram as possibilidades de re-singularização que a atividade promove e nos devolve o sentido de *subjetivação* (GUATTARI, 1992).

No momento em que a partilha terminou, Dulce apresentou um texto para o grupo que fala da fertilidade material, produzindo o impulso criativo e levando a pessoa a ampliar o prazer de modelar a matéria viva. Houve um interesse muito grande sobre a abordagem metodológica usada e o grupo ficou curioso em saber quais as diferenças entre a Heurística e a Pesquisa-ação existencial.

As abordagens metodológicas ganharam terreno nos diálogos que tivemos nos poucos minutos restantes. Aristóteles manifestou perceber semelhanças entre a forma que pesquisamos e os aspectos da Heurística abordados por Dulce Schunck. Os colegas concordaram indicando a implicação como o elo entre as duas metodologias de pesquisa.

Discutimos sobre a implicação da pesquisa qualitativa que reconhece que o pesquisador está envolvido porque ao olhar o mundo ele traz muitas dobras feitas em seu percurso de vida. O seu inconsciente e toda sua relação afetiva, imaginária, seus desejos, emergem na sua relação com o seu projeto de pesquisa. Neste aspecto, as duas abordagens levam o sujeito de pesquisa a se implicar.

Entra em campo a subjetividade, a complexidade e a transversalidade como forma de abordagens para a pluralidade de sentidos do ser no mundo (BARBIER, 2002). No caso da Pesquisa-ação temos abordagem filosófica-clínica dos sujeitos que estão envolvidos com suas questões. Portanto, não está descartado o fenômeno heurístico que reúne arte e ciência de inventar, de descobrir as coisas por si mesmo, mas sempre com os outros.

Dulce Schunck fez uma breve apresentação para o grupo sobre a Heurística, como um tipo de pesquisa qualitativa sistêmica, baseada na interação e interdependência das variáveis de um fenômeno e na consideração das dimensões objetivas, subjetivas, auto e interpessoais envolvidas no processo. A artista trabalhou com o grupo a relação entre o

fenômeno e o sujeito no ato de conhecimento, quando paralelamente, o fenômeno conhecido permite que os participantes o desvelem como autoconhecimento.

A dialógica de observação e descoberta, corresponde auto-observação e auto-descoberta, onde o processo de geração e auto-geração de conhecimento são inseparáveis. A associação da busca de informação externa com a busca das molduras internas de cada participante.

A artista ainda esclareceu que a experiência prévia, a sensibilidade e a intuição são as dimensões mais importantes da Heurística e isto colabora com as categorias da sensibilidade e dos processos de simbolização despertados nessa oficina, conforme avaliou o pesquisador coletivo.

Retomamos a conversa, lembrando a combinação de abordagens vivenciais que utilizamos no nosso percurso formativo. Trabalhamos com a metodologia de oficinas, com a pedagogia vivencial e com a ecopedagogia, sem deslocar da Pesquisa-ação existencial, o que nos permitiu experimentar essa combinação foi a transversalidade que sugere ao pesquisador autonomia para inventar. Essa abordagem nos reuniu enquanto grupo pelas nossas questões e afetos e, sobretudo, a indicação de mudança.

A transversalidade na prática educativa de EA estabelece uma ponte entre os conhecimentos sistematizados, a vida cotidiana e a ação transformadora dos homens no meio ambiente. Uma pedagogia de abordagem transversal articula procedimentos, competências, habilidades, valores e conceitos necessários ao desenvolvimento de uma ecopedagogia ativa e participativa em benefício da sustentabilidade da vida planetária, promovendo uma compreensão abrangente dos conhecimentos e maior implicação dos indivíduos na própria aprendizagem. Ela propõe ainda um trabalho de formação que faz interagir o grupal e o individual, os saberes e as habilidades das comunidades com o conhecimento científico e as tecnologias ambientais apropriadas ao desenvolvimento econômico sustentável. (CATALÃO, 2008c: 22)

Não há Pesquisa-ação se não houver mudança no grupo! Para Aristóteles essas abordagens que associam os recursos sensíveis mobilizam os sentidos:

O problema é que os nossos sentidos estão tão condicionados, que a gente usa eles só de uma forma. Igual aquela coisa da fotografia. A gente vê as coisas, recorta, vê só aquele pedaço e esquece de olhar pro céu, pra terra. Com a audição é a mesma coisa, estamos acostumados a escutar os mesmos ritmos, o mesmo com olfato, o tato. E, são através dos sentidos que a gente tem contato com tudo. Através dos sentidos é que a gente alimenta a imaginação, a alma. Com estímulos que fazem a gente estabelecer este contato.

Essas observações reafirmam a presença e a capilar sensibilidade do pesquisador no processo de investigação (RODRIGUES, 2006: 28). A sugestão de um enraizamento que pode ser construído pelo elemento terra pelo seu poder de ligação, concretude e firmeza um campo que se constrói com os pés no chão no espaço de auto-co-formação, emergiu nas reflexões do pesquisador coletivo.

A presença do elemento terra na experiência com Dulce parece óbvia por causa do uso dos minerais. Mas, a imaginação material que o elemento suscita precede a sua materialidade no mundo, ela existe potencialmente nas relações que construímos primeiramente no imaginário, em nossa sincera capacidade de simbolizar. O elemento terra sustenta e dá suporte às ações que buscam a integridade humana fertilizada pela sua íntima relação com seu inteiro ambiente.

Ao discutirmos abordagens metodológicas em educação ambiental entramos na tripla pilotagem do processo co-formativo. A *autoformação* e a *heteroformação* são categorias potencializadas no espaço de significação dos processos vividos entre as *interações simbólicas: imagens*, as *interações práticas: gestos* e as *interações epistêmicas: conceitos* (GALVANI, 2002). Na experiência que tivemos com Dulce Schunck ao conectarmos instâncias mais profundas da subjetividade emergiu uma reflexão no grupo sobre este processo de interiorização que remete à compreensão de *autos* como a originalidade viva de cada pessoa (GALVANI, 2002).

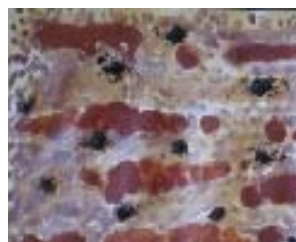
Para Gastón Pineau (2000) a *autoformação* é um processo alimentado por sua dependência da *heteroformação* e *ecoformação*. Segundo ele é preciso estar atento para não valorizar mais uma dimensão formativa em detrimento das outras. O autor apresenta o termo *coformação* que põe em evidência os processos ou movimentos formativos em que a relação entre os participantes é essencial. Neste sentido a ação educativa formativa de uns sobre os outros é interativa sendo um lugar de troca entre a auto e a heteroformação. A categoria da *coformação* deságua em outra categoria importante como a *transversalidade* por um processo permanente de exteriorização, de criação e elucidação (BARBIER, 2002: 71).

Na interlocução com a artista refletimos ainda que a ecopedagogia nos ajuda a compreender poeticamente os *bens da terra*, numa imaginação mais simbólica do elemento. A práxis e a expressão criativa com a terra, matéria concreta, é uma mediação entre a existencialidade interna e externa, na produção do conhecimento. E, num triângulo amoroso entre essas possibilidades da terra, ainda temos a relação com o planeta Terra:

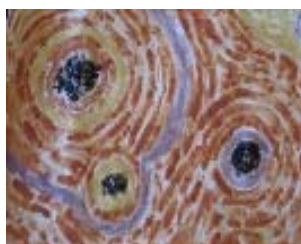
Não aprendemos amar a Terra lendo livros sobre isso, nem livros de ecologia integral. A experiência própria é o que conta. Plantar e seguir o crescimento de uma árvore ou de uma plantinha, caminhando pelas ruas da cidade ou aventurando-se numa floresta, sentindo o cantar dos pássaros nas manhãs ensolaradas ou não, observando como o vento move as plantas, sentindo a areia quente das nossas praias, olhando para as estrelas numa noite escura. Há muitas formas de encantamento e de emoção diante das maravilhas que a natureza nos reserva. É claro que existe a poluição, a degradação ambiental para nos lembrar de que podemos destruir essa maravilha e para formar nossa consciência ecológica e nos mover à ação (...) são múltiplas formas de viver em relação com este planeta generoso e compartilhar a vida com todos os que o habitam e o compõem. (GADOTTI, 2000: 86)

Este encontro com Dulce Schunck nos devolve à terra de nós mesmos, vista por dentro e por fora. A expressão criativa pode ajudar a nossa capacidade de re-inventar nossos modos de ser e estar nos ambientes. Pois, transversaliza os frutos da objetivação com o poder da subjetivação. O espaço das simbolizações faz a grande síntese das partições positivistas. Emerge uma ecoformação a partir da terra, com a terra e para a Terra.

Imagens da terra - Mostra Coletiva. O sujeito em processo ecoformativo é a permanente e recursiva produção de si mesmo, mas sempre com o outro.



Aristóteles



Aristóteles



Rose



Joema



Andréia



Andréia



Marilândia



Vilma



Joema



Joema



Andréia

pArte III



Céu da boca

***Gosto mesmo é da palavra
que anda solta.
No meio da rua.
Livre...
No céu da boca
Dançarina delirante***

Rosana Gonçalves da Silva

Figura 40: Floração

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

3 A CIRANDA SE VÊ: ANÁLISE DE UM PROCESSO FORMATIVO

Em nossa terceira parte teremos o giro da ciranda, como o pesquisador coletivo se vê no processo, tanto nos registros coletivizados, como nos espaços de convivialidade e nas expressões criativas.

Os registros foram qualificados como processo formativo. Perderam a mera característica de apontamentos. Nosso pensamento ganhou asas e o sentimento se abrigou em suas páginas, voltando e revolvendo caminhos que se mostraram na atitude implicada do fazer coletivo.

Quando comecei a interpretar os registros me vi na condição de quem estava a lascas as pedras. E, que das pedras brutas deveria tornar possível a lapidação do mais essencial da natureza da nossa pesquisa. Tanto uma tentativa de fazer brilhar o imaginário do grupo, também, o movimento contrário de me iluminar com o seu reflexo. Este momento coincidiu com o outono e o início da floração dos Ipês no Cerrado. Encontrei no sentimento outonal e na trilha colorida dos Ipês energia para a tarefa de alcançar o imaginário do grupo, de esculpir as palavras na tradução da experiência.

Ativar reflexões e interpretações a partir do elemento cor, não se trata de uma metáfora apenas. *O estudo da cor é um microcosmos da ciência cognitiva* e em nosso cotidiano, tem uma *significação imediata perceptual e cognitiva no âmbito da experiência*

humana (VARELA, 2001: 207). São motivos pertinentes para trazer uma auto-co-
formação multicolor em Educação ambiental. Com estas observações, no sentido
metafórico e racional construímos nossa epistemologia e abordagem metodológica, para
nos vemos mais inteiros. *A cor fornece um domínio paradigmático no qual as nossas
duas preocupações gêmeas da ciência e da experiência humana naturalmente se
intersectam* (op cit 207).

Defendemos as diferentes formas de se conhecer, não só em termos de valor
intrínseco, mas, de se expressarem e de voltarem para o mais externo a nós, o limite
íntimo de cada um de nós: nossa subjetividade. O melhor uso dessas formas diferentes
é o de aumentar o próprio desenvolvimento da nossa existencialidade interna e de a
testar na realidade. O centro, meio e a continuidade de uma pesquisa-formação baseada
nas linguagens artísticas é o próprio sujeito da ação.

A subjetividade é algo em que se deve investir e não expulsar, pois, conseguimos
melhores resultados através de uma intersubjetividade de linguagens, idéias e interesses
comuns. No campo ambiental, tal solução proporciona a interação de vozes diferentes,
utilizando esforços coletivos para resolver problemas. Uma definição de subjetividade se
forja como as formas de entendimento das nossas relações com o mundo, que torna as
pessoas naquilo que são. *O self é mais um verbo do que um substantivo, é mais um
processo do que uma identidade* (DIAMOND e MULLEN, 2004: 242).

A maneira como nos vemos no percurso da investigação é necessária, para permitir
que a complexidade, a ambigüidade e as contradições da experiência vivida distingam a
sua legitimação através de associações com propostas racionais.

Os textos de narrativa pessoal e sua análise, ajudam-nos a melhor refletir sobre a
nossa experiência. Estes são o resultado da interpretação das tensões que a escrita
inevitavelmente produz. Encontramos na experiência e exploramos seu significado a
partir das perspectivas pessoais e depois olhamos e exploramos o seu significado a partir
de um contexto coletivo e mais alargado.

Através de uma escrita reflexiva e de conversas uns com os outros, tornamo-nos
mais conscientes das influências que formaram a nossa maneira de pensar. Ao utilizar as
formas poéticas em uma investigação educativa estamos a favorecer nossas forças, a
nós mesmos e a outros, juntando as nossas vozes de primeira e terceira pessoa numa
comunidade de muitos eus.

A observação participante foi fundamental em todo o processo. Como pesquisadora
profissional eu tinha uma responsabilidade a mais, diferenciada das responsabilidades do
grupo. Mesmo que a preparação dos encontros fosse feita por mim, não deixava de ser

um espaço de co-formação, onde eu também me alterava. Pois, meus propósitos e intenções iam além da investigação co-formativa de grupo sujeito.

O sentido de congruência dos valores comuns, das emoções compartilhadas e de uma implicação participativa são essenciais na observação participante existencial. Essa interação fortalece e dá relevância ao conhecimento produzido, porque se articula na interação e integração de um processo mutuamente educativo.

Analisando e refletindo sobre o conjunto dos registros, produzi um mapa das nossas experiências conjuntas. A ciranda se vê é o roteiro das interpretações da co-formação. Onde trato das técnicas propostas pela pesquisa-ação e faço algumas variações criativas.

A escolha por um processo integrado de escrita-desenho e simbolização, que começa com o Diário de Itinerância. É uma técnica fundamental, para o registro da pesquisa-ação existencial proposta por Barbier. Ele se desenvolve em três fases: o diário rascunho, o diário elaborado e o diário comentado.

O diário rascunho foi pensado na pesquisa, conforme nos propõe Barbier: *um instrumento de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo e em que se emprega a tríplice escuta: -clínica, filosófica e poética- por meio de uma abordagem transversal* (2002: 133).

Essa técnica representa a primeira fase do diário de itinerância. Neste momento não são exigidas formalidades quanto à escrita e ao que é escrito. Normalmente, é lido apenas pelo seu autor. Ele possibilita ao sujeito de pesquisa total liberdade em suas anotações, durante os encontros e entre os encontros. Abriga a itinerância de cada pesquisador. É o espaço de profunda intimidade onde o sujeito de pesquisa coloca sua interpretação das coisas, que deve ser preservada. Portanto, este material não será analisado.

O Diário Coletivo foi elaborado pelos participantes. Neste diário os colegas foram tecendo a memória dos encontros, pois ele foi feito pela singularidade de cada membro do grupo. Ao mesmo tempo foi o desenho da expressão coletiva, por si tratar de um *diário comentado* por todo o grupo. E, que depois resultou em um diário elaborado individualmente: o portfólio.

A fase do Diário de itinerância: o diário elaborado foi convertida em uma experiência individual de portfólio, compondo um dos instrumentos de análise e avaliação de como a produção foi realizada ao longo do curso. O portfólio expressa o processo educativo, pois articula narrativas visuais e hipertextualidades que acompanha as experiências formativas.

Entrar em contato com uma diversidade de escritas das nossas observações, conhecer melhor nossas potencialidades e fragilidades. Encontrar internamente um reino de palavras que possam ser articuladoras dos itinerários da pesquisa-formação.

Outro aspecto, sem dúvida, é o processo de autorização que podemos nos permitir com o ato dos registros. Mobilizamos a nossa capacidade de autoria para a compreensão das situações e das práticas educativas no sentido dado por Ardoino: *a intenção e a capacidade conquistada de tornar-se a si mesmo seu próprio co-autor, de querer se situar explicitamente na origem de seus atos e, por conseguinte, dele mesmo enquanto sujeito* (1998: 28). A autorização surge em vários momentos da formação, portanto, é um princípio recursivo por excelência.

As narrativas do grupo apresentaram um caminho de conhecimento e uma forma cooperada de expressão conjunta. Produzimos textos personalizados como histórias assinadas sobre a nossa experiência partilhada e já não solitária. Como a escrita muitas vezes representa uma hierarquia de poderes, todos podemos estar num mesmo plano de observações para apresentar as nossas práticas.

Neste trabalho tive a preocupação de identificar unidades de sentidos na fala dos participantes. O esforço foi buscar que categorias emergissem dessas unidades de sentido. Portanto, encontrei em Isabel Carvalho um aporte para identificar unidades de significados, que se aglutinam nas narrativas do pesquisador coletivo.

Tornar visível a dialética das partes (formas simbólicas específicas) e do todo (a estrutura significante do contexto cultural) que constituem o fenómeno cultural a ser compreendido (...) Assim, voltamos à idéia da experiência como fonte e possibilidade da narrativa (...) Pode-se captar o *quem* da ação, sem encerrá-lo numa identidade estável. Ao contrário, a identidade narrativa constitutiva no sujeito permite compreendê-lo na mudança. (CARVALHO, 2001: 124,126,131)

Usei a mesma prática de análise narrativa nas expressões criativas, pois imagens são textos visuais. Elas são uma forma de interpretação da experiência e de uma compreensão singular das relações entre o sujeito e o mundo.

Temos os espaços de convivialidade e expressões criativas. Que trouxeram a Roda de conversa, espaço onde potencializamos a escuta sensível e funcionou como um diário comentado oral. E, as expressões simbólicas dos participantes um espaço para os sentidos e significados, uma abertura epistemológica qualitativa, que ampliam nossa compreensão das complexidades sujeito-objeto.

Desde o início, em uma oficina que está relatada mais adiante, cada participante recebeu uma sacola com dois diários dentro, que serviram de apoio na pesquisa-formação.

3.1 REGISTROS COLETIVOS



Figura 41: Ipê Roxo Foto: Rosana Gonçalves da Silva

3.1.1 Diário Coletivo como diário comentado

A abordagem transversal nos indica que no contexto de uma pesquisa podemos criar os mais diversos recursos metodológicos, que nos auxiliem no percurso do processo. Além dos seus habituais instrumentos concretos de pesquisa como a observação participante existencial e o jornal de itinerância. Esta abordagem reconhece a necessária interação dos planos filosófico, científico e poético dentro de uma perspectiva da complexidade. Portanto, é possível descobrir e inventar recursos de orientação metodológica.

A inspiração para o diário coletivo de registro surge nesta linha e não é uma novidade. Podemos constatar sua ampla utilização, por exemplo, nas formações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e seus programas.

Este dispositivo democratiza as relações, pois, a cada semana, um participante a partir do seu rascunho, da observação nos encontros, tornava-se responsável pelo registro no diário, trazendo para o grupo no encontro seguinte o seu relatório. Ao compartilhar as suas observações e comentar o relatório do encontro anterior, cada participante via seu registro ser transformado pelo grupo através dos comentários. Este

modo de fazer permitia a horizontalidade na pesquisa. Nessa técnica, cada um passa a ser protagonista.

No contexto da nossa pesquisa sua utilização superou o tradicional aspecto de procedimento de registro, passando a um processo formativo uma verdadeira pesquisa-ação-formação. O diário coletivo tornou-se um espaço educativo no qual registramos e compartilhamos visões e versões vividas em grupo. Estabeleceu entre nós o diálogo do aprender a saber-fazer a pesquisa coletivamente. Tornou-se um caminho metodológico de partilha do nosso universo simbólico, um cenário de reciprocidades.

Um repertório bem feito de vozes de "outros" propicia um conjunto de visões e de versões que são, ao mesmo tempo, o que sente e pensa cada pessoa individualmente, e o que o coletivo de uma voz comum fala e traduz como pensar sobre o viver dentro de uma comunidade e dentro de uma cultura.

Carlos Brandão

É a valorização de cada participante da pesquisa-ação existencial, quando se compartilha o diário comentado. Tornando-se comentado pelo pesquisador coletivo e fecundado no espaço da intersubjetividade *neste caso, o diário de itinerância coletivo representa o caderno de inteligência do grupo em direção à realização do seu objetivo* (BARBIER, 2002: 143).

Quando eu pensei em realizar a pesquisa, desejava muito trabalhar em torno do elemento fogo e desenvolver uma ecopedagogia a partir deste elemento. Porque os dois ambientes para pesquisa foram Brasília e Cerrado. Brasília forjada no aço e o Cerrado na sua convivência com o fogo, então este elemento se manifestou em nossas materialidades simbólicas (BACHELARD, 1938). E, no curso de nossa intersubjetividade, o elemento água preponderou. Este foi um primeiro encontro com a incerteza do que estava por vir na pesquisa. Os outros elementos ar e terra participaram do trabalho, interagindo a nossa dimensão de alçar vôo e aterrar significados.

E aí, percebi uma noção que eu trabalho pela Ciranda Multicor, que é autopoiesis. Que é um conceito da nova Biologia de Maturana e Varela, que trata da organização circular dos sistemas vivos como unidade, da capacidade de auto-criação e de auto-reprodução. É um termo nascido da observação da conduta dos seres vivos, e da autonomia presente nestes sistemas.

Portanto, nesta abordagem está incluída a nossa capacidade dialética de auto-reprodução e auto-criação, da gente ir modificando, ir evoluindo mas, conservando algo que é o que nos dá estrutura e autonomia. Então, a pessoa não se transforma totalmente.

Com base nas suas experiências e evolução, ela mantém suas raízes. Neste contexto, trazemos um sentido autopoietico da práxis.

Trabalhar com o Diário Coletivo significou mais que recorrer a um procedimento de registro já tão desgastado e pouco explorado nos processos formativos. O desafio de compreender que o novo nem sempre traz novidade, e de que o velho ainda não foi superado. A força do grupo move qualquer roteiro pré-estabelecido. Significou retomá-lo com um sentido autopoietico em nossa práxis. Incluí-lo no processo vem da minha experiência com os PCNs: criar momentos para que os pesquisadores se sintam integrados e pertencentes a um grupo que constrói suas experiências coletivamente, à medida que compartilham momentos significativos (atividades em grupo, troca de experiências, organização das ações)¹¹.

O diário coletivo nos permitiu uma visão abrangente do processo. Nele registramos cada encontro e foi possível perceber como a pesquisa ganha corpo, que caminhos percorremos para alcançarmos nossos objetivos. Constituiu para nós mais que um caderno de notas, mobilizou a confiança, a partilha de conhecimento, transformando-se em espaço formativo.

Ao ler suas páginas nos deparamos com imagens, pensamentos e a poesia do percurso do pesquisador coletivo. As nossas percepções captadas pelas manifestações das formas simbólicas que nos compõe. Acordadas, pela nossa necessidade de criar sentidos, as expressões simbólicas surgem em forma de poesia, na percepção de Joema:

Cirandar
Eis agora o desafio
De um novo recomeçar
Gira gira a roda grande
E na vida cirandar
De mãos dadas vamos juntos
Neste nosso caminhar
Cabeça erguida, mente aberta
Peito amplo a palpitar
Mãos atarefadas no cuidado
De amor à arte e à natureza
Transformamos a nós mesmos
Sujeitos ecológicos dedicados
À meta alcançar.

¹¹ Adaptado - Brasil. Ministério da Educação. Programa parâmetros em ação, meio ambiente na escola : Guia do Formador./ Secretaria de Educação Fundamental. -Brasília: MEC; SEF, 2001. p. 15.

Ao partilhar suas reflexões com o grupo, do fruto de seu registro surgiu esta poesia que veio com naturalidade, quando ela se comprometeu em devolver ao pesquisador coletivo sua itinerância. Durante a leitura, repetidas vezes a palavra desafio. Encarar desafios é uma maneira de emancipar-se, de abrir-se ao conhecer em comunhão com o outro, e de:

Adquirir uma qualidade não instrumental de conhecimentos e de valores, que se realizam como aprender a sair de si mesmo e abrir-se ao outro, a outros, para construir com eles e através deles o seu próprio destino (...) Todo aprendizado instrumental que aprisiona em mim o sentido do uso do conhecimento adquirido é também uma contra-aprendizagem do verdadeiro valor do próprio aprender através de uma experiência de vocação emancipatória. (BRANDÃO, 2003: 217)

Interpreto a poesia em Joema, como um momento importante para os participantes. Ao comentarmos os registros feitos por ela chamou minha atenção o reconhecimento de elementos significativos que grupo destacou. As pessoas se identificaram, dizendo: *os Cirandeiros têm um lema.*

A poesia como expressão criativa é um portal aberto, um acesso ao mais recôndito do ser. Nela o possível se expande e o reencantar com as palavras torna-se elástico. A tarefa desafiadora que Joema poetiza significa uma busca muito própria do ser humano e dos grupos sociais. É o que desprende de sua fala a respeito da experiência da conformação: entrelaça o singular e o universal. O reconhecimento da re-união de saberes e fazeres, de pessoas e ideais.

A poesia dará à cultura da humanidade uma dimensão mais enriquecedora, pois ela mostra a “verdadeira vida” – para retornar a expressão do poeta Arthur Rimbaud – não se encontra nas necessidades utilitárias às quais ninguém pode escapar, mas sim na auto-realização e na qualidade poética da existência. (MORIN, 2001: 20)

Assim, expressão criativa de Joema, é ao mesmo tempo uma visão da condição de alguém que se vê incompleto, mas, é capaz de fazer suas projeções, e de cultivar em si mesmo a aptidão para integrar. A aptidão para perceber que a mente está ligada ao coração, e que entre um e outro reside o poder de transformação. Sua materialidade simbólica é a do elemento água, que favorece a ilustração de combinação dos poderes.

Ela assimila tantas substâncias! Traz em si tantas essências! (...) Compreende-se, pois, que o fenômeno da dissolução dos sólidos na água seja um dos principais fenômenos dessa química ingênua que continua a ser química do senso comum e que, com pouco de sonho, é a química dos poetas. (BACHELARD, 1989: 96)

O grupo ao partilhar essa poesia encontrou de forma muito clara a qualidade transcendental que ela implica. *Ao mesmo tempo que se manifesta na arte e na natureza, o Numinoso revela-se, sem dúvida, de uma forma mais humana através do encontro* (LELOUP, 2001: 59).

Nos encontros as trocas de conhecimento se mantinham atualizadas. A compreensão de que pesquisar coletivamente exigia a superação das nossas certezas, foi o estímulo à capacidade de questionar. Cada encontro do pesquisador coletivo guardava surpresas, que somente vivendo junto era possível descobrir.

Em um contato direto com o Cerrado, com sua natureza oculta e/ou reveladora, esparsa, tortuosa; mas com raízes profundas. Sua amplidão permeada de conhecimentos, um convite à interação com texturas, cheiros e cores. Esta experiência registrada no diário coletivo suscitou importantes questões levantadas por Andréia:

Cerrado por quê? Cerrado por quem? Cerrado pra quem? Cerrado com quem? QUANDO FOI QUE O HOMEM PAROU DE SENTIR? Vivemos em tempos sem. Sem coragem, sem vontade, sem atitude, sem iniciativa, sem amizade, sem força, sem saída, sem recursos, sem vergonha mesmo (...) Queremos tempos com parceria, com paciência, com amor, com respeito, com solidariedade, com compromisso, com vitalidade, com alteridade, com fé, com esperança e paz (...) Que bicho é este que somos? Sapiens? Sapientes em quê? Somos capazes de viver em comunidade sem destruir algo ou subverter uma ordem milenar à nossa vontade de consumir e sumir? A baixo a estética retilínea!!!

As questões que deixaram Andréia inquieta fizeram eco em todo o grupo, pude observar. Considero que a capacidade de questionar abre portas para a transformação e leva o sujeito às *matrizes pessoais de pensamentos próprios* (BRANDÃO, 2003: 128). Provoca uma reflexão sobre o sujeito interrogante. Um tipo de sujeito que anda meio em extinção atualmente. Já faz algum tempo que *de alguma forma, a ciência expulsou o sujeito das ciências humanas, na medida em que propagou entre elas o princípio determinista e redutor* (MORIN, 2006: 118). Conseqüentemente o sujeito foi afastado da relação indivíduo/espécie/sociedade. Mas, o 'eu' é possuído de objetividade e subjetividade. É uma imanência do 'si' interrogar sobre as coisas, é um princípio ontológico do ser sensível-cultural.

O sujeito interrogante é um sujeito que deve estar no centro, que possui uma forma de expressão capaz de re-inventar as suas práticas nos vários campos do saber, articuladas com o novo pensamento sistêmico. É um sujeito que transita por diversos caminhos, reconhecendo que todos os caminhos são válidos, que o conhecer é transitório e que o mundo das certezas, agora é incerto. Estas são idéias básicas do

pensamento complexo. Os diversos caminhos que se abrem à construção do conhecimento são importantes, e para que exista um eixo comum, que torne os saberes interligados, exige a presença de um eu pensante.

O que nos pergunta Andréia: *QUANDO FOI QUE O HOMEM PAROU DE SENTIR?* é um questionamento profundo, e que está na base da problemática ambiental que estamos enfrentando. Sentir, deixar-se afetar, ser sensível são palavras que estão na base das relações que temos com os outros viventes. A perda do sentir representa que algo ficou fragilizado e pode estar relacionada com o advento do racionalismo. Nos esclarece Maffesoli: *no exato momento em que se funda, o racionalismo estabelece seus limites. ele esclerosou-se, e por isso mesmo, torna-se um obstáculo à compreensão da vida em seu desenvolvimento.* E mais, a racionalidade instrumental, em sua pretensão científica, tornou-se inapta *para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico da experiência vivida* (2005: 27). Desta fragilidade decorreu uma série de degradação ambiental, dominação e alienação como palavras que vêm na base da “cabeça-bem-treinada”. Contrariando o que Morin nos fala sobre a *cabeça-bem-feita* que dispõe da *aptidão para colocar e tratar problemas, ao mesmo tempo ligar os saberes e lhes dar sentido* (2006: 27).

Considero mais uma aptidão, a de criar possibilidades na produção solidária de conhecimento, que a sensibilidade expressa na poesia é a mesma na capacidade crítica. Ambas constroem significados enraizados no sujeito.

O momento de partilha do conhecimento para o pesquisador coletivo passou a ser um momento sagrado, e o diário coletivo o símbolo dessa partilha.



Figura 42: Caderno Multicor. Andréia

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Nossa companheira de pesquisa Zélia argumenta que o *diário coletivo foi transformado em mandala colorida de múltiplas sementes pelas mãos de Andréia, que compartilha seu jardim individual na multiplicidade da multicolor ciranda*. O que dá início a uma conversa interessante. Ao observar a cena e escutar o diálogo, eu fiquei imaginando a estrutura de um texto do teatro. Pois, o conhecimento não é um palco vazio. É um texto que influencia o contexto das nossas experiências. Uma fala complementando outra fala, mobilizando fazeres e saberes no grupo:

Andréia diz:

Eu achei que ele estava muito desanimado. Usei o xixi de macaco.

Aristóteles interfere:

Spathodea.

Andréia continua:

Ah, Spathodea , é mais simpático do que xixi de macaco (Spathodea campanulata). Caíram umas vagens e quando elas secaram, eu pensei “ah isso vai me servir”, vi que tinha a ver com nosso trabalho.

Aristóteles exclama:

Bem ecológico!

Andréia:

Bem ecológico!

Aristóteles pergunta:

É cola?

Andréia responde:

É bastante cola. Coloquei também o margaridão (Tithonia diversifolia), as folhas secas e nas bordas flores de Bougainville.

Eu participei da conversa, observando:

Que interessante cada um vai interferindo, fazendo sua parte sem medo de ser feliz. Joema também criou algumas formas.

Andréia:

Eu não escrevi muito. Quis fazer diferente o discurso do Cerrado, na semana passada. Quis fazer de uma forma mais simbólica.

Então perguntei:

Que repercussão te trouxe o fazer?

E Andréia respondeu:

Eu fiquei muito satisfeita de ter podido contribuir com essa visão diferente. Essa mandala colorida com sementes naturais me fez sentir uma integração diferente com o Cerrado. Engraçado que a gente é bicho do Cerrado e está fora dele, não participa dele. Mas, para mim foi importante porque é como se eu tivesse feito uma ligação. Tenho tido mais atenção com os elementos do Cerrado, da natureza.

Para Andréia a oportunidade de fazer arte lhe trouxe o auto-conhecimento. Sua percepção de que pertence ao Cerrado re-inventa a sua relação com o seu meio como uma aventura de criar espaços-tempos vividos de um saber entre todos [...] do qual cada um vive pessoalmente a experiência de seu próprio aprendizado (BRANDÃO, 2003: 139). Nesta experiência todos aprendemos um pouco mais sobre Cerrado. Um aprender por meio da arte. Andréia nos trouxe a técnica artística, que consiste em:

O primeiro passo para a composição feita na capa do nosso diário coletivo foi a retirada da camada plástica que encobria a base de papelão da capa do caderno. Ela foi retirada por estar muito desgastada e já apresentar alguns vincos. Diante da base branca que ficou exposta, tive a idéia de construir uma mandala com cores que pudessem interligar e compor uma imagem e que desse a impressão de expansão. Com o lápis aquarelável fiz as pinturas circulares que cobriram toda a base, com pinceladas rápidas de água fiz uma aquarela suave. Depois de tudo seco, comecei a trabalhar com a idéia de movimento de sementes que pudessem destacar as cores ao fundo numa interligação quase tridimensional. Assim, de posse das sementes da Spathodea, vulgo Xixi de Macaco, comecei a fazer a colagem com cola branca. Aproveitei que a semente tem um núcleo que lembra um coração e uma película transparente ao seu redor que segue aproximadamente o mesmo formato, segui a seqüência dos círculos da mandala, construindo novos círculos sobrepostos. Após a colagem das sementes, fiz uma nova camada com cola para que houvesse uma melhor impermeabilização e

brilho. O resultado foi uma textura suave que destacou as cores de fundo e deu movimento a composição com as sementes.

Para alguns colegas a técnica era totalmente desconhecida. A narrativa de Andréia revela o conhecer que é dado pela experiência na descoberta do potencial auto-criador articulado a uma percepção refinada do seu meio ambiente. Porque a matéria também pode ser imaginada. *É tão certo a semente ser o fogo para os espíritos pré-científicos* (BACHELARD, 1938: 91). Revela as substâncias da paixão.

Por vezes, o fogo é o princípio formal da individualidade (...) É pensar a substância na sua produção, na sua geração; é ir ao encontro da inspiração alquimista (...) Se, depois, tornarmos solidários o fogo que anima o nosso coração e o fogo que anima o mundo, parece-nos que comunicamos com as coisas num sentimento tão poderoso e primitivo que a crítica exata fica desarmada. (BACHELARD, 1938: 92, 93)

A reverberação da partilha no grupo foi imediata, pude notar pelos gestos corporais e expressões de encantamento. Um belo encontro da objetividade com a subjetividade. A expressão poética em Andréia levou o grupo identificar, que nossa colega ao encontrar o material encontrou a forma. O surgimento do 'como' sugere objetivação na expressão e sugere o 'que' da expressão.

A expressão do subjetivo que a forma contenha. A matéria objetivando a linguagem, é uma condição indispensável para podermos avaliar as ordenações e compreender o seu sentido (...) Sem ter a matéria presente, isto é, sem condições de objetivar a linguagem, as eventuais contribuições subjetivas se desvalorizam, ou seja, não chegam a se concretizar. (OSTROWER, 1999: 37)

O ato da partilha na corrente das águas da nossa memória, é como gosto de chamar o diário coletivo, que no seu ir e vir toma as mais diversas formas, possibilitou este aprendizado para Andréia:

Que desafio!

*Fiz o primeiro registro e me senti impelida a fazer um registro mais artístico, tentei transformar nosso diário em mais uma vivência significativa para mim. Quis falar com imagens e despertar sensações. Foi uma experiência muito gratificante, tanto quanto poder participar desta oportunidade única: a Ciranda Multicor. Que riqueza! Sou imensamente grata a Deus por me permitir fazer parte **desta experiência que trouxe reflexões mais profundas sobre a minha existência no mundo e da minha responsabilidade para com ele. Foi a primeira vez que realmente me senti educadora ambiental. Ampliei minha noção de educação ambiental e de meio ambiente. Hoje, em meu trabalho consigo abordar melhor a questão ambiental. Já que eduquei meu olhar para a necessidade de usarmos mais o espelho e***

percebermos as nossas necessidades e as nossas capacidades de interação. Estou pondo isso em prática! Comecei a rascunhar um projeto chamado "Educação Ambiental para principiantes", é mais um jogo de palavras do que um manual, os principiantes são meus alunos, os que estão no princípio da sua jornada educativa (...) estou tentando resgatar o fio da meada de suas esperanças, de suas possibilidades de sucesso (...) Está dando resultado, e eles já se percebem diferentes. Fazer o registro no diário coletivo, é na verdade mais uma página na minha vida. INESQUECIVELMENTE LINDA!

A voz da nossa colega fala do que importa a partilha solidária de conhecimento, pelo diário coletivo. Em que consistiu para ela essa práxis senão na reflexão refinada com os seus pares, retornando de modo singular re-significações do seu cotidiano e sua prática profissional. Interpreto na clareza da fala de Andréia a síntese de significados e significantes que o processo da nossa co-formação repercutiu.

O enunciado de valores importantes para uma co-formação em Educação Ambiental são manifestados por Andréia, assim, a percepção ampliada é expressa na tessitura das nossas práticas educativas de base artística. Uma combinação de mythos <> logos se formula. Fico imaginando se Edgar Morin encontrasse Fayga Ostrower, que diria um para o outro sobre a complementaridade deste fato.

Os nossos espíritos passam sem perceber de um pensamento para o outro, às vezes no mesmo discurso. É, efetivamente, ao passar de um para o outro, ao combiná-los um ao outro que podemos fazer o vaivém entre os dois campos de realidade diferentes. (MORIN, 1996: 161, 162)
Por esta razão, as formas de arte podem expressar vivências afetivas e valores, as experiências de crescimento e transformação, o sentido de viver. (OSTROWER, 1990: 35, 36)

Enfim, a nossa colega revela que o encontro da imagem com a palavra traduz uma potencialização da sensibilidade nos processos de simbolização. Zélia sempre muito atenta, compartilha um belo registro sobre:

*A autoformação
Ninguém forma ninguém
Ninguém se forma no vazio.
Formar-se supõe troca,
interações, pesquisa e reflexões.
Exige criatividade.
Interiorização.
O percurso da vida
é o percurso da própria formação.
É uma dinâmica de construção pessoal e profissional.
**Cada pessoa, sendo ela própria,
reconhecendo-se,
se forma.
Se transforma em interação com outros.***

*Em construção de contextos.
Em construção de complexos.*

Muitos sentidos poderíamos atribuir a esta poesia. Que desafio! Lembro-me do que dizia Paulo Freire “ educar é impregnar de sentido cada ato do cotidiano” e nunca será acúmulo de conhecimento. Então, seja qual for a fonte do conhecimento ele tem valor formativo é um primeiro sentido. Também, a conectividade entre os saberes parece ser um tema recorrente ao grupo.

Dentre os inúmeros matizes que compõem a fala de Zélia o *formar-se* está muito próximo do que Morin qualifica como *religação dos saberes*, é uma experiência que pode dinamizar o conhecimento de modo fecundo no sentido de articular os saberes. Podemos ver na poesia o desejo de construção de contextos, de complexos e de interação com os outros, ou seja, um desejo orientado para a condição humana. Que indica a relação indivíduo/espécie/sociedade, de que nos alerta Morin.

Agora poderemos entrar um pouco no assunto autoformação, que participa da tripolaridade dos processos formativos. Pascal Galvani em estudo recente sobre o tema, diz que existem várias abordagens de exploração. Uma delas é a exploração intersubjetiva que se caracteriza por:

(...) um retorno reflexivo da autoformação sobre a experiência, por uma exploração coletiva e pelo cruzamento interpessoal e intercultural das produções de saber. Essas abordagens têm em vista a tomada de consciência e de poder das pessoas sobre sua própria autoformação em suas diferentes dimensões. (2002: 107).

Essa exploração é a que mais se aproxima do sentido apresentado na fala de Zélia. É uma abordagem direta de como entendemos a palavra autoformação: *autos–si e formação*. O autor coloca que a exploração intersubjetiva da autoformação se *enraíza numa prática de animação de ateliês práticos que integra várias abordagens metodológicas* (GALVANI, 2002: 106). Entendo por ateliês práticos as oficinas, pois este espaço formativo reúne varias abordagens metodológicas e potencializa os *diferentes níveis de autoformação*¹².

As outras noções da tripolaridade dos processos formativos são a heteroformação e a ecoformação. A prática do diário coletivo como a experiência de co-formação, ainda suscitou em Zélia que: *é um exercício de emergir e de imergir de si. É como um espelho*

¹² Pascal Galvani, A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural, Ed. TRIOM, São Paulo, 2002.

d'água cristalina reflete quem se vê, mas também permite ver o todo, o fundo, "os peixinhos coloridos" deixados pelos colegas.

Essa fala alude à intersubjetividade, como um espaço de transição relacional. Retoma a heteroformação que o diário comentado propicia. Ao mesmo tempo, explicita a tripolaridade como níveis que levam em conta a tomada de consciência da realidade como uma instância formadora. Essas abordagens são referências chave para as reflexões do pesquisador coletivo. Elas participam do cotidiano do grupo. Melhor dizendo o compõem.

A materialidade simbólica da água e sua relação com a consciência se manifestam. A imaginação material provoca a transparência intersubjetiva. O sujeito incorpora as feições do cristal, uma imagem que Vera Catalão intuiu em um dos nossos encontros de orientação. Com suas várias expressões liberadas, *mais do que racionalidade científica, o conhecimento pode ser abluído pela sensibilidade poética em acolher a ternura como aporte importante para a transformação necessária* (SATO, 2005: 106).

O diário comentado significa uma abertura maior, *uma abertura ao jogo poético do mundo* (BARBIER, 2002: 142). Assim, o diário comentado tornou-se um instrumento que implicou em democratização das reflexões diante do grupo, pois, promoveu os traços de consciência crítica na campo da intersubjetividade.

As relações com nosso meio físico, as influências do meio social e do meio cultural, foram vivenciadas a cada momento. Aprendemos nessas relações, com seus sabores e dissabores, coisas que não aprendemos na escola. Também, situações consideradas insignificantes muitas vezes são ricas fontes de formação. Nos caminhos formativos até um desabafo, pode ser o início de uma trilha para a integração das percepções do grupo. Nem tudo, são flores! O pesquisador coletivo registra também sua angústia. Assim, Marilândia partilha:

Começamos hoje com um desânimo, mais emocional e psicológico do que físico. Este desânimo se deve principalmente a falta de ética (em suas várias faces), que presenciamos em nosso cotidiano...

Há um lado sombra, que precisa vir à tona para que os sujeitos possam fazer distinções pelo caminho. Vivemos no mundo que existe concretamente, e por ele somos afetados o tempo todo. Ao mesmo tempo somos capazes de dar significados para essas afetações. Nisso participa o arquétipo da sombra, a existência da maldade, do tenebroso, do negativo, como elemento constitutivo das nossas percepções.

A sombra inclui tudo o que há de sombrio, de escuro, de tenebroso em nós. Forma-se à medida que se formam o ego e persona. Todas as repressões ocorridas durante a formação da persona vão ficando, parte dela (...) Reprimimos em geral, as qualidades menos boas, menos desejáveis ou francamente más. (SANTOS, 1976: 21, 22)

Que função existe para isso enquanto unidade de significado? O lado sombra se revela o tempo todo nas relações do ser humano com seu meio ambiente. As coisas que tentamos ocultar vão sendo cristalizadas e não desaparecem mesmo se a subtraímos de uma prática reflexiva em Educação Ambiental.

Enfrentá-las e discuti-las na co-formação significou um processo alquímico para o grupo. Assim, a falta de ética foi redimensionada, para que o valor partilhado fosse a ética como essencial à formação do sujeito ecológico no educador ambiental.

Deste modo, as visões de caráter ético na vida, ganharam destaque como uma dimensão associada à participação em ações ambientais na percepção do grupo. Quando, novamente Marilândia observa:

*No Parque Olhos D'água, Rômulo Andrade chegou, confirmando que o que sentimos também lhe é comum. Porém, ele nos traz algo mais que inusitado aos olhos superficiais. Pó-ética do Cerrado nos envolve numa sutileza indescritível. **Nos re-anima mais uma vez: porque a poesia é para sempre. Uma linguagem tão profunda e subjetiva que atinge a emoção, como a água tão esperada nos tempos de seca que logo os primeiros pingos fazem uma diferença ímpar. É, a poesia é capaz de desabrochar a "escuta sensível".***

Maffesoli traz uma iluminação sobre este fenômeno *o poeta, como já disse, desperta na subjetividade de cada um as vozes imemoriais adormecidas na memória coletiva* (1998: 193). Para o pesquisador coletivo a presença da poesia em Rômulo Andrade trouxe *muitas possibilidades, a Poética do Cerrado é um trabalho que nos remete ao olhos do encantamento. Estatísticas não tocam o coração das pessoas, poesia sim.*

A poesia provoca a nossa condição humana, aninha nossos desejos. Ela nos remete à percepção de que algo pode ser melhorado em nossas vidas e em torno de nós. Precisamos sentir! É um imperativo colocado pela poesia no cotidiano. Pois, temos uma interface vivencial com os acontecimentos, nem sempre felizes, mas a convivência com a poesia os torna suportáveis. Ela faz com que nossa sensibilidade fique mais aflorada, abrindo os canais da percepção das mínimas situações que nos rodeiam. *A criação poética é uma das experiências mais ricas do pensamento simbólico, entrevemos com Severino (2002: 78).* E, não se trata de escrever os versos e criar o

texto poético, mas, acima de tudo, viver poeticamente a vida que arde, muitas vezes sem explicação.

Podemos nos perguntar: qual o poder da poesia num contexto formativo? Encontramos uma resposta com Maffesoli: *a poesia age sobre a subjetividade individual, o mundo poético do conhecimento mostra o significado da subjetividade de massa em ação em todo os fenômenos que constituem a vida social* (1998: 193). A dimensão educativa da poesia não participa do processo educativo formal, que tem excluído a dimensão estética e sensível. O que as escolas, de modo geral, não descobriram ainda é que estas dimensões podem criar novas possibilidades de pensamento e de conhecimento para o conhecer e o existir. Elas podem re-inventar o cotidiano. Como as experiências de Severino nos guia:

O encontro com a poesia é uma dessas experiências diretas de nos sentirmos vivos. Não apenas um exercício de pensamento conceitual, lógico abstrato, mas um pensar-concreto, sensível imaginativo. Um pensar por imagens, em pensar por ritmos, um pensar-sentido e um sentir- pensando. Um outro modo de conceber e dizer. Um outro modo de viver. (2002: 97-98)

A escuta sensível do mundo no ato de produzir conhecimento, é um canal de interlocução que a poesia também pode despertar nas práticas educativas. Conforme avalia o grupo de pesquisador coletivo: *o planeta Terra é um universo de possibilidades, nele tudo é possível, nele as soluções estão à espera de desejos e iniciativas para cumprirem suas funções, contudo é primordial ter fé e atitude.*

O encontro entre o pesquisador coletivo e Dulce Schunck foi um momento ímpar. Ficou registrado na memória de cada um e repercutiu por longos dias. Este encontro com nossa essência mineral, também, ficou gravado na memória viva do diário coletivo, como água no buritizal, fazendo nascer e renascer possibilidades intersubjetivas. Vilma emocionada partilha com o grupo que:

*Penso que ao mexer com a terra, nós seres humanos somos levados quase que instintivamente para o profundo de nós mesmos. **Através da criação com pigmentos temos a oportunidade de retratar o que se passa conosco, refletindo a nossa natureza interior (...) desejos, ilusões, buscas, dor, conflitos, paixões, enfim todo sentimento pode ser expresso.***

Sobre o potencial da arte nos processos formativos, encanta-nos ouvir Dulce Schunck:

A arte é um campo de possibilidades, canal de acesso ao núcleo da sensibilidade, dos sentimentos, da emoção e da razão em seus estados mais profundos, mais livres de condicionamentos culturais. Ali a natureza interna e externa falam linguagens similares. (2006: 57)

A arte como linguagem agita e fecunda o criativo. É da sua natureza acordar o nosso instinto criativo e o nosso instinto de reflexão, que participam do conjunto dos cinco instintos definidos por Jung como característicos da espécie humana¹³. A psique humana é ricamente constituída destes dois instintos, em especial do instinto de reflexão, que é o instinto cultural por excelência. Graças a ele a cultura se afirma sobre a natureza, nos diz Gorresio (2005: 136). Mas, já aprendemos muito bem com Morin que somos natureza e cultura na mesma proporção. O que confirma a fala de Vilma:

Talvez, porque simbolicamente o corpo humano foi construído a partir da terra. Talvez ainda porque a terra é fruto da Terra, assim como nós. Então, vejo que tudo está relacionado: vida, terra, busca, morte, Terra (...) num elo singelo, porém, muitas vezes não percebido.

Simbolizar é uma capacidade do instinto cultural, se sentir terra e estar ligado a ela vem pela força da natureza. Essa interação deve ser estimulada nos processos da educação ambiental, somente assim *passaremos da atitude dominadora para uma atitude cooperativa entre o sujeito e o seu meio ambiente*, avalia o pesquisador coletivo.

O diário coletivo foi uma busca de integração do todo com as partes que constituem a Ciranda Multicor. Ele nos ajudou a re-inventar o cotidiano da pesquisa. A poética abre as reflexões sobre este processo formativo, e é ela que em seu esplendor anuncia os processos observados por Aristóteles:

*Quando eu manuseava o diário coletivo, sempre ficava olhando o trabalho dos outros e vendo **as diferentes formas de intervenção de cada um no caderno**. E, ficava pensando em como eu poderia me expressar, também deixar a minha marca. Escrever é fácil, mas **transformar um registro em um objeto de expressão que rompa as fronteiras da escrita é diferente**. Eu gosto de deixar a minha marca nas coisas que eu faço e fico pensando o que as pessoas que olharem o que eu fiz vão achar, o que eu mostro nas linhas e entrelinhas, como o que eu fiz se encaixa com as outras coisas que foram feitas, acho que talvez não se encaixe, mas fico em dúvidas, espero um retorno, nem sempre ele vem. E por aí vagueio (...) **Qual o conteúdo do diário? qual a sua cara? O que ele expressa e o que ele deixa de expressar? O que há de verdadeiro nele, e quem sou eu para julgar o lugar em que se encaixa a verdade? O que os outros viram que eu não vi? Quais os***

¹³ A fome, como instinto de auto-conservação; sexualidade, como instinto de conservação da espécie; impulso à ação, instinto criativo, ou força criativa, como sendo um fator psíquico de natureza semelhante à do instinto; e o instinto de reflexão mobiliza. (in Gorresio, 2005: 136)

meus limites e onde os outros conseguiram ir além? Bem, de qualquer forma era agradável participar daquele processo de reflexão e intervenção, trabalhando junto sem ser ao mesmo tempo.

O que Aristóteles compartilha, analiso como uma interpretação da sua ação como sujeito da pesquisa. A retro-ação da sua observação o capacita a falar sobre incompletude e integração, interagindo nos momentos de partilha. Creio que distinguir seja a marca deixada pelo nosso colega. Pois, ao trabalhar com a dimensão simbólica poética num processo de formação em Educação Ambiental, potencializa o que Morin fala sobre a capacidade de distinguir, não de separar. Capacidade de distinção afinada.

Essa capacidade fecundou a objetividade enquanto dimensão explicativa do fenômeno interpretado por Aristóteles. Mas, dialogou profundamente com a subjetividade enquanto capacidade de fazer significações do mesmo fenômeno.

A corporalização deste fenômeno também evidencia-se pelas estruturas simbólicas surgidas na fala. Demonstra não apenas a dimensão cognitiva, mas o afeto conquista um papel importante: o reconhecimento do outro, ou a marca deste outro que diferente de mim e me afeta, *trabalhando junto*. Vincula-se a integração objetividade-subjetividade com a inteligência sensível do sujeito.

As unidades de significado que preponderam na reflexão do diário coletivo são: as poéticas artísticas; o diálogo objetividade-subjetividade; a construção de valores partilhados; os processos de simbolização e os reflexos no cotidiano dos participantes.

As categorias que dialogam com essas unidades de significado e com as questões de pesquisa, simultaneamente, são o *enraizamento* de noções importantes nos processos de Educação Ambiental e a *continuidade-sustentabilidade* na prática educativa. Essa é uma contribuição importante trazida nas falas do pesquisador coletivo, que remete à noção de enraizamento proposta por Marcos Sorrentino (2005)

O *conhecimento significativo*, o *sentimento do mundo* são categorias orientadas na perspectiva Freireana. Encontrei aportes teóricos sobre essas categorias, também, com Isabel Carvalho (2001). E, percebo que esta autora ainda colabora com outra categoria: a *mútua constituição* entre os sujeitos e sua relação com o mundo que favorece a categoria da *formação do sujeito ecológico*.

A *cotidianidade* é uma outra categoria emergente no sentido apresentado por Gadotti (2000). Interpreto que o valor atribuído ao cotidiano nessa experiência co-formativa por cada participante, revela o *pertencimento*, segundo as lentes de Laís Mourão (2005).

Outras categorias que emergiram foram a simbolização e a subjetivação, cujo suporte teórico apresenta-se nos trabalhos de Boff (1998), Jung (1964), Bachelard (2001), Guattari (1992) e Rey (2003). A poética surgida nas narrativas é uma categoria referenciada por Barbier (2000), Fayga Ostrower (1999) e novamente por Bachelard. As contribuições destes autores complementam os fundamentos de Severino (2002) e Assmann (2000) sobre o papel da sensibilidade, percolando todo o processo de interiorização dos saberes experienciados pelo grupo.



Figura 43: Ipê Amarelo Foto: Rosana Gonçalves da Silva

3.1.2 Portfolio como diário elaborado

O diário elaborado foi transformado em um portfolio, funcionando como instrumento de registro, análise e avaliação do processo formativo. Normalmente, a escrita assume, suprime ou exclui pontos de vista, obrigando a um encerramento antes que se possam estabelecer todas as ligações. Em nosso caso, o portfolio conferiu uma interdependência para dar autoridade aos nossos pontos de vista. Pois, em nossa abordagem de base artística, nos autorizamos a criar.

Nos processos de formação, que sugere-se o portfolio como registro-avaliativo do processo é muito comum encontrar a resistência dos participantes na sua elaboração. O nosso grupo-sujeito foi composto de sete participantes, dentre eles apenas um membro resistiu a elaboração e entrega do material. Interpreto este aspecto como positivo para a nossa investigação.

É a partir do diário-rascunho, que emerge o diário elaborado. As anotações e novas reflexões do grupo são agora apresentadas em um texto mais ricamente trabalhado. O pesquisador coletivo é desafiado a organizar e estruturar, incluindo *comentários científicos, filosóficos ou poéticos* (BARBIER, 2002: 139).

Elegemos o portfolio como processo metodológico capaz de articular essa fase do diário de itinerância. Considero que este instrumento de avaliação funciona em qualquer processo educativo. Nessa escolha foi considerado, também, o registro da memória do percurso, a capacidade de articular fazeres e saberes tradicionais e acadêmicos, a unicidade teoria e prática e autonomia. Aspectos essenciais na práxis do educador ambiental. Trabalha-se, assim, a teoria e a prática por meio da estimulação do criativo e a avaliação numa *perspectiva emancipatória* (VILLAS BOAS, 2004: 116).

Andréia sinaliza seu desejo:

Eu quis fazer do portfolio uma memória viva de tudo o que vivenciei, então deixei a imaginação fluir. Busquei ser autêntica nas produções, mas o que eu procurei de fato foi “materializar” as emoções que cada oficina, cada encontro me proporcionou. Optei por fazer os registros manuscritos, pois esta era uma prática já abandonada. Foi cansativo, mas proveitoso (...) Minha caixa de stencil, se transformou em uma caixa colorida e encapada com tecidos, e que guardava várias memórias (...) Além deste ser mais um material de apoio didático, que terei para realizar outras atividades, são experiências para a vida. Por isso precisam ser dimensionadas com carinho, para poderem extrapolar as paredes da sala e atingirem um contingente maior de pessoas e de possibilidades. Meu portfolio foi uma coletânea de vivências, a caixa onde tudo ficou guardado, foi uma alusão a mala da Ciranda Multicor, um espaço que foi redimensionado e adquiriu um outro significado e me marcou.

A opção pelo formato é reveladora de aspectos básicos como a personalidade, a criatividade, a proposição do participante e expressa a combinação de outros elementos. A escrita manuscrita adotada por Andréia está presente em todos os outros portfolios do pesquisador coletivo. Considero um elemento importante, porque quando digitamos temos um teclado e as várias funções do computador mediando e operando a nossa organização.

A escrita manual é uma possibilidade de maior envolvimento com o desenho da escrita que comunica suas idéias e também indica a presença por inteiro. A circulação sanguínea é ativada. Um cuidado para não cometer erros é maior, porque não há a função ‘delete’. Qualquer deslize significa refazer.

Re-fazer significa retornar ao feito, olhando e aprofundando a sua experiência. O resgate do trabalho manual pode ser interpretado como uma intencionalidade evocada do gesto corporal, que escava, que esmiúça, que se apropria da práxis, buscando suas raízes.

Escrever à punho significa uma emoção diferenciada, a implicação corporal é mais evidente. E, possibilita para a nossa Ciranda Multicor a carga multinterpretativa, quando

ela se vê. Ela foi considerada importante tanto na visão individual, como surgiu no contexto grupal. *O próprio perceber já traz estes conteúdos emocionais e intelectuais. E, ainda concomitantemente, além de perceber e interpretar os conteúdos, também vivenciamos nossas interpretações* (OSTROWER, 1998: 72).

Quanto às possibilidades de interpretação e aplicação do portfolio, Andréia traz a riqueza do detalhe na metáfora da materialização, incorporando o enraizamento que essa prática suscita. Colocado sob dimensão da emoção, mas de uma forma que posso inferir como algo que germina e pode fixar raízes.

O processo co-formativo foi rico em elementos, aparecendo na voz de Andréia como a introdução do giro recursivo instaurado na co-formação. Deste modo, fica o registro que a expressão criativa e a simbolização podem ser caminhos de enraizamento nos processos educativos.

Para Aristóteles, revelou o conhecido:

*Eu já havia utilizado o portfolio em outras ocasiões, mas percebi em mim o mesmo problema da dificuldade de organização (aliás, acho que o objetivo do portfolio é **justamente organizar a trajetória de aprendizagem desenvolvida**). A minha dificuldade foi de registrar as informações no Portfolio ao mesmo tempo em que elas estavam acontecendo. Acho que é um problema de organização, uma deficiência pessoal. Eu confeccionei o Portfolio nos últimos dias do prazo, me deparei com informações soltas que eu tive que resgatar e trabalhar, por isso acho que foi uma tarefa cansativa, apesar de **conseguir vislumbrar um quadro geral das atividades que foram realizadas**. Acho que seria mais fácil e prazeroso se eu tivesse feito os registros, revisado e escrito sem intervalos tão grandes. Também acho que poderia gerar um maior aprofundamento nos conceitos trabalhados e a relação com outras idéias, se houvesse me debruçado por mais tempo na transposição das experiências para o portfolio. Rosana sempre nos lembrava sobre a necessidade de fazer os registros no Portfolio, mas eu tinha a sensação de que daria tempo, que eu poderia organizar tudo mais adiante. Acho que o registro da experiência era menos interessante e estimulante do que a atividade prática em si, por isso eu ia protelando, **apesar de saber da sua importância**.*

A reflexão sobre o próprio processo de trabalho é uma percepção que faz pensar sobre si mesmo, no qual o próprio fazer gera aberturas para o 'por fazer'. O portfolio por articular escrita-simbolização de conexão com saberes distintos nos provoca. Mesmo se tomamos um caminho de simplicidade quanto ao formato. Pode ser uma retro-ação sobre sua prática, uma interpretação viva das suas observações em momentos distintos da pesquisa como ambiente formador. Na fala de Aristóteles, está implícita ainda, a co-participação que leva a observação de que enquanto parte, poderia ser maior dentro do todo.

A relação do todo com as partes e seu movimento da parte com o todo. Com a experiência em um grupo de pesquisador coletivo, agora vejo aspectos mais profundos dentro desta relação que o todo não é o todo, que o todo é incerto. Em algumas situações o todo pode ser superior a ele mesmo e à soma das partes. Em outros momentos ele pode ser inferior a si mesmo e à soma das partes.

As partes seguem o mesmo processo. O fato de ter uma experiência prévia não significa que a realização do portfolio, sempre obedecerá os mesmos esquemas. Nisso o participante reconhece o valor do cuidado no compromisso assumido. A distinção que Aristóteles consegue trazer em sua fala é uma capacidade rica em reflexões. *É o que importa entender nos processos de percepção e criação artística* (OSTROWER, 1998: 72).

Com a prática do portfolio temos essa possibilidade de refletir a formação do todo e a transformação das partes na investigação co-formativa. Porque trazemos um pouco de nós, o que não foi possível mostrar na grande roda. Em cada iniciativa pessoal, também, nos comportamos com mais abertura ao outro de formas diferentes, porque os ritmos internos trabalhados foram diferentes e singulares.

É relevante trazer alguns aspectos sobre parte/todo a partir do pensamento do Morin, porque nossa visão desta relação não alcança toda a sua complexidade. Precisamos compreendê-la *num princípio sistêmico chave: a ligação entre formação e transformação. Tudo aquilo que forma transforma* (MORIN, 1997: 112).

Tão importante quanto discutir e refletir sobre a temática ambiental é incorporar e utilizar os frutos da nossa percepção de modo criativo no cotidiano. Como coletânea de registros sobre os processos de aprendizagem, o portfolio cooperou com esta capacitação criativa, que se mostra tão importante quanto a capacitação cognitiva. Como bem coloca Fayga Ostrower: *o que queremos mostrar é que criação deriva de uma atitude básica da pessoa* (1999: 74).

Zélia trás uma abordagem bem ecológica do seu aprendizado:

É uma construção cuja base é o caderno de rascunho, estruturas e vigas mestras são as rodas de conversa e os tijolos o diário coletivo. Uma construção que sempre requer reformas, novas pinturas e ampliações. O portfolio é uma casa que carrega em si as características do dono. Preparei com muito cuidado cada cantinho desta "casa" para que pudesse ser visitada, freqüentada e sempre tivesse uma nova porta a se abrir. O fiz grande, espaçoso...para que as "crianças" se vissem correndo nele da sala de estudos ao jardim. Ao preparar o portfolio senti o unidade no todo, tive a nítida percepção do meu envolvimento no "tornar-se educador" e de como a arte pode ser a "argamassa" desta construção.

A expressão poética de Zélia sugere a sensibilidade e seus recursos, como agentes-reagentes na produção do conhecimento em nossa co-formação. A metáfora da casa alude à construção, ao abrigo, a moradia, ao lugar de ser/estar onde a face do construtor-autor revela: o desejo de aprender e de investigar é análogo ao desejo ficcional. Neste processo simbólico, o sujeito, tanto nas relações com o inconsciente como nas relações com o outro, põe em jogo a ficção e a narrativa de si mesmo (BARBOSA, 2005). Ana Mae nos ajuda a compreender que sem a experiência profunda da arte, por parte do educador nenhuma teoria de arte-educação será reconstrutora.

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade – todos estes são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano (2005: 293).

O portfolio feito por Zélia reflete sua capacidade de autorização combinada com a sua autopoiese. Ela construiu uma tríade para o registro: *práxis; sensopercepção individual e coletiva; episteme*. Trata da articulação que a pesquisadora percebe, de uma forma livre e autônoma, de como ela e seus colegas percebem a ação de aplicar e exercitar uma teoria em uma atividade. Não somente da atividade em si, mas, como aspecto formativo de cada um e suas múltiplas relações. Acompanhada da descrição da sensação individual e do grupo, que Zélia interpreta através da experiência. Está relacionada à sensibilidade, a recepção e a interpretação manifestadas nas atividades. Complementada pela busca de uma estrutura que articule os múltiplos saberes.

Observo no estilo dos registros uma indicação de pontes com o processo tripolar da formação, concebido originalmente a partir dos pólos inseparáveis: o indivíduo, a espécie e o meio ambiente. Surge então a partir das relações na vida cotidiana atravessada pela relação educação e ecologia. Compreendemos que nossa formação foi cultivada no espaço-tempo no qual *se realizam concretamente as relações entre o ser humano e o meio ambiente. Elas se dão sobretudo no âmbito da sensibilidade, muito mais do que no nível da consciência* (GADOTTI, 2000: 83).

Uma trilha seguida por Vilma:

Das muitas tarefas que cumpri em minha vida, a confecção do portfolio foi uma das experiências mais marcantes. De repente deparei-me comigo mesma, revirando-me do avesso, tentando entender quem sou, porque sou, o que penso, decifrando minha alma, mergulhando no profundo do meu ser, buscando respostas, respondendo, corrigindo, percebendo, conhecendo. Enfim, vendo novas possibilidades de viver e ver o mundo. Misturando arte com sentimentos, poesias e natureza, conhecendo Brasília e pessoas.

*Vendo a mim mesma nestas novas descobertas, e desta forma criando. A concepção do formato do portfolio veio com muita naturalidade. Eu fui muito espontânea em cada idéia, em cada descoberta. Pois, eu precisava vivenciar em palavras e arte os relatos das experiências, que nunca havia exposto e eu sentia ser necessário de alguma forma, revelar. **O medo de me expor.** Achei algumas vezes que não era capaz, mas quando eu terminava de expor algo, seja em palavras ou outras formas, eu ficava extremamente contente, eu havia pulado uma barreira, portanto me percebi. **Na época que tive a grata oportunidade de criar o meu portfolio (minha fotografia interna), estava construindo a minha casa, também. Tal experiência, jamais é corriqueira, mas, muito profunda, mágica e sensível.***

Em nosso contexto vejo estas falas num arranjo intertextual, onde a metáfora da construção da casa alude literalmente a uma casa que foi erguida, mas leva-nos a construção interior como matéria prima para tal edificação. Por permitir a composição de narrativas visuais a partir de temas que emergem e dialogam com o contexto de pesquisa.

O encontro consigo mesmo no espaço relacionado com a vida cotidiana, assemelha-se ao espaço formador de competências. Leva-nos a refletir sobre o caráter da mudança, que a pesquisa-ação postula. A evidência de que revela a existência de um lado sombra, de temor. Mudar atitudes, também, revela essa surpresa nem sempre agradável. Mas, ao ser enfrentado minimamente, revela nossa face resiliente e autopoietica.

A casa é um objeto concreto, que ao ser construído ganha significações do seu construtor. Essas significações adquirem valores diversos, que são de ordem material: o trabalho, o financeiro, a necessidade imediata de residir. Essa ordem material por sua vez, é minimizada pela ordenação afetiva, de consciência do crescimento, e alcançam uma série de contextos qualificadores.

Tecer metáforas como indício da aprendizagem em narrativas poéticas é um poderoso elemento autoformativo. A palavra descritiva no portfolio, também incorpora o processo de aprendizagem e participa do papel que devemos dar à subjetividade. Devemos inferir quanto ao formato: as perspectivas presentes, o singular e dar visibilidade ao externo, que a construção da casa sugere no mundo concreto, repercutindo a mudança sólida no mundo poético do sujeito.

Instaura uma aptidão para lidar com as experiências e potências próprias, uma autogestão. Ser capaz de autogerir sinaliza que a co-formação instigou e criou espaços formadores sustentáveis na prática educativa. Consolidada no movimento de enrolar e envolver, no sentido dar e tomar a forma de espiral. Interpreto, ainda a noção de

enraizamento na fala de Vilma, que sugere o movimento de internalização e aprofundamento, que é proporcional ao crescimento da pessoa.

Joema sinaliza a experiência como uma busca que:

*Percebo que cada encontro que a gente teve na Ciranda Multicolor, repercute muito tempo depois. **Repercute na vida, no dia a dia**, nos pensamentos em outros encontros. Parece que um encontro vai fazendo parte do outro, somando e transformando os próximos. Não se pode dizer que as mudanças de pensamentos aconteceram aqui ou ali, foram construídas desde o início e ao longo dos nossos encontros. Eu mesma, por exemplo, não serei eu mesma, depois de ter buscado entender a ética. **Minha pesquisa me fez percorrer léguas sobre comportamento e moral. A questionar meus próprios atos! (...) Me fez voltar a ser artista. A buscar a sensibilidade em mim esquecida. A ousar e caminhar.** Numa trilha desconhecida, nova, inusitada. Onde se descobre novas potencialidades. Capacidades adormecidas, esquecidas? Talvez sempre estiveram lá, esperando ser descobertas e vividas. Esperando o ser fluir e expressar-se.*

A sensibilidade apresenta-se como caminho de descobertas, de ampliação perceptiva de si e das novas situações. Neste auto-relato interpreto que a nossa colega encontrou *possibilidades de elaboração do sujeito ecológico, comprometido em levar adiante e expandir os ideais preconizados pelo campo ambiental* (CARVALHO, 2001: 143). Observo nesta fala núcleos de sentido colhidos da experiência de pesquisa articulada com a vida da participante. Está ligada a subjetividade, ao cotidiano e o mundo vivido como esferas indivisíveis. Gadotti registra:

Essas categorias já vem sendo apresentadas por vários filósofos, cientistas sociais e educadores (...) recusam uma ordem fundada na racionalidade instrumental, que menospreza o desejo, a paixão, o olhar, a escuta. Segundo eles, os paradigmas clássicos banalizam essas dimensões da vida, sobrevalorizando o macroestrutural, o sistema, as superestruturas socioeconômicas-políticas e epistêmicas, lingüísticas e psíquicas (...) Valeria a pena retornar o debate de algumas categorias tais como: *imaginário* (Gilbert Durand e Cornelius Castoriadis), *curiosidade* (Paulo Freire), *tolerância* (Karl Jaspers), *acolhida* (Paul Ricoeur), *diálogo* (Martin Buber), *autogestão* (Celestin Freinet e Michel Lobrot), *cotidianidade* (Heller e Lefebvre), *desordem* (Edgar Morin), *paixão* (Marilena Chauí), *ação comunicativa*, *mundo vivido* (Jürgem Habermas), *radicalidade* (Agnes Heller), *empatia* (Carl Rogers), *esperança* (Ernest Bloch), *alegria* (Georges Snyders), *cuidado* (Boff)...(2000: 41)

Em seu inventário de categorias Gadotti ainda apresenta mais opções, eu escolhi algumas que foram recorrentes nas unidades de significado analisadas. Embora, não com os mesmos autores. O que importa com esta fundamentação é clarificar como a sensibilidade manifesta nas percepções e se expressa em vários sentimentos,

configuram um “ *sinal dos tempos*”, isto é, apontam para uma pedagogia da unidade, no conturbado cenário atual de tendências educacionais (2000:42). A experiência com o portfólio, como prática e estratégia co-formativa abriga e dá vazão a estas categorias, porque as inscreve no circuito palavra filosófica<> clínica<> poética.

Para Marilândia fazer o portfólio, foi uma experiência de registrar:

As vivências contribuíram no sentido não só de contemplação, mas também de conscientização – minhas pequenas ações do cotidiano fazem grande diferença. Bem no sentido de avaliar ou mesmo ampliar o olhar sensível em relação ao Meio Ambiente.

A colega nos apresenta um sentido-direção definido por Barbier (2000): *aberto sobre a finalidade da vida*. Este sentido repercute na maioria dos comentários do grupo sobre o portfólio. O conteúdo dessa mensagem mais uma vez revela a interação do subjetivo com o objetivo, construída na dimensão sensível deste sujeito de pesquisa.

A ampliação do olhar é uma percepção que modifica as relações do sujeito, consigo mesmo e com o seu ambiente. *Observamos que entre conceitos e afetos há ligações, presentes ou criados pelo grupo, a isso podemos chamar de confetos. Os confetos são abertos polifônicos. Contribuem para a vida cognitiva* (SATO, 2005: 109).

Observamos também, na fala de Marilândia a interação das várias posições do sujeito: criador, produtor e receptor, que ao contemplar se conscientiza. Estas interações favorecem a relação dialética autonomia-dependência quanto a capacidade de perceber as questões pesquisadas em grupo, aspecto muito relevante no contexto da pesquisa.

Assim, este recurso formativo favoreceu potencialidades emancipatórias do sujeito no que diz respeito ao domínio da complexidade, pois articula a cultura do pesquisador coletivo, suas referências, suas áreas de conhecimento e suas expressões afetivas. As narrativas evidenciam a repercussão das atividades vivenciadas no cotidiano do grupo; a possibilidade de avaliar a própria práxis; a expressão poética reconstruindo sentidos na experiência; os recursos do simbólico e da sensibilidade, reforçando o papel da imaginação; a interiorização do processo por meio de enunciados subjetivos. Essas foram as significações mais recorrentes nas falas do pesquisador coletivo.

Essas unidades de significado que surgiram remetem à identificação de algumas categorias como: a *sensibilidade na percepção* que promove uma outra *ordenação* das coisas, como a capacidade de se constituir como ser sensível-cultural em permanente diálogo com a capacidade intelectual, recomendadas por Fayga Ostrower (1999).

Considero interessante, como a ressignificação das práticas chegaram ao cotidiano de cada um, como valor para a *cotidianidade* e o *enraizamento*, dessas atividades que

podem ser compreendidas com Gadotti (2000) e Sorrentino (2005). Essas categorias articuladas no espaço da *simbolização*, evidenciam na *linguagem poética* sua capacidade de *interiorização*, sustentando as práticas educativas e potencializam a *imaginação simbólica* (BACHELARD, 2001), que por sua vez revela o *reencantamento do humano* nas relações com o mundo vivido (UNGER, 2001).

Uma outra categoria fundamental que emergiu foi a *religação* entre os saberes existentes nos sujeitos com os saberes articulados pela pesquisa, que revelam a relação parte-todo reconhecida em Morin (2001).

Desta forma foi possível avaliar as capacidades de pensamento crítico, articular e solucionar problemas complexos, trabalhar de forma cooperativa, compartilhar a pesquisa. O grupo sujeito pôde avaliar as atividades realizadas durante o trabalho, levando em conta a trajetória singular em contato com os objetivos do grupo.

A proposta foi que essa prática constituísse um eixo organizador do trabalho, porque assumiu outro significado além do seu caráter avaliativo, fazendo do pesquisador coletivo o co-responsável por sua organização. Expressões simbólicas se mesclam às palavras e emerge a escrita elaborada. As multirreferências estão presentes e interagem símbolo e palavra, o imaginário e o real, a dimensão sensível irrigando a racionalidade, no ato de propor e co-formar. Um grande articulador da aliança poéticas artísticas e educação, um dos matizes dialógicos presente na investigação.

3.2 ESPAÇOS DE CONVIVALIDADE E EXPRESSÕES CRIATIVAS



Figura 44: Ipê Branco Foto: Rosana Gonçalves da Silva

3.2.1 Expressões simbólicas dos participantes

Neste espaço pretendo captar um algo a mais do imaginário do grupo de pesquisa. Uma vez que muitos poemas foram escritos, significando o singular no universal. Desenhos e pinturas da experiência encontraram formas inauditas. As mandalas e espirais foram recorrentes nas expressões criativas de cada participante, revelando instancias humanas atemporais e transculturais.

Nessas expressões estão contidas uma gama de experiências que podem revelar outras formas de produção de conhecimento e diferentes dimensões da realidade, outras formas de *investigação confiável do mistério humano, da vida, da vida social e do universo* (BRANDÃO, 2003: 106).

A capacidade humana de comunicar estes conteúdos expressivos não se restringe às palavras e está muito além delas. Para Fayga Ostower: *nem são elas o único modo de comunicação simbólica. Existem, na faixa de mediação significativa entre nosso mundo interno e externo, outras linguagens além das verbais* (1999: 24).

No corpo da dissertação tentei contemplar as multidimensões humanas, dentre elas a *estética*. Neste espaço busquei abordar com mais intensidade essa dimensão. Conforme Nadja Hermam *o contexto semântico que se utiliza para o termo estética no discurso contemporâneo estaria voltado mais ao sensível que a teoria da arte e se torna objeto de consideração em todas as esferas da vida prática* (2005: 38). O sujeito, também, é uma criação estética e alguns meios pelos quais ele se constrói são: o contar histórias; a criação de mitos; a elaboração de imagens diversas; enfim uma criação de símbolos que dizem do mundo, toda uma sorte de interpretações.

Estética não se compreenda apenas pelo termo beleza, constitui uma noção complexa que reúne vários elementos, dentre eles: a harmonia, o belo, a parte e o todo, e está ligada intimamente ao conhecimento. E, desperta as nossas percepções captadas pelas manifestações das formas simbólicas que nos compõe. O símbolo é um substrato importante na perspectiva de que a pessoa se constrói e se constitui subjetivamente, se torna um ser cultural. Isto é possível graças aos processos de simbolização da realidade.

Por meio das expressões simbólicas dos participantes entrevemos a convergência da dimensão subjetiva em comunicação objetivada. E, é por isso que ao formar, ao criar, ao simbolizar *projetamos de imediato algum sentido ao evento* (OSTROWER, 1999: 25).

Para Fayga Ostrower, as formas simbólicas passam necessariamente pela relação espaço-tempo, que traduzem certos momentos dinâmicos do nosso ser em termos de um movimento interior, *que avaliamos a percepção de nós mesmos e nossa experiência do*

viver (...) por isto, as categorias de espaço e tempo são indispensáveis para a simbolização (1999:25).

Para Zélia a perda de um encontro no processo co-formativo, significava um outro espaço reflexivo. Onde ao imaginar o desencontro, ela podia simbolizar o encontro em si mesma.



Figura 45: Des-encontro - Zélia

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Um encontro inesperado com a desordem da minha pseudo-organização no relógio desfeito expressão mais legítima do meu ser desconfigurado. Um estado mole deste relógio desfaz todo controle, desfaz o ego-impositor (...) seu núcleo é o nascer fora do tempo derretido pelo calor das idéias a florescer. É o símbolo máximo de resistência à desintegração. Fortaleço-me ao admirá-lo. Até para fazer deste desencontro um encontro na surrealidade de mim mesma.

A identificação de Zélia com a obra de Salvador Dali acompanhou-a durante toda a formação. Ela nos contou desde que reparou ter uma reprodução dessa obra na sua parede, não parou mais de refletir sobre o tempo e suas incertezas.

Bachelard (1989) interpreta estes estados trazidos por nossa colega, como uma imaginação mesomorfa, o que significa uma imaginação intermediária entre a imaginação formal e a imaginação material. Na imaginação simbólica, a matéria tornada mole, viscosa, deformada, fala sobre a visão fatigar-se dos sólidos e aceitar a liberdade do sonho, *tudo se escoia numa intuição viva* (BACHELARD, 1989: 110).

Na mente pré-científica estes devaneios dão conta da imaginação simbólica do elemento água. De acordo com Bachelard, é uma retificação da teoria do *homo faber* que postula com demasiada rapidez um acordo entre a ação e a visão. É também um símbolo de ligação das partes, que sugere uma Zélia integrada.

Imaginar é surreal. É um longe-perto repleto de desejo. Um desejo negatriz mergulhado na objetividade do domínio real. O imaginário é um mergulho no poço profundo de estar só, mas repleta. Sinto-me assim, repleta do pigmento-subjetivo, das cores moles, da moleza descontrolada do pigmento mineral experimentado, sorvido, engolido por inteiro, feito água. A água fresca da tese de Dulce, que escoo no não real deste encontro especial. Minha leitura e lição de hoje é a lição da grama." A grama resiste

Arde à seca

Mas reage" (TT Catalão)

Nesta surrealidade de um encontro profundo, a mineralidade aflora para revelar outras cores do pretense avermelhado Cerretensi. Novamente a cor explode num descontrolo do pincel, deixar ser-indo-sendo em cada pincelada multicolor.

Os encontros de Zélia consigo mesma, tomam forma do devaneio contínuo, ritmado, vital. É inteiramente corporal e sua característica predominante é a *duração*: o *ritmo* (BACHELARD, 1989: 112). Essa fala traz componentes simbólicos de síntese de opostos; a relação tempo-espaço de uma construção interior; fala de uma duração laboriosa, de por a mão na massa, que é a vontade operosa e manual. Ela traz as lições da forma e as lições da matéria, em uma única palavra reúne.

Quais seriam as causas de ligação com o surrealismo? Ora pois, este é um movimento distinto de todos os outros movimentos artísticos contemporâneos.

A finalidade do surrealismo é quebrar barreiras, tanto físicas como psíquicas, entre o consciente e o inconsciente, entre o mundo interior e o mundo exterior, e assim criar uma super-realidade onde o real e o irreal, a meditação e a ação se encontram e se misturam e dominam a realidade da vida. (READ, 1967: 174).

O que significa a ruptura pela integração. Na fala de Zélia os diferentes convivem, sem recalques. Dão notícias de uma interioridade objetiva.

O "objetivo" aparece misturado ao homem; no entanto, este não é um aspecto totalmente subjetivo, na medida em que todo sujeito responde ao objeto. A relação homem-natureza é, então, de "simbiose" e "co-naturalidade". A objetividade do conhecimento se prepara para tal, pois o poeta torna-se físico. (FELÍCIO, 1994: 92)

E, trata-se do que Bachelard define como a função simbólica enquanto "mediação" do encontro sujeito-mundo, não apenas do ponto da subjetividade mas de uma *transsubjetividade* (FELÍCIO, 1994).

Em nossa pesquisa estamos estreitando os laços entre linguagens artísticas e educação ambiental, ou melhor dizendo, incorporando as poéticas artísticas na busca do sentido do vivido em grupo. Um processo de aproximação das expressões artísticas

cultivadas no percurso com a capacidade de observar e perceber o nosso meio natural e cultural. A arte como linguagem ancestral, abriga e dá vazão à sensibilidade e ao mesmo tempo, irriga a racionalidade. Fabrício Andrade ao falar sobre arte-educação: emoção e racionalidade nos diz que:

A construção do conhecimento em arte possui uma série de instâncias racionais e emocionais que sofrem interação e culminam no constitutivo humano: a possibilidade da reflexão e do arroubo. Do choque ou da indiferença. Do discurso e do silêncio. Da contradição, da lógica. Do conflito que gera conhecimento. Da aceitação que, mesmo ignorando premissas fundamentais, gera conceitos. Da inserção da curiosidade ante a pluralidade. Da aceitação dos limites: o codificável e o inimaginável, o compreensível e o incompreensível, o explicável e o inexplicável. O que podemos entender é que todos estes adjetivos não existem distintamente no universo criado pelo homem. Eles se relacionam e são ao mesmo tempo um só: verdade e ilusão, nossa própria existência.(ANDRADE, 2006: 38)

As expressões simbólicas desempenham um papel de muita relevância na formação em educação ambiental. Elas são articuladoras do conhecimento entre, através e além da relação do sujeito com o seu meio ambiente natural e cultural.

Nesta linha Aristóteles nos diz que construir conhecimento revela que:

O mundo é uma roda viva em louco movimento. É a dança de Shiva que destrói o velho, possibilitando a criação do novo. A Educação Ambiental é um caminho que nos permite perceber que estamos no meio de um movimento maior chamado VIDA. A arte é o exercício de criação, de transformação e interferência no real. Estamos juntos na roda tecendo pontes transitórias, olhares permutáveis, intercambiáveis, caminhos com ramificações. Ocupamos nosso espaço de participante, atores, autores do processo de criação da VIDA. Somos co-criadores. Somos a própria criação. O mais importante nisso tudo é acreditar em seu poder e ousar fazer.

Aristóteles usa o mito para falar sobre transitoriedade do conhecimento e quais as possibilidades da arte e da educação ambiental no contexto da nossa transformação. Vemos por meio de um mito importante para ele, uma forma de dar sentido ao que ele sabe. Mas, nós não sabemos sobre educação ambiental e arte dessa mesma forma. E nos colocamos a escutar seu jeito próprio de dar significado à sua forma de conhecer.



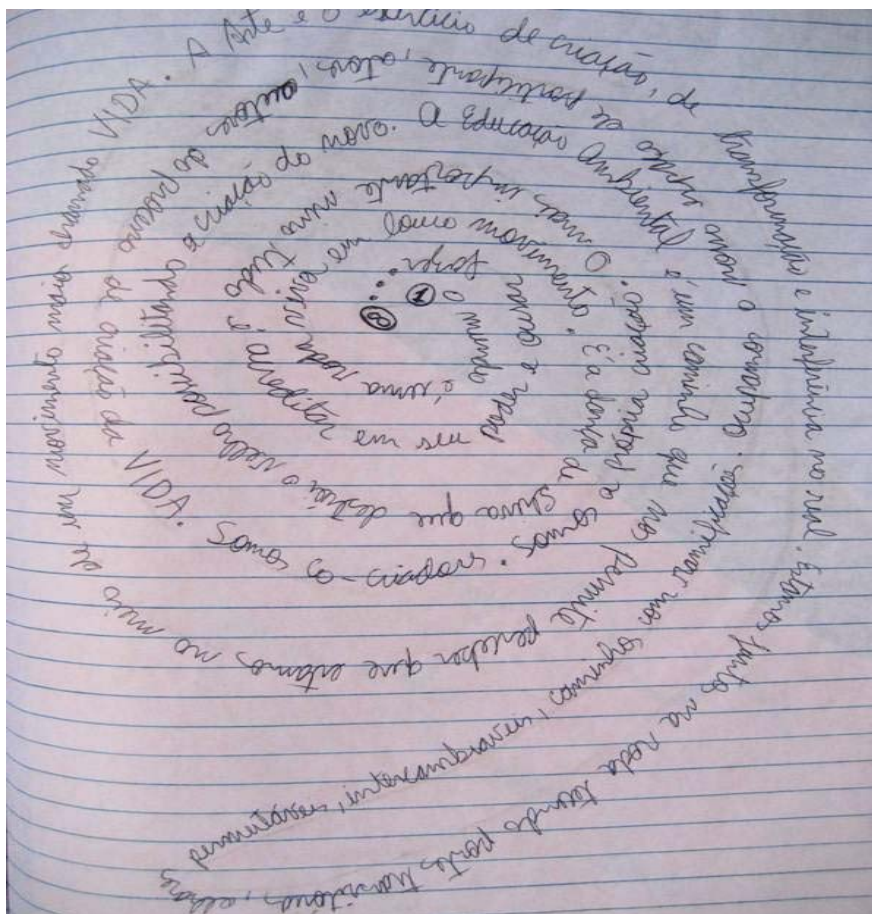
Figura 46: Shiva Nataraja
 Fonte: www.hindunet.org/.../karma_club/shivlarg.jpg
 Disponível em 02/2008

É o seguinte: Shiva¹⁴ é um deus Hindu que faz parte de um triunvirato, Shiva, Vishnu e Bramah, eles são complementares, são aspectos do universo. Shiva, é a face da destruição, transformação, Vishnu é o que mantém e Bramah o criador. Uma das manifestações de Shiva é o Shiva Nataraja, o dançarino cósmico, que dança cercado por uma roda de fogo, ele tem quatro mãos e pisa um anão ou um rato, que representa a ignorância. Em seu movimento de dança Shiva é o impermanente, a destruição que permite que o novo se manifeste, na Índia ele é o patrono da Yoga, é muito cultuado e reverenciado.

Aristóteles nos lembra as várias posições que podemos ocupar na vida, e que todas são transformadoras. Que somos *co-criadores* e a *própria criação*, de algum modo faz alusão de que o mesmo poder mítico de Shiva a impermanência, também nos é imanente. Jung em seus estudos sobre a psique humana e sua complexidade, define o mito como experiência viva e como fundamento da psique.

O individuo é a realidade única. Quanto mais nos afastamos dele para nos aproximarmos de idéias abstratas sobre o *homo sapiens* mais probabilidades temos de erro. Nesta época de convulsões sociais e mudanças drásticas é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois muito depende das suas qualidades mentais e morais. Para observarmos as coisas na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto passado quanto o presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos. (1964: 58)

¹⁴ Na Tradição Védica (Hinduismo), Shiva é visto como um dos pilares da Trindade Hindu: Brahma - o Criador, Vishnu - o Preservador, e Shiva - deus da transformação profunda, deus da destruição para uma renovação, responsável pela dissolução da Criação. Naturalmente, a Trindade só executa suas funções com a parceria de suas deusas ou Mães Divinas: Sarasvati - o Conhecimento para criar, Lakshmi - a Prosperidade para manter, e Parvati (ou Durga) - a Matéria para ser transformada. Annabela Magalhães www.tantrayoga.org.br/mitologia_deidades.htm – disponível em 22/02/2008.



ura 47: Roda viva - Aristóteles

Foto: Rennais Paula Gonçalves

Fig

Além do mito, Aristóteles recorre ao uso do símbolo. Ele escreve o texto sobre a roda viva do conhecimento, na foto acima, que é uma espiral em forma do número 9. Nas cartas de tarot podemos encontrar explicações sobre nossa realidade interna, nossas tendências. Busquei no tarot de Marselha¹⁵, o significado do número nove. Este número representa a sabedoria. É também o número da gestação humana. É preciso então percorrer um caminho de um a oito e chegar ao nove e adquirir a capacidade de ir e de regressar. Observemos que o número nove sempre volta a si mesmo. Nove mais nove é igual a dezoito e um mais oito é igual a nove. A carta nove é representada pelo Eremita, que é aquele que transita entre o ir e o retornar e ele nos ajuda a descobrir nosso caminho pessoal.

Se observarmos bem a imagem, perceberemos no centro o número 1, aludindo o início do caminho. No tarot é a carta do mago, que indica todas as possibilidades que os

¹⁵ Optei pelo tarot de Marselha pela afinidade que tenho com a sua versão dos arquétipos. Fonte: Mariza Helena Ribeiro Facci Ruiz http://www.jperegrino.com.br/TARO/cartas_taro.htm Disponível em 12/03/08.

caminhos propiciam. Que poderemos alcançar a sabedoria, no final deste caminho pela união dos opostos e as verdades internas, mesmo aquelas que não gostaríamos que nos fossem reveladas. Nossa energia pessoal será guiada adequadamente. A carta primeira é ilustrada com um jovem que segura os objetos com despreocupação e não olha para eles. Seu olhar dirige-se para outro lugar. Não se trata de um olhar de desatenção mas de estar focado em algo para atividade que está sendo exercida, de buscar inspiração para realização de algo extremamente criativo. Sugere a capacidade do sujeito para resolver as coisas no dia a dia.

No final do texto o número 8 que representa a Justiça no Tarot de Marselha. É uma carta que fala de princípios opostos como graça, misericórdia e rigor, mas que estão perfeitamente equilibrados. Há também outro par de opostos representado pela balança e pela espada: feminino e masculino em equilíbrio. A balança pode representar o próprio equilíbrio e a espada a capacidade de discernir, de discriminar.

O pesquisador coletivo chamou a atenção para essas representações e Aristóteles disse que fez intuitivamente e não havia percebido essas informações todas. Deixou-se levar pelo prazer de realizar a espiral, colocando suas idéias, pensando na abertura e na infinitude que o processo representa para ele. Observa Jung que *os símbolos apontam direções diferentes daquelas que percebemos com a nossa mente consciente; e, portanto, relacionam-se com coisas inconscientes, ou apenas parcialmente conscientes* (1964: 90). As simbologias encontradas no texto revelaram a realidade interior de Aristóteles, e por meio delas conhecemos aspectos insuspeitos da sua personalidade.

No sujeito, o símbolo constitui representações quase sempre de sentido secreto. Mas, o seu aspecto significante é concreto.

Como diz Ricoeur: o símbolo possui três dimensões concretas: primeiramente ele é cósmico; figura no mundo visível circundante; em segundo lugar, onírico: enraíza-se nas lembranças e gestos que emergem nos sonhos e que constituem a biografia íntima e pessoal para Freud; por fim ,poético: o símbolo apela para a linguagem mais concreta. (Apud FELÍCIO, 1994: 95)

Os processos de simbolização participam da nossa proposta co-formativa, ativando a auto-expressão e cooperam com a saúde psíquica dos sujeitos. O que equivale dizer que o simbólico é a integração das coisas de tal forma que elas permaneçam juntas. Deste modo os sujeitos sofrem menos com o distanciamento de si mesmos, imposto pela racionalidade instrumental. No trabalho com imagens pessoais e com o apoio de outros, podemos criticar e transformar a nossa aprendizagem e investigação. Quando expressamos os auto-retratos do diálogo da existencialidade interna-externa, surgem

significados construídos através de imagens, linhas de tempo, sonhos, cartas, mapas e metáforas.

E, estamos evitando as armadilhas postas por terceiros, além das nossas próprias limitações auto-impostas. Assim, recolhi algumas pérolas da nossa colega Andréia:

*O que realmente uma caneca pode representar para a construção de um novo pensar e agir coerentes com as necessidades do planeta? Tudo! Na verdade, a caneca é um pensar e agir simbólico, cheio de significados. **A caneca é o ponto de partida e acesso a uma nova consciência.***

*Quando Rosana falou que íamos fabricar tecido num tear, lembrei da história da Bela Adormecida com seu tear, mas o fio era mais fino (...) a reflexão de tecer uma imagem remeteu-me a construção que fazemos **no nosso dia-a-dia, relacionando-nos com outras pessoas. Na formação do sujeito ecológico observamos o valor das interações autênticas e das reflexões nascidas destes processos. A ação do simbólico é rico instrumento de análise das ações diárias e vai tornando-se impossível apenas passar pelo mundo.***

Ser educador ambiental é constituir-se um sujeito ecológico, partindo das ações diárias. É re-integrar-se com a fonte viva do planeta; é tornar-se água; evaporamos emoções inúteis; condensamos novos aprendizados, congelamos nossas atitudes destrutivas. Constituímos líquidos e fluímos com integridade, ligando o discurso ao gesto. Para o despertar do sensível, por meio da nossa parte ligação com Gaia. Arte força motriz da criação.

As três falas foram recolhidas do portfolio e representam momentos distintos durante a formação. Em outros capítulos, as falas de Andréia normalmente deságuam no sentido de integração, como surge fortemente aqui. Ela tem uma consciência refinada do poder simbólico; mediação; transcendência; espaço de organização de conteúdos.

Com Jung (1964) aprendemos que os símbolos são a expressão de coisas significativas, de que não nos damos conta e são prenunciadoras do desconhecido. Nas entrelinhas das interpretações da Andréia podemos alcançar essas significações. Ela responde diretamente as nossas duas questões de pesquisa. O significado da integração indica o enraizamento e a sustentabilidade que os processos de simbolização podem representar na produção de conhecimento em Educação Ambiental.



Figura 48: Integração – Andréia Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Essa é outra maneira de Andréia expressar-se criativamente. Fica evidente a simbolização a partir do elemento água, uma lição elementar para o sujeito que vai pedir à fonte prova de cura por um despertar da energia. Alude à projeção sensível. É uma impressão proporcionada pelo mundo visível e é uma expressão do frescor que o ser humano desperto projeta sobre as coisas (BACHELARD, 1989).

Na linha da projeção, do vir a ser, o estado de concepção em que o processo simbólico inaugura a síntese, onde a expressão simbólica constrói um sistema de imagens antagonistas (BACHELARD, 1989). Ou seja, revela uma dialética dinâmica, que para Marilândia, atua como:

*Uma árvore quer nascer dentro de mim.
Tento sufocá-la.
Porém, a natureza ainda é forte.
E, se isso acontece
É porque tenho sementes dentro de mim...
Sementes de amor.*

Pela palavra-imagem Marilândia nos coloca um estado potencial e atualizado da sua força psíquica. Entre medo e autoconhecimento ela recorre a virtualidade da semente, que é uma simbologia profundamente significativa entre os educadores ambientais. Um modo particular de comunicar a ressonância do processo formativo, alcançando instâncias profundas no *Self*.

A nossa capacidade de formação de imagens interiores, encontra na natureza um primeiro templo para a expressão do Numinoso para muitas pessoas. E, revela-nos uma *unidade que não é mistura, mas a ilimitada familiaridade entre os seres e as coisas* (LELOUP, 2001: 52). A percepção do aspecto essencial da natureza em si, a revelação de uma epifania, que também revela-se nos processos culturais.

A unidade profunda e viva da imagem da árvore, sua seiva nutritiva e seu crescimento vertical, no caso particular do Cerrado “tortuoso”, reúne e ordena os elementos mais diversos.

Pois, os processos de simbolização são repletos de vida, são atuantes. Alcançam dimensões que a dimensão racional, sozinha, não pode alcançar. Ele tem o poder da mediação e exprime coisas que transcendem as especificidades individuais.

A primeira imagem produzida e compartilhada na co-formação foi feita por Joema. A ciranda é uma mandala, na interpretação da nossa colega. Cheia de simbologias.

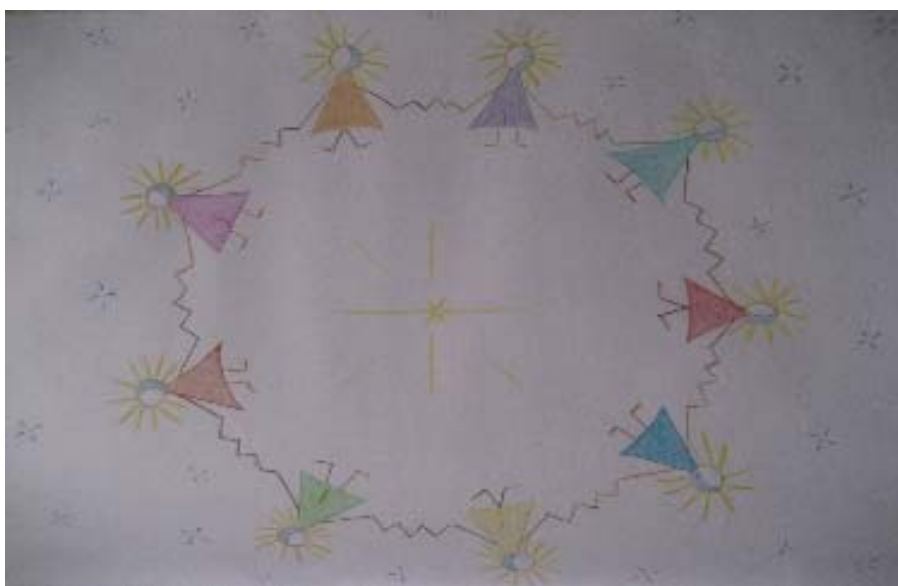


Figura 49: A ciranda – Joema

Foto: Rennais Paula Gonçalves

Para a nossa colega tanto a forma como o conteúdo são de ordem intuitiva. Ela dizia sonhar com essa ciranda. Mas a concebeu, brincando com o filho. A imagem de cada participante da co-formação apresentou-se cristalina.

Do centro para as extremidades podemos ver a estrela e um primeiro círculo formado pelos pés. Somos poeiras das estrelas. A intermitência do colorido fala diretamente da singularidade. O segundo círculo representado pelas mãos dadas

comunica que somos unidade na diversidade. Porém, todas as cabeças são exatamente iguais, representando o movimento lunar e solar: a espiritualidade.

O homem e o cosmos são uma única sarça ardente, cujo fogo que não chega a consumi-los é alimentado pela infinita claridade do Vivo. Neste espanto uma fraternidade das luzes, uma experiência comum ao homem da ciência, ao místico e ao poeta: cada qual há de encontrar sua própria linguagem para expressá-la; nas palavras, todos reconhecerão o eco longínquo do que se ofereceu para ser vivido na transparência do ser de cada um ao ser do universo e na transparência ainda mais elevada do ser do universo ao Desconhecido que o anima e lhe serve de fundamento. (LELOUP, 2001: 54)

O Desconhecido para Leloup nem sempre será a epifania da maneira mais terna e luminosa. Ela também pode se revelar por uma catástrofe. O que não é o caso da nossa colega. De algum modo, podemos ver em sua mandala os pés voltados para a convergência de uma materialidade terrena; as cabeças voltadas para o plano superior, para o espiritual. Ao mesmo tempo o grupo é atravessado pelas coisas que unem e separam em movimento: a nossa existencialidade humana.

Assim, essa expressão criativa em Joema, fala de potencialidades e princípios-chave para metáforas; surgem valorizações contraditórias, pois há os matizes da mediação e da integração.

Embora, eu não tenha feito inferências sobre imagens arquetípicas, é possível percebê-las como unidade de significados presente em cada expressão simbólica interpretada. De inspiração Bachelardiana e Junguiana. As simbologias encontradas nas expressões do pesquisador coletivo revelaram a realidade interior de cada um no grupo, e por meio delas conhecemos aspectos encobertos da personalidade, o que contribui para a emergência das potencialidades criadoras na pesquisa-ação existencial.

Elegemos a aprendizagem vivencial, que contempla o pensamento, o sentimento, a intuição, a sensibilidade, os diálogos entre a sombra e a luz, as analogias e semelhanças. Nesta abordagem encontramos a valorização do símbolo como ponto de ligação permanente da parte com o todo.

Seja qual for a forma alegórica que utilizemos para dar forma à investigação, numa visão complexa, o simbólico tanto pode re-unir as realidades como integrá-las *a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe* (BOFF, 1998: 11).

As expressões artísticas surgidas no processo permitiu-nos acessar a nossa interioridade individual, tornando-nos mais cientes dos sentimentos e potencialidades. O pesquisador coletivo recorreu à formação de imagens, alegorias e metáforas. Temas míticos surgiram como explicação para o modo de como cada colega erigiu seu

conhecimento ao longo da sua vida. Outras interpretações dos processos de simbolização encontram-se e espalham-se por toda a dissertação, cheios de vida! As relações de experiências com a natureza, a água, travessias e desafios vivenciados conjugaram as leituras arquetípicas do processo multirreferencial e existencial no contexto da pesquisa.

As falas dos participantes manifestam unidades de significado, que são ditas no texto ou podemos desprender de um forma indireta. O imaginar e a ordenação nas expressões poéticas falam da internalização da experiência compartilhada. A via do simbólico reconstrói a condição do observador em relação com o objeto observado e promove a interação da subjetividade com a objetividade. A resignificação da experiência cotidiana pela estimulação do criativo; o vir a ser; a espiritualidade; revelação; numinoso; transcendência. A vivência *poética* provoca a integração da pessoa nos processos formativos em educação ambiental, uma categoria compreendida em profundidade com Vera Catalão (2008), Michele Sato (2003) e Dulce Schunck (2006).

Emerge a *subjetivação* e a constituição de complexos: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem aos sujeitos possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e de se re-singularizar como aprendemos com Guattari (1992). A subjetivação é uma categoria revelada nas falas do grupo pela compreensão de uma subjetividade geradora de novas formas de *compreender a prática*, de construir *novas formas de conhecimento e ao desenvolvimento de novas zonas de sentido que estavam antes encobertas na produção do conhecimento* (REY, 2003: 117, 118).

A co-formação baseada em processos da linguagem artística, como podemos ver neste capítulo, e na revelação das unidades de significados que já descrevemos, ainda, permitiu identificar o *conhecimento pertinente*, como uma categoria refletida com Morin (2001), a luz da *complexidade*. Não descarto que por meio do poder de simbolizar e acessar nossos *mitos*, como níveis de realidade importantes na produção do conhecimento, a *transdisciplinaridade* e a *transversalidade* compreendidas com Nicolescu (2000) e Barbier (2002) revelam-se como categorias.

A *existência* e a *resiliência* são poéticas que o grupo deixou que reverberasse em nossas relações, são categorias surgidas da expressão criativa radical em TT Catalão (2007). Em um diálogo fecundo entre Leloup (2001) e Isabel Carvalho (2004), interpreto que a transcendência e o numinoso, foram os sentidos da *epifania do sujeito ecológico*. Assim, a linguagem poética é um rebento da nossa sensibilidade, que materializa-se neste mundo porque somos capazes de simbolizar, de imaginar, de sonhar e de viver.



Figura 50: Ipê Rosa Foto: Rosana Gonçalves da Silva

3.2.2 Roda de conversa

Esta atividade foi inspirada nos círculos de cultura de Paulo Freire. Outra fonte de inspiração da minha experiência como alfabetizadora de crianças, por meio da linha construtivista. Funciona como afluentes de um rio, que ao identificar as diferentes vozes, enseja-nos a abraçar nossas próprias vozes. Tornando-nos mais conscientes de como sabemos e daquilo que sabemos.

É um procedimento didático que foi utilizado para falarmos e refletirmos sobre os temas surgidos. A roda de conversa aconteceu em todos os encontros da pesquisa. No início dos encontros ela serviu para reatar o fio condutor do trabalho. Quando ela acontecia no final, servia como avaliação coletiva, interativa e integrada num processo que o pesquisador coletivo refletia junto, compartilhava. Novamente a noção de autopoiesis, retomada para dar sentido à nossa prática educativa sobre a abordagem dos processos formativos que a constituem.

Na roda da conversa muitas vezes uma pessoa explicita melhor o que o outro pensou, e o deixa em uma situação mais confortável para se colocar. A roda da conversa tem essa surpresa que é uma avaliação cumulativa na qual o que um fala serve de suporte para o outro analisar melhor e finalmente o grupo se encontrar, se fortalecer como grupo que participou do processo. E chegar a ter uma percepção sistematizada de grupo, co-construir a experiência.

Aristóteles compreendeu como:

*As rodas de conversa foram atividades bem interessantes. Escutar outras pessoas que militam no movimento ecológico, principalmente, com uma ótica artística abre novas perspectivas. **Foi uma oportunidade de aprendizagem para entender como as pessoas trabalhavam,***

como nutriram seus sonhos e foram atrás deles, como se configurou sua própria identidade artística/ambiental, seus métodos de trabalho, sua filosofia de vida, os problemas que enfrentaram e a superação. Nestas conversas os colegas também iam se mostrando, suas tendências, crenças e histórias. Nas rodas de conversa cada um dos envolvidos ia tecendo e **apresentando narrativas, muitos conhecimentos novos surgiam e surpreendiam. As pessoas se aproximavam, criando uma intimidade entre os participantes que compartilhavam estes momentos.**

Essa fala é bem objetiva no sentido de evocar diretamente o potencial criador, que é ativado em rodas de conversa. Em roda, a relação de horizontalidade é estabelecida, propiciando a escuta sensível ao outro. Este significado emerge ou é articulado pelo fato da roda significar um espaço de intersubjetividades por excelência. A intersubjetividade é um campo de interação comunicativa e se opõe aos subjetivismos individualistas, constituindo o sentido pleno da experiência humana.

O diálogo em sua abertura mais significativa propicia a nossa condição de auto-reflexão, nas descobertas do novo conhecimento ao reconhecer que o seu caráter de relação interpessoal é fundamental. E, realiza-se com base na reciprocidade. Como nos orienta Isabel Carvalho: *educar e compreender torna-se, portanto, uma aventura onde o sujeito e os sentidos do mundo vivido estão se construindo mutuamente na dialética da compreensão/interpretação* (CARVALHO, 2005: 180).

Para Andréia fica o sentido da intersubjetividade como qualidade de conversa: *mais ouvi do que falei, para aprender e trocar experiências com pessoas diferentes.* Das trocas, ela confirma a re-elaboração da sua prática. Penso nessa qualidade como o surgimento dos ordenadores e configuradores do pensamento necessários à qualquer criação humana.

Desde as primeiras culturas, o ser humano surge dotado de um dom singular: mais do que “homo faber”, ser fazedor, o homem é um ser formador. Ele é capaz de estabelecer relacionamentos entre múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele. Relacionando os eventos, ele os configura em sua experiência de viver e lhes dá um significado. Nas perguntas que o homem faz ou nas soluções que encontra, ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma. (OSTROWER, 1999: 9)

Conforme abrimos espaço nos diálogos, novamente a escuta sensível como abertura fecunda que amplia as possibilidades de diversificação do pensar e do perceber. A roda de conversa como processo metodológico traz essa contribuição para a co-formação em Educação Ambiental, porque fortalece a possibilidade da auto-co-formação de um sujeito capaz de ler seu ambiente e interpretar, com o grupo, as relações, os

conflitos e os problemas presentes no seu contexto, propostas por Paulo Freire e retomadas Isabel Cristina de Moura Carvalho como contribuição para a formação do *sujeito ecológico* (2004: 69).

A roda viabilizou outras atuações próprias do educador ambiental, para Zélia:

Nas rodas de conversa se emerge toda magia do ser em grupo, do construir em grupo, do tornar-se através das palavras, no que se diz e do que se diz. São as palavras na roda, que ora revelam sentimentos, ora conhecimentos, ora sabedoria, são elas que dão forma ao pensamento e nos revela como opinativos, críticos e pensantes.

A interlocução na roda provoca nossa condição de sujeito no grupo. Pois, quanto mais conhecemos mais livre se torna o nosso pensamento para fazer associações. É uma das entradas ao conhecimento pertinente. Na roda reconhecemos a dependência recíproca de conhecer-reconhecer o contexto como sede deste conhecimento pertinente. Cada sujeito-ponto de um momento diferente potencializa o sujeito-plural em desenvolvimento. E, que fortalece a aptidão do sujeito de criar possibilidades na produção solidária de conhecimento. A roda de conversa é um ambiente formador que permite retroagir as nossas capacidades nutritivas.

Neste espaço de interlocução, conteúdos expressivos, tensões, divergências, afinidades se configuram e nos afetam. Geram ou fazem estagnar a compreensão individual e/ou coletiva dos aspectos abordados. A roda de conversa é o grande momento da circulação e re-significação de saberes e fazeres vividos em grupo na observação de Zélia.

Os significados destacados pelos colegas apontam a intersubjetividade como importante categoria para responder nossas questões de pesquisa e alcançar nossos objetivos.

A roda de conversa funciona também, como um diário comentado oral. Permite que o sujeito de pesquisa torne-se intérprete do seu meio e, conseqüentemente, um sujeito interpretado. E, como uma diversidade criativa se manifesta e se configura, à medida que escutamos e incorporamos a dialogicidade como princípio no giro recursivo que a roda de conversa provoca, selecionei quatro momentos para este capítulo. Mas, devo lembrar ao leitor que essa prática aconteceu nos outros momentos já relatados.

3.2.2.1 Roda de iniciação

Decidi começar a formação com a Roda de conversa de um jeito simples e acolhedor. Claro que tudo foi sendo alinhavado com uma boa costura. Realizei a “oficina dos saquinhos” no primeiro encontro. A nossa pauta foi a apresentação da proposta Poéticas e Educação Ambiental. Dentre as atividades fizemos a leitura compartilhada da carta ao Pesquisador Coletivo e do texto de apresentação do curso.

Os participantes vieram animados. Corporalmente demonstravam satisfação em estar presente. Também, se mostraram muito dispostos e decididos a participar da pesquisa-formação. Na noite anterior, fiz minhas orações pedindo a Deus que fossem as pessoas certas. Certamente, Ele me atendeu. Foi um momento alegre e de sentipensar o processo.

Iniciei o encontro pedindo que cada pessoa escolhesse uma flor e a colocasse na água, uma flor por vez. É uma atividade que nos encanta, pois, a flor é toda dobrada e quem faz o trabalho de desabrochar a mensagem é a água.



Figura 51: tríptico mensagem da água



Fotos: Rosana Gonçalves da Silva

Ficamos observando a água trabalhando. Nos ajudando a florescer. E, observamos qual a palavra saíria em cada flor. Normalmente, é um pouco demorado, mas pedi que cada um memorizasse a palavra que saiu para si. Depois, com o laguiinho cheio de flores, que esperávamos que as palavras realmente desabrochassem durante a pesquisa.

Foram algumas palavras que mobilizamos no trabalho, que surgiram em nossas falas na primeira formação, recorrentemente. Foi a partir daquela experiência, que escolhi essas palavras para abrir nosso novo caminho. Pedi que cada um falasse brevemente sobre as palavras dentro das flores que se abriram: o que entende? Qual o sentido de cada uma dessas palavras para nossa co-formação?

Vilma colabora com sua visão do *pertencimento* e da *beleza*. Aristóteles reflete conosco sobre *grupo-sujeito* e *vida*. Zélia dá realce à *natureza* e ao *amor*. Joema fica com o *registro* e expressa a *sensibilidade*. Andréia firma o *compromisso*, sinaliza a

alteridade e compartilha seu entendimento de arte. Rose repercute sobre a gratidão. Este foi o percurso do pesquisador coletivo para a escrita.

1- **Pertencimento** é quando a gente pertence a um grupo. Passa a ter responsabilidades, sobretudo com a transformação, o bem estar daquele grupo em todos os sentidos.

2- Na vida tudo que a gente faz e **coloca o mais profundo de nosso ser**, que a gente faz com muita vontade, muito amor tem beleza.

3- O grupo-sujeito talvez esteja relacionado com aquela idéia de também ator social, seja um grupo que de repente tenha com suas ações uma certa repercussão no ambiente, na sociedade a qual ele pertence. Pensar na relação do conceito de grupo de sujeito com vida, pensar cada grupo, cada conjunto de seres são fundamentais para a vida. **E ele não se fundamenta sem uma relação de envolvimento, de ligação dos indivíduos com o grupo que eles pertencem e dentro de um processo maior que vai gerar vida.** Da manutenção vida deste grupo, da vida deste sujeito, deu um grupo maior da qual este grupo menor de sujeitos pertence.

4- A vida surge dessas relações, dessa interação que este grupo vai estabelecer entre si e com outros grupos, em outros ambientes, Então o fenômeno da vida tem a ver com o fenômeno de ser sujeito, de ser um indivíduo que pertence que tenha essa habilidade de definir seu próprio caminho ao mesmo tempo dele mesmo, **que tenha responsabilidade com algo maior do que ele mesmo.**

5- Entender o significado da **palavra amor na nossa lagoa, tem a ver com as transformações.**

6- Natureza tem a ver com essa outra palavra que é o equilíbrio, já que a gente está numa perspectiva de desequilíbrio em termos de natureza. Para o grupo são duas palavras que podem fazer a diferença no nosso fazer. Amor, equilíbrio e natureza.

7- O registro, "que ótimo"! É muita coisa para falar.

8- **A sensibilidade tem muito a ver com depurar os sentidos para perceber outra realidade.** Perceber realmente as entrelinhas de cada coisa. A sensibilidade da arte também. A sensibilidade da consciência de você perceber.

9- **A arte é extremamente democrática.** Ela não escolhe cor, raça, classe social e nem grau de inteligência. Está aí para ser exposta, trabalhada, para ser vinculada a todo tipo de sentimento que a gente permite ter.

10- **Compromisso é algo que é bem complexo, mas se a gente assumiu, aceitou este convite para a Ciranda Multicor, porque a gente se viu envolvido numa teia muito maior, porque a princípio era um curso de Educação Ambiental. Que tinha uma perspectiva de uma prática mais de oficinas. A gente foi construindo essa interação ao ponto de se tornar instrumento também de crescimento uns para os outros. Não foi mais um curso, mais uma experiência, foi uma vivência muito significativa.**

11- **E alteridade vem num sentido de responsabilidade muito grande com aquilo que a gente está abraçando hoje.** Não estamos aqui para brincar de ter uma experiência. Estamos aqui para construir algo diferente. Para uns agora é a conclusão de estudos mais amplos e para outros é o começo. São caminhos que a gente busca trilhar junto, que a gente vai ter a possibilidade de realmente levar aos outros grupos, dos quais fazemos parte. **As experiências daqui, a gente leva para a família, pro trabalho, pros amigos, e você vai se tornando cada vez mais um ponto importante dentro de uma teia maior de comunicação.**

12- ***A gratidão neste trabalho envolve a própria gratidão pela vida, pela existência, pela continuidade. Que é o trabalho que a gente se propõe a fazer continue existindo. Gratidão a natureza afinal nós somos parte de natureza, se é que nós não somos produtos dela.***

Foi a nossa versão dos compromissos assumidos como pesquisador coletivo. Foi o primeiro trabalho intersubjetivo, enunciando as múltiplas vozes do que estava por vir. Todas as palavras trabalhadas foram palavras que já lidamos no dia a dia, que tentamos mobilizar durante a pesquisa, e que delas sabíamos à nossa maneira mais poética.

Eu as trouxe como uma sugestão, para construir uma área de confluência de significados compartilhados. Começa como possibilidade fecundada em nós mesmos. Para entrar num campo entretecido de saber, daquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas, um eco do conhecimento tradicional, encontrando-se com o conhecimento acadêmico.

Esta atividade foi fundamental, para a descoberta das primeiras unidades de significados que apareceram na pesquisa. A área de confluência de significados compartilhados indica os valores éticos dos sujeitos, transformando-se em valores éticos do grupo: o compromisso, a participação, a importância do amor, do cuidado e a sensibilidade.

A palavra pertencimento vem sendo muito explorada no contexto da EA, dentro do repertório do próprio grupo surgiu inúmeras vezes. Pertencimento como uma idéia de inserção. Estar ligado e comprometido com um grupo específico, que se reúne a partir das buscas comuns e valores partilhados, relativiza essa noção, mas não a completa.

No sentido definido por Laís Mourão, de que é uma noção complexa que envolve múltiplas premissas e dimensões, que se referencia no *enraizamento físico e biológico do sujeito humano e a sua condição cultural propriamente dita* (2005: 249).

Assim, tentei me apropriar das reflexões de Laís Mourão, em suas sugestões metodológicas, para propor atividades que minimamente nos ajudasse nessa compreensão. Até chegar a uma idéia de pertencimento mais radical, que são as idéias dos valores. Eu entendo que os meus valores me dão o meu pertencimento mais profundo. No valor o sujeito conjuga muitas coisas juntas. Os valores que o sustentam na vida. Deste modo, o grupo se entendeu pertencendo a uma consciência de sentido muito importante, que mexeu com camadas mais profundas do ser no domínio da sensibilidade e da poética emerge o sentido do pertencimento.

O grupo reunido para essa pesquisa-formação autodenominou-se "Cirandeiros". Foi um grupo que entrou nessa roda de ciranda, comungando idéias de cuidado com as relações humanas; o reconhecimento de que partilhamos o planeta com outras espécies

vivas; a compreensão de visões diferentes para a produção de conhecimento, incluindo a linguagem artística, mítica, níveis de realidade há muito ocultados. Dessas coisas em comum, as subjetividades compartilhadas teceram o fio da complexidade da noção de pertencimento.

Sobre beleza queremos a tradução desta noção em nossa pesquisa, como fundamento para além da arte. Como princípio e apreço estético entrelaçado à ética. Uma aliança essencial para a EA. Podemos imaginar como a beleza se cria, viajando com Michel Random em suas múltiplas viagens entre-através-além sobre: *a beleza é ao mesmo tempo essência e ciência, ontologia e conhecimento, história e revelação* (2000: 116). A beleza como uma proposta de atravessamento é *muito sutil, muito rica e muito complexa* (op cit 117), porque configura sabor, saber, simplicidade e sabedoria que há nas coisas. A beleza constitui uma noção complexa que reúne: a harmonia, o belo, a parte e o todo, e está ligada intimamente ao conhecimento.

As pessoas que compuseram o pesquisador coletivo Ciranda Multicor, também são educadores ambientais nos espaços onde trabalham. Por isso comungamos interesses individuais e comuns. Decidimos co-pesquisar a importância da sensibilidade para construir significados em nossa práxis. Sobre a experiência da pesquisa, como a proposição de um estilo de pesquisa solidária, participante, compartilhada e vivida entre os sujeitos.

O refinamento e a expressão da nossa sensibilidade, compondo nossas visões e versões no reino da palavra-simbolização, nos revelou sentidos de coerência e congruência. Os valores éticos que partilhamos constituíram nossa área de confluência de sentidos. Uma vez que somos poetas-cientistas-filósofos, construindo nossa epistemologia intersubjetivamente.

3.2.2.2 Da conversa à costura: entre nós

Eu levei para este encontro a mala Ciranda Multicor. Percebi o olhar curioso para saber o que tinha dentro da mala. Então, juntos abrimos a mala, que tinha um mundo de coisas dentro: agulhas, linhas coloridas, retalhos, fuxicos, tramas de crochê, dentre outros apetrechos de costura. A mala em si, era um reaproveitamento de histórias, com uns cinqüenta anos. Foi minha tia Ita quem me deu. Meu tio Neguinho fez um trabalho de recuperação. Ele fez o que pôde, restaurando e revitalizando, para que ela pudesse transitar, transportar coisas.



Figuras 52: Mala Ciranda Multicolor fechada e aberta



Fotos: Aristóteles Araújo



Figura 53a: Eco-sacola

Foto: Aristóteles Araújo

Este momento na roda foi tomado para tirar da mala a Eco-sacola Ciranda Multicolor e ofertar ao pesquisador coletivo. Ao mostrar a bolsa surgiram vários comentários, indicando encantamento e surpresa. Manifestação de utilidade, como evitar o uso do saco plástico. Dentre outros, as atitudes ecológicas que poderiam desenvolver. O grupo captou que a mensagem da sacola era estímulo a construção dessas atitudes. Eles viram um mundo de possibilidades, porque se encantaram. O elemento surpresa presente abriu as conexões com o mundo vivido. Assim, o objeto utilitário passa à categoria de possibilidade de construção.

Re-encantar o olhar pode ser é um operador transversal. Porque amplia a nossa visão das coisas. Vamos descobrir o que tem dentro da sacola? Porque ela não é só um presente. Ela é um compromisso.

Olha o golpe! Exclamou Zélia. E muitos sorrisos iluminaram o ambiente.

Feliz com a receptividade, eu comecei a mostrar a Eco-sacola. Coloquei a mão dentro e fui retirando os materiais. Disse ao grupo que nossa pesquisa em parte sairia da Eco-sacola.



Figura 53b: Eco-sacola Foto: Rennais Paula Gonçalves

É o diário-rascunho, fundamental para a formatação do portfólio, que compreenderá o diário elaborado e comentado. Será uma construção artística de cada um, onde auto-expressão anela-se à escrita filosófica e científica.

Dentro do caderno maior coloquei um poema, que eu criei em 2004, para uma formação. Na época, eu queria muito dar uma caneca aos participantes, para tentar diminuir o copo descartável. Mas, eu pensei “não posso dar essa caneca de qualquer jeito”, tem que ter um ritual, um simbólico. Me perguntei: o que eu apronto? Aí eu sentei peguei um papel e o lápis. Eu gosto muito de metáfora. Então eu coloquei “a metáfora da caneca”, ao escrever a frase veio este poema de uma vez. Depois de colocar o título só parei, quando chegou a palavra habitar. Dei um pulo da cadeira e saí gritando pela Escola da Natureza “gente eu escrevi um poema”.

Na roda perguntei: quem gostaria de ler? Vilma recita o poema:

A Metáfora da Caneca

*Encontrei este objeto
Nada semelhante
Com a natureza orgânica
Das coisas
Curioso é
Que mesmo assim
Me vi refletida nele
É belo, colorido
Possui interior e exterior
Dentro, podemos colocar coisas
Fora, ver a aparência
E segue assim, cumprindo
Como nós, sua expressão de vida
Nem cheio
Nem vazio
A se completar
Enquanto na Terra habitar*

Conheci uma professora de arte no curso que fiz com Dulce Schunk. Nós estávamos trabalhando a inversão, quando o artista como criador torna-se o objeto criado, a sua criação. Eu estava insegura com o formato. E, a colega disse: *you have a poetic license and inside it you can use. Your poem is complete, it is the expression of the creator transforming into the thing created.* Então percebi, eu me constituindo desta poesia, me colocando no lugar da caneca. Para mim foi uma experiência numinosa.

Uma das palavras que Andréia tirou, que alteridade é este sentimento de nos colocar no lugar do outro. Então, será muito do que vamos fazer aqui. É tentar chegar neste ponto em que cada um se constitui tanto do que está construindo, que finalmente se coloca no lugar do que criou. É viver plenamente essa expressão. Nas poéticas trabalhadas este foi o princípio sobre arte que adotamos.

É um arroubo de consciência: me tornar a caneca, nem cheio, nem vazio, a se completar. O ser humano é um ser da falta, da incompletude! Todos vamos ter o compromisso com a caneca, com a água, com nossas atitudes de cuidado. Como metáfora do compromisso que estamos assumindo. Enquanto produzimos nosso saquinho, da conversa à costura entre nós, contei a história da Ciranda Multicor (integralmente na Parte I).

Uma roda de conversa pode ser um momento de elaboração manual, também. Onde resgatamos as mãos como dimensão corporal na tessitura do conhecimento. O trabalho manual, inclusive nos domínios da arte, foi desqualificado. O artesanal é visto em nossa sociedade como algo menor, uma alusão ao cognitivo com sendo superior.



Figura 54: Conversa entre nós Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Importa com esta atividade prática entrar em contato com nossa cultura no que ela tem de mais popular, que é nossa vivência mais íntima. Pedi ao grupo que mexesse na mala e escolhesse os materiais. Para ativar a memória mais próxima com a costura, porque eu também tenho paixão por costura e apaixonadamente convidei o grupo: *vamos trazer nossa costura, nosso ponto, nosso colorido. Vamos cuidar da estética do objeto, das relações, do cuidado.*

Numa esfera mais individual Joema diz:

*Eu estava pensando, que queria um monte de florzinhas, de todas as cores. Aí na hora que olhei, será que não é um excesso de materiais que eu estou pegando, um comportamento de consumo. **O consumo de pegar florzinhas, e aí logo em seguida pensei na responsabilidade. Eu falei “ nossa é um excesso”.** Eu me perguntei: será que eu posso pegar tantas flores só para mim? **Aí, tirei tudo, peguei algumas florzinhas, não é um excesso e nem uma falta, é pegar o suficiente, o necessário.***

Assim, o sujeito revela-se desde a sua face subjetiva, revela-se na fala da experiência de vida, *um senhor de sua vontade e suposto ser coerente em todas as suas dimensões (...)* Dentro do universo amplo da formação do sujeito ecológico (CARVALHO, 2001: 388).

A observação do excesso e o que isso representa simbolicamente. Nós ficamos animados com tanta cor e tanta forma. É uma situação sedutora que enfrentamos na vida cotidiana, o tempo todo. Um comportamento carregado de consumo. Pesado! São como comportamentos aprendidos, preestabelecidos, padronizações, reguladores da nossa conduta e disseminados por uma psicologia que visa a formação de um sujeito racional.

Essa observação, alinhavada com Isabel Carvalho (2004), significa que a atitude pode ser considerada uma totalidade capaz de expressar as motivações dos sujeitos, acreditando que é possível submetê-los a transformações dessas motivações, mediante esclarecimentos racionais, em tomada de decisão que privilegie a relação custo-benefício para estes sujeitos.

Simbolicamente *pegar muitas florzinhas*, ou outras coisas, nós estamos meio que transpondo para nosso comportamento, para como nós lidamos com algumas questões. É uma das dimensões que temos trabalhar é a simbólica, sem dúvida, o ser humano tem necessidade dos símbolos. Tudo começa no imaginário, na relação com o símbolo, depois nós vamos trazendo para o mundo real, refletindo nas ações. O que parece sem importância numa construção conceitual da razão instrumental, pode ser significativo em uma abordagem interpretativa em outra perspectiva investigativa.

A atribuição de significados construídos pelos próprios sujeitos, nas experiências formativas, envolvendo processos contextualizados, abertos, perenes, pode ser uma perspectiva educativa que nos fale mais sobre a ação, do que comportamento simplesmente. Pode ser um vasto campo, que transborde os sentidos simbólicos individuais e coletivos, que nos ajude a distinguir comportamento (individual, racional) de ação (co-tecida, significada).

Outro aspecto importante que difere *agir e comportar-se* é que a ação se dá sempre como expressão do sujeito no mundo (...) e não se reduz a uma interioridade privada, uma existência individual isolada da vida em comum (CARVALHO, 2004: 188).



Figura 55: Costura Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Vários comentários sobre o ato de costurar, ao mesmo tempo. Por alguns instantes o barulho insurgindo como sinal de envolvimento. Chamo este trabalho de costura espontânea. Porque tem gente que nunca pegou numa agulha. Eu não ensino, no máximo coloco a linha na agulha para a pessoa. Mas, eu não ensino como ela vai começar, ela se vira, começa e sai o bordado.

Pela costura, tentar dizer algo do mundo, que tudo está em relação mesmo é algo que valida um fazer como este, no sentido de também contribuir com a construção de conhecimento. Aristóteles trouxe:

A primeira coisa que veio, foi a lembrança mesmo materna, da minha mãe que era costureira, que sempre ganhou a vida com isso, essa era uma das formas dela ganhar a vida. E, a segunda coisa que me veio a cabeça foi a coisa do feminino mesmo, tanto é que tem relação com a mãe, com a imagem da mãe, mas talvez um pouco daquela preocupação de poxa eu vou fazer uma coisa que é tão feminina, será que eu vou usar isso depois? Vou produzir uma coisa cheia de frufuzinho, né?!

Vou inverter o fundamento, falando primeiro do sujeito e o objeto separados: se sou uma coisa, como ser a outra coisa? Este padrão é clássico entre os sujeitos da modernidade. A costura parece no segundo momento para Aristóteles uma inquietante surpresa. Contudo, ele iniciou sua fala a partir da sua realidade cotidiana, quase umbilical, falando da mãe-sujeito e da costura-objeto, *das estruturas sensorio-motoras e das relações que estabelece com o objeto de conhecimento* (MORAES, 2008: 9). Sua reflexão sinaliza a existência da dobra feminino<>masculino, como abertura ao incerto no ato de saber e fazer. Não se trata de uma coisa ou outra, princípio de exclusão. Mas, uma coisa e outra, princípio de inclusão que todo pesquisador deve estar atento.

Também, uma abertura para a compreensão do que a conversa-costura significa, para Rose:

*Interessante de fazer o saquinho é que estou me obrigando a usar minha caneca. Eu tenho a caneca tem uns duzentos anos! Mas, na verdade a gente acaba não usando, tem a praticidade do copo plástico, está disponível. **Eu estou me sentindo agora amarrada, vou ter que usar minha caneca. Você me alinhavou, me costurou neste saquinho.***

A caneca vem mais da participação na “Fraternidade amiga da caneca” criada no curso Água como Matriz Ecopedagógica (2003). Como participante da fraternidade tenho o compromisso de estimular o uso da caneca, ou outros, contribuindo com a redução do descartável. As pessoas ficam chocadas. Algumas falam em ter uma caneca, mas, a maioria só fica intrigada. O uso da caneca ou outro semelhante tem o mesmo efeito para a redução do descartável e na mudança de hábitos e atitudes. O que temos que levantar agora é a atitude por traz deste uso, que no âmbito de uma pesquisa plural tudo está relacionado e tem significado, mais do que explicação.

Muito interessante como as pessoas se chocam, né? Perguntou Zélia.

Quem respondeu foi Andréia:

Usar a caneca é uma quebra de paradigma de todo tamanho, cor e natureza.

Uma frase impactante cheia de significados em nossa roda. Um pensamento refinado e articulado, assumidamente complexo e transdisciplinar. Que pérola para a nossa formação em educação ambiental. Tão grande a precisão de sua observação. Evoca a consequência paradigmática em Maria Cândida Moraes:

Assim, cada paradigma apresenta seus fundamentos e suas explicações a respeito do funcionamento do real e influencia a leitura e a compreensão dos aspectos epistemológicos envolvidos, como também o método utilizado na pesquisa (...) Antes da escolha do método de pesquisa e da seleção dos procedimentos estratégicos adotados (...) é

preciso examinar a congruência paradigmática (...) Essa congruência paradigmática necessita ser respeitada a partir das implicações de natureza ontológica, epistemológica e metodológica (2008: 14).

Depois da pronúncia da palavra paradigma a conversa tomou um rumo bem diferente. Rose voltou a falar, citando sua participação em um curso sobre criatividade e intuição, onde ela aprendeu algumas coisas sobre Descartes, sobre a divisão das partes, a especialização, a tal ponto que a humanidade se perdeu e agora está havendo um resgate. Sentipensa Aristóteles que: *é muito fácil recair nisso, criar princípios, regras e enrijecer. Aí é que está o positivismo, o dogmatismo das idéias.*

A interpretação! E, porque é humano, porque nós somos constituídos da nossa subjetividade. Não podemos falar neste assunto o positivismo das idéias, sem falar em subjetividade, uma dimensão que foi retirada, como algo danoso ao processo de construção de conhecimento e a percepção do real.

No ponto em que nos encontramos, a definição provisória mais englobante que eu proporia da subjetividade é: o conjunto das condições que torna possível que instancias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesmo subjetiva. (GUATTARI, 1992:19)

Assim, nós vamos interpretar as coisas da forma que fomos modelados, como entendemos. De fato o modelo de racionalidade instrumental nos fez reféns e produtos do seu modelo totalitário, pois se estendeu ao longo dos séculos às várias áreas de conhecimento. Só que, nós somos constituídos da nossa subjetividade. Vamos levá-la para todas as áreas da nossa vida.

A escolha que fizemos para a nossa pesquisa-formação compreende e reivindica as dobras entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional (senso comum), entre a natureza-cultura e o ser humano. Nosso maior argumento é que existimos, forjamos nossas visões e somos radicalmente subjetivos. Somos unos<>sendo múltiplos. O que significa que não podemos *ser* fora das nossas ações e representações, fora da nossa *totalidade-em-ato* (BARBIER, 2002) em que estamos inseridos, entre e através dela agimos e somos constituídos. *Entre conhecimento científico e conhecimento do senso comum, por um lado, e entre natureza e pessoa humana, por outro (...) a ciência moderna desconfia sistematicamente das evidências da nossa experiência imediata* (SOUSA SANTOS, 2004: 24).

Somos constituídos, inclusive, de um tecido mais sutil, que é a dimensão do sagrado. O grupo refletiu essa dimensão como um interesse individual, mas que deve

refletir as nossas buscas enquanto grupo. Para os participantes o sagrado é um dos grandes significados da vida humana, que devemos destacar em nosso trabalho e nas relações que estabelecemos com o nosso meio. Pela sacralização das coisas o ser humano alcança a dimensão transcendental.

O sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade (...) viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. (ELIADE, 1992: 31, 32)

Considero essa percepção ricamente construída. Porque a abordagem metodológica apoiada nos recursos da sensibilidade só pode dar enraizamento e sustentabilidade às práticas educativas, uma vez que consegue articular este profundo aspecto de religação: a singularidade e a pluralidade, o interno com o externo, o feminino com o masculino.

Também, o sagrado é tema recorrente para a complexidade, a transdisciplinaridade e a educação ambiental. Retirar o sagrado da natureza, do natural, e nós somos natureza, não somos parte dela somente. O que acontece, quando tira a dimensão do sagrado, também, do processo cultural de construção do conhecimento? Passamos a ver um cachorro como um objeto, uma vaca como objeto, que eu posso usar, me alimentar deste animal. Perdemos o encantamento à medida que pensamos ser superiores e senhores do mundo.

Para o re-encantamento do humano na educação, precisamos fazer uma ponte entre o sagrado da gente para o *religare* com a gente. Esta religação com o divino que há em nós e em todos os seres vivos. Este sentido de religação é um operador transversal fundamental para um saber ecologicamente religado.

A costura nos devolve o sentido da complexidade de Edgar Morin, que é o tecer junto, é juntar o que foi disjunto, ele vem trabalhando a complexidade, ele vem comprovando o que estamos trabalhando. Tem coisas, que ele diz ser um mistério, pertencer ao mistério. Tem coisas que a gente, não comprova, e eu não sei explicar o que é isso.

Este mesmo mistério, de um modo implicado na pesquisa, nós vamos ver com Maturana (1997). Este autor fala da objetividade entre parênteses, que é o que a subjetividade e a sensibilidade dão conta, de estarmos ligados com nosso objeto de estudo e à nossa realidade. Pois, elas têm uma outra forma de manifestação, que é o

espaço da intersubjetividade. Espaço onde todo pesquisador se implica na realidade que quer conhecer.



Figura 56: O compromisso Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Simbolicamente nessa roda de conversa com a costura alinhavamos as partes do processo. Das limitações com a agulha e com a costura trazer a nossa marca e trazer o que pensamos, o que somos, como queremos nos expressar e que mudanças queremos propor.

A experiência da construção do saquinho da canequinha culminou com a expressão dos significados e das percepções diversas, como a experiência imediata que produz conhecimento.

Ponto a ponto, costurando alguns fundamentos Rose:

Construir o saquinho foi o compromisso, que eu me senti amarrada. Quando eu estava construindo o saquinho estava construindo um compromisso. Você me pegou e me costurou, me alinhavou, eu vou ter que usar o copinho. Pra mim é muito significativo, porque é a coerência do que você pensa com a ação, agir! Às vezes eu acho que a humanidade não tem mais jeito, sabe?! Então me dá uma preguiça tão grande. Porque a luta é grande. A sensação que eu tenho é de que às vezes não adianta mais.

A fala de Rose foi uma escuta de dor. Cada frase era pronunciada após um longo suspiro. Observo como um sujeito, querendo o compromisso entre o desejo e a desilusão. A contradição torna-se experiência vivida, que é por natureza complexa,

imediate, completa e profunda. Existem conflitos intersubjetivos e interculturais atravessados. O sujeito complexo é este ser de contradição, de integração dos contraditórios. Não é um ser que se encaixa facilmente.

A pesquisa-formação existencial é um ambiente formador que abriga este sujeito, porque está comprometida com a mudança. É um espaço para o sujeito poeta – cientista-filósofo. A estratégia que talvez permaneça é a traçada nas interações recursivas, que faz emergir o turbilhonamento das interpretações do sujeito. O significado para a coerência ganha vida e legitima-se neste espaço de significâncias para um sujeito singular, dotado de desejo (BARBIER, 1997b).

Andréia diz que:

*É interessante essa fala do jeito que não tem mais jeito. Porque a gente se depara com isso o dia inteiro. E a nossa busca de alguma forma é desconstruir isso. **Desconstruir essa limitação para construir um caminho diferente. Para mim fazer este saquinho da caneca foi muito importante, porque reforça uma atitude, que eu já venho tentando firmar dentro de mim, em alguns anos. Eu já vinha fazendo isso de uma forma empírica. Agora eu estou, fazendo uma base científica. Respalhando e fazendo com que eu tenha mais segurança no que estou construindo. Foi importante fazer este saquinho de caneca, porque obriga você a vestir a camisa do compromisso que você assumiu. Não dá mais pra você fazer cara de paisagem e dizer que não é com a gente. É com a gente!***

Somente em ambientes formadores forjados pela escuta sensível, poderemos ver tamanho compromisso. Onde cada sujeito ao falar de si abre-se à parceria, situando-se com o outro em relação interpessoal. Vemos o situar de contra-estratégias pertinentes a este sujeito-pesquisador, a responsabilidade assumida para superação das imposições sociais. O compromisso é um valor ético que se constrói ao desconstruir formas pré-estabelecidas de participação, conforme a nossa colega Andréia.

São possibilidades que circulam em roda e convidam o outro a pensar. Como pensa Joema?

*Bom, na verdade, pra mim o quê que vai significar este saquinho de caneca? Está uma lacuna, porque a minha garrafinha não cabe aí. **Então, o que vai ser normalmente há uma interrogação. Então são novas possibilidades que se abrem assim como este encontro da Ciranda Multicolor, deste movimento, dessa nova abordagem, nova fase que a gente está entrando.***

Estas mesmas possibilidades permearam o olhar de Zélia:

*Eu acho que o grande desafio em fazer o saquinho, foi justamente o sentido de costura, eu penso que tem um monte de fio solto né?! **E, fazendo o saquinho, fazendo a costura, também pensei nas costuras que tenho a fazer em termos de educadora, de pessoa, de juntar os fios que estão meio soltos.** Esta reflexão de juntar os fios é o que está ficando pra mim em termos de fazer o saquinho da caneca e tal. Eu coloquei um espaço que dá um vão. Eu quero colocar muitos trechos neste saquinho além da caneca, e essa foi a idéia. **De deixar pontos costurados e deixar possibilidades de abertura para outras coisas.** É a leitura que eu faço disso.*

Abertura e recursividade são traços do sujeito e sua existencialidade interna ontológica, que contradiz o sujeito caixa-preta da racionalidade instrumental. O que está por vir insere a fala das nossas colegas no espaço da simbolização. É um *sentido-significação aberto sobre um campo de relações de sinais, de símbolos, de mitos* (BARBIER, 1997b: 02).

Surpreende a si mesmo, complementa Aristóteles:

*A reflexão neste sentido: o quanto eu tenho coragem de expor o meu feminino que complementa a minha masculinidade. Ser homem é mais masculino, e sem ter um espaço do feminino você fica incompleto. E que tem a ver com este processo, porque caminhar com o copinho é evitar os copos descartáveis. **Eu acho que tem a ver com este lado feminino de cuidar, é um ato delicado também. O cuidar tem muito a ver com as mulheres, com este aspecto feminino, de cuidar de manter as coisas, e de ter uma certa delicadeza com tudo aquilo que é fundamental para a vida.** Então, até este aspecto mesmo de que você pega e coloca uma arte numa coisa que tem uma função bem prática, porque isso aqui tem um objetivo prático. Poderia ser só o saco, e colocar este negócio (cordão) para fechar e deixar assim. **Mas a arte ela traz um algo a mais, um pouco da história, traz todos estes símbolos. A gente precisa trazer mais arte, trazer mais beleza para o nosso espaço, para a nossa vida, para as coisas que a gente utiliza, e não ficar só a questão funcional e prática das coisas. A gente precisa trazer essa sensibilidade, essa percepção maior mesmo.***

Barbier diz uma coisa interessante sobre a *pessoa estar ligada a si própria, a seu corpo, aos seus desejos, às suas memórias, às suas significações internas, aos seus conflitos e contradições intrapsíquicos, ou seja, tudo o que faz sentido para ela* (2002: 46). Aristóteles se joga na situação com o cuidado de um sujeito estético. Que faz dialogar as finalidades instrumentais e finalidades contemplativas, religando paradoxos entre razão-prática e sensibilidade-pluralidade sensorial. Interpreto que a atividade o tocou profundamente, e que a arte devolve ao sujeito um estado de conservação da experiência pelas sensações, percepções e afetos. Vejo que a importância da sensibilidade para construir significados aparece na fala do Aristóteles.

O sentido é o ponto de arremate das rodas de conversas, e veio claramente para Vilma:

*Neste ato de bordar, de cores, é como se você estivesse construindo a ciranda. Eu acho que isso vai ser o nosso trabalho ao longo dos encontros (...) **No ato de pertencer nasce o compromisso consigo e com o próximo e para isso é necessário muito amor, gratidão, sensibilidade, registrando com beleza e arte a vida que é natureza e alteridade** (...) colocando no bordado as impressões do meu ser, percebi o amor que brotara em mim, **pois entrei em contato com o profundo do meu ser. É como se tivesse expressando em linhas a minha essência divina, e então percebi que o sagrado também está em mim.***

É uma fala que precisa ser interpretada a luz das emoções e interações humanas, como Maturana define o amor:

(...) O amor constitui (...) E é por isso que o amor é emoção fundamental na história da linguagem hominídea a que pertencemos (...) Uso a palavra *amor* porque é a palavra que usamos na vida cotidiana para nos referirmos à aceitação do outro ou de algo como um legítimo outro na convivência. (1998: 66, 67)

Estamos vivenciando um processo de co-autoria e as reflexões que faço são de que por meio do fazer, de um produto necessário ao nosso trabalho, várias dimensões foram abordadas. São os reflexos da consciência ambiental dos sujeito em co-formação. Recordei o fazer pão e fazer educação de Paulo Freire, pois simbolicamente as pessoas transferiram o fazer para o que significa participar da pesquisa. Costurar aqui equivale ao desenho que organiza a forma enquanto constrói o conhecimento, interagindo sensibilidade e habilidades na elaboração de conceitos da conversa na roda.

As unidades de significado recorrentes foram a partilha de valores; o diálogo objetividade-subjetividade; a condição do sujeito intérprete-intepretado; o simbólico; a expressão poética; o cotidiano; a atitude ecológica e os princípios do cuidado.

Observo que o grupo dá um significado de coerência para este tipo de atividade. Pois, por meio das expressões criativas, todo jogo sutil da sensibilidade em ato (BARBIER, 2000) mobiliza o corpo para o aprendizado do novo e devolve o contato com a multirreferencialidade dos sujeitos.

Dos enunciados ressaltamos o desejo do *compromisso*, da *participação*, da *responsabilidade* e de outros valores que nos remetem a categorias concretas como a *coerência* e a *congruência* que, por sua vez, colocam a responsabilidade no centro da ética, dentro de horizontes espaço-temporais proporcionados aos atos (JONAS, 2000: 16,17). Na pedagogia Freireana o *movimento dialético e dialógico* entre o fazer e o

pensar promovem a coerência interna e o sentido da *práxis*. Para Paulo Freire nenhuma formação verdadeira pode eximir-se do exercício crítico que leva a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica. No encontro com o outro, no espaço da *intersubjetividade*, o reconhecimento das *emoções*, da *sensibilidade*, da *afetividade* (FREIRE, 1997: 51). O diálogo é a categoria mais evidente em uma atividade de roda de conversa. É pelo diálogo que podemos fazer a sutura de um conhecimento significativo para a construção coletiva de uma *práxis*.

A *ética* e o *pertencimento* são categorias que fecundam a *formação do sujeito ecológico*, muito bem urdida por Isabel Carvalho (2001). Forjadas nos processos de *simbolização* dos sujeitos; a legitimação da *sensibilidade* e da *subjetivação*, categorias essenciais para as nossas questões, são percebidas pelo grupo e dão notícia do *enraizamento* (SORRENTINO, 2000; UNGER, 2001). A profundidade do ser foi muitas vezes dita ou esteve nas entrelinhas, e foi o espaço mais indicado pelos participantes de como as *poéticas* podem sustentar práticas em Educação Ambiental (SCHUNCK, 2006; SATO, 2003; CATALÃO; 2008).

A recorrência ao elemento surpresa, com a imagem dos fios soltos e do desconstruir, a instauração das novas possibilidades é a revelação da *incerteza* como uma categoria essencial à produção de conhecimento para a formação do educador ambiental. Podemos encontrar em Morin (2000) fundamentos de como o reconhecimento da incerteza nos ajuda a perceber nossos erros e ilusões.

Percebi que as pessoas tiveram um envolvimento corporal, emocional e afetivo com a criação do saquinho da caneca, e reconheceram a dimensão do cuidado um princípio fundador da *práxis* ambiental. Foi o encontro que mais abordamos o sagrado. Então, interpreto que houve uma conexão entre o fazer, as conseqüências do gesto e a sacralidade do elemento água. Disso resulta um sentido de transcendência nos gestos ordinários da vida cotidiana, os poderes do sagrado presentes na cotidianidade como explica Mircea Eliade (1995).

3.2.2.3 Roda de conversa na Oficina Ciranda Multicor

A Oficina Ciranda Multicor foi realizada na formação em três encontros. A primeira parte foi uma trilha artística no Jardim Botânico e contou com a participação de Vanusa Freitas, colega da Escola da Natureza; César e Danielle Abud, que são educadores no Jardim Botânico. A segunda parte foi desenvolvida por mim na Escola da Natureza.

Iniciamos com atividades corporais de respiração e alongamento. Depois, recitei um poema meu para o grupo:

*O Cerrado está aqui para que o vento o toque.
E ele resista.
E, ele sente emoções e se estivermos bem atentos, poderemos ouvir sua linguagem.
Guarda na profundidade da terra, em suas raízes a água que sobe por entre suas fibras.
E na delicada convivência com o fogo, ele resiste. Esta é sua primeira lição. Que outras
mais vamos colher fazendo a trilha.*

Para que ativassem a percepção do ambiente por meio de uma abordagem sensível do Cerrado. Foi um momento de **sensibilização** para gerar o espaço da vivência, que só é possível quando conectamos consciência corporal, relacionando corpo, espaço e ambiente.

Na Roda inicial, apresentei a Ciranda Multicor aos educadores que iriam nos acompanhar. E, ficamos sabendo que teríamos a companhia de um grupo de adolescentes, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública. Decidimos fazer a leitura do diário coletivo ao final da atividade, para não atrasar o encontro dos meninos. Fiz uma proposta de atividades; acompanhar a abordagem na trilha, fazer *frottages* e fotos, autorizando-se a ter um olhar de intimidade com as possibilidades expressivas. Cada pesquisador estaria ligado ao grupo maior, participando das informações e a si mesmo, fazendo suas observações e apropriando-se da sua autonomia no grupo. Este momento envolve apreciação de elementos expressivos, de maneira a identificar ritmo, cores, texturas, formas e conteúdos presentes.

Antes de sairmos para a trilha assistimos a apresentação da história do Jardim Botânico de forma lúdica. Danielle Abud usa a linguagem teatral para evidenciar: a abordagem sobre a área significativa do Cerrado; diversidade da fauna e flora. Ela fez com todo o grupo um trabalho de corpo e auto-massagem.

É uma via de abertura do processo a ser vivenciado na trilha, as questões que surgiram foram tratadas ali mesmo pelos condutores. Eu fiquei recolhida à observação participante e ajudava a reunir o grupo, quando havia dispersão. Esta parte da oficina, constitui a conformação de elementos para os momentos seguintes que são a **criação** e a **reflexão**.

A trilha foi muito movimentada, confesso um pouco confusa em alguns momentos. Eu observava o grupo, que parecia manter o espírito da atividade, pois, cada um estava muito envolvido apreciando e captando imagens da paisagem, coletando texturas dos troncos, folhas, terra, pedras, de tudo que viam.

No Mirante, separamos do grupo de jovens. Vanusa Freitas fez a abordagem das fitofisionomias do ambiente. Joema leu o diário coletivo, mostrando seu desenho da Ciranda inspirado no seu filho, nas multicores da experiência e na construção de uma espiritualidade necessária à humanidade.

A segunda parte da Oficina Ciranda Multicor foi o momento para potencializar a criatividade e a imaginação, fazendo uso de uma diversidade de materiais. Emerge disso a troca de conhecimento, a análise dos valores, dos princípios e do saber gerado. Funciona no sentido de aprofundar o diálogo, de modo a tecer junto o pano de fundo da oficina. Com base no objeto criado, tomando-o como símbolo do conhecimento construído. Essa experiência reflete os princípios da transversalidade e da transdisciplinaridade.

A roda foi aberta por Andréia, que compartilhou o livro de registro coletivo. O que envolveu o grupo numa conversação interessante sobre espécies do Cerrado e arte. Neste dia eu levei um creme de erva doce, para usar no momento da atividade corporal, pois, foquei o trabalho na massagem das mãos, feita em dupla. Trabalhamos em silêncio, reconhecendo as possibilidades de articulação das mãos. A sensação da massagem em dupla foi um momento de entrega no qual foi favorecida uma relação de proximidade, afeto e confiança descrita pelo grupo.

Fomos aos poucos, pegando nossos desenhos do outro dia. Eu tomei a palavra e convidei o grupo para fazer as reflexões sobre o encontro passado. A proposta foi retomar nossas *frotages*, ter um tempo com elas e observar. Fiz uma introdução de toda a atividade:

Vamos usar uma técnica artística, que é a da Janela. Ela é utilizada para focar e encontrar detalhes. Tem algumas situações, que a gente percebe o detalhe como uma lente, e vai descobrir várias paisagens dentro de uma mesma paisagem. Desenhar é um ato de confiança entre olho e mão, todo o corpo está desenhando. Se aguçarmos a criatividade, perceberemos que ela tem uma grande função de ajudar a viver de uma maneira prática e com beleza. Cada um com uma janela e o nosso trabalho será o de ficar passeando sobre essas texturas, observando cenas diversas. Como toda composição, ela acaba possibilitando outras imagens. Você vai brincando com essa janela, sobre os desenhos. Quando você focar o espaço que te atraiu mais, que se sentiu desejoso de trabalhar com aquela pequena paisagem mapeada. Você vai fixar a janela e vai reproduzir no outro cartão, a parte do desenho que você quer transferir. Vamos entrar num espaço de bastante percepção e delicadeza, porque a intenção, aproveitando essas texturas, que já é um trabalho de fazer uma nova composição. É pra perceber cada detalhe daquilo que você focou com o toque do cuidado, trabalhando os ângulos. Vejam que saindo do ambiente natural, o que foi coletado trabalhando com aquelas impressões e nós vamos trazer para cá, para essa outra composição. Essa janela nos ajuda a selecionar, nós vamos fazer um

trabalho de seleção daquilo que se quer trabalhar. Ao mesmo tempo ela vai nos reportar a nossa estada na trilha do Jardim Botânico. Vamos trabalhar com todas as bagagens: as cenas vistas lá, a sensação que se teve, quando cada um trabalhou com aquela árvore, com aquele tronco, com a folha seca, etc. São todas essas situações juntas. Quando chegar ao ponto que se deseja transferir para o cartão, vai deixar do lado a primeira impressão. Nós vamos saindo do processo natural e entrando no processo de produção cultural mesmo.



Figura 57: A Janela

Foto: Rosana Gonçalves da Silva

Após a orientação da atividade o grupo iniciou a conversa. O assunto contornou os detalhes da educação escolar, sua limitação para tratar temáticas ambientais. Especialmente a dificuldade em propor uma relação de conhecimento e cuidado com o Cerrado. Há no grupo pessoas de áreas distintas, o que viabilizou o diálogo nas suas diversas nuances.

A nossa leitura do livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (MORIN, 2000) foi a sugestão para a autoformação, nessa semana. Onde o autor trata muito sobre a questão do erro e da ilusão que provocam a cegueira paradigmática, cegueira na questão do conhecimento. Pois tudo vai passar pela interpretação dos sujeitos e essa reflexão perpassou a conversa.

Dentre as observações dos colegas, posso destacar que: vivemos uma cultura escolar que massifica, tanto que a gente aprendeu só a dividir, e aí não aprende a fazer distinção. Uma sociedade que só fragmenta é o que essa cultura massificadora, industrial trouxe: querer massificar, fazer igual, padronizar. Colocar tudo num cômodo só, com se tudo fosse igual. Somos frutos, ou melhor produtos, deste processo educativo e de uma cultura que divide, de um paradigma que reforça os padrões universais, expulsando a singularidade.

A conversa naturalmente indicou a educação como referência principal. Obviamente a crítica às problemáticas clássicas: currículo e modalidades de ensino. Um ensino mecanicista regulado por um currículo fechado em si mesmo. Um ensino que não orienta o básico, que é conhecer e conviver com o ambiente imediato: vida e ambiente natural-cultural. Lembrei-me de Freinet (1977), dizendo que permanecem no coração do ser humano as necessidades insatisfeitas, mas, que são estas insatisfações que suscitarão reações, que um dia, terão de se inclinar e admitir que o cientificismo falhou. Mesmo que lhe devamos toda a tecnologia contemporânea.

O autor nos advertia sobre problema do futuro ser a preparação do ser humano para este futuro. E, que isto exigia ser inteiramente reformulado no campo da educação. Sua metodologia compreendia o trabalho como o meio para alcançar um conhecimento integral e interdisciplinar, como experiência consumatória.

Alguns anos se passaram, nos encontramos com esta manifestação de insatisfações na atualidade: queremos pensar o futuro, a educação do futuro com as velhas camuflagens racionais, conhecidas e confortáveis. Nada de correr riscos, de insurgir e operar numa perspectiva transversal que abrigue recursivamente os fundamentos para restabelecer a unidade-múltipla da nossa cultura, e não abordar o problema da educação *que nunca terá cabimento na nossa própria vida* (FREINET, 1977).

Sobre o saber e a inteligência, a corporalidade e a informação, e a própria ciência que importa para a educação, ainda, estamos em busca de *técnicas de vida naturais*, tomando de empréstimo o pensamento de Freinet (1977). Dialogamos sobre essas coisas e levantamos os aspectos significativos para tomar o Cerrado como uma trilha dessa construção.

Vale lembrar que a oficina é permeada de conversa, porque estamos tentando olhar para o Cerrado para além das árvores tortas e da casca grossa. Perceber que o Cerrado tem uma raiz profunda e tem um quê de resistência, de convivência com o manejo humano e a sua biodiversidade é ambiente formador pelas nascentes e cursos d'água, e culturalmente pela sua poética e resiliência fecunda o contexto ecoformativo.

Sobre a janelinha o grupo compreendeu que ela nos ajuda a perceber as outras paisagens dentro da paisagem maior. A nossa proposta é um pouco isso é chegar à mínima porção mesmo, ao que ficou despercebido. É uma trilha do todo para as partes.

Percebi que a técnica da frottage também ajudou a mediar as observações do grupo. A experiência para Zélia, resultou em:

Mas, quando a gente fez a trilha e foi mudando os ambientes, eu consegui perceber e ao mesmo tempo fazer a parte cognitiva (...) A

*imagem que eu tenho da nossa trilha foi da descoberta da água. Eu vi no Cerrado a água e as árvores. A água no verde, na diferença do verde. Não daria pra ter essa descoberta do pequeno se não tivesse feito a frottage. **É preciso ver as diferenças e sentir no próprio corpo. Faz a gente pensar no fazer educacional, que a gente adota também.***

A interação sensibilidade-razão emerge na fala como uma relação de descoberta. A *frottage* como técnica de aproximação funcionou para que essas dimensões se complementassem. *Sabemos também que as contradições mais significativas quase sempre se escondem no interdito. É preciso desenvolver olhos de ver além das aparências, e olhos de ver nas aparências mais do que o aparente* (SEVERINO, 2002: 111). Este é um significado que exige um olhar diferenciado para as questões que desejamos responder.

A sensibilidade também foi o caminho de descoberta para Marilândia:

*Eu não conseguia notar diferença e não gostava do Cerrado. Durante o curso, principalmente a visita ao Jardim Botânico, é que me fez perceber os vários tipos de ambientes que tem no Cerrado, que são coisas diversas, que são diferentes, que tem o que é mais alto, o que é rasteiro. **Eu consegui ver uma beleza enorme em coisa que eu não percebia antes. Acho que essa técnica da frottage, me fez ter uma percepção maior e uma sensibilidade maior dos detalhes e das texturas.***

A percepção dada pela sensibilidade é um significado que se construiu, para *poetizar o texto da existência* (SEVERINO, 2002: 107). Ela traz atravessamentos, que adquirem maior sentido dentro da realidade vivencial do sujeito.

As formas de percepção não são gratuitas nem os relacionamentos se estabelecem ao acaso. Ainda que talvez a lógica de seu desdobramento nos escape, sentimos perfeitamente que há umnexo. Sentimos, também, que de certo modo somos nós o ponto focal de referência, pois ao relacionarmos os fenômenos nós os ligamos entre si e os vinculamos a nós mesmos. (OSTROWER, 1999: 9)

A existência de muitas possibilidades, re-significar as coisas veio claramente para Andréa:

*Pra mim essa proposta de frottage foi uma visão diferente, que eu tive do Cerrado. E, ao mesmo tempo, a questão dessa Ciranda Multicor, das possibilidades que a gente tem de **construções a partir do que nós temos no cotidiano. Observei que alguma coisa em mim mudou, no meu olhar. ele ficou diferente, acho que ele ficou mais apurado, mais sensível. Para mim é um processo mais simbólico de tentar integrar neste trabalho e essa contribuição que eu pude fazer e que vai estar ali, depois que a gente sair vai servir para outras coisas. A gente***

*sempre deixa alguma coisa mais profunda. Para mim toda esta oportunidade que a gente tem fez **uma transformação. Eu sinto!***

A colega traz o simbólico como o espaço de significação das coisas, que não são passageiras. Que resistem ao tempo e sinalizam o futuro: algo que pode se sustentar. Desprende de sua fala o papel da sensibilidade enquanto agente de transformação nos processos educativos. No simbólico a ordenação das coisas adquire significado, quando:

Ao percebê-la projetamos de imediato algum sentido ao evento (...) mais do que assinalar o evento, poderá a mensagem adquirir qualificações de FORMA SIMBÓLICA (...) São configurações de uma matéria física ou psíquica (configurações artísticas ou não-artísticas, científicas, técnicas, comportamentais) em que se encontram articulados aspectos espaciais e temporais. (OSTROWER, 1999: 25)

Joema colocou que alguns momentos foi de dispersão e angústia, por não poder contemplar o Cerrado. Mas a experiência:

*Aflorou a poetiza, a desenhista. **Manifestou aquela que sente internamente e não só racionaliza. Sente e manifesta externamente através do corpo e das mãos. Ressurgiu a criança que se satisfaz com as pequenas coisas da vida, tão grandes em significados!** A roda, o giz de cera, as formas, as cores (...) O contato com a arte ligada a natureza.*

Nesta fala fica muito evidente que o contato com a arte foi a ponte de ligação e de sua auto-reflexão. Nossa intenção ao tomarmos a sensibilidade como categoria neste processo desvia-se do tipo de sensibilidade denominada por Ana Mae Barbosa (2005) como “lamúria psicologizante” e pelo sentimentalismo.

Sensibilidade e criatividade são inseparáveis, uma não existe sem a outra (OSTROWER, 1990). Essa relação de interdependência ajuda-me na interpretação de que tipo de sensibilidade estou falando. Uma sensibilidade que se encontra com materialidades expressivas, significada no cotidiano dos participantes e neste sentido a arte ajuda a superar o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo (BARBOSA, 2005: 292).

Parece-me que a sensibilidade vai se firmando enquanto categoria para o enraizamento e a sustentabilidade na educação ambiental. Neste caso, não foi a descoberta, mas a confirmação de um estado latente no sujeito. A corporificação de uma razão sensível.

Dizendo o mesmo em outras palavras, sua razão, isto é, sua razão de ser, não está unicamente em um objetivo a alcançar, que a filosofia medieval chamava *terminus ad quem*, encontra-se igualmente no “*terminus a quo*”, que é de onde ele vem, de onde ele é. Talvez seja no “giro” daquele para este que se encontra a chave da passagem do racionalismo instrumental para a racionalidade interna.(MAFFESOLI, 2005: 62, 63).

A ressonância para Aristóteles da primeira parte não trouxe novidade. Ele já conhecia a técnica e estava habituado a fazer trilhas. Mas, ele percebeu depois como conexões:

*Pude entender que o mais importante foi o exercício do olhar para algo que aparentemente não é novo, encarando os próprios preconceitos e indo além deles. O exercício da troca de olhares, a escuta da experiência e percepção do outro. O reconhecimento do quanto é importante a referência diferente no ato de re-compor um novo entendimento. O exercício de trabalhar com coisas diferentes num mesmo espaço e momento, que é o processo da complexidade, **importante para a sustentabilidade, para a educação ambiental que é a habilidade de dialogar com os diferentes elementos que compõem a realidade.***

Muitos significados desprendem-se dessa fala. É uma reflexão refinada e articulada com as nossas questões e objetivos de pesquisa. A percepção de vários aspectos conjugados *não é apenas um ato fisiológico*, mas o acesso do inconsciente, chegar a suas áreas de difícil acesso, *articulando e trazendo-as ao consciente, a percepção mobiliza todo nosso ser sensível, associativo, inteligente, imaginativo e criativo. Perceber é sinônimo de compreender* (OSTROWER, 1998: 73).

Como e em que espaço-tempo o sujeito consegue fazer as ligações, as conexões do seu aprendizado com o sentido sua vida. É uma fórmula, um binômio, que devemos equacionar. Neste contexto, buscamos a orientação de Morin (2000) que nos ensina a complexidade como uma escola filosófica, que vê o mundo como um todo indissociável e propõe uma abordagem transdisciplinar para a construção do conhecimento. Evitar os conceitos fechados e o pensamento estanque, disciplinar. E fazer surgir as relações entre todo conhecimento.

Como os companheiros haviam terminado o desenho, passamos para o outro movimento do nossa oficina. Trabalhamos com um tear pequeno, para experimentarmos a tessitura da conversa enquanto transformávamos o desenho feito a partir da *frottage* em tecido.

A partir dessa composição nós vamos para um mediador-tear do saber entre nós. Com este instrumento, com o tecido, com nossa habilidade, pensamos, elaboramos: como transformar o desenho com o tecido? Vamos trabalhar com outra propriedade da

vida, a cultura feita à mão. Com as mãos criamos coisas inestimáveis e duradouras. É a criação de um saber que encarna o afeto, a descoberta, e os valores sobre o que não é perecível se revelam.

Quando apresentei esta fase do encontro. Foi um burburinho, caras de surpresa, insegurança, todos acharam que seria um problema. Que bom que é problema, assim podemos dar-lhe solução! Aproximei-me de cada um para iniciar a urdidura e as dificuldades deram espaço para a experimentação.

Superadas as dificuldades, continuamos a conversação e observei o interesse do grupo em discutir muitas questões voltadas para a educação escolar. Também, observei que surgiam nas falas sugestões para a realização de uma nova abordagem educativa que contemple as capacidades: intuitiva, criativa, instituinte, mais sensível pedagogicamente, o que trará significativa mudança na atuação do educador. Para Zélia *a educação é a forma e o ambiental é o conteúdo*. A Educação Ambiental pode ser trabalhada a partir de qualquer ambiente. Para Aristóteles, *toda educação é ambiental porque toda educação é voltada para o ser humano e para o ambiente dele. Para que ele possa interagir com outras pessoas*.



Figura 59: A escolha das cores

Foto: Aristóteles Araújo





Figuras 59: o pesquisador coletivo tecendo Fotos: Rosana Gonçalves da Silva

Propor uma roda de conversa à moda antiga, com um fazer, que movimentasse múltiplas linguagens. Acorda o nosso corpo para observar o resultado e ir descobrindo coisas. Convidei o grupo para uma reflexão sobre a oficina e o caminho, que devíamos tomar, já que o tempo do encontro esgotou e não finalizamos o tecido. Sua realização atravessou assuntos de profundo interesse para todo o grupo. Decidimos terminar em casa. As reflexões foram feitas uma semana depois numa pequena roda de conversa.

Todos os colegas manifestaram que sozinhos foi difícil concluir o trabalho e que a força do grupo minimizava essas dificuldades e abria possibilidades. Fizemos a reflexão da oficina, observando toda a sua possibilidade. As questões estruturais sobre a saída de campo, as técnicas artísticas, o que significou a experiência de tecer no sentido de estabelecer relações.

Nossa colega Marilândia sentiu-se profundamente tocada com o ato de tecer. Como educadora ela diz se reconhecer neste movimento de abertura ao recomeço:

*Ver até mesmo questões emocionais, e refletir sobre este momento, é ter uma oportunidade de repensar. E, essa atividade me proporcionou resgatar muitas coisas importantes. Quando a gente estava retratando algo vivo, algo que a gente presenciou da natureza, e pôde fazer janelas e tentar resgatar essa natureza viva, em uma coisa que você faz. **Então, eu me remontei com o fato da vida. A técnica do tear de você ir por baixo, ir por cima, está fazendo uma teia.***

Vejo nas entrelinhas dessa reflexão um tom autopoietico, de identificação com os movimentos circulatórios presentes na vida. A fala traz o sentido da teia, dos pontos de conexão. Desprende deste enunciado os princípios de rede tão necessários à complexidade que a própria vida engendra. Para Capra *a idéia central dessa concepção sistêmica e unificada da vida é a de que o seu padrão básico de organização é a rede* (2005: 267). O reconhecimento da interdependência na relação do sujeito com o seu meio é um princípio ecossistêmico, que nos dá o sentido da vida como relação, tecer a teia, como percebeu Marilândia.

A experiência de tecer revelou uma capacidade de religação e combinação para fazer emergir uma nova tessitura. A simplicidade na complexidade, que não se excluem, ao contrário se complementam. É possível, ainda, desprender da fala a transformação da energia vital em criação material. Um estado de liberdade para o vôo, para as potências humanas na viagem imaginária, a mais real de todas (BACHELARD, 1938: 33).

Marilândia novamente traz a importância da sensibilidade para a co-formação das pessoas, que o emocionar proporciona. Desprende-se da sua fala que a emoção moveu sua ação de pensar.

As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. Na verdade, todos sabemos isso na práxis da vida cotidiana, mas o negamos porque insistimos que o que define nossas condutas como humanos é elas serem racionais. (MATURANA, 1989: 15)

Uma experiência de integração e criação para Andréia:

*Foi importante, porque uma coisa simples que eu nunca tinha feito, e eu gosto de inventar coisa (...) Durante os movimentos, eu fui pensando como a gente deixa de aproveitar momentos simples na vida. **E, este momento de produzir o tecido, eu fiz com que ele extrapolasse este encontro** (...) Porque não era só pra fazer um tecido, eu tinha que construir mais alguma coisa, dobrando eu percebi que dava pra fazer uma bolsinha. Dessa bolsinha, eu arrumei uma outra alça, já fiz uma outra maior e fui ampliando. Foi interessante fazer essa construção, porque **quando você produz um tecido, você na verdade se integra com ele**. Eu não tinha pensado que fazer essa trama da malha, dentro do barbante era um tecido. Eu já olhava um tapete, e um tapete já é uma coisa pronta. **Mas, o tecido pra você criar já foi diferente. Eu me senti artesã, integrada.***

Fayga Ostrower (1990) diz que quanto mais aprofundarmos os caminhos de recuperação do ser sensível dos sujeitos, tanto mais ricos e impregnados de sentidos eles se tornarão. Derramando-se novos significados no cotidiano. É uma busca que

independe de resultados imediatos, mas é uma realização da experiência, que se processa na singularidade.

A pessoa sente que está descobrindo em si aquilo que ela poderá vir a ser, sua individualidade única. Jamais se trata, então, neste fazer, de mero adestramento (já porque é uma agir espontâneo e os conhecimentos vem acompanhados de intensa carga emocional) (...) deste modo, o fazer criativo sempre se desdobra numa simultânea exteriorização e interiorização da experiência de vida, numa compreensão maior de si próprio e numa constante abertura de novas perspectivas. (OSTROWER, 1990: 251)

Para se pensar na relação de enraizamento e sustentabilidade dos processos educativos, devemos levar em conta essas experiências que alcançam dimensões mais profundas no ser humano. O uso das poéticas artísticas, quase sempre em processos inventados à mão, dão significações a nossa experiência. *E em tudo isso não nos perdemos e continuamos sabendo de nós.* Essa noção de *continuidade* faz parte da nossa *auto-percepção* (OSTROWER, 1990: 261).

A continuidade é uma noção que intentamos como sustento de práticas em Educação Ambiental. Contudo, não existem respostas prontas para tal intento. Temos referências a partir de visões individuais e que podem ser legitimadas na esfera intersubjetiva, que essa oficina propiciou.

Zélia compreendeu com a experiência de tecer um arranjo intersubjetivo:

*Eu acho que as particularidades que cada um tem, porque enquanto as mãos faziam e a cabeça pensava, a gente falava, e ai rolava muita coisa. No meu jeito de pensar nós estávamos fazendo, conversando e tecendo ali juntos, enfim, passando fio e conversando a respeito disso. Eu não gostei dessa coisa do individual, acho que por isso que eu não acabei. Eu acho que até teria acabado se a gente tivesse feito isso junto, porque **o fazer junto aqui pra mim foi mais significativo** foi a primeira vez na vida que eu mexi com o tear, nunca tinha visto. Ficaria maravilhoso este tear, se eu tivesse conseguido fazer isso com alguém. **Porque ai a força do outro faria com que eu concluísse, e as poucas coisas que eu concludo nessa vida são assim em parceria.***

Precisamos trilhar por meio das experiências singulares, para retornar ao coletivo as impressões do observador que observa. Há ai uma produção da subjetividade, que não acontece isoladamente. É interdependente do outro que legitima essas impressões. *A força do outro* evoca a construção intersubjetiva do saber e do fazer. É imperativa aos processos de produção de conhecimento baseados na interação.

Na proposição de uma produção solidária de conhecimento, o diálogo emerge de uma corporalidade e de uma existência na linguagem (MATURANA, 1989). Essas duas

dimensões adquirem sentido em contato com o outro (*alguém, parceria*), onde há congruência e potencializa a escuta sensível.

Para Aristóteles o ser humano tem o mecanismo da resistência, de defesa ao que o outro propõe. Sua opinião é que:

*Este momento aqui de fazer essa tecelagem e de resgatar aquele processo da frottage foi uma coisa nova, uma coisa diferente. Cada um está fazendo, trazendo sua experiência, falando sobre educação, sobre este processo que já foi desenvolvido, de educar, de mudar seus conhecimentos, suas informações culturais, tem a ver com isso também, de fazer um recorte, de juntar fios de tecido, de pedaços e dar uma forma mais orgânica pra tudo isso. Agora, realmente a experiência se completa aqui. Talvez isso mesmo de fazer, tecer junto, tecer estes fios que são diferentes. **E, todo este campo(tear) que requer muitos e muitos fios pra ser coberto, é dedicação, talvez essa palavra mesmo. Romper com aquele ato de querer a coisa dada, a coisa já produzida e ter um envolvimento com isso que está sendo feito. Nas relações tem muito essa coisa de um cuidado, de uma sutileza, porque são fios dos outros, dar o espaço pro outro, conseguir trabalhar o espaço e os limites entre uma coisa e outra. É toda uma atenção diferente, não é o tempo em que estamos acostumados a coisas tão rápidas. Tem essa coisa de artesanato, de mexer com a mão, de criar o movimento.***

A interiorização da experiência para o nosso colega passa pelo pleno poder de refletir as coisas que sempre estiveram em nós, como uma nova compreensão, mais aprofundada. *É como se janelas se abrissem sobre novos horizontes. Então poderão entrar acasos significativos, evocando emoções e idéias que nos fazem reavaliar os fenômenos* (OSTROWER, 1990:273).

Ele atribui uma importância direta à intersubjetividade. E, fala recorrentemente, trazendo isso para as relações. Desafiar-se, dentro da sua própria questão cultural. *A gente pensa de uma forma muito linear. A gente tem que tentar um caminho diferente, uma forma diferente*, Aristóteles retorna ao grupo, complementando sua fala.

O pensar-fazer como um caminho diferente, ilustrado na forma orgânica, *em seu sentido mais forte, pelas interdependências, pelas pertencas, pelas correspondências, numa palavra pelas relações* (MAFFESOLI, 2005: 76,77). O pensamento orgânico (MAFFESOLI: 2005) é um pensamento que se abre as múltiplas dimensões, que relaciona, que propõe superar a fragmentação e a linearidade. É um pensamento reconciliado com a vida e com os vivos. Um pensamento fertilizado na e pela intersubjetividade.

A oficina foi um espaço para colocar e fortalecer o campo intersubjetivo, também é o que observa Joema:

*Falando sobre como foi fazer o tecido. No início, quando a gente trabalhou junto, todos na sala, acho que pela interação com o grupo, foi uma atividade mágica mesmo. A interação era como se os fios de cada um, de cada pensamento, cada palavra, tivesse entremeados (...) **Não só focar na destruição, no desmatamento, na crise ambiental. Todavia, focar na construção do conhecimento pela beleza, pela percepção do sagrado (...) Construir conhecimento interno, para a mudança de comportamento (...) Para se tornar verdadeiramente ecológico (...)***

Essa reflexão retro-alimenta nossas buscas, nutrindo a nossa abordagem metodológica com estratégias de ação e procedimentos adaptáveis. O que pensamos trazemos para o que fazemos. A educação ambiental nos ajuda a ecologizar as relações e compreender tudo isso. Trata-se de uma profunda mudança de mentalidade. É fundamental que o educador compreenda as relações existentes entre todas as coisas, para que possa pensar a unidade e a diversidade implicadas no ato de conhecer.

Ecologizar o pensamento é uma emergência, onde *a vivência sensível da arte pode ser considerada como um vetor de expansão* (SCHUNCK, 2006: 112). Na qual podemos dialogar os diversos níveis de realidade implicados na produção de conhecimento. As linguagens artísticas operam transversalmente, instauram pontes, criam laços, potencializam a dialogicidade interno-externo.

Captar essa singularidade em que cada um traz a repercussão da experiência e a riqueza das falas, retroagindo e desaguando em intersubjetividade. Reconhecer em grupo as possibilidades, inclusive, reinventar as formas de auto-co-formar surge com mais possibilidade. Entre os sujeitos do processo a intersubjetividade é categoria primordial

Nessa roda de conversa ficou claro este desafio: o material vai permitir a aproximação. O exercício de compreender como colocar os recursos a seu favor, para conseguir fazer o tecido da mudança, é o encontro de sujeitos. Que cooperam, porque constroem o pano de fundo, com os elementos inesperados da pesquisa-co-formativa. Desde a sua elaboração até a apreciação do tecido entre as pessoas. Urdir a experiência para Vilma:

*Nesta arte de frottar, desenhar, pintar, tecer, encontro outras formas de sentir o Cerrado. Mudei o meu olhar, ampliando com delicadeza o campo de possibilidades, e para quem tem buscado afinar sua sensibilidade, pode trazer tal experiência para o meu dia a dia, de modo a **perceber que em tudo existem diversas possibilidades, respostas e soluções.***

O estado poético vivido pela colega nessa experiência a fez perceber o que Morin (2002) chama de superação dos próprios limites, uma aptidão de comungar com o que

nos ultrapassa. Pois, compromete o sujeito com as camadas mais profundas do seu próprio ser. A percepção é potencializada nestes processos. *Todo perceber e fazer do indivíduo refletirá seu ordenar íntimo e corresponderá a um modo particular de ser que não existia antes, nem existirá outro idêntico* (OSTROWER, 1999: 26).

Tal importância da sensibilidade, para o sujeito em sua singularidade é proporcional à evidência da interdependência entre criatividade e sensibilidade no trabalho com a linguagem artística.

Nessa roda de conversa na Ciranda Multicor os colegas evidenciaram também, o cotidiano; a atitude ecológica; partilha de saberes; a dimensão corporal; a legitimação do outro; a participação e o respeito. Embora, o simbólico e o sagrado tenham surgido com menos frequência, eu os observei relacionados com a expressão poética e multirreferências expostas pelo grupo.

Essas unidades colaboram com a criação de categorias elementares para responder as questões de pesquisa. Novamente o *conhecimento significativo, a dialogicidade, a consensualidade* para a percepção *do conhecimento sensível do meio*, que podem ser compreendidas pelas lentes de Paulo Freire (1997).

A *poética* foi o espaço da *percepção ampliada* e da *sensibilidade*, categorias explícitas no trabalho de Dulce Schunck (2006) e Fayga Ostrower (1999). O *enraizamento*, o *sentido ampliado do ambiental* e a *intersubjetividade* são categorias encontradas no processo de co-formação, e são noções que preponderam nas obras de Nancy Unger (2001) e as duas últimas podemos ver em Isabel Carvalho (2001).

Outros autores que cooperam com a compreensão das categorias criadas são Morin (2000) e Capra (2005), quando revela-se a *distinção* no ato do conhecer, a *conectividade* entre os níveis de realidade, que deságuam em *complexidade*.

Nas entrelinhas das narrativas do pesquisador coletivo, podemos dizer que surge a *responsabilidade* como um dos princípios da *congruência*. Começar e terminar sob qualquer contingência, conforme nos diz os participantes em suas falas. A afirmação da responsabilidade, conforme Hans Jonas (2000) a ser exigida, nos dias de hoje, é aquela que tem como foco a temporalidade. O autor coloca que a responsabilidade não pode ser uma preocupação imediatista, concentrando-se só no presente ou mesmo em um futuro próximo. Mas a responsabilidade que se projeta no futuro mais distante.

A prática da roda de conversa é uma potencialização do diálogo, que evidencia essa compreensão do sentido da responsabilidade. Um diálogo sutil emerge dessa prática, quando elegemos o universo espiritual na sacralização do espaço de construção coletiva do conhecimento. Se queremos instaurar novas formas de saberes e fazeres,

legitimar este espaço é fundamental. Não apenas para os campos ambiental-social-cultural, mas para os sentidos nascidos do cotidiano e re-significados durante toda a vida dos sujeitos.

Eu vivi em um tempo que uma roda de conversa era chamada de **dedo de prosa** ou **toró de palpíte**. Era um espaço para a convivência da comunidade para solucionar problemas e/ou comungar alegrias. Onde uma pessoa era ambiente formador para a outra pessoa. No sentido da acolhida, da tolerância, da partilha de saberes construídos na experiência. Os mais velhos tinham a prioridade da fala, por serem mais vividos, eram os sábios. As histórias contadas por eles vinham do **arco das velhas**, dos seus mitos fundadores. E, eram atualizadas pela capacidade humana de re-invenção.

Estes foram alguns sentidos dos quais me apropriei para re-criar com o pesquisador coletivo essa prática de escuta, onde podemos saborear demoradamente cada palavra. Percebo que continuamos a ser ambiente formador uns para os outros. Hoje o dedo de prosa é a escuta sensível que legitima o outro-eu. O arco das velhas é o espaço dos sonhos, dos mitos, dos símbolos e é por excelência atemporal. Significa dizer que são poéticas que existem nos sujeitos não importa em que cultura se manifestem pertencem ao tempo ontológico do ser humano.

Os significados ditos pelo pesquisador coletivo neste capítulo são fundamentos que desvelam o potencial da roda de conversa como um fazer transdisciplinar. Esclarecem o papel da linguagem poética como mediação entre o meio interno e meio externo. As falas do grupo abrigam sentidos subjetivos que se revelaram pela sensibilidade compartilhada e pela instauração da sensibilidade nos processos formativos em Educação Ambiental.

O tecido junto



Figura 60: tecido Vilma Foto: Aristóteles Araújo



Figura 61: tecido Andréia Foto: Aristóteles Araújo



Figura 62: tecido Aristóteles Foto: Aristóteles Araújo



Figura 63: tecido Joema Foto: Aristóteles Araújo



Figura 64: Tecido Marilândia Foto: Rennais Paula Gonçalves



Figura 65: a tecer Zélia Foto: Aristóteles Araújo

4 O GIRO RECURSIVO

Fizemos o luto de uma unidade pacificadora, para realizar uma pedagogia do questionamento que busca seu sentido de unidade na diversidade e pela diversidade. Nós apostamos numa pedagogia do diálogo que traz as mãos vazias de certeza, mas traz a esperança e a fé que nós podemos descobrir e realizar muitas coisas. No seio mesmo da incerteza podemos achar a água que pode saciar nossa sede, exercendo o valor mais ausente e mais caro em todos que é o amor, o que pode religar os diferentes sem negar a diferença. Para Chardin o amor se apresenta no universo desde a atração no interior dos átomos no encontro molecular até a dimensão humana. Para Gadotti nossos melhores pensamentos e nossas ações surgem da integração do conhecimento pelo amor e compaixão. A noção de amor para uma pedagogia baseada sobre a compreensão do diálogo pode ser sujeito de uma tese inteira. Mas eu aproveito a ocasião para lembrar a pertinência perene do amor, que como diz René Barbier o amor não tem contrários. Por que ele aceita a raiva que pretende ser oposto, assim como a vida em sua plenitude não tem oposto na morte, ela encontra na morte um aporte dos seus próprios ciclos o eterno vir a ser.

Vera Catalão

Uma ciranda será sempre o movimento dinâmico da inclusão, da abertura, um espaço da integração de uma pluralidade de saberes e fazeres na produção do conhecimento no terreno da cotidianidade. O que mais me encantou no processo compartilhado com o pesquisador coletivo foi o reconhecimento da intersubjetividade. Os participantes ao valorizarem esse espaço de mediação, revelaram a compreensão da noção do *autos* como uma matriz epistemológica poderosa para uma nova consciência.

Nossas relações foram construídas de modo a não criar espaços para a prescrição sobre como fazer arte e/ou educação ambiental. De modo que cada integrante ao compartilhar seu universo prático se permitisse encontrar com o *universo-outro*, legitimando essa partilha como processos de uma vida inteira.

Uma pesquisa-ação-formação estimula a capacidade de cada participante, permite-nos reconhecer diferenças e compreender nossa unidade. Através de narrativas pessoais conseguimos encontrar nossas vozes separadas e partilhadas e, deste modo, encontrar maneiras de agirmos juntos de forma mais consciente. É essa a nossa capacidade de conservar e alargar o *nós* dentro do *eu*.

Essas relações clarificam a noção de subjetividade considerada na pesquisa. A singularidade interdepende da pluralidade. A intersubjetividade como o tecido entre sujeitos, fundando a episteme co-construída. É o outro quem nos dá o conhecimento (MATURANA, 2000). A experiência com o pesquisador coletivo fortaleceu a minha crença

que essas subjetividades em diálogo de significações, diálogo de sentimentos, diálogo de percepções, inauguram as possibilidades de uma educação ambiental diferente.

A interlocução com os artistas foi o grande diferencial. Estar face a face com TT Catalão, Bené Fonteles, Dulce Schunck, Rômulo Andrade, Gabriel Romeo e José Rosa: foi um banho de idéias novas; inspirou nosso do imaginário e revigorou a expressão criativa. A re-invenção dos nossos modos de ser e estar nos ambientes; a imaginação mãe e filha da percepção, uma fecundando a outra simboliza o parto da ação.

Com Athos Bulcão, compreendemos a expressão criativa dotada de energia vital. A noção de arte pública, de espaços permeados pela beleza e um sentido a mais para conviver nos ambientes urbanos, para além dos territórios. Onde cada habitante poderá fazer *uma vista ou uma visão, uma realidade desenhada ou um movimento sonhado*. Contudo mais que viver essa dialética, fica a lição de compreender *ser a realidade um poder de sonho e o sonho uma realidade* (BACHELARDb, 2001: 13). A imaginação simbólica que nasce com nossos devaneios instaura as dimensões dialética e dialógica do nosso viver. A função dos mitos, participa dos modos de organização societal, e é uma fonte integradora de sentidos.

Uma Ciranda formou-se e trouxe os matizes da mudança como exercício da pesquisa-ação existencial. A Ciranda se viu e na passagem de uma cor para a outra: troca de saberes e fazeres. No giro recursivo de múltiplas vozes, tentamos responder as questões que movimentaram nosso imaginário durante cada encontro e para além de qualquer encontro:

*Qual a contribuição da linguagem poética na formação do sujeito ecológico no educador ambiental?
Como podem a sensibilidade, a expressão criativa e os processos de simbolização dar sustentabilidade e enraizamento nos processos de educação ambiental?*

As respostas vieram com a expressão singular de cada participante. Por meio de palavras auto-reflexivas e/ou por meio da escrita poética. Às vezes condensadas em processos simbólicos. Outras vezes explícitas em desenhos e engenhos manuais. Foram a revelação do *borbulhar onírico (...) onde floresce a poesia sublime* (MORIN,1997: 311,312) a existencialidade interna: a subjetividade.

O compromisso primeiro foi conectar as questões de pesquisa com as categorias de análise. A recorrência ao significado de integração, ao universo sensível; à vitalidade psíquica dos sujeitos em co-formação fortalecem as categorias construídas com base nas poéticas. Refletir o movimento de ir e vir, identificar que mudanças queremos criar e

encontrar espaços de abertura ao conhecimento. *É, sem dúvida um problema da sensibilidade* (OSTROWER, 1990: 67).

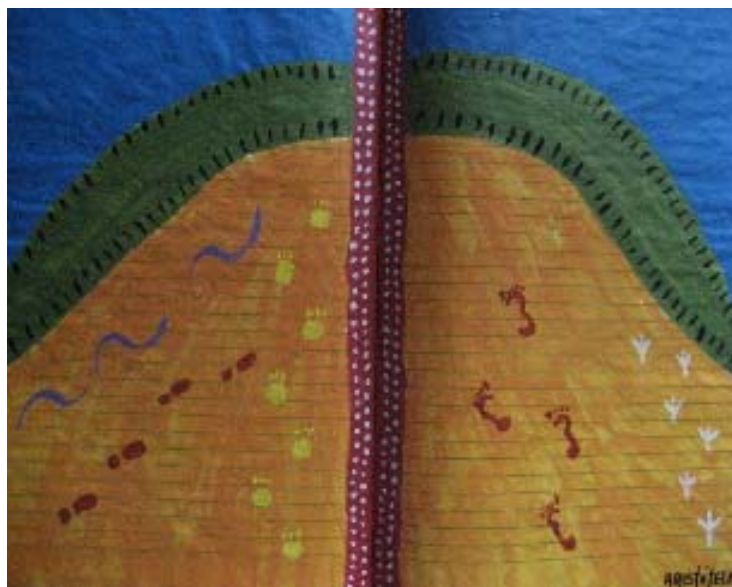


Figura 66: Caminho, trilha, estrada. Aristóteles Foto: Rennais Paula Gonçalves

No plano coletivo das ações, entendemos que o caminho trilhado junto aponta questões comuns ao pesquisador coletivo. A busca destas respostas construíram possibilidades de *vir-a-ser* no mundo, a partir da integração das dimensões ecológica, cultural e sensível mediado pelo diálogo e pela intersubjetividade. Esta relação indica um percurso que aponta novas questões. **Como integrar as linguagens artísticas de modo efetivo nos processos pedagógicos da educação ambiental?** Esta questão cria a imagem da encruzilhada, onde temos mais perguntas que respostas, e assim somos confrontados com a infinitude e a incerteza constituintes de qualquer conhecimento.

Nessa trilha, não entendemos ser necessário dar um tom conclusivo ao trabalho. Esta pesquisa se concluiu, mas está em curso todo o aprendizado coletivo. Continuamos em contato e as pessoas dão depoimentos de suas experiências, a partir do *já-vivido*. As experiências da co-formação adentraram os espaços profissionais da maioria dos Cirandeiros e estão sendo compartilhadas em outros fóruns educativos, chegando até as crianças, pela ação educativa de Vilma, de Marilândia e de Andréia, desaguando em experiências criativas com profissionais do saneamento, por meio de vivências levadas por Zélia.

Na trama do ambiente formador co-tecida por uma experiência de pesquisa-ação existencial entrelaçada com a multirreferencialidade-, encontramos uma abordagem

metodológica que faz alianças conceituais e está aberta à pluralidade do conhecimento. Aquilo a que Tao chama o *espírito do vale*: “recebe todas as águas que nele afluem”. Mas que também nos revela a alma das *águas emendadas*, o encontro de fontes desaguando em outros mananciais de possibilidades.

Por meio destas duas metáforas podemos entrever caminhos metodológicos concorrentes e complementares de uma *práxis* que anuncia a intersubjetividade como o espaço da transformação dos sujeitos. São movimentos de ir e vir sincronizados com dinâmicas de desejo, participação e co-formação.

As noções apresentadas sinalizam um *giro recursivo* da base da organização metodológica, ou seja, cada processo é autônomo e dependente, perpassa os outros processos e por eles é fertilizado. O giro contém em suas diversas relações os aspectos multirreferenciais do processo, *no conjunto das inter-retroações entre partes e todo, todo e partes* (MORIN, 1997: 180).

A recursividade aqui representada por abertura<->fechamento e incerteza<->emergências em circulação, dentro de um processo que reconhece suas fragilidades e potencialidades. Na imagem concebida por Morin: *o círculo será a nossa roda, a nossa estrada uma espiral* (1997: 22) para revitalizar os círculos virtuosos dos processos formativos que supõem trocas, partilhas e tecem solidariedades.

A partir do que foi tecido junto, emergiu um ambiente de aprendizagem orgânica, como processo orientador do movimento das relações entre fazer arte e fazer educação. Neste movimento, procuramos fazer emergir as expressões integradas capazes de revelar as relações de complementaridade propostas, permitindo vislumbrar e ultrapassar os limites explicativos do paradigma cartesiano que ainda imperam na produção de conhecimento. Uma dinâmica de entrelaçamentos e articulações, como uma costura necessária à Educação Ambiental.

A poética ao fundar uma ligação simbólica do *eu* com o *eu* mesmo, do *eu* com o *outro*, com a sociedade e com o cosmo (Barbier, 2003), ela trama a dinâmica recursiva nos processos educativos. Esta pesquisa deixa-nos uma experiência sobre a contribuição da poética para uma formação multirreferencial e enraizada que possa alimentar o imaginário, sem dirigir a sua expressão, envolvendo a pessoa inteira no processo de auto-hetero-formação.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDOINO, J. – **Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas**. in Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação, Barbosa, J.G. (org.), São Carlos: UFASCar, 1998.

ASSMANN, Jung Mo SUNG, Hugo. **Competência e Sensibilidade Solidária: Educar para a esperança**. Petrópolis, RJ: VOZES, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos : ensaios sobre a imaginação da matéria**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A psicanálise do fogo**. Tradução: Maria Isabel Braga. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1938.

_____. **A Terra e os Devaneios da Vontade**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. **O Ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. **O novo espírito científico**. Tradução : Joaquim José Moura Ramos (et al) São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores) Pps. 89-158.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano Editora, 2002.

_____. **L'approche Transversale: L'écoute sensible em sciences humaines**. Paris: Anthropos, 1997a.

_____. **O educador como passeur de sentido**. Tradução: David André Ringoir. Comunicação ao Congresso Internacional "Quelle Université pour demain? Vers une évolution transdisciplinaire de l'Université" Locarno, Suisse, 30 abril- 2 maio 1997b.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Pesquisas em Arte-educação: recorte sociopolítico**. in Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2005.

BARJA, W. **A Floresta – dentro** . in Expedição Humboldt Amazônia 2000. Brasília: Universidade de Brasília – Núcleo de Estudos Amazônicos-CEAM, 2007. Folder Impresso.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia**. Petrópolis:Vozes, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

CAMPOS, Laura Maria Brito Sales de. **A Hatha Yoga como prática de reflexão incorporada: uma via para o corpo que dança**. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2008.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2005.

CARVALHO, Isabel. **As transformações na cultura e debate ecológico: desafios políticos para a Educação Ambiental.** In: *Educação Ambiental: caminhos trilhados nos Brasil.* Suzana Machado Pádua & Marlene Francisca Tabanez. (orgs.). 1997. FNMA, MMA e IPÊ.

_____. **A Invenção do Sujeito Ecológico: Sentidos e trajetórias em Educação Ambiental.** Tese de Doutorado, Porto Alegre: UFRGS, 2001.

_____. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. SATO, M. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

CASTORIADIS, Cornelius. **Feito e a ser feito: as encruzilhadas do labirinto – V.** Tradução: Lílian do Vale. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CATALÃO, V. L. **A crise da água e a turvação do espírito.** Brasília, Jornal Correio Braziliense, em 04/03/2003

_____. **As metáforas da água e a mediação entre natureza e cultura.** SATO, Michèle (Org.) *ECO-AR-TE* para o reencantamento do mundo. São Carlos: RiMa, 2008a. [no prelo]

_____. **A redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade.** Artigo apresentado no II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade em Vila Velha-ES, setembro de 2005.

_____. **Sustentabilidade e educação: uma relação polissêmica.** In *Desenvolvimento, Justiça e Meio Ambiente.* Pádua, José Augusto (Org.) São Paulo: Peirópolis, 2008c.

_____. **Educação Ambiental – retorno ao naturalismo ou senha para mudança.** Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado, Brasília: Universidade de Brasília - Faculdade de Educação 1993.

CATALÃO, V. L. RODRIGUES M. S. (orgs). **Água como matriz ecopedagógica – um projeto a muitas mãos.** Brasília: Departamento de Ecologia, 2006.

_____. RODRIGUES M. S. (orgs) **Pesquisa, ensino e extensão com as águas e pelas águas do Cerrado: o fluxo do projeto Água como Matriz Ecopedagógica.** Brasília, Anais do IX Encontro da ANPED - Centro Oeste, 2008b.

COSTA, Maria Elisa. **Com a palavra, Lúcio Costa/ roteiro e seleção de textos** Maria Elisa Costa. Rio de Janeiro: aeroplano, 2001.

DIAMOND, C. T. P. MULLEN, C. A. **O Educador Pós-moderno: Estudos com base nas artes e o aperfeiçoamento dos professores.** Tradução: Luís Couceiro Feio. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ESTRELLA, Andréia C. **Entre imagens e palavras: um exercício metodológico multidimensional**. In Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas/ Maria Lúcia Rodrigues. Maria Margarida Cavalcanti Limena (orgs.). – Brasília: LiberLivro Editora, 2006.

FELÍCIO, Vera Lúcia G. **A imaginação simbólica nos quatro elementos Bachelardianos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984. –(Ensaio de Cultura; vol. 5)

FONTELES, Bené. **MOVIMENTO ARTISTAS PELA NATUREZA (MAPN)**. Documento elaborado pela coordenação do MAPN. Texto inédito, 2007.

FREINET, Célestin. **Em busca de técnicas de vida naturais**. O método natural. Vol. III. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir (2000). **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GABLIK, Suzi. **Estética Conectiva: A Arte depois do Individualismo**. in O Pós-modernismo / J. Guinsburg e Ana Mae Barbosa, organização. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GALVANI, Pascal. **A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural**. in: Educação e Transdisciplinaridade II/ coordenação executiva do CETRANS.- São Paulo: TRIOM, 2002.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34 Literatura S/C Ltda, 1992.

GUIMARÃES, Lana. MURTA, Stela Maris. **Na Trilha dos azulejos: um passeio por Brasília pelas obras de Athos Bulcão**. Brasília: Tríde Patrimônio e Turismo, 2005.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental: No consenso um embate?** Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000.

GUINSBURG, J. ; BARBOSA, Ana Mae. **O Pós-modernismo** / J. Guinsburg e Ana Mae Barbosa, organização. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HERMANN, Nadja. **Estetização do mundo da vida e sensibilização**. in Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2005.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LELOUP, Jean-Yves. **Carência & Plenitude: Elementos para uma memória do essencial.** / Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MACEDO, S. Roberto. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-formação.** Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MANCE, Euclides André. **Subjetividade, Imaginários e Utopias.** Texto apresentado em seminário preparativo à Semana Social da CNBB, realizado em Curitiba em maio de 1994.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco J. **De máquinas e seres vivos: Autopoiese – A organização do vivo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento.** São Paulo: Palas Athena, 1984.

MATURANA, Humberto **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

_____. **Cognição, Ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2001.

_____. **Transdisciplinaridade e Cognição.** In NICOLESCU, Basarab (org.) (2000). *Educação e Transdisciplinaridade.* Brasília: UNESCO, Edições UNESCO. Pps. 83-114.

MEDEIROS, Maria Osanete. **Tecendo a teia das relações na reconstrução do currículo: uma proposta metodológica.** Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília - Faculdade de Educação, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008.

_____. **A cabeça bem-feita.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

_____. **A Religação dos Saberes; o desafio do século XXI / jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin; tradução e notas, Flávia Nascimento.** Rio de Janeiro: Bertram Brasil, 2001.

_____. **O Método. Vol. I - A Natureza da Natureza.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1997. 3ª Edição (Editions du Seuil, 1977).

_____. **O Método Vol. II - A Vida da Vida.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1999. 3ª Edição (Editions du Seuil, 1980).

_____. **O Método Vol. III – O conhecimento do conhecimento.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1996. 2ª Edição (Editions du Seuil, 1986).

- _____. **O Método Vol. 5 – A humanidade da humanidade.** Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo, Cortez; Brasília. UNESCO, 2000.
- NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade.** Tradução Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.
- _____. **Educação e Transdisciplinaridade,** Nicolescu, B. (org.), Brasília: UNESCO, 2000.
- OSTROWER, F. **Acasos e criação artística.** Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- _____. **A Sensibilidade do Intelecto.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- _____. **Criatividade e Processos de Criação.** Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- PINEAU, Gaston. **O Sentido do sentido.** in: Educação e Transdisciplinaridade, Nicolescu, B. (org.), Brasília: UNESCO, 2000.
- RANDOM, M. **O Belo.** in: Educação e Transdisciplinaridade, Nicolescu, B. (org.), Brasília: UNESCO, 2000.
- _____. **O território do olhar.** in: Educação e Transdisciplinaridade II/ coordenação executiva do CETRANS.- São Paulo: TRIOM, 2002.
- REY, Fernando Luis González. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico cultural.** Tradução Raquel Souza Lobo Guzzo; revisão técnica do autor. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- _____. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da formação.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.
- RODRIGUES, Maria Lúcia. **Metodologia Multidimensional em Ciências Humanas: um ensaio a partir do pensamento de Edgar Morin.** In RODRIGUES, M.L. LIMENA, M.M.C. (Orgs.) Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas.- Brasília: Líber Livro Editora, 2006.
- SÁ, Laís Mourão. **Atitude transdisciplinar – Pertencimento.** Artigo apresentado no II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade em Vila Velha-ES, setembro de 2005.
- SANTOS, Cacilda Cuba. **Individuação Junguiana.** São Paulo: SARVIER. 1976.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo : Cortez, 2004.
- SANTOS, Vera Lúcia Bertoni. **Experiência urbana e conhecimento teatral: romper limites e ampliar espaços.** in Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2005.
- SATO, M. SANTOS, J.E. **Tendências nas pesquisas em Educação Ambiental.** In: Educação Ambiental e Cidadania: Cenários Brasileiros. Noal, F. O. Barcelos, V. H. L. (orgs), Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

SAWAIA, B. **Participação Social e Subjetividade**. In: SORRENTINO, M. (Coord.). *Ambientalismo e Participação na Contemporaneidade*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001.

SEVERINO, Antônio. **Educação e Transdisciplinaridade: crise e reencantamento da aprendizagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SCHUNCK, Dulcinéia Schuck. **Arte e Natureza: uma experiência de sensibilização por meio da arte**. Tese de Doutorado, Brasília: Universidade de Brasília – Centro de Desenvolvimento Sustentável, 2006.

SILVA, Rosana G. **A Escola da Natureza**. Artigo apresentado no II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade em Vila Velha-ES, setembro de 2005.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SORRENTINO, M.; FERRARO JÚNIOR, L. A., PORTUGAL, S. **Ambientalismo e Participação na Contemporaneidade: Avaliação de Processos Educacionais**. In: *Anais do Simpósio Comemorativo aos 10 anos do Curso de Especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos*. São Carlos: Rima Editora, 2005.

STEINER, Rudolf. **Pedagogia e Arte: O conhecimento do Homem**. Conferências públicas de Rudolf Steiner: “Anthroposophische Menschenkunde und Paedagogik”, GA 304. Tradução: Christa Glass. Stuttgart, 1923.

TUAN, YI-FU. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: um recado do rio**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. **O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

VILLAS Boas. Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico**. 2004

CONFERÊNCIA TRANSDISCIPLINAR INTERNACIONAL. *Declaração de Zurique: uma visão mais ampla de Transdisciplinaridade*. Zurique. Joseph E. Brenner, Paulios Kulikauskas, Maria F. de Mello, K. V. Raju, Américo Sommerman, Dr. Nils-Göran Sundim. 2000.

SITES

<http://www.olhar.com.br/dicas/linguagemfotografica.htm>
disp. Setembro/2008

<http://www.dhnet.org.br/w3/henrique/galeria/biblioteca/textosfoto/linguagem2.htm>
disp. Setembro/2008

<http://www.confoto.art.br/artigos13.php>

Disp. Setembro 2008

<http://www.eba.ufmg.br/cfalieri/frame.html>

Disp. Setembro 2008

http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mera_pinhole

<http://www.teias.com.br/portal/?artigo=50>

disp. Outubro/2008

http://web.brasiliapoetica.blog.br/images/image/marcoceuzero_500.jpg&imgrefurl

Disp. Novembro/2008